COLETÂNEA UMBANDA

A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE

O QUE É UMBANDA – III

Padrinho Juruá

Padrinho Juruá – 1956

COLETÂNEA UMBANDA

“A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE”

O QUE É UMBANDA – III

São Caetano do Sul, 2013
2500 p.

Fundação Biblioteca Nacional

Escritório de Direitos Autorais Certificado de Registro ou Averbação

Nº Registro: 533.475 – livro: 1024 – folha: 149

Todo o material (textos, fotografias e imagens) disponibilizados neste livro estão sob a proteção da “LEI DO DIREITO AUTORAL Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998”.

É proibida toda e qualquer comercialização dos mesmos, em quaisquer meios de comunicação, sem prévia consulta e autorização pessoal do autor.

Para reprodução sem fins comerciais, é obrigatória a divulgação da autoria do material aqui disponibilizado.

CAPA: Concepção artística do Pai Xangô

ÍNDICE

- **PREFÁCIO.....01**
- **A UMBANDA É UMA RELIGIÃO BRASILEIRA.....07**
- **POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?.....10**

POEMA DO ANJO SIMPLES.....11
A HERANÇA ESPIRITUAL DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL.....12

1ª MISSÃO DA UMBANDA.....13

FAZENDO AS CONTAS.....13
NO MUNDO ESPÍRITA – NO SEIO DO ESPIRITISMO.....13
UM ENCONTRO FRATERNO E UMA MENSAGEM AOS ESPÍRITAS BRASILEIROS.....15

2ª MISSÃO DA UMBANDA.....17

VÓS SOIS DEUSES.....20
COMPAIXÃO.....20
JESUS ERA TOMADO DE COMPAIXÃO PELO SOFRIMENTO ALHEIO.....21
RELACIONAMENTO COM OS ESPÍRITOS.....23
A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (FEB) E A UMBANDA.....26
KARDECISMO E ESPIRITISMO.....28
KARDECISMO OU ESPIRITISMO?.....31

3ª MISSÃO DA UMBANDA

ESPIRITISMO E UMBANDA.....39

4º MISSÃO DA UMBANDA.....40

A LINHA DE SANTO.....41

5ª MISSÃO DA UMBANDA.....43

6ª MISSÃO DA UMBANDA.....44

- **A UMBANDA SOB A VISÃO DA ESPIRITUALIDADE.....46**

ESPIRITISMO E UMBANDA.....46

- **A PRESENÇA DO SEMIROMBA SANTO AGOSTINHO NA INSTITUIÇÃO DA UMBANDA.....51**
- **AS "LINHAS MESTRAS" DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.....56**

ANTES DA CODIFICAÇÃO, A RENÚNCIA.....54
CODIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA: O 13º TRABALHO DE HÉRCULES.....55
70 ANOS DA INCORPORAÇÃO DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.....57

AS "LINHAS MESTRAS" PRECONIZADAS PELO SENHOR CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.....59

AS DETURPAÇÕES SOFRIDAS ATRAVÉS DO TEMPO.....102
O PASTOR DA UMBANDA.....105
UM POUCO MAIS SOBRE O PASTOR DA UMBANDA.....107
DISCURSO PRONUNCIADO POR JOSÉ ÁLVARES PESSOA NA TENDA ESPÍRITA SÃO JERÔNIMO.....108
A TENDA ESPÍRITA SÃO JERÔNIMO, ENTRE GRANDES ALEGRIAS, HOMENAGEOU SEU PATRONO.....110
UMBANDA – RELIGIÃO DO BRASIL.....111
O CORAÇÃO DE UMBANDA.....114

- **FANTASIAS E REALIDADES NO TEMPLO UMBANDISTA.....118**
- **O SIGNIFICADO DA PALAVRA UMBANDA.....122**

O NOME DA RELIGIÃO.....122
AUMBHANDHAM.....125
ESTUDO ETIMOLÓGICO DA PALAVRA AUMBHANDHAM.....126

- **O SIGNIFICADO DA PALAVRA “SARAVA”.....133**

O TERMO SARAVA.....134

- **O TRIÂNGULO E A CRUZ – O SÍMBOLO DA UMBANDA.....138**

1ª EXPLANAÇÃO – UMBANDA.....138
2ª EXPLANAÇÃO – ESTUDANDO O VOCÁBULO UMBANDA.....139
O SÍMBOLO TRIÂNGULO E CRUZ SEGUNDO A UMBANDA CRÍSTICA.....142

- **AS FASES DA UMBANDA.....145**

A CÚPULA ASTRAL DA UMBANDA PEDE A REINTERPRETAÇÃO DE POSTURAS, OBJETIVOS, DOUTRINA E RITUAIS.....149
REINTERPRETAÇÃO DE ALGUMAS METODOLOGIAS RITUALÍSTICAS E MAGÍSTICAS.....154
O QUE JESUS FARIA?.....158

PREFÁCIO

Queremos registrar, explicitamente, que é nosso, e só nosso, de maneira indivisível e absoluta, todo e qualquer ônus que pese por quaisquer equívocos, indelicadezas, desvios ou colocações menos felizes que, porventura, sejam ou venham a ser localizadas neste livro, pois, temos certeza plena de que se tal se der terá sido por exclusiva pequenez deste menor dos menores irmãos de Jesus, deste que se reconhece como um dos mais modestos dos discípulos umbandistas.

Todo o material utilizado na feitura desta obra é divido em:

1) Profundas e exaustivas pesquisas;

2) Orientações espirituais; e,

3) Deduções calcadas na lógica, na razão e no bom senso.

Não podemos nos esquecer do que escreveu Kardec, em "A Gênese" – capítulo I, item 50: "(...) *os Espíritos não revelam aos homens aquilo que lhes cabe descobrir, usando de pesquisas, esforço continuo, estudos aprofundados e comparações com outros estudiosos".* Foi exatamente isso que fizemos.

Realizamos longas e exaustivas pesquisas a fim de sermos fiéis ao que realmente aconteceu, bem como coletamos informações da espiritualidade para posteriormente colocar algumas poucas observações, tudo dentro dos ensinamentos crísticos, da razão e do bom senso.

A Espiritualidade Superior nos faz atingir o conhecimento da verdade por nós mesmos, por intermédio do raciocínio, ao invés de submeter um Espírito iluminado ao sacrifício de descer ao plano físico para nos elucidar.

Não devemos apenas nos esconder atrás de um Espírito em psicografias ou mensagens psicofônicas para escrevermos doutrina religiosa; devemos somente pedir a intervenção espiritual quando o assunto fugir totalmente à nossa compreensão; aliás, todo o conhecimento já está no mundo; basta ter paciência e perseverança para encontrá-los.

As bases primordiais do conhecimento e das normas divinas já foram fartamente explicadas pelos Espíritos crísticos das diversas filosofias e religiões; o ser humano está capacitado a dispô-las da mesma maneira que melhor atendam à sua concepção.

"Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos". (Isaac Newton)

Muito já se tem escrito sobre o que é Umbanda, e este é mais um apontamento sobre suas características e finalidades. Não pretendemos "impor" nada a ninguém, mas sim, levar todos a pensarem melhor, a fim de enxergarem outras realidades e plasmarem em suas mentes, a religiosidade maravilhosa da Umbanda.

"Tem muita gente falando que se copiam assuntos e verdades (...) mas a verdade não se copia, a verdade existe, não é filhos? E se ela existe, não é copiada; ela é divulgada por muitos seres, de muitas formas, por vários estilos de esclarecimento sobre ela mesma. Vejam bem: as linguagens dos grupos espiritualistas são diferentes e, as que são corretas, pretendem levar os discípulos da Terra a um mesmo ponto: o ponto do esclarecimento e da chegada do amor e da consciência na Terra. Os filhos têm que saber que a realidade da vida na Terra e a vida no Cosmos é contemplada de inúmeras formas e tem explicações baseadas na verdade imutável (...). Mas tem outros pontos de vista sobre elas também (...)." (Cacique Pena Branca – Mensagem canalizada por Rosane Amantéa)

Essa explicação é perfeitamente compatível com a posição colocada em "o Evangelho Segundo o Espiritismo", cap. XXIV, onde diz que: *"Cada coisa deve vir ao seu tempo, pois a sementeira lançada a terra, fora do tempo não produz (...)".* Os Espíritos procedem, nas suas instruções, com admirável prudência.

"(...) As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que se assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, a ideia, ao aparecer, encontra Espíritos dispostos a aceitá-la". (Trecho da introdução de "O Evangelho segundo o Espiritismo", de Allan Kardec – IV)

É sucessiva e gradualmente que eles têm abordado as diversas partes já conhecidas da doutrina, e é assim que as demais partes serão reveladas no futuro, à medida que chegue o momento de fazê-las sair da obscuridade.

Nossa esperança é que você, leitor, se sensibilize com o que está escrito aqui, e verá uma Umbanda calcada nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, movida pela noção do conhecimento do que representa essa grande religião perante a humanidade. De acordo com seus próprios recursos e reconhecendo as limitações das circunstâncias muitas vezes impostas, temos a certeza que você fará de tudo para compreendê-la e divulgá-la.

Os conhecimentos impressos neste livro, com certeza são breve pincelada da realidade cultural umbandística.

Como disse o venerável Espírito de Ramatís: *"A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero".*

E como cantava Pai Antônio, manifestado em Zélio de Moraes (Conforme gravação na fita 52 a – 23 minutos e 10 segundos, disponibilizada juntamente com esse livro):

Tudo mundo que Umbanda
Que, que, que Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda
Mas quer, quer, quer Umbanda
Umbanda tem fundamento.
Mas quer, quer, quer Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda

Temos certeza que existem muitas maravilhas a serem descobertas sobre a Umbanda. Todos têm uma natural curiosidade do que é e o que representa toda essa religiosidade genuinamente brasileira e muitos até agora estavam em dúvidas, pois lhes faltavam recursos literários para compreendê-la.

Pode ser que muitas das noções aqui apresentadas poderão não ser aceitas e que podemos inclusive contrariar muitas pessoas.

Em nossas observações particulares não pretendemos aviltar a doutrina praticada em seu Terreiro ou aceita por você, mas somente estamos colocando mais um ponto de vista e esperamos que todos leiam e reflitam, usando a razão e o bom senso, para depois verificar a veracidade dos ensinamentos por nós esposados.

"Mais vale repelir dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa" (pelo Espírito de Erasto). Máxima repetida em "O Livro dos Médiuns", 20º capítulo, item 230, página 292.

Para emitirmos uma crítica, temos que estar escudados em conhecimentos culturais profundos e militando diariamente dentro da Religião de Umbanda, pois somente assim poderemos nos arvorar em advogados de nossas causas. Não podemos simplesmente emitir opiniões e conceitos calcados em "achismos" (o achar e a mãe de todos os erros), ou mesmo escudados tão somente pelo que outros disseram ser a verdade absoluta.

Lembre-se que tudo esta sendo feito para o bem e a grandiosidade da Umbanda. Da nossa parte, estaremos à disposição, pessoalmente, para dirimir dúvidas e fornecer os esclarecimentos necessários a tudo o que neste livro foi escrito.

A UMBANDA É DE TODOS, NEM TODOS SÃO DA UMBANDA

Um dia, hão de chegar, altivos e de peito impune, pessoas a dizer-lhes: sou umbandista, tenho fé em Oxalá, tenho mediunidade… com altivez e força tal que chegarão a lhe impressionar.

Mas quando olhar bem seu semblante, você o verá opaco, translúcido e sem o calor de um verdadeiro entusiasta e batalhador em prol da mediunidade umbandista.

A Umbanda é uma corrente para todos, mas nem todos se dedicam a ela como deveriam. O verdadeiro umbandista sente, vive, respira, se alimenta espiritualmente nela. Não com fanatismo, mas sim com dedicação aflorada no fundo d'alma.

Ser umbandista é difícil por ser muito fácil; é só ser simples, honesto e verdadeiro.

Não batam no peito e digam serem umbandistas de verdade, mas procurem demonstrar com trabalho, luta, dedicação e, principalmente, emoção de estar trabalhando nessa corrente.

Eu lhe garanto que a recompensa será só sua.

Falange Protetora

(Trecho do livro "Umbanda é Luz" de Wilson T. Rivas)

Somente pode testemunhar quem realmente milita com fé, amor, desprendimento e mangas arregaçadas, para a grandeza desta tão magnífica Religião Nacional.

No primeiro livro ("COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – AS ORIGENS DA UMBANDA"), estaremos disponibilizando todo um material histórico sobre a formação da Umbanda.

Segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, nenhuma religião nasce plena. Ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve. Somos sabedores que no surgimento de qualquer evento importante que permeia a vida de muitos, com o passar dos tempos, quando tudo se inicia somente com observações calcadas na oralidade, pela falta documental comprobatória, muita coisa acaba transformando-se em mito e/ou estórias.

Por isso, na realização do livro sobre as "Origens da Umbanda" – procuramos ser fiéis nos relatos, sem mudar uma vírgula sequer. Em alguns assuntos, tomamos a liberdade de tecer pequenas observações, mas calcadas da razão, a fim de esclarecer ou mesmo dirimir certas dúvidas.

Muitos falam sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, mas, infelizmente, raros são os que seguem suas orientações. Muitos dão muitas desculpas, todas calcadas na idiossincrasia. Propagam o Caboclo como instituidor da Umbanda, mas, deixam suas evidentes e claras "Linhas Mestras" relegadas a uma Umbanda lírica, histórica e ultrapassada, alegando que a Umbanda evoluiu desde a sua criação, e por isso, muita coisa que o Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou que não usasse ou fizesse, hoje, já pode ser usado e feito com justificativas esfarrapadas, sem comprovação e sem a anuência da espiritualidade maior, aduzindo que a Umbanda progrediu e hoje tudo pode ser usado a bel prazer.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas institui a Umbanda como religião e normatizou-a com preceitos simples, mas, que teriam de serem seguidos a risca. A partir da fundação da Umbanda, muitos umbandistas derivaram das práticas originais, criando o que chamamos de: "Modalidades de Umbanda". Se essas modalidades de Umbanda, mesmo não seguindo todas as "Linhas Mestras" do instituidor, estiverem praticando a caridade desmedida, a compaixão, fé, amor, humildade, desprendimento, desapego, perdão e perseverança, estão no caminho certo, mas, estariam mais seguros, seguindo todas as "Linhas Mestras" do fundador.

Só teríamos que nos posicionar, e classificarmos que modalidade de Umbanda se pratica, para que o leigo pudesse se posicionar.

Inclusive, afirmamos que nem todo Espírito que "baixa" em Terreiro é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Seguimos a regra evangélica que diz: *"Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo."* (I João, 4:1). Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, um das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: *"(...) O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele (...). – "O que deseja, sobretudo, é que este ritual (*nota do autor: ritual da Umbanda) *seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo"(...).*

Já lemos relatos de irmãos ainda insistindo que não foi o Caboclo das Sete Encruzilhadas que fundou a Umbanda; outros, dizem que Zélio de Moraes era kardecista e, portanto, montou uma Umbanda kardequizada. Tudo pura conjectura. São opiniões calcadas somente em achismos, pois carece de comprovação documentária, fonográfica, discográfica ou mesmo filmográfica.

Por isso, primamos pela farta documentação histórica no primeiro livro, juntando em anexo, documentos escritos, jornalísticos e fonográficos. Contra depoimentos documentais e relatos gravados, não há argumentos.

Cremos que muita coisa ainda há de aparecer e ser esclarecida quanto à história da Umbanda, do Caboclo das Sete Encruzilhadas, da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e de Zélio Fernandino de Moraes. Verificar esses dados históricos já foi como procurar agulha num palheiro; hoje esta sendo como procurar agulha num agulheiro. Mas, se todos que tiverem um pequeno dado histórico e comprovado contribuírem, com certeza poderíamos juntar todas as peças do tabuleiro e assim descortinar o movimento umbandista brasileiro em sua real beleza e funcionalidade. Temos poucos, mas, fiéis trabalhadores engajados no resgate histórico da nossa amada Umbanda. Uns estudiosos concordam e outros discordam dos entendimentos sobre os relatos históricos. Uns merecem e outros desmerecem a descoberta que alguns fizerem em fatos documentais. A verdade é uma só: Quem participou juntamente do Caboclo das Sete Encruzilhadas em sua missão na terra já desencarnou e não deixou nada, a não ser comentários espaçados. Por isso, achamos bonito entender certos aspectos de como tudo era, mas damos verdadeiro valor e insistimos obsessivamente, que nós umbandistas devemos sim, atentar para o que o Caboclo deixou como "Linhas Mestras" a serem seguidas; o resto são somente fatos históricos para satisfazer a curiosidade.

Seria o mesmo que deixarmos de lado os ensinamentos de Jesus, para somente atentar, discutir, brigar, para provar se ele era moreno, se tinha 1.80 de altura, se era casado, se mantinha relações sexuais, se teve filhos, se bebia vinho, etc., o que não iria de maneira nenhuma acrescentar em nada a nossa evolução espiritual.

Pela extensão, da "COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE", dividimo-lo em vários livros, cada um estudando vários aspectos da doutrina Umbandista, para que todos possam, passo a passo, vislumbrar esta maravilhosa religião. No livro: "As Origens da Umbanda" está, somente, o estudo histórico da Umbanda, inalterado; e somente em poucas partes fizemos algumas considerações; quanto ao restante dos livros, estarão impressas noções sobre a doutrina umbandística, suas características, atributos e atribuições, bem como seus aspectos esotéricos e exotéricos, com total visão da Umbanda Crística.

Por serem progressivos, facilitará o estudo da Umbanda tanto nas Sessões de Educação Mediúnica e Doutrinária, bem como em cursos preparatórios de médiuns; assim, quando os médiuns terminarem cada livro, com certeza estarão escudados nos conhecimentos gerais umbandísticos necessários ao seu desenvolvimento como médium umbandista. Esta obra também servirá grandemente para todos aqueles, simpatizantes, estudantes, sociólogos, antropólogos religiosos e curiosos, que querem saber o que é Umbanda.

Obs.: Se alguém reconhecer suas ideias impressas neste livro e não ver o devido crédito comunique-se conosco, onde iremos sanar tal entrave, verificando a veracidade dos fatos. Afinal, quando uma verdade espiritual vem à tona, com certeza, vários médiuns sérios a recebem simultaneamente.

Vejam o que diz Kardec: *"Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros"*. ("O Evangelho Segundo o Espiritismo", capítulo 21, item 10, 6º §. (5)).

Em nossas pesquisas, deparamos com um fórum aberto no site de Umbanda: *"*www.redeumbanda.ning.com*"*, que nos chamou atenção. Dizia assim:

Uma regra para reger a todos. É possível? *(Publicado por M.R.C. em 13 de Setembro de 2008 às 11h20min)*

Cada pessoa tem sua leitura da vida de acordo com uma série de fatores, educação familiar, estudo didático, meio que vive.

Observa-se uma variedade gigantesca de diferentes formas de levar seu viver.

Esse aspecto nos acompanha em diversas áreas de nosso dia-a-dia, e não poderia ser diferente na Umbanda.

"(...) *Muitas portas levam a morada do Pai* (...)*"*

É realmente possível conseguir uma linguagem única para a Umbanda?

Decretar regras gerais nesta situação não alimentaria o preconceito e a intolerância, tendo em vista esses muitos níveis de entendimento?

Bom pensar. Cigano.

Responder até Marcos Alberto Corado

Oi amigo

A Casa ter regras – normas pré-estabelecidas para o seu funcionamento se fazem necessário, no que diz as necessidades básicas como:

- *Manter organização própria, segundo as normas legais vigentes, estruturada de modo a atender a finalidades por ela proposta.*
- *Estabelecer metas para a casa, em suas diversas áreas de atividades, planejando periodicamente suas tarefas, e avaliando seus resultados.*
- *Facilitar a participação dos frequentadores nas atividades da casa.*
- *Estimular o processo do trabalho em equipes.*

- *Dotar a casa de locais e ambientes adequados, de modo a atender em primeiro lugar as atividades prioritárias.*

- *Não envolver a casa em quaisquer atividades incompatíveis ao fundamento da prática do bem e da caridade.*

- *Zelar para que as atividades exercidas nos preceitos fundamentados pela casa sejam gratuitas, vedando qualquer espécie de remuneração.*

- *Aceitar somente os auxílios, doações, contribuições e subvenções, bem como firmar convênios de qualquer natureza ou procedências, desvinculados de quaisquer compromissos que desfigurem o caráter da instituição, ou que impeçam o normal desenvolvimento de suas atividades, em prejuízos das finalidades nos trabalhos espirituais, preservando, assim, a independência administrativa da entidade.*

- *Manter a disciplina quanto a horários, vestuários, comportamento, ética, etc., boa conduta para que nos trabalhos práticos os objetivos sejam alcançados.*

- *A casa ter um grupo de estudo, com a participação de todos trabalhadores.*

Falei de alguns tópicos, quanto à parte de organização estrutural, para o bom funcionamento da espiritual. Quanto a este, cada casa tem uma tarefa a ser desempenhada.

Estas tarefas são planejadas no mundo espiritual, com mentores já designados, trabalhos a serem realizados, médiuns que vão participar do processo daquela casa etc.; por isso que toda atividade espiritual de uma casa deve ser gerida pelo mentor da mesma, mas infelizmente em nossa vaidade e orgulho interferimos neste processo, muito das vezes colocando nosso objetivo pessoal, nossos interesses, interesses de outros que pode nos beneficiar etc., aí vem as diversidades, não diversidades naturais pela interação de encarnados e Espíritos pela diferença do próprio grau evolutivo de um e de outro no modo de levarem seus trabalhos, mas querendo alcançar objetivos dentro dos parâmetros do bem e da caridade, mas sim diversidades que são contrários à ética, a moral e os bons costumes. Aí se instala a diversidade, calcada no aproveitar, levar vantagem, denegrindo a imagem da Umbanda.

**********//**********

Por essa pequena conversa entre irmãos num fórum de Umbanda, observamos no feliz comentário do Sr. Marcos Alberto Corado, a questão da dificuldade de se formalizar um estudo coeso na Umbanda, devido à diversidade de cultura, conhecimento, etc.

Pela diversidade cultural, fica difícil "escrever" sobre a Umbanda, sem ser tachado de nariz empinado ou mesmo de querer ser "expert", somente por não coadunar com conceitos pré-estabelecidos por outrem.

Por isso, antes de prosseguirmos, vamos alertar aos leitores que não estamos aqui falando em nome da Umbanda em si, coisa que, atualmente ninguém pode fazer, a não ser o seu instituidor, o Caboclo das Sete Encruzilhadas; o máximo que pode acontecer, que também é o nosso caso, é vivenciar, estudar e divulgar a "modalidade umbandista" a qual está ligado; afinal, o que existe são aos subgrupos dentro da Umbanda. Divulgamos uma doutrina calcada na razão e no bom senso, preconizada pela modalidade "Umbanda Crística". Portanto, se alguém não coadunar com os nossos ensinamentos, é fácil: feche o livro, não leia mais e siga os seus próprios passos, com a sua própria compreensão. *"Tempus est mensura motus rerum mobilium"* (O tempo é o melhor juiz de todas as coisas).

"Nada aceiteis sem o timbre da razão, pois ela é Deus, no céu da consciência. Se tendes carência de raciocínio, não sois um religioso, sois um fanático". "Não devem vocês impor as suas ideias de maneira tão radical. Cada Espírito é um mundo que deve e pode escolher por si os caminhos que mais lhe convém". (pelo Espírito de Miramez).

Irmãos umbandistas, nunca se esqueçam: O exemplo é a maior divulgação de uma doutrina superior.

"Não obrigamos ninguém a vir a nós; acolhemos com prazer e dedicação as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de esclarecimento, e estas são bastante para não perdermos tempo correndo atrás dos que nos voltam às costas por motivos fúteis, de amor próprio ou de inveja".

"Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes, ou orgulhosos, o vazio das ideias é quase sempre compensado pela abundância de palavras.

Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito".

(Allann Kardec)

Se quiserem, muito poderão aprender com os mais velhos e experimentados dentro da Umbanda. Lembre-se que tudo o que fizerem de bom com os mais velhos, estarão plantando nesses corações sementes de luz, que no amanhã poderão clarear os seus próprios caminhos.

"Amamos as catedrais antigas, os móveis antigos, as moedas antigas, as pinturas antigas e os velhos livros, mas nos esquecemos por completo do enorme valor moral e espiritual dos anciãos". (Lin Yutang)

Importante:

Não leia de um livro, somente um tópico ou aleatoriamente, emitindo sua opinião sobre o entendido somente naquele capítulo. Leia-o do começo até o final, pois, muitos assuntos vão-se completando, esclarecendo o tema.

Parafraseando Torres Pastorinho: Para podermos interpretar com segurança um texto doutrinário, é mister:

1) Isenção de preconceitos;

2) Mente livre, não subordinada a dogmas;

3) Inteligência humilde para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;

4) Raciocínio perquiridor e sagaz;

5) Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,

6) Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

É imprescritível o direito de exame e de crítica e em nossos escritos não alimentamos a pretensão de subtrairmo-nos ao exame e à crítica, como não temos a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa, vivência e cultura, e não somente com interpretações pessoais, ou mesmo impondo a sua "verdade".

"Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus" (Divaldo Franco). E temos como verdade absoluta provinda do Pai, tudo o que está calcado na razão, no bom senso e nos ensinamentos crísticos; o ponto de vista calcado no personalismo é pura idiossincrasia.

CRÍTICA E SERVIÇO

"Se muitos companheiros estão vigiando os teus gestos, procurando o ponto fraco para criticarem, outros muitos estão fixando ansiosamente o caminho em que surgirás, conduzindo até eles a migalha do socorro de que necessitam para sobreviver.

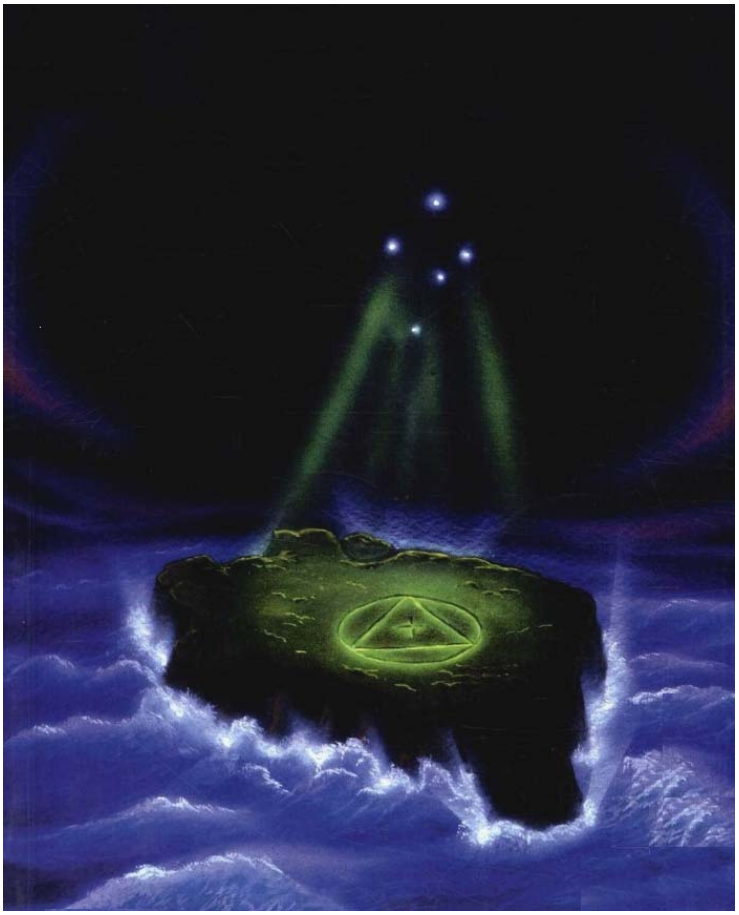
É impossível não saibas quais deles formam o grupo de trabalho em que Jesus te espera".

(Pelo Espírito de Emmanuel)

Ainda estamos na primeira fase da Umbanda (100 anos), a da implantação, já ingressando na segunda fase, a da doutrinação. Muita coisa ainda há de mudar. Hoje, fazemos, cremos e pregamos uma Umbanda. Amanhã, faremos, creremos e pregaremos outra Umbanda, calcada na Espiritualidade Maior. Mas, temos que preparar o terreno para as mudanças que virão futuramente.

Ainda nos encontramos presos na egolatria, no egocentrismo e na idiossincrasia, sem ouvirmos atentamente o que nos passa a espiritualidade, pois ainda encontramo-nos preocupados tão somente com fatores externos, esquecendo as mudanças interiores, esquecendo de nos educar nos ensinamentos evangélicos, legados pelo meigo Rabino da Galileia. Vamos envidar todos os nossos esforços para as mudanças atuais que se fazem necessárias, a fim de que possamos unidos, nos preparar condignamente, para sermos fieis medianeiros e depositários da confiança da Cúpula Astral de Umbanda, em Aruanda.

A UMBANDA É UMA RELIGIÃO BRASILEIRA



Como muitos querem apregoar, a Umbanda não é afrodescendente e nem é oriunda de algum tipo de dissensão de irmãos desiludidos com a Religião Kardecista. A Umbanda não é um subproduto da Religião do Candomblé. A Religião de Umbanda é uma modalidade de Espiritismo (A questão da Umbanda ser uma "Modalidade de Espiritismo", está explicitada neste livro, no capítulo "POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?", no subtítulo "1ª Missão"), e é brasileiríssima, fundamentada, alicerçada e propagada no Evangelho de Jesus e nos ensinamentos crísticos, temperada com tudo o que é de positivo de algumas filosofias e religiões.

"A Umbanda já é mais do que a resultante do sincretismo progressivo; é muito mais. É um movimento edificante, produtor de magnetismo sadio de Espíritos selecionados, cujas linhas, falanges e legiões trabalham incansavelmente em trabalhos de limpeza psíquica, despertando a todos os desorientados, viciados, desiludidos e doentes, a luz redentora dos ensinamentos de Jesus. A Umbanda é como uma imensa cachoeira renovadora, a espargir luz onde toca, e seus trabalhadores não medem sacrifícios para atender aos ensinamentos de Jesus: "Fazei aos outros o que quereis que os outros vos façam". (Jota Alves de Oliveira)

Antes da formalização da Religião de Umbanda no Brasil, já bruxuleavam as manifestações de Espíritos em vários cultos mediúnicos, utilizando formas de apresentação regionalizada, as quais, posteriormente, foram sendo umbandizadas, como o está até os dias atuais.

Indiscutivelmente, a Umbanda foi instituída no dia 16 de novembro de 1908, em Neves – Niterói, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, através da mediunidade de Zélio Fernandino de Morais, um jovem com 17 anos de idade.

Alguns apregoam que a Umbanda é afrodescendente. Vejamos:

- No Rio de Janeiro, antes de 1908, existiam pequenos, mas muitos grupamentos mediúnicos praticando magias do sertão (Catimbó), e práticas de cultos africanos desordenados, conhecidos pelo povo como "Cabula e Macumba". Ainda não existia um movimento religioso chamado Umbanda.

- O termo Umbanda como designativo de religião foi anunciado pela primeira vez, em 16 de Novembro de 1908, através da mediunidade de um jovem com 17 anos (Zélio Fernandino de Morais) de formação católica. O que esse jovem sabia de africanismo? O que esse jovem entendia de Catimbó, de Cabula ou mesmo da Macumba?

- A primeira manifestação mediúnica de um Guia Espiritual utilizando o termo “Umbanda” foi na forma fluídica de um silvícola, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que em encarnação anterior diz ter sido um padre, o jesuíta Gabriel Malagrida.

- Na mesma noite, 16 de novembro de 1908, revelou-se através da mediunidade de Zélio, um Guia Espiritual, apresentando-se como Pai Antônio. Estava ai, a sacralização de um representante “africano” na Umbanda, mas, um representante africano cristianizado.

- A formação da Religião de Umbanda, por determinação do Caboclo das Sete Encruzilhadas deu-se totalmente ao contrário do que apregoava a Cabula/Macumba, ou seja: Na recente criada Umbanda não havia sacrifício de animais, não havia atabaques e nem palmas ritmadas. Não havia, fins pecuniários (trabalhos espirituais pagos). Não havia saias com rendas e lamês, dançarias, rodopios, espadas na mão, capacetes de penas, capas, ternos, smoking, cartolas, chapéus e nenhum tipo de adornos ou adereços. Não havia feituras de santo, camarinhas e nem coroações. O desenvolvimento do médium era a par das idas aos pontos de forças da Natureza para harmonizações, aplicações de Amacis, e a prática da Evangelização contumaz, tendo o Evangelho como guia e o Cristo Planetário como Mestre Supremo. A Umbanda é calcada no Evangelho Redentor e nos ensinamentos crísticos; os cultos afros não seguem o Evangelho e nem os ensinamentos crísticos.

- Segundo estudos efetuados pelo antropólogo da USP, Sr. Reginal Prandi que apresentaremos logo a seguir, o Candomblé estruturado surgiu muito tempo depois da Umbanda – “*Mas o Candomblé somente se disseminou pelo Brasil muito tempo depois da difusão da Umbanda”.* Como pode então a Religião de Umbanda ser um subproduto do Candomblé?

- *“É comum ouvir-se dizer que Umbanda foi trazida ao Brasil pelos escravos. Entretanto, o testemunho dos historiadores nos faz saber que os negros não davam aos seus cultos a denominação de Umbanda. O vocábulo era praticamente desconhecido entre os cultores das seitas africanas”.* (Gilberto Freire – sociólogo, antropólogo e historiador)

Portanto, somente com estes pequenos dados, poderemos confirmar que a Umbanda é brasileiríssima, mas é uma Religião Crística e atualmente, com doutrina, ritualísticas e liturgias formadas pela idiossincrasia de seus seguidores. Consideramo-la a mais universalista das religiões, pois aceita em seus postulados tudo o que for de bom que existe em questões religiosas ou filosóficas, rejeitando tudo o que é mal, calcada no Evangelho Redentor e nos ensinamentos dos mestres do amor, na razão e no bom senso.

Os que dizem que Umbanda é de afrodescendente, não encontram base alguma para tal dissertativa. Somente se apegam ao fato de os umbandistas reverenciarem os Sagrados Orixás, e dai apregoam que estes são de matizes africanas; mas se esquecem que Orixás são Poderes Reinantes do Divino Criador, e, portanto, os Poderes de Deus não pertencem à nenhuma cultura terrena; os africanos só deram um nome às manifestações desses Poderes em solo Africano, mas, que sempre existiu no mundo em todas as épocas com outras denominações. Os nomes dos Orixás Essenciais e Sustentadores são de origem africana, mas o que eles representam na realidade não tem pátria e muito menos credo religioso. São as religiões que adotam os Sagrados Orixás como suas Hierarquias Superiores. Assim também o é Jesus. Jesus não é propriedade de religião alguma e nem de ninguém. Jesus é do mundo. As religiões adotam Jesus.

Nós Umbandistas, adotamos essas Hierarquias Superiores, e aceitamos os nomes africanos dos Sagrados Orixás, pois não haveria razão de se criar outros nomes, pois os mesmos já se encontravam plantados em 378 anos de escravidão e tinham a aceitação de todos; mas temos toda uma teologia própria explicativa do que sejam esses Orixás. Lembre-se que são Poderes Reinantes do Divino Criador cujos nomes foram dados por humanos africanos; isso não quer dizer que essas Hierarquias, em sua essência, tenham nascido ou sido criados em solo africano. Somos sabedores que os Poderes Reinantes do Divino Criador sempre estiveram presentes na Terra, em diversas culturas e religiões, e nessas culturas foram dados nomes diferentes a eles, mas essas Hierarquias Superiores sempre foram e sempre serão as mesmas.

Outros se apegam ao fato de que na maioria dos Terreiros Umbandistas, utiliza-se de elementos pertencentes aos cultos afros, como atabaques, agogôs, ganzás, adjás, saias rendadas coloridas, danças, rodopios e algumas ritualísticas e liturgias, que se forem bem analisadas, não são fundamentos umbandisticos; são somente ritos, pois fogem às orientações dadas pelo instituidor da Religião de Umbanda, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, deturpadas totalmente a bel prazer, a titulo de tradição, mas bem sabemos que se deu pela idiossincrasia dos seguidores. Pela ignorância cultural de muitos médiuns e dirigentes, alguns apetrechos e ritualísticas pertencentes aos cultos afros foram praticamente “empurrados” para a Umbanda, a pecha de tradição, o que sabemos não ser verdade. Infelizmente, hoje ainda, faz-se presente dentro da Umbanda, apetrechos, ritualísticas, liturgias, doutrinas e outras coisinhas mais, pertencentes a outras religiões e filosofias, e sabemos que não tem nada há ver com a Cultura Umbandista em sua essência.

Ainda existe outro fator preponderante, onde dentro da maioria dos Terreiros Umbandistas, ainda se faz uso de certas saudações e termos em Yorubá, sendo que sabemos que a grande maioria dos dirigentes umbandistas nem sabem ao certo o que quer dizer cada uma delas. Dizem que é tradição por que sempre ouviram outros dizerem. Temos que abolir tais práticas por não fazerem parte efetiva da nossa cultura. Na Umbanda só se utiliza o "Sarava" como designativo de bênçãos. "Sarava" não quer dizer somente – salve. O termo "Sarava" é um mantra sânscrito, que não tem tradução literal, e quer dizer em seu conjunto: *"Que o poder* (é o poder que movimenta a Natureza) *que existe em mim lhe proteja"*. Este é mais um "pezinho" para muitos dizerem que a Umbanda é afrodescendente (as religiões afrodescendentes existente no Brasil são os vários Candomblés).

Chegamos a algumas conclusões:

- A Umbanda, embora ainda, sem doutrina própria, chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam a evangelização, o amor universal, a imortalidade da alma, a vida futura e a reencarnação, consagrando-se como uma verdadeira religião de caráter nacional.

- A Umbanda é uma religião com bases crísticas, nascida, fundamentada e propagada em solo brasileiro, alicerçada em tudo o que é positivo de algumas filosofias e religiões planetárias existentes e não mais existentes. Como prática religiosa, surgiu e se desenvolve no Brasil. Do Espiritismo absorveu o estudo sistemático da mediunidade e dos Espíritos. Do catolicismo absorveu a crença em Jesus, em alguns Santos, Anjos e alguns sacramentos positivos. Dos cultos-afros absorveu os Sagrados Orixás, a temática de oferendas, despachos, e, em alguns Terreiros (contrariando o fundador), o atabaque. Dos cultos indígenas, o uso das ervas e do Tabaco, o respeito a Terra e tudo o que ela possui e, finalmente, do ocultismo e orientalismo toda a gama de informações sobre o mundo oculto, mantrans, concentração, meditação, etc.

- *"(...) Mas o Candomblé somente se disseminou pelo Brasil muito tempo depois da difusão da Umbanda (...)".* (A Dança dos Caboclos – Reginaldo Prandi). Pela opinião deste antropólogo, a Umbanda não é fruto direto do Candomblé.

- Não podemos dizer que a Umbanda é tão somente Africana ou Indígena, ou mesmo uma amalgamação, ou ramificação destas, mas sim, ela é a mais universalista das religiões. A Umbanda é uma Religião Crística, uma modalidade de Espiritismo (A questão da Umbanda ser uma "Modalidade de Espiritismo", está explicitada neste livro, no capítulo "POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?", no subtítulo "1ª Missão"), que tem em sua doutrina elementos positivos do Espiritismo, do Cristianismo, Budismo, Hinduísmo, Confucionismo, Taoísmo, Islamismo, Messianismo, Catolicismo, Ocultismo, Zoroastrismo, Teosofismo, Africanismo, Indígenismo, Catimbó, etc., enfim, bem brasileira. Mas, acima de tudo, encimada, dirigida e fundamentada nos ensinamentos do Mestre Jesus, ordenador e articulador da Umbanda e toda a sua doutrina; e temos o Cristo Planetário como nosso Mestre Supremo.

POR QUE A EXISTÊNCIA DA RELIGIÃO DE UMBANDA?

"Fora dos Ensinamentos de Jesus e dos Espíritos Crísticos, não há Umbanda sã"

Por que a existência da Umbanda se já existem várias religiões no Brasil, especialmente a Religião Kardecista, uma religião também mediúnica?

Apresentaremos cinco principais missões da Religião de Umbanda, embora com certeza, existem outras que necessitariam de um livro para apresentá-las e explicá-las condizentemente, mas nos ateremos nestas, pois explicarão muito do porque de tão nobre religião.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas tentou iniciar seus trabalhos juntamente com uma plêiade de Espíritos dispostos as práticas caritativas, nas religiões mediúnicas já existentes, mas não foi aceito. Na época da implantação da Umbanda no Brasil, o catolicismo, religião de predominância absoluta, repudiava a comunicação com os mortos. Os kardecistas estavam preocupados com a pureza doutrinária e apenas reverenciava e aceitava como nobres as comunicações rebuscadas de Espíritos considerados ilustres, catedráticos, civilizados, com formação europeia, trajados com fraques e cartolas. O Candomblé como religião estruturada somente surgiria no Rio de Janeiro na década de 1930 (segundo o antropólogo Reginaldo Prandi), não aceitava a incorporação de Eguns (Espíritos que tiveram vida na Terra). O Caboclo só teve uma saída: resolveu então, fundar uma nova religião, e seguir com o proposto perante a Espiritualidade Maior.

Relembrando: *"(...) Tomado por uma força estranha e alheia a sua vontade, Zélio levantou-se e disse: "Aqui está faltando uma flor". Saiu da sala indo ao jardim e voltando logo após com uma flor, que colocou no centro da mesa. Esta atitude causou um enorme tumulto entre os presentes, principalmente porque, ao mesmo tempo em que isso acontecia, ocorreram surpreendentes manifestações de Caboclos e Pretos-Velhos em todos os médiuns da mesa. O diretor da sessão achou aquilo tudo um absurdo e advertiu-os, com aspereza, citando o "seu atraso espiritual" e convidando-os a se retirarem. Estava caracterizado o racismo espirítico desde aquele instante, até hoje. Novamente, essa força estranha tomou o jovem Zélio e através dele um Espírito falou: "Por que repeliam a presença dos citados Espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas mensagens. Seria por causa de suas origens sociais e da cor?" A essa admoestação da entidade, que estava com o médium Zélio, deu-se uma grande confusão, todos querendo se explicar, debaixo de acalorados debates doutrinários, porém a entidade "resoluta" mantinha-se firme em seus pontos de vista. Nisso, um vidente pediu que a Entidade se identificasse, já que fora notado que ela irradiava uma luz positiva. Ainda mediunizado, através do médium Zélio o Espírito respondeu: "Se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque, para mim, não haverá caminhos fechados".*

O vidente interpelou a entidade dizendo que ele se identificava como um Caboclo, mas que via nele restos de trajes sacerdotais. A entidade respondeu então: "O que você vê em mim, são restos de uma existência anterior. Fui padre e o meu nome era Gabriel Malagrida. Acusado de bruxaria, fui sacrificado na fogueira da Inquisição, em Lisboa, no ano de 1761. Mas em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como Caboclo brasileiro".

E ainda, usando o médium, anunciou o tipo de missão que trazia do Astral: fixar as bases de um culto, no qual todos os Espíritos de Índios e Pretos-Velhos poderiam executar as determinações do Plano Espiritual, e que no dia seguinte (16 de novembro de 1908) desceria na residência do médium, às 20 horas, e fundaria um Tenda Espírita onde haveria igualdade para todos, encarnados e desencarnados. E ainda foi guardada a seguinte frase, que a entidade pronunciou no final: "Levarei daqui uma semente e vou plantá-la nas Neves (bairro onde o médium morava) onde ela se transformará em árvore frondosa".

No desenrolar desta "entrevista", entre muitas outras perguntas, o Sr. José de Souza teria perguntado se já não bastariam às religiões existentes e fez menção ao espiritismo então praticado, e foram estas as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas: "Deus, em Sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal: rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornam iguais na morte. Mas vocês homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se, apesar de não haverem sido pessoas importantes na terra, também trazem importantes mensagens do além? Por que o "não" aos Caboclos e Pretos-Velhos? Acaso não foram eles também filhos de Deus?"

Completando, prestem atenção aos dizeres significantes de um belo e emocionante poema que recebemos de um irmão:

POEMA DO ANJO SIMPLES

Oh, irmãos, pela minha sincera vidência;
é muita luz, creiam-me, deve ser um anjo;
ou quem sabe, um apóstolo, um arcanjo;
vem cercado de estrelas;
de luzes anis sem fim;
recebamos nosso irmão com louvor;
nem todo dia merecemos;
sua presença, seu amor.

E antes de encerrar o colóquio;
mais um médium se arriscou;
com lágrimas vertidas;
um nome, singelo, esboçou:
- Com certeza, irmãos em Cristo
algo tão bonito, jamais tinha visto;
deve ser o próprio Jesus;
que pela sua misericórdia;
resolveu, enfim, nos visitar.

Que mérito nós teremos;
para nos congratular?
Façamos silêncio fecundo;
sinto que ele irá falar.
ausculteмos nosso ouvido;
Deixemo-lo se manifestar.

E diante do silêncio recintal.
uma voz cândida, matuta, ali soou:

- Vim trabaiá, meus fios, sem cansá;
permitam-me me apresentá;
nunca fui médico holandês;
distante de mim ser pintor francês;
tampouco físico alemão;
ou apóstolo e druida gaulês;
sou um velho escravo, bufão;
também já fui um montês;
mas com vossa gentileza;
sou apenas mais um José;
um velho pai de senzala;
pronto para servir se quiser.

O grupo, surpreso e desconfiado;
continuou a labuta cristã;
se aqueles pés descalços;
não lhes impedia o embaraço;
os dois dentes livres na boca;
além do rubor, lhes perturbou.

Porém, a paz emanada;
de quem não teve sangue azul;
provava sua evolução;
naquele dia singelo;
deixando nobre lição.
Pelas mãos daquele pai velho;
o grupo espírita aprendeu;
nos serviços de amparo a dor;
quem as chicotadas venceu;
e o tronco experimentou;
é inútil analisar a pele;
esquecendo de olhar o coração.

Num coro sublime, angelical;
cantando hinos de amor;
com harpas, ervas ou floral;
os anjos descem á Terra;
anunciam a cura do mal.

Estrelas consolam o sofredor;
semelhantes as virtudes do Céu;
marcham em nome do amor;
vozes que rasgam o véu;
Anjos de toda cor.

(João Márcio F. Cruz – Palestrante e escritor – Autor do livro Espelhos da vida)

Atentemos para um artigo de um espírita, que discorre sobre o preconceito sobre os Pretos-Velhos:

A HERANÇA ESPIRITUAL DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL

As sequelas espirituais deste período de repressão e humilhação são subestimados

Durante muitos anos de trabalho em grupos mediúnicos nos deparamos, muitas vezes, com espíritos que em sua última encarnação foram negros escravos no Brasil. São, em quase sua totalidade, grupos relativamente grandes, unidos por experiências de extremo sofrimento moral e físico.

Como de praxe nesses casos, algozes e vítimas permanecem aprisionados na atmosfera psíquica de suas vivências, recapitulando-as incessantemente. Ao dialogarmos com esses irmãos, em meio ao ódio e ao desespero encontramos também uma imensa prostração das forças morais, uma tristeza profunda nascida da desesperança. Essas experiências nos fizeram perceber quão subestimada é a herança espiritual da escravidão no Brasil.

Uma rápida incursão na literatura um pouco mais especializada e para além dos livros escolares já nos dá uma noção das proporções do problema. Na literatura espírita, "Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho", também permite entrever a gravidade dessa questão.

É desnecessário nos alongarmos sobre a posição da Doutrina Espírita quanto ao tema da escravidão, mas apenas como exemplo, vejamos a questão 831 de "O Livro dos Espíritos":

Pergunta: A desigualdade natural das aptidões não coloca certas raças humanas sob a dependência das raças mais inteligentes?

Resposta: *Sim, mas para que estas as elevem, não para embrutecê-las ainda mais pela escravização. Durante longo tempo, os homens consideram certas raças humanas como animais de trabalho, munidos de braços e mãos, e se julgaram com o direito de vender os dessas raças como bestas de carga. Consideram-se de sangue mais puro os que assim procedem. Insensatos! Nada vêem senão a matéria. Mais ou menos puro não é o sangue, porém o Espírito.* (361-803)

Porém, é oportuno lembrar que o nascente movimento espírita brasileiro, através de suas instituições e representantes ilustres tais como Adolfo Bezerra de Menezes e Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, contribuiu para o movimento abolicionista. Por exemplo, A. B. de Menezes, em se referindo à escravidão, pergunta:

"Pode haver paz e felicidade para as famílias enquanto guardarem elas em seu seio essa cratera ardente que lhes requeima sempre a flor da inocência e da virtude de seus filhos?"

Ou ainda, no "Reformador":

"Substituir o regime da liberdade, dom divino, pelo da escravidão, abuso da força sobre a fraqueza, menos não é do que contrariar o código de leis absolutas; a nós compete pôr, fielmente, em execução este código" (Reformador, 01 de janeiro de 1887).

Mas, se nós espíritas contribuímos para a extinção da escravidão no plano encarnado, temos contribuído igualmente para a devida cura de suas sequelas espirituais? Nossas reuniões mediúnicas tem acolhido fraternalmente esse particular grupo de Espíritos? Temos coração e entendimento abertos às suas histórias de vida? Receio que, via de regra, o preconceito e a desconfiança ainda permeiem o atendimento a esses irmãos. Neste aspecto, como em muitos outros, ainda não nos portamos a altura da doutrina que ora professamos, permitindo que a discriminação que ainda grassa na sociedade contamine a seara espírita.

Refletindo sobre as causas dessas dificuldades penso que ao menos uma delas seja o receio, consciente ou não, de sermos confundidos com adeptos das religiões e cultos de origem africana. Como sabemos, é grande ainda a confusão na sociedade em geral a esse respeito. Ora, tal receio não deveria ser maior que o de sermos rotulados de católicos ou protestantes, mas, no entanto, creio que os Espíritos de padres e pastores desencarnados não sejam objeto de semelhantes prevenções quando comparecem à maioria das tarefas mediúnicas. Ironicamente, essa relutância – ou até mesmo omissão dos espíritas – pode, perfeitamente, ter contribuído para o surgimento da Umbanda, em cujas genuínas lides esses irmãos encontram guarida.

Particularmente neste momento de transição espiritual urge estarmos atentos a todo o bem que possamos realizar. E os espíritas têm muito a contribuir para a quitação dessa dívida moral coletiva, que onera tão pesadamente a psicosfera do Brasil.

(Texto de: André Luiz Malvezzi – Professor do Departamento de Física da UNESP/Baurú)

Para os que ainda vêem a Umbanda como uma seita estonteada e falseada em seu conjunto doutrinário e religioso, usaremos as palavras do Senador francês Saint-Etienne, do Partido Espírita, em 1868, numa petição encaminhada ao Senado Francês:

"O Espiritismo (nota do autor: aqui, leia-se também: A Umbanda) *é uma ideia que se infiltra sem ruído e, se encontra numerosos adeptos, é porque agrada. Jamais fez reclames nem quaisquer exibições; forte pelas leis naturais, nas quais se apoia, vendo-se crescer sem esforços, nem abalos, não vai enfrentar ninguém, não vai violar nenhuma consciência. Diz o que é e espera que a ela venham!"*

1ª MISSÃO DA UMBANDA

FAZENDO AS CONTAS

Kardec iniciou o ano de 1869 fazendo contas. Na falta de estatísticas oficiais, tentava definir o número de espíritas espalhados pelo mundo. De acordo com seus cálculos, os Estados Unidos concentrariam a maior quantidade de adeptos: cerca de 4 milhões. A Europa abrigaria um milhão de espíritas, 600 mil deles residentes na França. O total no mundo chegaria a 6 ou 7 milhões – estimava. Números que fez questão de festejar em discurso na Sociedade Espírita:

"Mesmo que fosse só a metade, a história não oferece nenhum exemplo de uma doutrina que, em menos de quinze anos, reuniu tal número de adeptos, disseminados pela superfície inteira do globo".

Nota do autor: O mesmo aconteceu com a Umbanda no Brasil. Desde o dia da sua fundação, em pouquíssimo tempo, reuniu um número imenso de adeptos, assustando as lideranças religiosas brasileiras em época, que, imediatamente, forçaram o governo a iniciar as perseguições e fechamentos das Casas de culto.

O Brasil também integrava essas estatísticas. O Rio de Janeiro sediara, em 1865, o primeiro grupo de estudos e divulgação da doutrina espírita. Membros da colônia francesa instalada na corte, unidos à integrantes das elites e classes médias da cidade, lideravam o movimento.

A partir da farta correspondência recebida de todos os cantos, Kardec arriscava também uma espécie de censo sobre o Espiritismo. A doutrina seria seguida por mais homens (70% do que mulheres, a maioria deles instruídos, de classe média, com baixo número de iletrados. Entre os profissionais liberais, os médicos homeopatas eram maioria, seguidos de perto por engenheiros e professores. Em seguida, ao lado de representantes de consulados, padres católicos! Os sempre temidos – e combativos – jornalistas ocupavam a oitava posição no ranking de adeptos do Espiritismo, lado a lado com arquitetos, pintores e cirurgiões.

Outro número curioso – o provocativo – também despontava deste censo informal: 50% dos seguidores espíritas seriam "católicos romanos livres-pensadores, não ligados ao dogma".

O jornal parisiense "La Solidarité" deu crédito e destaque a estes percentuais na edição de 13 de janeiro de 1869. Kardec festejou o tratamento respeitoso dado pelo periódico a seus números. O texto soava como música a seus ouvidos já fatigados.

"Há espíritas em todos os graus de escala social. A grande maioria dos espíritas se encontra entre pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes. O Espiritismo se propagou por toda a parte, de alto a baixo, na escala social" (...)

(Texto extraído do livro: "Kardec – A Biografia" – de Marcel Souto Maior, Editora Record – 1ª edição - 2013).

Observemos no trecho acima, o ênfase dado ao crescimento da doutrina espírita entre os intelectuais, os esclarecidos, os instruídos, às classes médias e médias altas, profissionais liberais, médicos homeopatas, engenheiros, arquitetos, professores, pintores, cirurgiões, etc., ou seja, o Espiritismo era estudado, praticado e divulgado pela elite da sociedade, o que é compreensível, pois a mesma era intelectualizada. Mas, e o acesso da classe baixa e do proletariado na emergente doutrina, onde se encaixaria? A elite de então dava importância ao esclarecimento destas classes sociais, dando oportunidades iguais de ensino doutrinário espírita aos mesmos? Os espíritas de então respeitavam ou mesmo davam oportunidade aos Espíritos que em vida pertenceram a classes sociais menos favorecidas, que se manifestavam em suas Sessões? Sabemos que não. Relembremos uma reportagem sectária, escrita por um Espírita mal informado e mal intencionado de então (disponibilizada, entre outras, no 1º livro, As Origens da Umbanda):

NO MUNDO ESPÍRITA – NO SEIO DO ESPIRITISMO

Infelizmente o espiritismo ainda não está sendo praticado de uma maneira uniforme como deveria sê-lo, de acordo com os ensinamentos exarados no Código legado por Allan Kardec, à humanidade.

Há de tudo no espiritismo pregado no Brasil, e, principalmente no Rio de Janeiro, onde impera o chamado – "Espiritismo de Terreiro", tão do agrado de muita gente civilizada e mesmo de jornalistas de destaque no nosso meio. O "Espiritismo de Terreiro" é uma prática esquisita e exótica, que, pelo maravilhoso que nele se observa, pela cantarias plangentes e curiosas, pelas manifestações de entidades que se dizem Caboclos ou Africanos, falando uma linguagem rebarbativa e incompreensível, que represente a sua linguagem verdadeira falta da caridade para com os presentes que não nos entendem, atraem uma assistência heterogênea de curiosos e basbaques.

E esta epidemia está proliferando em todo o Distrito Federal e adjacência, constituindo verdadeira calamidade para os incautos, que, desprevenidos, ali se aglomeram diariamente, absorvidos nos salamaleques ridículos dos pseudo "médiuns", os quais não passam se simples anímicos.

O que mais admira, é ver homens de letras e senhoras ilustradas, e, principalmente, jornalistas, e estes com espiritualidade, que têm a obrigação de perscrutar pelo dever de ofício, fanatizados nesses ambientes grosseiros de espiritismo de fancaria.

A "cachaça", que constitui para grande maioria de crentes do espiritismo (não digo espírita, porque ser espírita é matéria difícil), as manifestações Caboclas ou Africanas, dissemina-se cada vez mais, o que é para lamentar.

O espiritismo não transmite palavras; transmite pensamento, e por que razão o médium recebe pensamento e transmite aos assistentes palavras em patuá ou dialetos, principalmente se a maioria dos médiuns receptores são conscientes?

Está no dever do presidente de mesa, sempre que os pseudo médiuns começarem sua "arenga" em língua incompreensível, dirigirem a palavra ao suposto Espírito, observando-lhe, que ele está faltando com a caridade para com os seus semelhantes ali presentes, por estar falando língua diferente da que é usado no país; aconselhá-lo a voltar ao mundo espiritual, a fim de lá aprender a linguagem corrente, para depois, então, voltar e se manifestar.

Se todos os presidentes de mesa assim procedessem, cessariam por completo estas cenas ridículas que se observam em numerosos centros, onde os médiuns são submetidos aos caprichos dos tais Caboclos e Africanos, que, ainda terra a terra, fumam, bebem e praticam toda série de atentados a higiene e a moral.

Há tempos assistimos uma Sessão prática de espiritismo, na sede da União Espírita Trabalhadores de Jesus, num Centro bem organizado pelo nosso confrade Luiz Moraes, e tivemos ocasião de observar que esse nosso confrade, sempre que qualquer médium começava a engrolar qualquer patuá Caboclo ou Africano, ele dizia imediatamente ao Espírito julgado presente: *"meu irmão, vós estais faltando com a caridade para conosco; ide ao espaço e aprendei a língua que falamos e depois podeis voltar"*. Quando se tratava efetivamente de um Espírito, ele se afastava e breve voltava para dar uma manifestação em ordem e em linguagem corrente. Quando se tratava de um médium viciado, anímico, este revoltava-se e não voltava habituado a iludir ao público, e, o que era mais clamoroso, iludir-se a si próprio.

Combatamos, pois, os patuás Caboclos e Africanos, para honra e glória do espiritismo são e verdadeiro, tal como nos legou Kardec.

(Texto de João da Luz – Diário Carioca – Terça-Feira, 15 de Julho de 1930 – página 11)

Primeiramente, vamos entender o que seria classe baixa e proletariado:

"A classe baixa é uma classe social presente no capitalismo moderno que se convencionou tratar como a que menos possui poder aquisitivo e de um padrão de vida e de consumo baixo em relação às demais camadas da população, de forma a suprir suas necessidades de sobrevivência com dificuldade e muitas vezes impossibilitada de permitir-se formas variadas de lazer e entretenimento. É composta principalmente pelos proletariados e desempregados". (http://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_baixa)

"Proletariado (do latim proles, "filho, descendência, progênie") é um conceito usado para definir a classe antagônica à classe capitalista. O proletário consiste daquele que não tem nenhum meio de vida exceto sua força de trabalho (suas aptidões), que ele vende para sobreviver. O proletário se diferencia do simples trabalhador, pois este último pode vender os produtos de seu trabalho (ou vender o seu próprio trabalho enquanto serviço), enquanto o proletário só vende sua capacidade de trabalhar (suas aptidões e habilidades humanas), e, com isso, os produtos de seu trabalho e o seu próprio trabalho não lhe pertencem, mas àqueles que compram sua força de trabalho e lhe pagam um salário..." (http://pt.wikipedia.org/wiki/Prolet%C3%A1rio)

Após o entendimento destes termos, podemos concluir que dificilmente, quando o Espiritismo veio pra o Brasil em 1865, com seus conceitos doutrinários, disseminado e praticado pelas elites, as classes menos favorecidas não teriam acesso à doutrina, tanto pela falta de entendimento intelectual dos mesmos, quanto pela inoperância dos mais favorecidos, que viam nessas classes simples trabalhadores braçais sem condições de externarem quaisquer tipos de atividades quocientes intelectivas mais elaboradas; estavam fadados a serem somente assistidos assistencialmente na emergente doutrina, e não poderem ser servidores capacitados para externarem suas espiritualidades.

Surgiu a Umbanda, uma "Modalidade de Espiritismo", que veio abarcar todas as classes sociais, independente de raça, cor, ou posição, onde, precisamente a todos, encarnados ou desencarnados, seria dada a oportunidade de externarem seus dons espirituais e/ou mediúnicos, em práticas caritativas.

A Umbanda rompeu as barreiras do exclusivismo e sectarismo doutrinário, surgindo assim, a manifestação do Espírito para a caridade, em tudo e para todos. Era o momento de plantar a ideia de que Deus se irradia em todos e para todos, e não somente para alguns poucos "escolhidos". Era o momento de plasmar uma doutrina, que por amor, também viria orientar e assistir, sob a égide dos ensinamentos crísticos, todas as necessidades dos filhos de Deus sejam elas quais forem. Eram os trabalhadores da última hora atendendo ao apelo de Jesus, em trabalho caritativo ostensivo em terras brasileiras.

Vamos a mais um apontamento elucidativo sobre a questão, formulada pelo honorável Chico Xavier, onde faz uma referência sobre a importância da aproximação do Espiritismo com o povo, que é prioridade da Umbanda:

UM ENCONTRO FRATERNO E UMA MENSAGEM AOS ESPÍRITAS BRASILEIROS

No exato momento em que as forças vivas da família brasileira lembram o aniversário de cinqüenta anos de labor mediúnico do nosso querido médium espírita Francisco Cândido Xavier a ser verificar em julho próximo, é justo que recordemos nosso encontro com o citado médium, em termos doutrinários, e isto no mês próximo passado.

Procuremos registrar aqui, com a maior fidelidade possível, o conteúdo desse encontro, o diálogo que mantivemos, com vistas ao mais perfeito conhecimento por parte de quantos se interessam pelo assunto, assumindo nós, todavia, a responsabilidade do pensamento traduzido, a fim de evitar aborrecimentos ao nosso querido médium.

Inicialmente, nosso encontro foi uma resposta satisfatória a uma carta que lhe endereçamos em que fazíamos uma apreciação crítica do movimento espírita em geral e do de unificação em particular, confiando-lhe, assim, as nossas preocupações doutrinárias.

Suas palavras ainda ressoam em nossa acústica doutrinária, convidando-nos a uma meditação, séria em torno do Espiritismo que revive o Cristianismo primitivo em sua simplicidade e que tem na máxima "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" a sua expressão máxima.

O PROBLEMA DA "ELITIZAÇÃO"

- Jarbas, amigo, precisamos conversar desapaixonadamente sobre o nosso movimento. É preciso que nós, os espíritas; compreendamos que não podemos nos distanciar do povo. É preciso fugir da tendência à "elitização" no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar.

É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto às massas, que amemos a todos os companheiros, mas, sobretudo, aos espíritas mais humildes sociais e intelectualmente falando e delas nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade.

Se não nos precavemos, daqui a pouco estaremos em nossas casas espíritas apenas falando e explicando o Evangelho de Cristo, às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais e confrades de posição social mais elevada.

Mais do que justo evitarmos isso. (repetiu várias vezes) a "elitização" no Espiritismo, isto é, a formação do "espírito de cúpula", com evocação de infalibilidade, em nossas organizações.

SUPOSTA PUREZA DOUTRINÁRIA

Pergunta: Então, caro Chico, o problema não é de direção, ou, melhor diríamos, de administração espírita?

Resposta: – Não, o problema não é de direção ou administração em si, pois precisamos administrar até a nós mesmos, mas a maneira como a conduzem, isto é, a falta de maior aproximação com irmãos socialmente menos favorecidos, que equivale à ausência de amor, presente no excesso de rigorismo, de suposta pureza doutrinária, de formalismo por parte daqueles que são responsáveis pelas nossas instituições; é a preocupação excessiva com a parte material das instituições, com a manutenção, por exemplo, de sócios contribuintes ao invés de sócios ou companheiros ligados pelos laços do trabalho, da responsabilidade, da fraternidade legítima; é a preocupação com o patrimônio material ao invés do espiritual e doutrinário; é a preocupação de inverter o processo de maior difusão do Espiritismo fazendo-o partir de cima para baixo, da elite intelectualizada para as massas, exigindo-se dos companheiros em dificuldades materiais ou espirituais uma elevação ou um crescimento, sem apoio dos que foram chamados pela Doutrina Espírita a fim de ampara-los na formação gradativa.

VERDADEIRA PUREZA DOUTRINÁRIA

– Naquele instante, recordamos que Allan Kardec, deixou bem claro na introdução ao Livro dos Espíritos que o caminho da Nova Revelação será de baixo para cima, das massas para as elites, porque "quando as ideias espíritas forem aceitas pelas massas, os sábios se renderão à evidência".

Recordou, ainda, o dever imperioso de todos nós de evitar a deturpação da mensagem dos Espíritos, como aconteceu com o Cristianismo oficializado por Constantino. A Doutrina dos Espíritos veio para restaurar o Cristianismo, mas na sua feição evangélica primitiva, entendendo-se que em Espiritismo Evangélico é respeitar e auxiliar, amparar e elevar sempre, entendendo-se que os melhores e os mais cultos são indicados a se fazerem apoio de seus irmãos em condições difíceis para que se alteiem ao nível dos melhores e mais habilitados ao progresso.

Aí está a essência de nossa conversação.

Nesse sentido, ressaltou muito bem o nosso irmão Salvador Gentile em Anuário Espírita-1977:

"Por mais respeitáveis os títulos acadêmicos que detenhamos, não hesitemos em nos confundir na multidão para aprender a viver, com ela, a grande mensagem".

Depois deste diálogo, penetramos mais profundamente nas palavras do Dr. Bezerra de Menezes em "Unificação, Serviço Urgente, mas não apressado":

"É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos mensageiros divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios".

"Respeito a todas as criaturas, discriminações, evidências individuais, injustificáveis privilégios, imunidades, prioridades".

"Amor de Jesus sobre todos, verdade de Kardec, para todos".

Em essência esse pensamento é repetido pelo mesmo Espírito em mensagem que vai publicada noutro local de "O Triângulo Espírita".

Emmanuel também é incisivo em "Aliança Espírita":

"Educarás ajudando e unirás compreendendo".

Jesus não nos chamou para exercer a função de palmatórias na instituição universal do Evangelho, e, sim, foi categórico ao afirmar: *"Os meus discípulos serão conhecidos por muito de amarem".*

Cumpre-nos, dessa forma, meditar melhor a mensagem dos Espíritos, mas, sobretudo, aplicá-la em nosso movimento espírita, em nossas Casas Espíritas, e, principalmente, em nosso movimento de Unificação, aplicação esta que vem sendo a tônica de toda a vida de nosso médium Chico Xavier. Aliás, ninguém mais do que ele viveu e vive o verdadeiro sentido da unificação e que é o retrato acima.

(Texto de Jarbas Leone Varanda. Transcrito do jornal: "O Triângulo Espírita", de 20 de março de 1977. Fonte: "O Espírita Mineiro", número 171, fevereiro/abril de 1977)

A doutrina cientifica espírita veio para ensinar, esclarecer e moralizar. A doutrina religiosa umbandista, como uma “Modalidade de Espiritismo”, com toda a bagagem doutrinária espírita, mais as experiências de cada operador espiritual, veio para trabalhar no auxilio ao próximo, em todas as suas necessidades, desde que permitidas pela Justiça Divina.

Disse certeiramente, o Espírito de Pai Tomé: *“O Espiritismo é Jesus ensinando, e a Umbanda é Jesus trabalhando”.*

Repetindo: Emmanuel, um dia disse a Chico Xavier: “Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com Jesus? - *Sim, se os bons Espíritos não me abandonarem;* – respondeu o médium. – Não será você desamparado – disse-lhe Emmanuel – mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem. – *E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso?* – tornou o Chico. – Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o Serviço. Porque o protetor se calasse, o rapaz perguntou: – *Qual é o primeiro?* A resposta veio firme: – Disciplina. – *E o segundo?* – Disciplina. – *E o terceiro?* – Disciplina*”.* Com respeito aos três pontos básicos, a resposta de um Caboclo da Umbanda, Cacique Araribóia, veio, firme, da seguinte forma: *“Queremos de vocês: 1º) Trabalho, 2ª) Trabalho, e, 3º) Trabalho. Porque disciplina, dificilmente, irão ter. Trabalhem; pois, enquanto aguardam as resoluções de seus problemas, vão fazendo algo de bom pra alguém”.*

2ª MISSÃO DA UMBANDA

Desde o ano de 1908, os ditos espíritas já repudiavam a presença de Espíritos utilizando a roupagem fluídica arquetípica regional de apresentação de Caboclos e Pretos-Velhos. Surgiu então, a religião de Umbanda, para que esses Espíritos pudessem praticar suas caridades com, e por Jesus.

Com o tempo, formou-se no Brasil, um movimento com ares de religião, denominada popularmente como “Religião Kardecista” (que se autodenominam “espíritas”), pautada no geral, na codificação kardeciana, dando ênfase ao evangelismo. Vamos esclarecer, sucintamente, o porquê adotamos “Religião Kardecista” para definir o movimento religioso que se formou no Brasil com bases em Kardec, e, “Espiritismo Científico” para definir o Espiritismo erudito, voltado somente para estudos e aplicações puristas da codificação kardeciana, sem ares de religião.

José Lacerda de Azevedo, médico espírita brasileiro, compreendia o kardecismo como uma “prática ou tentativa de vivência da Doutrina Espírita”, criado por brasileiros, “permeada de religiosidade, com tendência a se transformar em crença ou seita”.

“O termo "kardecista" é repudiado por parte dos adeptos da doutrina que reservam a palavra “Espiritismo” apenas para a doutrina tal qual codificada por Kardec, afirmando não haver diferentes vertentes dentro do espiritismo, e denominam correntes diversas de “Espiritualistas”. Estes adeptos entendem que o espiritismo, como corpo doutrinário, é um só, o que tornaria redundante o uso do termo “Espiritismo kardecista”. Assim, ao seguirem os ensinamentos codificados por Allan Kardec nas obras básicas (ainda que com uma tolerância maior ou menor a conceitos que não são estritamente doutrinários), denominam-se simplesmente “espíritas”, sem o complemento “kardecista”. Outra parcela dos adeptos, no entanto, considera o uso do termo “kardecismo” apropriado. O uso deste termo é corroborado por fontes lexicográficas como o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa e o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa”.
(http://pt.wikipedia.org/wiki/Espiritismo_(termo))

“As expressões nasceram da necessidade de alguns em distinguir o “Espiritismo” (como originalmente definido por Kardec) dos cultos afro-brasileiros, bem como a Umbanda. Estes últimos, discriminados e perseguidos em vários momentos da história recente do Brasil, passaram a se auto-intitular espíritas (em determinado momento com o apoio da Federação Espírita Brasileira), num anseio por legitimar e consolidar este movimento religioso, devido à proximidade existente entre certos conceitos e práticas destas doutrinas. Seguidores mais ortodoxos de Kardec, entretanto, não gostaram de ver a sua prática associada aos cultos afro-brasileiros e a Umbanda, surgindo assim o termo “Espírita kardecista” para distingui-los dos que passaram a ser denominados como “Espíritas Umbandistas”. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Espiritismo_(termo))

Na Religião Kardecista (dita de pureza doutrinária) não existe a comunicação particular com os Espíritos, muito menos comunicação em público, ou seja, não existe uma pessoa ter uma orientação direta e pessoal com nenhum Espírito (na Religião Kardecista não existem atendimentos fraternos em consultas espirituais).

“(...) Há vários nomes que pode se dar a este trabalho: entrevista, consultas, atendimento espiritual. Aconselhamos a dar a denominação de “Entrevistas”, pois o termo consulta por ser entendido como orientação médica e/ou atendimento espiritual, podendo confundir o Espiritismo com cultos afro-brasileiros, onde o médium fica “incorporado” no momento da conversa com o necessitado. E isso é inconcebivel dentro de um Centro Espírita (...)”. (htpp://www.wspiritismo.org/tratamento.html)

A Religião Kardecista têm reuniões específicas, fechadas e íntimas para que somente os trabalhadores da Casa possam comunicar-se com os Espíritos, e através deles, obter informações do mundo espiritual, recebendo tão somente orientações sobre conduta espiritual/moral e nunca orientaçãos pessoais, sejam de que ordem forem. Alegam que este cuidado baseia-se na orientação dos próprios Espíritos, responsáveis pela elaboração do Espiritismo. Atentem bem: são orientações de Espíritos responsáveis SOMENTE pelo espiritismo e não responsáveis por outras doutrinas religiosas, sejam elas mediúnicas ou não.

Essa afirmação doutrinária é tão somente aceita para o mundo (material e espiritual) da Religião Kardecista, e não deve ser entendida como regra geral. Foi uma orientação exclusiva para o universo religioso kardecista.

Outras religiões, mediunicas ou não, tem suas maneiras de ser, entender e trabalhar para o bem, com suas próprias afirmações doutrinárias que também devem ser amplamente respeitadas. Agora, o porquê os Espiritos dirigentes da Religião Kardecista assim orientaram para SOMENTE os seus seguidores, só eles mesmos podem dizer.

O interessante é que vários religiosos, detratores da maneira peculiar de ser da Umbanda, bem como as peculiaridades dos Guias e Protetores Espirituais, quando encontram-se “enrolados” em seus problemas e não encontram respostas e nem soluções onde estão, rapidinho procuram um Terreiro de Umbanda, pedindo socorro.

O individuo só é sinceramente detrator de cultos alheios, somente quando está bem de saúde, bem financeiramente, bem com a família; senão...

A Umbanda somente segue os ensinamentos crísticos. Observem o que orienta o Evangelho: *“(...) A religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo.”* (Tiago 1:27).

Os órfãos e as viúvas aí referidos somos todos nós, em alguma aflição (grande sofrimento, dor profunda, tormento, pena moral, ânsia, mágoa) ou em outra, em algum grau de dor ou em outro. As aflições tanto podem ser morais como materiais. Por orientação do Evangelho também devemos auxiliar nas aflições materiais das pessoas, sejam quais forem, pois o Evangelho não as especificou (doenças, feridas, sentimentos, falta de emprego, falta de moradia, intrigas, maledicências, corações feridos, etc.). O atendimento fraterno umbandista é amplo e procura diminuir as aflições dos assistidos seja elas quais forem, sem, contudo, julgar, mas sim ponderar. Isso é praticar a compaixão.

Por isso Jesus nos deu o título de irmãos. Devemos nos tratar como tais, nos amando e nos cuidando reciprocamente, nos níveis que cada um precisa circunstancialmente, sem julgamentos.

O nazareno disse que seus seguidores seriam reconhecidos por muito se amarem. Consequentemente toda a humanidade deve integrar essa irmandade. Quem não precisa de ajuda? Quem não tem a sua cruz para carregar? A ladeira é íngreme. Sozinho o tempo todo é difícil subir.

A Umbanda veio suprir essa lacuna lastimável, onde as pessoas são tolhidas de desabafarem e receberem diretamente de um Guia Espiritual as orientações precisas de como bem dirigirem suas vidas em todos os sentidos.

Na Umbanda, o assistido vai ter a oportunidade de abrir sua alma para um Guia Espiritual, que o acolherá como um filho, orientando-o com segurança. Além de ouvir, no mesmo momento, Espíritos trabalhadores que estão ao lado do Guia Espiritual, imediatamente vão a busca da real problemática que aflige o assistido, trazendo ao Mentor o que está acontecendo e as providências que foram tomadas ou que precisarão de atenção especial.

Guias e Protetores Espirituais na Umbanda, por compaixão, além das orientações calcadas nos ensinamentos crísticos, também cuida e limpa as feridas de quem os procura, sejam elas espirituais ou materiais.

Muitos acusam os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda de tratarem da vida material das pessoas, dando-lhes orientações seguras de como bem dirigir suas vidas, resolvendo muitas vezes pendengas materiais. Com suas divinas magias, levam seus milagres aos lares aflitos.

Curam os enfermos, solucionando velhas questões de família, levando às casas onde não há pão o emprego para seus chefes e, consequentemente, o conforto às famílias desesperadas pelo sofrimento. Isso seria errado? Por se preocuparem em diminuir os problemas materiais de quem os procura, ajudando-os a viverem melhor, por ventura seria ação de Espíritos inferiores? Encontramos a resposta para essa questão nos primórdios diálogos que Kardec teve com o “Espírito da Verdade”, seu Espírito familiar e protetor, que o auxiliava em todos os setores da vida, apoiando-o, inclusive, materialmente:

Na página 62 *"(...) Dissestes que serás para mim um guia, que me ajudará e me protegerá (...). Poderias dizer se essa proteção também alcança as coisas materiais da vida? A resposta veio suave desta vez: – "Neste mundo a vida material importa muito; não te ajudar a viver seria não te amar" (...)".*

Na página 63: *"(...) Amélie* (nota do autor: esposa de Kardec)*, presente à sessão, ficou aliviada. Quem sabe a vida não melhoraria (...).*

Na página 67: *"(...) O apoio material prometido pelo guia espiritual seria, portanto, muito bem-vindo (...)".*

(Textos extraídos do livro: "Kardec – A Biografia" – de Marcel Souto Maior, Editora Record – 1ª edição - 2013).

Observaram a preocupação do "Espírito da Verdade", considerado um Espírito Superior, em auxiliar a vida material de Kardec? Não é isso que os Guias da Umbanda fazem com quem os procura? Por amor a cada um, não procuram auxiliá-los dentro do permitido pela Lei Divina para que tenham suas vidas melhoradas e possam caminhar com mais dignidade? Com certeza, apoiamos totalmente a tese de que jamais deva se pedir algo escuso, ou mesmo facilidades materiais, o que com certeza, Guias e Protetores Espirituais jamais atenderiam, por serem conhecedores das Leis que nos regem. Mas, mesmo assim, esses abnegados obreiros da vida eterna não deixam de ouvir os pedintes, e com tato procuram auxiliá-los a se melhorarem, minorando suas dores, sem ferir o livre arbítrio e os ditames da Lei Divina. A Umbanda veio aproximar as pessoas da espiritualidade mostrando que a mediunidade e o mundo espiritual não são bichos de sete cabeças e muito menos inatingíveis para quem quer que seja. A Umbanda veio mostrar a todos que basta ter boa vontade, amor no coração, desprendimento e devoção, seguindo os passos de Jesus e os ensinamentos crísticos.

O Mestre Jesus viveu entre o povo, atendendo particularmente um por um com alegria no coração. Ele ia de encontro ao povo. Ele orientava e curava pessoalmente, a quem quer que fosse. Jesus nunca se esquivou de atender qualquer tipo de problema, fosse ele material ou espiritual. Porque agirmos diferente então?

Jesus disse: *"Seja o que for que desejardes quando orardes crede que o recebereis; e tê-lo-eis".* (Marcos, XI, vers. 24)

"Qualquer coisa" sugere a ideia de não haver limites. Pode-se pensar que a oração a Deus deve ser apenas para as coisas consideradas espirituais à consciência humana, porém a expressão acima indica que não é assim. A verdade nos revela que, como Deus é tudo e todas as coisas são manifestadas de Deus, todas as coisas, seja qual for sua forma ou condição, derivam-se de Deus, provêm de sua essência espiritual. Desta forma, vemos que todas as coisas são do Espírito, havendo distinção entre coisas materiais e coisas espirituais apenas na consciência daqueles que as consideram opostas.

"Que desejardes", exprime a liberdade ilimitada do indivíduo em fazer seu pedido. Esta promessa mostra que o bem dele não pode ser desviado pelos desejos dos outros, nem é necessário que altere seus desejos por causa das opiniões dos menos fiéis. Como a alma é livre, completa liberdade de formular seus próprios desejos lhe é dada por seu Pai, e dirige seu apelo na oração à Fonte de todo o bem.

"Quando orardes" indica claramente que o desejo, uma vez formulado, deve ser apresentado ao Pai e que Deus deve ser reconhecido pela alma como a Fonte da qual tudo nasce.

"Crede que recebereis" é a afirmação básica, pois é aqui, no reino da consciência, que a Lei da Mente, a qual torna visível o que é invisível, se manifesta, tornando possível a realização do desejo por meio da lei observada. Deixando de lado o que outros creem, que credes vós? Vossa crença não necessita ser limitada pela deles! Vossa crença deve ser ilimitada e será a maior ventura para vós, se o for, porquanto "conforme vossa fé, assim será". Vossa fé é o fator determinante em vossos negócios e estareis livres de toda influência de outras mentalidades, se não vos preocupardes com os pensamentos por elas projetados, mas pensardes apenas na Onipotência de Deus, tiverdes fé nele e acreditardes que tereis a realização de vosso desejo, porque Deus vo-lo prometeu. *"Crede que recebereis",* isto é, desde o momento de vosso pedido, vede sua realização aproximar-se com a mesma certeza que teríeis de que uma espiga de trigo nasceria de uma semente plantada no solo. Esperais uma espiga de trigo? Por quê? Porque, ao plantar a semente, cumpristes a lei que produz seu desenvolvimento. Assim, também na mente, cumpris a lei da materialização, quando credes que recebereis o que concebestes para ser manifestado.

"E o tê-lo-eis", é a promessa que Jesus fez na sua exposição de uma lei definida que, sendo aplicada, não pode falhar.

Se o próprio Mestre Jesus, em suas promessas, nos disse que poderíamos pedir o que quiséssemos que seríamos ouvidos por Deus, porque então, os Espíritos da luz, as Santas Almas Benditas, dentro dos nossos merecimentos, dentro da Lei e da Justiça Divina, se negariam a nos ouvir, bem como nos atender em nossas necessidades, sejam elas quais forem? É isso que os Guias da Umbanda fazem.

VÓS SOIS DEUSES

"Vós sois deuses", disse o Mestre de Nazaré, referindo-se à nossa condição de seres imortais. *"Podeis fazer tudo que faço e muito mais"*, acrescentou ainda.

Recordamos-lhe a vida e o vemos andando pelas estradas, atendendo o povo, sem cansaço. O povo, a sua paixão. Onde se manifestasse a dor, ei-Lo a espalhar o consolo.

Ele adentra Naim e, deparando-se com um féretro que levava ao sepulcro um corpo jovem, compadece-se da mãe em prantos. Estanca o passo dos homens e ordena ao moço que se erga, devolvendo-o à mãe, agora em júbilo.

Ele convive com a má vontade e a ignorância dos homens. Ouve as perguntas, tolas por vezes, que lhe são dirigidas e as responde, elucidando.

Vai à casa dos apontados como corruptos, serve-se do momento para ensinar o bem, sem conspurcar-se.

Ergue a mulher equivocada de Magdala, convidando-a a reformulação íntima. Recebe-lhe as demonstrações de carinho e ternura, mas insiste no convite à mudança de atitude.

Imparcial, sempre. Sereno, também.
Devolve a vista ao cego de nascença e lhe recomenda nada dizer a ninguém. Como se pudesse o beneficiado deter a alegria de que se revestiu.

Liberta o homem de Gadara da legião de Espíritos infelizes que o atormentavam.

Aponta diretrizes renovadas à mulher, na fonte, e lhe possibilita o crescimento espiritual.

Da virtude que emana de seu Espírito oferta a cura ao problema hemorrágico da mulher das distantes terras de Cesaréia de Felipe.

Entra, triunfante, em Jerusalém, sem, no entanto, prender-se às efêmeras manifestações de júbilo com que o recebe o povo.

"Podeis fazer muito mais...".

(Equipe de Redação do Momento Espírita.)

Para compreendermos bem a questão dos Guias e Protetores Espirituais da Umbanda atenderem a todos que os procuram, seja o que for, material ou espiritual, sem julgamentos, procurando dar soluções para tudo, só encontraremos na atitude da compaixão. Vamos entender:

COMPAIXÃO

1) **"**Sentimento de pesar que nos causam os males alheios, bem como uma vontade de ajudar o próximo. Sentimento de simpatia ou de piedade para com o sofrimento alheio, associado a vontade ou ao desejo de auxiliar de alguma forma.

2) Compaixão (do latim compassione) pode ser descrito como uma compreensão do estado emocional de outrem. A compaixão frequentemente combina-se a um desejo de aliviar ou minorar o sofrimento de outra pessoa, bem como demonstrar especial gentileza com aqueles que sofrem. A compaixão pode levar alguém a sentir empatia por outra pessoa.

3) A Compaixão, de acordo com um termo grego "συμπόνια" significa sentir e compreender a dor de outrem de forma verdadeira. É sentirmos pelas outras pessoas um amor que busca espelhar-se no amor de Deus. Não é um sentimento egoísta, ou com reservas. É sentir a dor do outro e tentar intervir de alguma forma para mudar o seu quadro.

A compaixão é frequentemente caracterizada através de ações, na qual uma pessoa agindo com espírito de compaixão busca ajudar aqueles pelos quais se compadece. A compaixão diferencia-se de outras formas de comportamento prestativo humano no sentido de que seu foco primário é o alívio da dor e sofrimento alheios, sejam eles quais forem, sem julgamentos. Atos de gentileza que busquem principalmente conceder benefícios em vez de aliviar a dor e o sofrimento existentes, são mais corretamente classificados como atos de altruísmo, embora, neste sentido, a compaixão possa ser vista como um subconjunto do altruísmo, sendo definida como o tipo de comportamento que busca beneficiar os outros minorando o sofrimento deles.

Pai João da Caridade, Pai Espiritual do Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista, certa feita, nos questionou:

"Fora do Amor não á Salvação. Mas, o que é amor? Quer amor é esse que Jesus nos ensinou? Como entender o que é "amor incondicional"?

Filhos. Todos, somente entenderão o que é amor incondicional, o dia que tiverem compaixão pelo próximo. Não conseguirão amar seu próximo como amam seus filhos ou suas mães, pois não são amores incondicionais, mas sim, amores egoísticos. Somente o dia que conseguirem ter a graça de se compadecerem de seu próximo, sem julgamentos, sem preconceitos, auxiliando-os da melhor forma possível, estarão exercitando o amor incondicional.

Na Umbanda, nos atendimentos, os Guias e Protetores Espirituais exercitam a compaixão, ouvindo as mazelas dos assistidos, sejam elas quais forem, sem julgamentos de espécie alguma; após ouvir, procuramos a melhor forma de diminuir o sofrimento, para após, incutirmos a reforma íntima sem martírio, com conceitos simples e efetivos, calcados nos ensinamentos crísticos.

Com isso, procuramos da melhor maneira possível diminuir o sofrimento dos filhos que nos procuram, imitando Jesus, que nunca se esquivou de atender ninguém, fosse o que fosse, sempre ouvindo, abençoando, curando e educando, de maneira simples e efetiva, sem complicações metafísicas ou mesmo impondo doutrinas".

JESUS ERA TOMADO DE COMPAIXÃO PELO SOFRIMENTO ALHEIO

"Tenho compaixão desta multidão" (Mt 15.32)

O Evangelho registra que Jesus, em suas andanças *"por todas as cidades e povoados"*, ao ver as multidões, tinha compaixão delas *"porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor"* (Mt 9.35-38). Pouco adiante, Mateus volta a registrar: *"Quando Jesus saiu do barco e viu tão grande multidão, teve compaixão deles e curou os seus doentes"* (Mt 14.14). Jesus mesmo expressa verbalmente esse sentimento por ocasião da segunda multiplicação de pães e peixes: *"Tenho compaixão desta multidão"* (Mt 15.32).

Porque Jesus não só enxergava, mas também se compadecia do sofrimento alheio, muitos clamavam e gritavam diante dele: *"Filho de Davi, tem misericórdia de nós"*. É o caso dos dois cegos (Mt 9.27), da mulher cananéia cuja filha estava endemoninhada e sofrendo muito (Mt 15.22), do homem cujo filho também estava endemoninhado e era jogado ora no fogo ora na água para ser morto (Mc 9.22), do cego Bartimeu, que pedia esmola numa rua de Jericó (Mc 10.47).

A compaixão de Jesus pelo sofrimento alheio ia muito além do mero sentimento. Ele se entregava a função de aliviar os outros de suas dores. O povo lhe trazia *"todos os que estavam padecendo vários males e tormentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos"* e ele os curava (Mt 4.23-25).

(...) Jesus se encontrava com os sofredores nas sinagogas (caso da mulher encurvada, do paralítico de Cafarnaum, do homem da mão atrofiada), em lugares públicos (caso do paralítico junto ao tanque de Betesda, do homem da orelha decepada no Getsêmani) e em ruas e estradas (caso do cego de nascença, da viúva de Naim, do endemoninhado de Gerasa, do cego Bartimeu).

As pessoas sofridas iam a Jesus em busca de alívio por iniciativa própria: a mulher por 12 anos hemorrágica (Lc 8.43-48), os dez leprosos (Lc 17.11-19), o cego de Jericó (Lc 18.35-42). As pessoas sofridas eram levadas a Jesus por parentes e amigos: o paralítico de Cafarnaum (Mc 2.1-12), a filha da mulher cananéia (Mt 15.21-28), a sogra de Pedro (Lc 4.38-40), o servo do centurião (Lc 7.1-10), a filha de Jairo (Lc 8.40-56), o menino endemoninhado (Lc 9.37-45).

As pessoas sofridas eram enxergadas pelo próprio Jesus, que tomava a iniciativa de aliviá-las: o homem da mão atrofiada (Lc 6.6-11), a viúva de Naim (Lc 7.11-17), o endemoninhado de Gerasa (Lc 8.26-39), a mulher encurvada (Lc 13.10-17), o servo do sumo sacerdote (Lc 22.51), o paralítico de Betesda (Jo 5.1-15), o cego de nascença (Jo 9.1-12).

(http://www.ultimato.com.br)

É isso que a Umbanda faz. Por compaixão, atende um por um, imparcialmente, orientando, descarregando, amando, curando, reformando, trabalhando, trabalhando e trabalhando. O povo também é a paixão da Umbanda.

A Umbanda nasceu e cresceu entre Espíritos simples de coração. *"Bem – Aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus"!* (Mateus V: 8). A pureza de coração é inseparável da simplicidade e da humildade e exclui todo pensamento de egoísmo e de orgulho.

A Umbanda quer mostrar a todos que os Espíritos Guias estão ao seu lado sempre, ajudando-os, confortando-os, dispondo-se sempre a ouvi-los, seja qual for à mazela existente, física ou espiritual, libertando-os e não criando falsas ilusões.

Os Guias e Protetores Espirituais na Umbanda não querem ser vistos como gurus ou mesmo como Espíritos Superiores; se igualam a nós em aparência, se diminuem em linguagem, e se mostram apenas como pais e mães amorosos a nos confortar. Querem ser conhecidos somente por muito amarem, e não por serem personagens históricos e proeminentes da sociedade; reparem seus simples nomes: Pai João, Pai José, Mãe Maria, Caboclo Tupinambá, Caboclo Treme Terra, Pai Baiano, etc. Jamais se identificam no que foram, mas somente no que fazem. Só querem servir, amar e trabalhar.

A doutrina religiosa mediúnica (Religião Kardecista) já plantada no Brasil, incumbiu-se de efetuar seu trabalho perante a comunidade, que é o da conscientização cristã, da educação moral, evangélica e mediúnica. A Umbanda atendendo ao apelo do Mestre Jesus, desbravadamente incumbiu-se dos atendimentos fraternos compassivos, irrestritos, sem julgamentos, pautados em Seus ensinamentos.

Portanto, essa é uma das principais missões: Por compaixão, o atendimento primário, ou seja, o atendimento face-a-face, sem julgamentos.

Os entendimentos e vivências humanas são múltiplos; como atendê-los com orientações programadas, pautados em livros e apostilas? Por isso, a Umbanda se especializou em atendimentos fraternos particulares, atendendo um por um, primeiramente procurando sanar, da melhor forma possível o problema imediato do assistido, seja material ou espiritual, para posteriormente entrar com o programa de reforma intima calcados nos ensinamentos crísticos, de forma simples, ou seja, orientações diretas, sem complicações filosóficas, sem metáforas, num linguajar simples e de fácil entendimento. Esse é o trabalho assistencial da Umbanda.

Mai uma vez, não nos esqueçamos do dito do Pai Tomé: *"O Espiritismo é Jesus ensinando e a Umbanda é Jesus trabalhando"*

Diz Pai Joaquim de Aruanda: *"(...) A Umbanda é criada para quem está sentado naquele dia, naquela hora. E o Espírito não precisa defender o Preto-Velho ou o Índio; ele tem que buscar aquilo que precisa às pessoas que estão sentadas. A Umbanda é dos Espíritos, mas não é feita para os Espíritos; é feita para a matéria.*

Os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda, em suas simplicidades e compaixão, sem julgamentos, só querem minorar o sofrimento alheio, imediato, para que as pessoas possam retomar suas evoluções pessoais com menos pesar. Os Guias da Umbanda não tem como prioridade a doutrina filosófica sistemática de quem ainda não consegue sequer se amar. Os Guias e Protetores Espirituais não interferem na evolução humana, somente o fazendo com orientações precisas de como bem viver a vida, e, posteriormente dão algumas noções de valores morais, incrementando o crescer natural do assistido (atendimento fraterno). Diminuindo o sofrimento de quem os procura, faz com que os mesmos retomem seus caminhos evolucionais pessoais com mais alegria, pois com dor e sofrimento o caminhar da vida se torna muito difícil. De nada adianta querermos reformar quem está passando por um sofrimento, seja ele qual for.

Mas, tem um porém: Que não fiquem imaginando que os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda somente efetuem um atendimento fraterno no que tange a orientações psicológicas; se o fosse não necessitaria a presença de um Espírito da luz para que fossem efetuadas as orientações; seria perda de tempo, pois nós mesmos, através de estudos temáticos da intrincada maneira de se pensar e agir humanos conseguiríamos bem mostrar um caminho seguro para todos; ou mesmo colocar psicólogos para os atendimentos; esse é só mais um dos aspectos das consultas. Não é só ouvir e orientar.

Os Guias e Protetores Espirituais, junto dos médiuns, utilizando seus magnetismos como ponte de acesso e manipulação ectoplasmática, nos momentos de atendimento fraterno, enquanto ouvem as lamúrias dos necessitados, em concentração profunda, auscultam a alma do assistido, procedendo a uma eficiente varredura áurica e perispiritual, muitas vezes acessando o arquivo ancestral pessoal em assuntos internos, solicitando auxílio dos Obreiros e Tarefeiros da Umbanda, que vão à procura de causas externas, e, diagnosticando-as imediatamente iniciam o tratamento no "caminho do meio", utilizando o vasto arsenal da Umbanda em socorro eficiente. Observem que os atendimentos fraternos na Umbanda é muito mais que somente ouvir e orientar.

O verdadeiro trabalho ocorre nos bastidores, no plano espiritual do Terreiro, onde equipes de socorro atendem aos chamados dos Guias Espirituais atendentes iniciando imediatamente o tratamento material/espiritual.

Em nossa ignorância nada vemos, e achamos que basta por uma roupa branca e se dirigir ao Terreiro com um charuto na boca, dançando freneticamente ao som de tambores, realizando somente simpatias e magias, achando estarmos realizando um eficiente atendimento fraterno espiritual.

Para bem exemplificar, vamos lançar mão de um interessante artigo do Sr. Alamar Regis que exemplifica a o que até aqui escrevemos, como a 1ª missão da Umbanda.

RELACIONAMENTO COM OS ESPÍRITOS

Esta é mais uma matéria que estou colocando para sugerir que os amigos raciocinem e tirem as suas próprias conclusões. Sabemos, muito bem, que a Umbanda é uma coisa e o Espiritismo é outra, o que não quer dizer que um seja melhor ou superior que o outro e nem que seja inferior.

A cultura popular, equivocada, acha sempre que tudo é a mesma coisa, mas quem estuda tanto uma proposta como outra sabe que são doutrinas distintas. Para o leigo o espiritismo é identificado pelas denominações, também equivocadas, de "kardecista" ou "mesa branca". Isto para diferenciar da Umbanda. Já no meio espírita encontramos também muitos que consideram a Umbanda como uma opção inferior de lidar com os Espíritos e até consideram os Espíritos que lá se manifestam como "irmãos inferiores". Acho que você já ouviu espírita falar assim.

Grande é o número de espíritas que se manifestam de forma arrogante, quando se dirigem à Umbanda. O mais estranho que podemos observar, em muitas casas espíritas, é algo, como primeiro detalhe, que já começo levando para o raciocínio dos amigos leitores. Veja bem:

Se, numa mediúnica espírita, surgir um Espírito perverso, ruim, vingativo, agressivo e terrível mesmo, tipo um padre que diz claramente odiar o Espiritismo e até disposição de prejudicar os espíritas e os trabalhos espíritas, esses serão recebidos sem qualquer problema, podem manifestar-se a vontade e o máximo que vão receber é a aproximação de um companheiro qualquer, que se apresenta como "doutrinador", ao seu lado, com toda paciência, toda caridade e todo amor do mundo, não é verdade?

Essa figura que trabalha como doutrinador em mediúnica é de uma bondade e uma evolução espiritual irreparável, tanto é que é considerado competente o suficiente para convencer, em apenas 05 minutos de papo, um Espírito do mais baixo nível em transformar-se num ser arrependido e bom.

Mas se, na mesma mediúnica, surgir algum Espírito apresentando-se com denominações de "Caboclos", "Pretos-Velhos" ou qualquer denominação que lembre a Umbanda, esses serão repudiados de cara, imediatamente, sem direito a abrirem a boca para dizer nada. Em muitos casos o dirigente da sessão age com um rigor enorme, como se estivesse diante de um bandido. É ou não é verdade também?

Você vê algum sentido nisto?

Por que há tanta compreensão, tanta caridade, tanta fraternidade e tanto amor para bandidos terríveis e tanta restrição a Espíritos que não tem ódio de ninguém, que não pretendem prejudicar ninguém e que não tem nenhum desejo de destruir o espiritismo, só porque se apresentam com denominações umbandistas?

Vamos em frente, neste tema.

Retratemos duas mediúnicas.

Quero contar com o exercício atencioso da sua inteligência, do seu discernimento, do seu bom senso e da sua coerência, para os dois exemplos que vou dar.

Mediúnica 01 – Ocorre em um Centro de Umbanda

Várias pessoas chegam para participar, sorrindo, alegres, conversando normalmente com outras pessoas que estão no ambiente. Cantam seus hinos, seus pontos e sabem que naquele ambiente não terão pressa para nada.

Ninguém repreende ninguém por estar sorrindo e feliz no ambiente.

Uma dessas pessoas é a Rosa, que vai ali porque está com vontade de bater um papo com o Espírito Pai Joaquim, a fim de se abrir para ele e pedir-lhe uns conselhos. Ali as pessoas conversam naturalmente com os Espíritos, sem restrições e sem pressas.

Cantam-se os pontos, até que o Pai Joaquim surge através do médium Jerônimo.

Pai Joaquim – Que a Paz de Deus esteja com todos, que Nosso Senhor Jesus Cristo abençoe a todos, que todas as falanges do bem protejam ocês todos, meus irmãos. Vixi, que alegria ta aqui com ocês de novo, nesta casa de paz e de luz. Como ocês vão? Como vão os trabalhos da casa?

Rosa se aproxima do espírito, pega na mão do médium, dá um abraço carinhoso e começa um diálogo.

Rosa – Oi, Pai Joaquim, nós também ficamos alegres quando o senhor vem aqui, viu?

Pai Joaquim – Cadê a bença, minha fia? Pai Joaquim é véi e ocêis sabe que todo véi gosta de bença, né?

Rosa – Eu tinha me esquecido… Bença, Pai Joaquim!

Pai Joaquim – Deus te abençoe, minha fia, que ele te proteja, que ilumine bem essa sua cabecinha e lhe dê juízo.

Rosa – Ué, Pai Joaquim, e eu não tenho juízo não?

Pai Joaquim – Tem não, nem um pingo.

Rosa (rindo) – Tá bom, então. Mas eu vim aqui pra conversar com o senhor, porque eu tô com uns probleminhas aí e quero que o senhor me ajude.

Pai Joaquim – Claro, minha fia, claro, o pai véi taqui pra ajudar ocêis. Diga o que está se sucedendo com ocê.

Rosa – O senhor sabe, né? Os velhos problemas com o meu marido, eu tô que não aguento mais.

Pai Joaquim – E o que o seu marido ta fazendo com ocê, minha fia?

Rosa – Ele não pára em casa, fica se engraçando com tudo quanto é mulher por aí, não tem ligado muito pra mim e eu desconfio que ele tem outra mulher.

Pai Joaquim – Ocê quer o seu marido em casa o dia inteiro, minha fia? Pra quê? Como é que ocê quer que ele fica com as amigas dele?

Rosa – Eu não gosto, pai véi. Se ele é meu, tem que ser só meu.

Pai Joaquim – Ocê acha que agindo com ciúme, desconfiança, cobrança toda hora, mal humorada que nem o cão, como ocê vive, vai conseguir conquistar seu perna de calça?

Rosa – Ah, pai Joaquim, o senhor quer que eu fique como? Arreganhando os dentes pra ele, o tempo todo, se ele não liga pra mim?

Pai Joaquim – Rosa, minha fia, eu conheço sua casa, eu vejo como ocêis vive lá. Ocêis não me vê, mas eu vejo ocêis. Ocê é pirracenta, menina, vive provocando briga o tempo todo, briga com ele, briga com as criança, como é que pode querer receber carinho e atenção? Experimenta chutá aquele seu cachorrinho seu, todo dia, vai fazendo isto o tempo todo, e veja o que vai acontecer. Você acha que ele vai querer ficar perto de ocê? Ele vai é arreganhar os dente na hora que ocê quiser coisa com ele, não é assim?

Rosa – Ah, mas ele é bicho, né? Não tem nada a ver.

Pai Joaquim – Os homens são tudo igual os animais, minha fia. Eles tem sentimento do mesmo jeitim que ocê tem. É da natureza, Rosinha.

Rosa – Pensei que o senhor ia me ajudar, mas pelo que to vendo o senhor ta é do lado dele.

Pai Joaquim – Eu quero te ajudá, sim, eu gosto docê minha menina. Mas ajudá não é concordar com a sua cabecinha que ta oca não. Ocê precisa acordá, fia. Quando eu desejei que Deus te dê Juizo, é porque eu conheço essa cabecinha. Ocê tem se cuidado? Tem tratado de ficar melhor com ocê mesma?

Rosa – Claro que eu tenho me cuidado.

Pai Joaquim – Tem não, Rosinha, ocê não tem se cuidado não. Olhe no espelho, minha fia, veja bem como ocê ta, mas olhe bem profundo. Não é pra olhar pra cabelo, pra batom e pra roupa não, é pra oiá pra ocê mesma, óio nos óios.

Rosa – Mas eu to bem…

Pai Joaquim – Tá não. Ocê já viu gente ciumenta ta bem? Gente que não confia nem em si mesma não pode estar bem de espírito, minha fia. Aprenda a se amar, pra poder aprender a amar os outros. Daí ocê vai poder ser uma pessoa mais atraente e certamente poderá ser amada.

E nesse ritmo o Espírito manteve o diálogo com Rosa, pacientemente, compreendendo os seus desequilíbrios, mas não se compactuando com eles, procurando orientá-la sempre a rever o seu comportamento, a modificar-se a si mesma, com atitude paterna e protetora.

Depois da Rosa veio a Solange, a Tânia, o Zé Brandão, a Cleide, a Marlene e vários frequentadores daquele local, onde o trabalho começou às oito da noite e se estendeu até depois da meia noite.

Teve vela, teve defumação, teve indicação de banho de ervas e tudo aquilo que é comum na Umbanda, que não existe no Espiritismo.

Mediúnica 02 – Esta ocorre em um Centro Espírita, mais conhecido pelo leigo como Kardecista.

Centenas de pessoas frequentam o Centro e há quem diga que mais de mil pessoas passam lá todas as semanas. Mas apenas doze podem participar da mediúnica. Fazem parte da equipe da casa, altamente selecionada para tal.

A mediúnica começa às oito da noite, em ponto, e tem que terminar as nove, exatamente as nove, quando o ponteiro grande estiver indicando 21h00min, em nome da disciplina. Nenhum dos participantes pode sorrir, porque o sorriso ali é considerado como desrespeito ao ambiente que deve ser **SÉRIO**.

Uma pessoa como a Rosa jamais pode pensar em participar de uma mediúnica daquela.

Mas até aí, tudo bem. Vai haver uma reunião, embora com poucas pessoas, para conversar com os Espíritos amigos. Não! Não! Não é nada disto!

Mas..., como não? A reunião não é para conversar com os Espíritos amigos?

Não, a grande maioria das mediúnicas dos Centros Espíritas destina-se a atender a Espíritos sofredores e neste objetivo ocupam 75 a 85 por cento do seu tempo. Ou seja, se a reunião é prevista para durar uma hora, de 45 a 50 minutos do tempo é para intercâmbio com sofredores.

Mas não foi isto que Allan Kardec ensinou e nem sugeriu para que os espíritas fizessem!

Não importa, mas é isto que o movimento estabeleceu. Se está de acordo ou em desacordo com Kardec, não tem a menor importância.

E os Espíritos amigos, aqueles que desejam conversar com as pessoas, orientar, trocar ideias e falar da doutrina, não participam?

Os que desejarem participar, poderão, no máximo, fazer uma rápida saudação e pronto. Não podem falar muito porque o pequeno espaço de aproximadamente dez minutos deve ser usado para outros companheiros que, por educação e respeito ao direito dos outros se manifestarem, preferem mesmo só fazer a saudação e mais nada.

Gente, mas isto não tem nada a ver com o que Allan Kardec praticou. Não foi desse jeito que ele ensinou, está claríssimo na Revista Espírita.

Ihhhhh! Você agora vem querer falar em Revista Espírita? Acho bom você calar essa sua boca, senão vai ser considerado polêmico e se não calar por bem vão tentar fazer você se calar por mal.

Mas... como??? Apenas considerar-me como polêmico, e nada mais? Não se discute, não se aprofunda no assunto e fica tudo por isto mesmo?

É assim mesmo. Quando não há competência e capacidade para enfrentar um companheiro, discutindo olho no olho, de livro aberto, é mais cômodo qualificá-lo apenas como polêmico, porque aí sai-se pela tangente e não há risco de expor muito a carência doutrinária de alguns.

E assim a mediúnica 02 se encerra, sem ninguém aprender nada de novo, sem haver qualquer avanço no conhecimento da doutrina, sem que os Espíritos sejam ouvidos para nada, já que a presença deles não tem a menor relevância.

Conclusão

Fica aí a conclusão para ser tirada pela sua inteligência.

Onde há mais humildade, em se comparando os dois ambientes?

Onde há mais amor, mais carinho e mais afeto?

Onde há mais disposição de trabalho com os Espíritos?

Onde as pessoas têm mais consciência de que os Espíritos desencarnados são as mesmas pessoas que viveram entre nós e que a relação deve ser normal, sem reverências e sem formalidades?

Onde melhor pode se definir a palavra Caridade?

Detalhe: Não sou umbandista, sou espírita, mas também não sou cego e muito menos burro.

Para finalizar, me responda uma pergunta: Onde é que estão, mesmo, os nossos irmãos inferiores?

(Texto de Alamar Régis Carvalho)

Na Umbanda a doutrina é dos Espíritos. Os Guias Espirituais vem nos ajudar em nossas dificuldades e nos instruir pessoalmente. Em Umbanda, a primazia é o atendimento fraterno realizado pelos dos Guias Espirituais.

De acordo com o cremos e defendemos, a Umbanda é considerada por nós como uma "Modalidade de Espiritismo". Vamos dissertar esse assunto sucintamente, apresentando dois textos concernentes, inteligentemente escritos:

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (FEB) E A UMBANDA

Uma das grandes polêmicas no meio espiritualista, durante o século XX, e que prossegue até hoje, é se a Umbanda é uma prática religiosa espírita ou não. A Umbanda surgiu com o médium Zélio de Moraes, no início do século passado, após incorporar o Caboclo que se denominou Sete Encruzilhadas.

Atualmente, não há ainda uma uniformização ou uma padronização no seio umbandístico brasileiro. Há agrupamentos que sincretizaram a Umbanda com os cultos afro-brasileiros aqui já existentes; há aqueles mais próximos do kardecismo, sem rituais, congás etc., há os que buscam na Índia a origem da Umbanda, entre tantas outras modalidades de trabalho mediúnico chamado de "Umbanda". Em suma, cada Casa umbandista possui sua "metodologia".

Mas o que pretendo ressaltar neste pequeno artigo é como a Federação Espírita Brasileira (FEB) se relacionou com a Umbanda no último século (nota do autor, século 20).

O primeiro pronunciamento oficial parece ter sido feito na década de 1920, mais especificamente em 1926. Tal pronunciamento não foi direcionado à Umbanda em si, mas aos Espíritos que se manifestavam como "Índios" e "Pretos-Velhos". Segundo a Federação, esses Espíritos não se pautavam pela doutrina de Allan Kardec. Porém, em 1953, A FEB publica na revista Reformador um parecer bem significativo sobre o Espiritismo e a Umbanda, em minha opinião, bem representativo do que Kardec pensaria se estivesse encarnado:

"Todo aquele que crê nas manifestações dos Espíritos é espírita; ora, o umbandista nelas crê, logo o umbandista é espírita". E adiante: *"os que aceitam o fenômeno espírita como manifestação de "satanás", ou como ocasionado somente por forças desconhecidas, esses não são espíritas; mas aqueles que o têm como produzido por Espíritos, esses devem ser considerados como adeptos do espiritismo, isto é, espiritistas, admitam ou não a reencarnação e pratiquem ou não rituais que nós não adotamos".* (revista Reformador, julho de 1953)

Curiosamente, em 1978, quando a abertura política dava seus primeiros passos no Brasil na contra-mão da história, a FEB revoga sua opinião anterior, altamente universalista e ecumênica, para publicar o seguinte: *"É imprópria, ilegítima e abusiva a designação de espíritas adotadas por pessoas, Tendas, Núcleos, Terreiros, Centros, Grupos, Associações e outras entidades que, mesmo quando legalmente autorizados a usar o título, não praticam a doutrina espírita, tal como foi clara e formalmente definida no editorial do Reformador de Setembro de 1977".*

Porém, lendo o editorial acima, o que se encontra é a afirmação de que os princípios básicos da Doutrina Espírita estão contidos nas obras fundamentais de Kardec e que, todas as demais obras são complementares.

Apesar disso, será que se encontra nas obras fundamentais argumentos para se dizer que a Umbanda não é uma manifestação Espírita? Vejamos o que os textos kardecianos, nos quais os princípios básicos da doutrina estão contidos, afirmam:

"O Espiritismo é, pois, a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e o ensinamento dos Espíritos" (O que é Espiritismo, p.186) Kardec não está afirmando que índios ou ex-escravos não tenham nada para ensinar ou que não se pautam em sua doutrina, aliás, a doutrina é dos Espíritos. Além disso, não afirma que eles não podem se manifestar em trabalhos mediúnicos. Mas Kardec vai ainda mais longe:

"Ela (a ciência Espírita) *exige um estudo assíduo e, freqüentemente, longo demais; não podendo provocar os fatos, é preciso esperar que eles se apresentem e, no geral, eles são conduzidos por circunstâncias das quais nem ao mesmo se sonha. Para o observador atento e paciente, os fatos se produzem em quantidade, porque ele descobre milhares de nuanças características que são, para ele, rasgos de luz. Assim o é nas ciências vulgares; enquanto que o homem superficial não vê numa flor senão uma forma elegante, o sábio nela descobre tesouros pelo pensamento. (...) Portanto, não nos enganemos, o estudo do Espiritismo é imenso, toca em todas as questões da metafísica e da ordem social, e é todo um mundo que se abre diante de nós".* (Livro dos Espíritos, p. 32 e 33)

Parece evidente que o espiritismo para Kardec é uma ciência. Obviamente, e isso Kardec também afirma, deriva em uma filosofia de cunho moral e não em uma religião. Em suma, o espiritismo é uma ciência para estudar os "fatos Espíritas", ou seja, aqueles causados pela manifestação dos Espíritos. Kardec não define quais os fatos que podem e os que não podem ser estudados; os que são "doutrinários" e os que não são "doutrinários". E continua em outra obra:

"Os Espíritos não estão encarregados de nos trazerem a ciência pronta. Seria, com efeito, muito cômodo se nos bastasse perguntar para sermos esclarecidos, poupando-nos assim o trabalho de pesquisa. (...). Os Espíritos não vêm nos livrar dessa necessidade: eles são o que são e o Espiritismo tem por objeto estudá-los, a fim de saber, por analogia, o que seremos um dia e não de nos fazer conhecer o que nos deve estar oculto, ou nos revelar as coisas antes do tempo" (O Evangelho Segundo o Espiritismo, p. 68)

Um leitor atento da obra de Kardec pode argumentar que a Umbanda, como manifestação de Espíritos, pode muito bem ser objeto de estudo do espiritismo, da ciência Espírita. Em outras palavras, como ciência, o Espiritismo pode estudar como as entidades se manifestam, o motivo para optarem pela forma de Índios, Pretos-Velhos ou Crianças, como se processam as curas espirituais etc. E isso fica ainda mais claro na passagem abaixo:

"O Espiritismo está fundado sobre a existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram sobre a Terra, ou em outros globos, onde deixaram seu invólucro material. São a esses seres que damos o nome de Espíritos.

Eles nos rodeiam permanentemente, exercendo sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; eles desempenham um papel muito ativo no mundo moral, e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo, pois, está na Natureza e pode-se dizer que, em uma certa ordem de ideias, é uma potência, como a eletricidade o é em outro ponto de vista, como a gravitação o é em outro.

Os fenômenos, dos quais o mundo invisível é a fonte, são efeitos produzidos em todos os tempos; eis porque a história de todos os povos deles faz menção. Somente que, em sua ignorância, como para a eletricidade, os homens atribuíram esses fenômenos a causas mais ou menos racionais, e deram a esse respeito livre curso à imaginação.

O Espiritismo, melhor observado depois que se vulgarizou, veio lançar luz sobre uma multidão de questões até aqui insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter, pois, é o de uma ciência, e não de uma religião; e a prova disso é que conta entre seus adeptos homens de todas as crenças, que não renunciaram por isso às suas convicções: católicos fervorosos que não praticam menos todos os deveres de seus cultos, quando não são repelidos pela igreja, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos, e até budistas e brâmanes. Ele repousa, pois, sobre princípios independentes de toda questão dogmática".

(O que é espiritismo, p. 89)

E no mesmo livro, mais adiante, Kardec afirma: *"(...) Uma vez que, por toda parte que haja homens, há almas ou Espíritos, que as manifestações são de todos os tempos, e que o relato se encontra em todas as religiões, sem exceções. Pode-se, pois, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, e por conseqüência, ser Espírita; a prova é que o Espiritismo tem adeptos em todas as seitas".* (O que é Espiritismo, p. 189)

É claro que Kardec não poderia ter incluído a Umbanda, pois está surgiu no Brasil apenas no século XX. Mas pelo contexto da frase acima, não resta dúvida de que o adepto da religião chamada Umbanda também é Espírita. Aliás, muito mais Espírita do que o católico, o protestante e o muçulmano citado por Kardec, uma vez que, para se ser umbandista, é necessário crer nas manifestações dos Espíritos.

Outras passagens das obras fundamentais poderiam ser pinceladas para mostrar que a Federação, em 1953, esteve mais perto de defender os ideais kardecianos, nos quais, não resta dúvida, a Umbanda faz parte da fenomenologia Espírita surgida no século XX e que merece ser estudada com muito respeito pelos que apreciam o pensamento de Kardec e pensam o Espiritismo como uma ciência experimental que deriva em uma filosofia de cunho moral, mas que não é religião.

(Texto de: Adilson Marques)

KARDECISMO E ESPIRITISMO

Em 1859, Allan Kardec publicou um pequeno livro chamado *"O que é Espiritismo"*, em que faz um apanágio dos principais tópicos do espiritismo. Logo em seu preâmbulo, ele define em poucas palavras a proposta:

Para responder, desde agora e sumariamente, à questão formulada no título deste opúsculo, nós diremos que:

"O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações".
Pode-se defini-lo assim:

"*O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos Espíritos, e das suas relações com o mundo corporal*".

Note que não há referência alguma ao aspecto religioso. Pelo menos até esse estágio de desenvolvimento, o movimento espírita não buscava ser um ramo à parte do cristianismo estabelecido e, sim, um corpo de conhecimento que pudesse ser aceito independente da religião do indivíduo.

Foi o aspecto filosófico, mais especificamente a Moral, que permitiu um desdobramento religioso. Mais adiante, na seção *Espiritismo e espiritualismo* do cap. I:

"Pergunto-vos, em primeiro lugar, qual a necessidade da criação de novos termos: espírita e espiritismo, para substituir: espiritualista e espiritualismo, que são da língua vulgar e por todos compreendidos? Já ouvi alguém classificar tais termos de barbarismos".

Allan Kardec. *"De há muito tem já a palavra espiritualista uma acepção bem determinada; é a Academia que no-la dá: Espiritualista, aquele ou aquela pessoa cuja doutrina é oposta ao materialismo. Todas as religiões são necessariamente fundadas sobre o espiritualismo. Aquele que crê que em nós existe outra coisa, além da matéria, é espiritualista, o que não implica a crença nos Espíritos e nas suas manifestações. Como o podereis distinguir daquele que tem esta crença? Ver-vos-eis obrigado a servir-vos de uma perífrase e dizer: É um espiritualista que crê ou não crê nos Espíritos.Para novas coisas são necessários termos novos, quando se quer evitar equívocos. Se eu tivesse dada à minha Revista a qualificação de espiritualista, não lhe especificando o objeto, porque, sem desmentir-lhe o título, bem poderia nada dizer nela sobre Espíritos, e até combatê-los".*

Em "Dissidências", ainda no cap. I

V.(isitante) – *"Essa diversidade, na crença que vós chamais uma ciência, é, parece-me a sua condenação. Se ela se baseasse nos fatos positivos, não deveria ser a mesma na América e na Europa"?*

A.K. – *"A isso responderei, primeiramente, que tal divergência só existe na forma, sem afetar o fundo; realmente ela apenas se limita ao modo de encarar alguns pontos da doutrina e não constituir um antagonismo radical nos princípios, como afirmam nossos adversários, sem ter estudado a questão. Dizei-me, porém, qual a ciência que, em seu começo, não deu nascimento a dissidências, até que seus princípios ficassem claramente assentados? Não encontramos as mesmas dissidências nas ciências melhormente constituídas? Estarão os sábios de perfeito acordo sobre todos os pontos? Não tem cada qual seus sistemas particulares?*

As sessões das Academias apresentam sempre o quadro de perfeito e cordial entendimento? Em medicina não há as Escolas de Paris e a Escola de Montpellier? Cada descoberta, em qualquer ciência, não em produzido cismas entre os que querem adiantar-se e os que desejam estacionar?(…)"

Essas três passagens de *"O que é Espiritismo"* mostram algo interessante no começo do espiritismo:

1. Ele tinha uma definição flexível, capaz de comportar muito daquilo que hoje chamas de espiritualismo;

2. O espiritismo não estava atrelado à figura de Kardec, considerando o trabalho em outros continentes também como espiritismo;

3. ”Espiritualismo” era qualquer coisa que se opusesse ao materialismo. Catolicismo poderia ser um “espiritualismo”, coisa que hoje não é mais dita. Deve-se ressaltar que Kardec já ouvira falar usos para o termo *espiritualismo* mais próximos ao moderno:

Espiritualismo, espiritualista, são as palavras inglesas empregadas nos Estados Unidos desde o início das manifestações: delas se serviu, primeiro, por algum tempo, na França. Mas, desde que apareceram as palavras espírita e Espiritismo, compreendeu-se tão bem sua utilidade, que foram imediatamente aceitas pelo público. Hoje o uso delas é de tal modo consagrado, que os próprios adversários, os que primeiro as apregoaram de barbarismo, não empregam outras. Os sermões e as pastorais que fulminam contra o Espiritismo e os espíritas, não poderiam, sem confundir as ideias, lançar anátema sobre o Espiritualismo e os espiritualistas.

Cap I, *Espiritismo e Espiritualismo*

1. Kardec era tolerante com dissidências e as via como algo normal no processo de evolução da ciência.

Ao parece, Kardec manteve esse opinião liberal por algum tempo considerável. Mais de meia década depois, ainda podia-se ler de sua pena:

“(...) Já se operaram divisões entre vós. Duas grandes seitas existem entre os Espíritas: os Espiritualistas da escola americana e os Espíritas da escola francesa; mas não consideremos senão esta última. Ela é na? Não.

Eis, de um lado, os Puristas ou Kardecistas, que não admitem cada verdade senão depois de um exame atento, e a concordância de todos os dados; é o núcleo principal, mas não é o único; diversos ramos, depois de terem se infiltrado nos grandes ensinos do centro, separam-se da mãe comum para formar seitas particulares; outros, não inteiramente destacados do tronco, emitem opiniões subversivas. Cada chefe de oposição tem seus aliados; os campos não estão ainda desenhados, mas se formam, e logo eclodirá a cisão.

Eu vo-lo digo, o Espiritismo, como as doutrinas filosóficas que o precederam, não poderá ter uma longa duração. Ele foi, cresceu; mas agora está no auge, e já desce. Faz sempre alguns adeptos, mas, como o Saint-Simonismo, como o Fourierismo, como os Teósofos, ele cairá, para ser talvez substituído, mas cairá, eu o creio firmemente..”

O Abade D… (um opositor do Espiritismo recentemente desencarnado)

Resposta de Allan Kardec:

“(…) Falais das seitas que, em vossa opinião, dividem os Espíritas, de onde concluís a ruína próxima de sua doutrina; mas vos esqueceis de todas aquelas que dividiram o Cristianismo desde seu nascimento, que o ensanguentaram, que o dividem ainda, e cujo número, até este dia, não se eleva a menos de trezentos e sessenta. No entanto, apesar das dissidências profundas sobre os dogmas fundamentais o Cristianismo ficou em pé, prova de que é independente dessas questões de controvérsias. Por que quereríeis que o Espiritismo, que se liga por sua própria base aos princípios do Cristianismo, e que não é dividido senão sobre questões secundárias se elucidando cada dia, sofresse divergência de algumas questões pessoais, quando tem um ponto de união tão poderoso: o controle universal?

O Espiritismo estaria, pois, hoje dividido em vinte seitas, o que não é e não será, que isso não levaria a nenhuma consequência porque é o trabalho de nascimento. Se divisões fossem suscitadas por ambições pessoais, por homens dominados pelo pensamento de se fazerem chefes de seitas, ou de explorarem a ideia em proveito de seu amor-próprio ou de seus interesses, estes seriam, sem contradita, os menos perigosos. As ambições pessoais morrem com os indivíduos, e se aqueles que quiseram se elevar não tem por eles a verdade, suas ideias morrem consigo, e talvez antes deles; mas a verdade verdadeira não poderia morrer.

Estais no verdadeiro, senhor abade, dizendo que haverá ruínas no Espiritismo, mas isso não é como o entendeis. Essas ruínas serão a de todas as opiniões errôneas que fervem e se fazem luz; se todas estão no erro, todas elas cairão, isto é inevitável; mas se houver uma só delas que esteja na verdade, ela sobreviverá infalivelmente (…)”

Revista Espírita de Out/1865 – *Partida de um adversário do Espiritismo para o mundo dos Espíritos.*

Nem tudo, porém, era concórdia e diplomacia. Pouco depois, na edição de abril de 1866, dois artigos teceram fortes críticas a duas dissidências: uma que depreciava o valor das comunicações espirituais recebidas até então, preferindo até mesmo interrompê-las ("Espiritismo sem Espíritos"), e outra autodenominada "Espiritismo Independente" que seria "*o Espiritismo livre, não só da tutela dos Espíritos, mas de toda direção ou supremacia pessoal, de toda subordinação às instruções de um chefe, cuja opinião não pode, tendo em vista que não é infalível*". Ainda que não seja possível provar, fica-se com a impressão que esse último grupo enviara uma crítica indireta a alguma postura centralizadora de Kardec. Ele teria visto que a carapuça era de seu tamanho e a vestiu. Na edição de junho, é discutido o lançamento de "*Os Quatro Evangelhos"*, de J. B. Roustaing, um comentário dos evangelhos à luz de comunicações espirituais. No geral, a Revista Espírita é simpática à novidade que, em suas palavras "*é um trabalho considerado, e que tem, para os Espíritas, o mérito de não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada por "O Livro dos Espíritos e o dos médiuns". As partes correspondentes àquelas que tratamos em "O Evangelho Segundo o Espiritismo" o são num sentido análogo*".

A única objeção feita foi contra a alegação de que Jesus nunca tivera um corpo de carne e ossos, mas um (peri)espiritual. De certa forma, isso é reedição de heresia docetista, usada como premissa para explicar não só a Imaculada Concepção, mas todos os milagres de Jesus. O artigo da Revista Espírita aceita esse neodocetismo como hipótese a ser averiguada por novas comunicações espirituais e assevera um grande poder perispiritual de Jesus (um super médium por sua altíssima evolução espiritual) já bastaria como explicação. A opinião de Kardec sobre as teses rustanistas deve ter mudado algum tempo depois, já que em "*A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo"*, publicado em 1868, ele declaradamente rejeita essa hipótese (cap. XV, itens 64-5). Esse foi apenas o começo de uma longa rivalidade no meio espírita/espiritualista e que ainda dá o que falar.

Após a morte de Kardec, escritos seus ainda inéditos foram reunidos em *Obras Póstumas*, onde se encontra o que talvez seja sua opinião final sobre o *Espiritismo*:

Tomando a iniciativa da constituição do Espiritismo, usamos de um direito comum, o que todo homem tem de completar, como o entender, a obra que haja começado e de ser juiz da oportunidade.

Desde o instante em que cada um é livre de aderir ou não a essa obra, ninguém se pode queixar de sofrer uma pressão arbitrária. Criamos a palavra **Espiritismo**, para atender às necessidades da causa; temos, pois, o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita. (Revista Espírita, abril de 1866, página III)

Obras Póstumas, 2ª parte, *Constituição do Espiritismo*

Isso não está nem um pouco de acordo com a ideia contido em *"O que é Espiritismo"*, onde definiu o termo *Espiritismo* de forma bem liberal e tolerante à divergência. No fim da vida, vendo essa liberalidade levar o espiritismo a rumos que não aprovava, quis se apoderar do neologismo que criara. Como nem *"O que é Espiritismo"*, nem *"Obras Póstumas"* pertencem ao conjunto de obras tidas como básicas pelos espíritas (o Pentateuco), então fica-se com uma espécie de "limbo doutrinário". Mas Kardec, ao menos originalmente, não se propôs a uma doutrina, mas a uma "ciência e filosofia", passível de dividir em escolas, portanto não seria mais conveniente chamar o resultado de seu trabalho de *kardecismo*?

A codificação espírita e as obras complementares ("Revista Espírita", "Obras Póstumas", "O que é Espiritismo", etc.) são o resultado da pesquisa coordenada por Kardec. Só que ele não o único a estudar as supostas relações entre o mundo espiritual e o nosso, sendo que muitos que também o fizeram chegaram a conclusões distintas. Com a ciência desse fato e a definição ampla de *espiritismo* constante em *"O que é Espiritismo"*, sem dúvida é conveniente chamar aquele seguem bem de perto as teses de Allan Kardec de *kardecistas*.

De experiência pessoal, há os sentem calafrios com essa palavra por a entender que existiria alguma espécie de "adoração" a Kardec. Isso é particularmente besteira, afinal os luteranos não cultuam Lutero. Outros consideram-na um neologismo desnecessário para distingui-los de membros de espiritualismos distintos (cultos afro-brasileiros, principalmente), afinal "o espiritismo é um só". Longe de ser uma novidade brasileira, esse termo pode ser rastreado até o século XIX, no livro "*Lights and Shadows of Spiritualism"* (1877), do médium escocês Daniel Dunglas Home. No segundo capítulo da terceira parte do livro (*Modern Spiritualism*), Home faz uma apreciação nada agradável da obra de Kardec, particularmente de sua defesa da reencarnação, tratando-a como uma das *fallacies of Kardecism*. Nem só antagonistas se valeram do termo. Henri Sausse – um dos maiores partidários do espiritismo e autor de uma biografia de Kardec que até hoje a Federação Espírita Brasileira edita junto com *"O que é Espiritismo"* – lançou em 1918 o periódico "*Le Spiritisme Kardéciste"*.

Portanto, é plenamente viável considerar os adeptos da "Umbanda", "Roustaing", "Ramatis", e afins como seguidores de correntes diferentes de espiritismos (nota do autor: "Modalidades de Espiritismo). Já vejo "kardecistas" levantando pedras e clamando: "Umbanda é um sincretismo, Roustaing escreveu absurdos e Ramatis é um pseudo-sábio!". Uma coisa de cada vez:

- Se o problema da Umbanda é sua mistura com religiões africanas, então o kardecismo também é problemático por misturar cristianismo com modismos cientificistas vitorianos e reencarnação pagã. A não ser que se viva numa tribo isolada, não há como se professar uma doutrina que seja "puro sangue", pois todas herdam algo de suas antecessoras, trocam ideias com suas rivais (ou se definem em oposição a elas) e se adaptam ao gosto local.

- Se Roustaing escreveu coisas duvidosas, não creia que Kardec está isento disso;

- Se Ramatis é suspeito, não ache que a codificação está livre deles, do contrário este portal não existiria. Talvez o principal erro dos ramatistas foi colocar muitos ovos num mesmo cesto.

O que realmente há de impressionante nessa querela, é que os "Espíritas Kardecistas", que se se consideram a adeptos da "Terceira Revelação", advogam o reconhecimento do seu caráter cristão pelas filhas da "Segunda Revelação" ao mesmo tempo rejeitam como espíritas as seitas que são irmãs da sua! Alguma coisa está incoerente…

(www.falhasespiritismo.org/tag/umbanda/#kardecismoeespiritismo)

KARDECISMO OU ESPIRITISMO?

Neste texto usarei de forma quase constante o termo "kardecismo"**,** ou "espiritismo kardecista", me referindo à forma de espiritismo que tenta seguir as diretrizes expostas por Allan Kardec em meados do século dezenove. Creio que esse uso, apesar de bastante disseminado, requer alguns comentários especiais.

Há dentro do espiritismo kardecista uma polêmica que nem sempre é muito clara, e da qual muitos espíritas nem mesmo participam (sabiamente, diga-se de passagem).

Segundo alguns, só haveria um único espiritismo: o espiritismo criado, ou melhor, "codificado" e sistematizado, por Allan Kardec. Variações disso seriam deturpações, mudanças, crenças derivadas, mais ou menos aceitáveis, mas nunca podendo ser denominadas "espiritismo". Quaisquer práticas similares que não sigam a "ortodoxia kardequiana" deveriam ser definidas como "espiritualismo" ou "mediunismo", mas nunca "espiritismo". Isso incluiria, por exemplo, toda uma infinidade de matizes sincréticos que se pode observar em grupos que mesclam as visões kardequianas com as tradições e os conhecimentos vindos das religiões africanas.

Para as pessoas que professam essa ideia de que "espiritismo é só aquele segundo preconizado por Kardec, sem desvios", o termo "espiritismo kardecista" ou "kardecismo" seria, conseqüentemente, redundância e erro. Muitas vezes, elas reforçam seu argumento dizendo que foi Kardec que criou o termo "espiritismo" e "espírita", invocando, explícita ou implicitamente um certo direito a monopólio do uso destes termos.

Creio que há algumas considerações a serem expostas com relação a isso.

Em primeiro lugar, realmente parece ser correto dizer que Kardec criou os termos "espírita" e "espiritismo". Uma consulta a alguns dicionários etimológicos (que tratam da origem das palavras de uma determinada língua, tentando registrar o momento em que elas primeiramente apareceram) parece corroborar tal afirmação. O "Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa" (de Antônio Geraldo da Cunha e colaboradores, Rio de Janeiro – RJ, Editora Nova Fronteira, 1982.) registra: espiritismo – 1875, do Fr. Spiritisme, o que indica o aparecimento do termo no português brasileiro em 1875, remetendo à origem anterior francesa.

De modo complementar, o dicionário etimológico francês "Dictionaire Etymologique de la Langue Française" (Albert Dauzat – 7e édition – Librairie Larousse – Paris, 1938 – Imprimerie Larouse, 1947) registra: spirite (1858, Legoarant), ellipse de l'angl. Sprit – rapper, esprit frappeur (spirit, T lat. Spiritus). TM.: spiritisme (1872, L.), o que parece indicar uma origem francesa para o termo "espírita", em meados do século dezenove.

Corroborando os dados acima, o próprio Kardec alude ao fato de ter criado tal termo, e de ter sido inclusive criticado por isso por contemporâneos seus, devido à introdução de "barbarismos", segundo alguns (ou "neologismos", em uma apreciação técnica mais isenta). Em "O Livro dos Espíritos", logo no primeiro parágrafo da introdução, Kardec apresenta a obra por ele "codificada" justificando o uso do termo "espiritismo": "Para se designarem coisas novas são precisos termos novos... Os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm acepção bem definida... ...o espiritualismo é o oposto do materialismo.

Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo...".

Igualmente, Kardec discorre da seguinte maneira em “O que é o Espiritismo?” (página 66 da edição 38; Federação Espírita Brasileira).

Em hipotético diálogo com um cético, Kardec recebe a seguinte pergunta: “Pergunto-vos, em primeiro lugar, qual a necessidade da criação de novos termos: espírita e espiritismo, para substituir: espiritualista e espiritualismo, que são da língua vulgar e por todos compreendidos? Já ouvi alguém classificar tais termos de barbarismos.”.

Finalmente, em “Obras Póstumas” (página 381; edição 27 – F.E.B.): *“Criamos a palavra Espiritismo, para atender às necessidades da causa,...”*.

Muita coisa leva a crer que realmente Kardec, ou o movimento espírita francês de meados do século passado a ele intimamente ligado, criou os termos espírita e espiritismo.

Há, contudo, algumas peculiaridades com relação a essa criação que fazem com que tais termos possam, de todo direito, ter um uso e uma significação bem mais elástica do que querem os kardecistas ortodoxos mais extremados.

Em primeiro lugar, ao criar-se o termo espírita, e espiritismo, foram utilizados radicais “vivos” da língua francesa. É muito comum nos meios científicos evitar-se tal prática, preferindo-se o uso de radicais que remetam à língua grega antiga, ou ao latim (às vezes rotuladas de “línguas mortas”), de modo a garantir um certo monopólio com relação ao termo que se criou, e de modo também a manter tais termos distantes do “domínio público” e das flutuações semânticas da língua viva onde o novo termo está aparecendo. As regras de taxonomia, nomeando e classificando as diversas espécies de seres vivos, são um exemplo disso.

Na verdade, o próprio Kardec parece ter tido justamente isso em mente, criando um termo que pudesse ser claramente entendido e utilizado por qualquer francês de sua época. Na mesma Introdução de “O Livro dos Espíritos” (primeiro parágrafo) já citada mais acima, Kardec afirma claramente: “...empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de serem perfeitamente inteligíveis,...”.

Fica claro que Kardec, ou o movimento espírita ao qual ele estava ligado, quis criar um termo que tivesse um caráter “público”. É contraditório querer criar um termo com feições públicas num momento inicial e, posteriormente, querer dar a tal termo um uso monopolizado (como querem alguns kardecistas, e como, aparentemente, quis o próprio Kardec mais para o fim de sua vida...).

O segundo problema na criação dos termos espiritismo e espírita, que aliás complementa o que foi dito logo acima, é que juntamente com sua “criação” veio sua “definição” nas obras iniciais da “codificação” kardequiana. Na introdução de “O Livro dos Espíritos”, primeiro parágrafo, Kardec afirma: “Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas.”.

Também, em “O que é o Espiritismo ?” (página 66, edição 38 – Federação Espírita Brasileira) Kardec responde em seu hipotético diálogo com um cético: *“De há muito tem já a palavra espiritualista uma acepção bem determinada; é a Academia que no-la dá: Espiritualista, aquele ou aquela pessoa cuja doutrina é oposta ao materialismo. Todas as religiões são necessariamente fundadas sobre o espiritualismo. Aquele que crê que em nós existe outra coisa, além da matéria, é espiritualista, o que não implica a crença nos Espíritos e nas suas manifestações. Como o podereis distinguir daquele que tem esta crença? Ver-vos-eis obrigado a servir-vos de uma perífrase e dizer: É um espiritualista que crê ou não crê nos Espíritos”*.

E ainda na mesma obra “O que é o Espiritismo?”, página 59, em hipotético diálogo com um visitante crítico, Kardec responde: *“Em resumo, senhor, todos têm completa liberdade de aprovar ou censurar os princípios do Espiritismo, de deduzir as consequências boas ou más que lhes aprouver, porém a consciência impõe ao crítico a obrigação de não dizer o contrário do que ele sabe que é; ora, para isso, a primeira condição é não falar do que não conhece”*. Kardec chega a dar uma definição extensa do que é o espiritismo neste livro, quando, na página 50 – preâmbulo, ele afirma (as letras maiúsculas são conforme aparecem no próprio livro): *“O ESPIRITISMO É, AO MESMO TEMPO, UMA CIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO E UMA DOUTRINA FILOSÓFICA. COMO CIÊNCIA PRÁTICA ELE CONSISTE NAS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM ENTRE NÓS E OS ESPÍRITOS; COMO FILOSOFIA, COMPREENDE TODAS AS CONSEQÜÊNCIAS MORAIS QUE DIMANAM DESSAS MESMAS RELAÇÕES. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”*.

É importante ressaltar que as definições expostas nos três parágrafos acima se deram em uma época em que o espiritismo já se encontrava extremamente bem desenvolvido. Se referem aos dois primeiros livros da “codificação”, “O Livro dos Espíritos” e “O que é o Espiritismo?”.

O Livro dos Espíritos é uma obra que desenvolve os aspectos científico, filosófico, e moral (religioso) do espiritismo em um nível de profundidade bastante pleno. Do meu ponto de vista, muito pouco se acrescentou além dele. Não se justificaria, portanto, definições imaturas a respeito do tema.

Como pode alguém querer criar um termo com características "públicas", lhe dar uma definição bastante flexível (nessas definições iniciais do termo "espiritismo" se enquadrariam sem nenhum problema qualquer adepto do umbandismo brasileiro, já que Kardec restringe o significado de "espírita" apenas ao fato de crer-se na existência dos Espíritos e na possibilidade de comunicação com eles) e posteriormente querer reverter tal situação?

Na verdade, isso é o que é pretendido pelos que negam a umbandistas, por exemplo, o direito de (e o acerto ao) se auto intitularem "espíritas". Isso também foi o que pretendeu Kardec mais para o fim de sua vida, quando afirmou, em um tom um tanto quanto metódico e autoritário: *"Criamos a palavra Espiritismo, para atender às necessidades da causa; temos, pois, o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita".* ("Obras Póstumas"; página 381; edição 27, Federação Espírita Brasileira). Nessa ocasião, Kardec deixou à mostra algumas de suas contradições internas, além de expor uma faceta de sua personalidade por vezes excessivamente metódica e autoritária (características essas que sem dúvida exerciam efeitos maléficos em determinadas situações, mas também benéficos em muitas outras, e que, além disso, eram bastante compatíveis com a época e o lugar onde viveu Kardec).

Creio que toda essa situação que cerca a criação dos termos "espiritismo" e "espírita" torna justo e acertado denominarmos de "Espiritismo" qualquer atividade ou prática científico-religiosa que tenha por base os pré-requisitos inicialmente expostos por Kardec**,** ou seja: que haja uma crença na existência de Espíritos; e, que haja uma crença na possibilidade de comunicação com eles.

Tal fato, consequentemente, levaria à conclusão ou ao ponto de vista de haver várias "correntes" ou "linhas" diferentes dentro do que se poderia chamar de Espiritismo**.** Uma linha que tente se aproximar o máximo possível dos postulados desenvolvidos por Kardec ao longo de sua vida deveria, portanto, ser com maior precisão denominada de "kardecismo". E é obedecendo a tais requisitos de precisão e clareza que utilizo o termo "kardecista" em meus artigos ao me referir a tal vertente do espiritismo.

É curioso assinalar que talvez quem tenha utilizado pela primeira vez o termo "espiritismo kardecista" foi justamente um dos principais seguidores imediatos de Kardec, Henri Sausse, autor da Biographie d'Allan Kardec (que consta da edição brasileira do livro "O que é o Espiritismo" editado pela FEB), tendo fundado em 1915 o jornal "Le Spiritisme Kardéciste" (citado no livro "Allan Kardec, Pesquisa Bibliográfica e Ensaios de Interpretação"; de Zeus Wantuil e Francisco Thiessen; volume 3 – página 300 – FEB).

Finalmente, é importante ressaltar que registros dicionarizados da língua portuguesa no Brasil incluem verbetes como "kardecismo" e "kardecista" já de longa data. Em "Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa" (segunda edição, Editora Nova Fronteira, 1986), temos: kardecismo – Doutrina religiosa de Allan Kardec; kardecista – 1. pertencente ou relativo a Allan Kardec ou ao kardecismo. 3. adepto do kardecismo. E em "Enciclopédia Universal" (Editora Pedagógica Brasileira LTDA, – São Paulo – 1969) temos: kardecismo – Doutrina de Allan Kardec, espiritismo; kardecista – aquele que adota as doutrinas de Allan Kardec. Relativo a kardecismo.

E como seria naturalmente esperado dentro de qualquer movimento ou atividade humana, o próprio kardecismo possui determinadas subdivisões. Um exemplo curioso disso pode ser encontrado no site do Grupo Espírita Bezerra de Menezes – São José do Rio Preto – SP (www.novavoz.org.br/). Neste site pode ser encontrada uma página remetendo a "temas polêmicos" (www.novavoz.org.br/reforma-03.htm) e dentre os artigos abordando tais temas polêmicos há um em especial que critica uma das vertentes do espiritismo kardecista, os "laicos", como são denominados no artigo (www.novavoz.org.br/os_laicos.htm). Os autores da página, por sua vez, seriam adeptos da "reforma", sendo "reformistas".

Espero que a maioria dos kardecistas julgue o assunto deste artigo, as polêmicas e minúcias expostas aqui, sem importância. Na verdade é isso que eu mesmo penso a respeito disso.

Acho importante, contudo, discorrer sobre esse tema para buscar um certo grau de exatidão no uso de determinadas palavras, e também por sentir que existe frequentemente, por parte dos que querem o monopólio do uso dos termos "espiritismo" e "espírita", uma postura de injustificável desvalorização para com o ponto de vista de outros grupos, dissimulada em explicações erroneamente construídas quanto à etimologia e correção no uso de tais termos.

(Texto de: Júlio César de Siqueira Barros)

Encontramos um texto curioso sobre a origem do termo "espiritismo" não ser de Kardec. Vamos apresentá-lo para o conhecimento de todos:

"Não bastasse isso, querer circunscrever o termo "espiritismo" ao espiritismo reencarnacionista evolutivo de Kardec ("kardecismo"), não tem qualquer base sólida, seja conceitual, seja histórica. As pesquisas do Sr. José Carlos Ferreira Fernandes demonstram de forma cabal que a origem do nome "Espiritismo" não é de Kardec, sequer francesa. Duas obras do ano de 1854 já utilizavam o termo "spiritism": a obra anti-espírita de Orestes Augustus Brownson (1803 – 1876), "The Spirit-Rapper: na Autobiography" (Boston, Little, Brown & Company, 1854), págs. 293-94, e o "Apocatastasis, or Progress Backwards", de Leonard Marsh (1800 – 1870), da Universidade de Vermont, editado em Burlington por Chauncey Goodrich. Ao longo do livro o termo "spiritism" ocorre dez vezes. Assim, o fato é que, em 1854, nos Estados Unidos (três anos antes da publicação de O Livro dos Espíritos de Kardec, onde o termo pretensamente teria vindo a público pela primeira vez), a palavra "spiritism" já era um mote comum para se referir aos fenômenos do new spiritualism. (www./obraspsicografadas.haaan.com/2010/resposta-a-richard-simonetti-e-alamar-rgis)"

Nos referimos a Religião Kardecista, não como leigos, mas sim, baseados na premissa de que, em nosso entendimentos, calcado no próprio Allan Kardec, a Umbanda também é uma modalidade de Espiritismo. A Religião Kardecista era e é tida por nós umbandistas como outra modalidade do dito Espiritismo; cremos assim, pois em nosso entendimento, Espiritismo não é religião.

"O Espiritismo era apenas uma simples doutrina filosófica; foi a Igreja quem lhe deu maiores proporções, apresentando-o como inimigo formidável; foi ela, enfim, quem o proclamou nova religião. Foi um passo errado, mas a paixão não raciocina melhor" (O que é Espiritismo – Allan Kardec). *"O espiritismo não é, pois, uma religião. Do contrario teria seu culto, seus templos, seus ministros"* (Revista Espírita de 1859 – Allan Kardec).

"Desta feita, opta por um procedimento diferente. Já dissera nove anos antes (1859) de forma peremptória, que o espiritismo não era religião, enquanto essa palavra significasse culto formal, igreja ou seita, crença mística e piedosa ou coisa assim". (É o espiritismo uma religião? Revista Espírita, pg.351 a 360, ref. Dezembro de 1868 – Allan Kardec).

Kardec afirma: *"(...) Uma vez que, por toda parte que haja homens, há almas ou Espíritos, que as manifestações são de todos os tempos, e que o relato se encontra em todas as religiões, sem exceções. Pode-se, pois, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, e por consequência, ser Espírita; a prova é que o Espiritismo tem adeptos em todas as seitas"* (O que é Espiritismo, p. 189 – Allan Kardec).

Por essa afirmativa sem contestação, no entendimento dos Espíritos que militam nas lides umbandistas, a Umbanda também é Espírita.

"O TESTAMENTO: *Amélie* (nota do autor: Esposa de Kardec) *foi a primeira a ouvir o texto escrito pelo marido, sob o título "O Espiritismo é uma Religião". Kardec insistia na velha resposta: não. Uma religião organizada exigiria a realização de cultos e envolveria uma "casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, cerimônias e privilégios". E o Espiritismo deveria ser encarado e adotado como uma "doutrina filosófica e moral". O laço estabelecido entre os espíritas não deveria incluir contratos materiais nem práticas obrigatórias. Um sentimento moral, espiritual e humanitário deveria guiar cada reunião: o da caridade.* (Texto extraído do livro: "Kardec – A Biografia" – Marcel Souto Maior – Editora Record – 1ª edição – 2013)

Se Espiritismo não é religião (cremos ser uma doutrina filosófica científica), portanto, o que se formou em terras brasileiras como religião não é o Espiritismo em si, mas tão somente, a modalidade religiosa kardecista, pois chamar "Religião Espírita" confronta o próprio codificador. Os seguidores da "Modalidade Religiosa Kardecista" não aceitaram e não aceitam tal dissertativa, mas, os fatos estão ai; o resto é pura conjectura e/ou idiossincrasia. Mas, é somente nomenclatura e nada mais.

Só procuramos elucidar nosso modo de entendimento, pois tem muitos irmãos se digladiando, pelo simples fato de fazerem questão de serem nomeados como Espíritas e não como Kardecistas, e com isso, acabam criando um fosso imenso entre outras correntes filosóficas/religiosas, pois acabam por impor Espiritismo como religião, e outros não podem beber desta fonte, incorporando conceitos milenares, pelo simples fato de que se os conceitos pertencem a "uma religião", portanto, não podem ser trazidos para outra corrente religiosa; se fosse somente um filosofia espiritual, como aceitamos ser, ai sim, podemos, todos, aceitar, incorporar e difundir esses conceitos universalistas e não exclusivistas. Conceitos religiosos são exclusivos de uma religião; conceitos filosóficos são acatados e incluídos como verdade eterna, em todas as religiões, e cremos que era exatamente isso que Kardec ansiava.

Uma coisa concordamos: Prática religiosa da "Modalidade Espírita de Umbanda" é uma coisa; prática religiosa da "Modalidade Espírita Kardecista" é outra. Cada uma segue, a seu jeito, com seus postulados a servir a humanidade condignamente. A Umbanda não deseja ser tomada como Espiritismo. Não existe "Espiritismo de Umbanda" como dito pelos antigos, mas somente a "Modalidade Espírita de Umbanda", religião que tem como uma das bases, o estudo e aplicação sistemática dos conceitos espirituais e mediúnicos esposados e ensinados por Kardec, pois são verdades incontestáveis, ditadas por Espíritos da luz.

"Mesmo congregando elementos católicos, africanos e do ocultismo, a Umbanda se constituiu como uma "Modalidade de Espiritismo". É o que indicam os primeiros livros que identificavam a nova religião (...)". (GIUMBELLI, Emerson. "Kardec nos Trópicos". In Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 3, nº 33, junho de 2008, p. 14-19)

Alguns kardecistas dizem que a Umbanda não constitui "variante" e nem "modalidade" de Espiritismo. Primeiramente, vamos lançar mão das fontes lexicográficas:

- **Modalidade:** *"Maneira de ser; cada aspecto ou particularidade diferente do mesmo fato".*
- **Variante:** *"Que varia. Cada uma das formas de um texto, ou de um vocábulo, em relação à mais usada ou tida por mais genuína. Ramal de uma via de comunicação projetado numa diretriz diversa do projeto original".*

Observem que quem disse que a Umbanda não é "modalidade" ou mesmo "variante" do Espiritismo, não deve ter entendido bem o sentido léxico das palavras.

Como "modalidade", a Umbanda tem sua maneira de ser, tem particularidades diferentes do mesmo fato que é o Espiritismo. Como "variante", a Umbanda varia, e modifica uma doutrina em seus aspectos secundários, sem, contudo, desfigurar o tema original que é o Espiritismo.

Ambos os termos, "Modalidade" ou "Variante" se encaixariam perfeitamente na Umbanda. Escolhemos o termo: "Modalidade".

A Umbanda se rege pelo estudo sistemático da codificação kardeciana, não existindo absolutamente nada no Pentateuco que a condene.

Alguns espíritas/kardecistas detratores, cegos, com seus achismos e idiossincrasias se apegam somente a rituais e outros pormenores, dentro de suas visões limitadas, pois não se empenham em estudá-los a luz da razão. A maior das ignorâncias é versar sobre um assunto que nada se entende.

Muitos têm-nos inquirido sobre os rituais, apetrechos, oferendas, magias, etc. em nossos Terreiros, alegando serem de uso desnecessário, bem como, muitas vezes, utilizados por Espíritos atrasados em sua evolução. Será?

Na Revista Espírita de Outubro/Novembro de 1858, Allan Kardec, em pergunta efetuada ao Espírito do Dr. Muhr, fez-lhe uma pergunta: *No final, pedimos que desse uma opinião sobre a homeopatia: Dr. Muhr: A homeopatia é o início das descobertas dos fluidos latentes que existem; virão outras descobertas para conduzir nosso mundo até a perfeição.*

Observem que o Espírito do Dr. Muhr disse que viriam muitas outras descobertas dos fluidos latentes que existem; em toda a Natureza existem grupos de substâncias denominadas genericamente de fluidos, que apresentam propriedades em comum bem características. Em questão de oferendas, apetrechos, magias, ervas, etc., a Umbanda utiliza de todos os recursos que a Natureza oferece; a Umbanda lida basicamente com os "fluidos" emanados presentes no Planeta, em benefício dos que a procuram. Esses arsenal utilizado pela Umbanda, será, mais dia menos dia, explicado pela ciência.

Mas, esse é um assunto polêmico e infrutífero, haja vista o que o próprio Jesus disse: *"Há muitas moradas na casa de meu Pai"*; por ventura a Umbanda e sua maneira de trabalhar espiritualmente também não é uma das casas do Pai? Jesus também disse: *"Amai a Deus sobre todas as coisas, de todas as formas, com todas as suas forças e de todo o seu entendimento"*; a maneira de trabalhar da Umbanda por ventura também não é amar a Deus com o nosso entendimento? A demérito nisso? Somos mais inferiores ou praticamos "baixo-espiritismo" por causa disso? *"Examina tudo e retém o que é bom"*, ensina o Apóstolo. *"Qual é a melhor das religiões para que possamos segui-la? Aceite tudo o que é bom, e rejeite tudo o que é mal; eis a melhor das religiões"*.

Relembrando: "A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor. Aquela que te faz mais compassivo, aquela que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável... A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião.". (Dalai Lama)

"Acima das diferenças doutrinárias, deve prevalecer o sentimento de fraternidade universal, independente de qualquer religião. Não há religião superior à outra, não há doutrina superior a outras doutrinas. A questão é de consciência, de estágio experiencial... O importante é que o homem se torne melhor na religião que abraçou. Se for cristão, que se apóie nas práticas de Jesus, e viva Seu Evangelho de luz... Estamos a favor da Causa Maior, operando em nome de Deus, ou estamos usando a religião como um trampolim da nossa vaidade e do nosso orgulho, a fim de projetarmo-nos aos olhos da sociedade?" (Gandharananda Shanti)

Porventura não é isso que a Umbanda faz? A Umbanda é crística em sua origem e postulados, e universalista em sua doutrina, rituais e magias.

Somos umbandistas e praticamos a Umbanda respaldados em orientações dos nossos mentores. Não praticamos kardecismo e nem somos espíritas (somos uma "Modalidade de Espiritismo"), mas tão somente, aceitamos a doutrina explanada no Espiritismo por acharmos coerentes os seus ensinos, bem como também aceitamos as revelações psicográficas de alguns Espíritos atuantes no kardecismo, desde que pautadas na razão e no bom senso.

Agora, precisamos esclarecer um ponto importante: Cada escola espiritual, com seus mentores, propaga na Terra a sua verdade relativa; jamais a verdade absoluta.

Temos que entender que os mentores espirituais militantes do meio terreno também estão em fase evolutiva, portanto, não são Espíritos Superiores, ou mesmo Espíritos de Luz, na acepção da palavra; são sim, Espíritos devotados, trabalhando incansavelmente para nos auxiliar em nossa jornada terrena a fim de evoluirmos.

Pai João da Caridade, nosso mentor, nos disse uma vez: *"Filhos; eu não sou um Espírito de luz; quem dera; Espírito de luz é Jesus; eu sou tão somente um Espírito da luz, labutando na seara umbandista, a fim de aprender um pouco mais com todos vocês. Só isso. Afinal, a ordem nos foi passada pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas: "De quem sabe aprenderemos; aos que nada sabem ensinaremos e a ninguém negaremos auxílio, pois essa é a vontade do Pai".*

(...) *"... não existem Espíritos "da" Umbanda. Deste lado existem trabalhadores que atendem às necessidades dos filhos da Terra, independentemente de religião ou crença. Quando conseguimos compreender que o caminho que leva[]] ao Pai é um só, não rotulamos mais nada, nem ninguém; apenas trabalhamos. O amor é o único ingrediente..."* (Trecho extraído do livro: "Causos de Umbanda – A psicologia dos Pretos-Velhos" – pelo Espírito de Vovó Benta, psicografado pela médium Leni W. Saviscki).

(...) *"... Meu querido irmão Manasses, se os encarnados pudessem ter uma pálida idéia de que nos planos superiores não existem questionamentos nem divisões religiosas, certamente abrandariam o fel da crítica infrutífera e respeitariam o credo religioso de quem quer que fosse. O que mais importa é se a fé que agasalha o coração do ser humano é sincera e, ainda mais, que esta fé possa torná-lo uma criatura mais piedosa, mais humana, mais caridosa e mais cristã... "* (Trecho do livro: "O Sétimo Selo – O Silêncio dos Céus" – pelo Espírito Irmão Virgílio, psicografado pelo médium Antonio Demarchi – Petit Editora)

Partindo desse pensamento, chegamos a uma conclusão: Os Espíritos e os humanos militantes em uma determinada escola espiritualista entendem àquilo que pertence àquela escola; jamais poderiam se arvorar em juízes da causa alheia. Jamais poderiam julgar os procedimentos utilizados por outras escolas espiritualistas pela simples análise daquilo que suas mentes entendem ser o certo, e mesmo àquilo que apreenderam em suas escolas. Entendem somente o que é ensinado em sua doutrina. Relembrando mais uma vez: *"Na casa de meu Pai existem muitas moradas" – "Amai a Deus de todo o seu entendimento";* os planos de existência nas dimensões espirituais ascendentes ou descendentes são tão extensas, que seria impossível um mentor espiritual, seja ele quem for, detalhar um por um com precisão e certeza. Existe muita idiossincrasia, muitas especulações, achismos e principalmente muita hipocrisia.

Portanto, a Umbanda, como mais uma escola crística, tem seus métodos de trabalhos espirituais para o auxilio aos homens. Absolutamente ninguém que milita fora do meio umbandista, seja encarnado ou desencarnado, pode ser arvorar em sabichão, dizendo com certeza, que utilizamos roupagens desnecessárias, profilaxias arcaicas, atrasadas, inócuas ou mesmo, que nos encontramos no primarismo espiritual, somente por não rezarmos da mesma cartilha, e/ou não praticarmos seus métodos, que eles "acham" serem o caminho a seguir.

Encarnados e desencanados espíritas, kardecistas, católicos, evangélicos, budistas, etc., entendem tão somente do espiritismo, do kardecismo, do catolicismo, do evangelismo, do budismo, etc. Não sabem e não entendem, muitas vezes, absolutamente nada do que se passa no universo umbandista, seus meios e métodos. Por isso, devem calar-se e nos respeitarem. Utilizamos nossos métodos, calcados em orientações espirituais da Cúpula Astral de Umbanda, com a anuência das Mentes Superiores emanadoras dos Poderes Reinantes do Divino Criador, as Corporações Orixás.

Será que Deus, em sua infinita sapiência, criaria tudo na Natureza somente para o deleitamento do homem? Será que tudo o que existe na Terra não tem um função especifica, e, pode ser usado em benefício do homem? Será que basta somente "pensar", "crer", e tudo acontece na Terra? Uma coisa a nossa experiência nos ensinou: Para se resolver problemas terrenos tem-se que utilizar magnetismos e fluidos terrenos; não se resolve problemas terrenos com "fluidos cósmicos" e muito menos somente com o bom pensar; para curar a matéria em todos os níveis, necessita-se coisas da matéria; não se cura a matéria com coisas cósmicas e somente com pensamentos elevados.

Cada escola que trate, verse, ensine e trabalhe somente dentro das suas limitações materiais e espirituais. Deus, em sua infinita misericórdia é sabedor de tudo; criou a Umbanda por necessidade de parcela do nosso povo. Deus não criou a Umbanda tão somente para atender a uma camada da população em primarismo religioso, mas, para que seus filhos, sejam quem forem, em que situação estiverem, possam, com suas espiritualidades e seus jeitos de serem, servirem-No condignamente.

Muitas vezes nos divertimos ao lermos opiniões de religiosos e/ou filósofos de renome, tachando a Umbanda, seus métodos e seus trabalhadores de primitivos; e ainda alguns se dizem cristãos. Nesse momento, enviamos nossas preces a Deus e só dizemos: *"Pai; perdoai os ignorantes que não sabem o que falam".*

A nossa proximidade com o Espiritismo se com o estudo sistemático da Codificação kardeciana. A nossa proximidade com o kardecismo somente se dá no fator: estudo de **certas** orientações espirituais de **certos** Espíritos que consideramos ideais a serem seguidos.

Os kardecistas não poderiam falar em nome do espiritismo, praticamente "jogando pra fora" tudo o que não coaduna com suas materialistas e equivocadas suposições, onde através de elucubrações filosóficas, idiossincrasias, achismos, e estudos doutrinários somente calcados em suas materiais concepções, tornando-se tremendamente preconceituosos, em nome de uma suposta "pureza doutrinária". Devem se lembrar que outras religiões, igualmente usam as interpretações pessoais do próprio Evangelho contra o espiritismo. Fazem o mesmo com a Umbanda.

Pelo fato de no Brasil ter-se formado uma religião (kardecismo) em trono do Espiritismo, onde seus prosélitos afincamente dizem serem seus herdeiros totais, acabou criando um imenso fosso separativista em torno dos ideais espíritas, pois quem é de outra religião ou filosofia, afasta-se de seus ensinamentos, pois fizeram crer que pertencem somente ao kardecismo. O mesmo aconteceu com Jesus; criaram uma religião em torno Dele, se apossaram de Seus ensinamentos, tornaram-se preconceituosos, distanciando-se cada vez mais quem quisesse seguir Seus ensinamentos. Jesus é do mundo – é o ideal a ser seguido por todos. O Espiritismo é do mundo – é ciência – e o ideal a ter sua filosofia absorvida por todos e não somente por uma religião..

A única diferença que existe entre a Umbanda e o Kardecismo, onde seus prosélitos se apegam para nos tachar de primaristas, é a presença de rituais, magias, liturgias, etc. A proximidade com o catolicismo se dá somente com o uso de certos sacramentos, rezas, e aceitação de alguns Santos pelos seus exemplos cristãos (Foi perguntado ao Espírito de André Luiz, sobre o que seriam os Santos, e ele respondeu: *"É um atributo dirigido a determinadas pessoas que aparentemente atenderam, na Terra, à execução do próprio dever")*. Só isso.

Não seguimos e não nos importa o que os kardecistas, os católicos e os que se intitulam de "evangélicos" humanos apregoam.

Reafirmamos categoricamente: Não somos espíritas, não somos kardecistas e não praticamos kardecismo. Somos uma "Modalidade de Espiritismo", da religião umbandista e praticamos umbandismo.

Sabemos da problemática existente nas comunicações espirituais, seja a que nível for, mesmo que o médium seja da mecânica de incorporação inconsciente ou mesmo de psicografia mecânica. Nessas duas modalidades mediúnicas, mesmo entre médiuns cônscios de seus deveres, pode ocorrer o tão famoso animismo, onde o médium exprime seus pensamentos e não a vontade do Espírito atuante. Também pode existir a problemática de estar se comunicando algum Espírito, mesmo identificado como superior, manifestando tão somente suas impressões pessoais sobre diversos assuntos, não querendo dizer que é a verdade absoluta. Isso acontece muito, principalmente quando algum Espírito ou mesmo médium, quer versar sobre um assunto que nada entende, usando tão somente a idiossincrasia e o achismo. Quem entende de Espiritismo é espírita, e quem entende de umbandismo é umbandista.

O mesmo acontece com as várias igrejas "cristãs" que diariamente são abertas no Brasil, e todos se auto intitulando "evangélicos", o que sabemos ser redundante, pois evangélico seria quem praticasse tão somente o Evangelho de Jesus; os participantes dessas igrejas poderiam ser mais bem nomeados de "bibliegélicos", pois seguem quase em sua totalidade o antigo testamento e muito pouco os ensinamentos de Jesus.

Relembrando o venerável Espírito Ramatis: "*A Umbanda é o frasco e o espiritismo o perfume, e sem um deles o outro não progrediria".* Também disse: *"Pelo simples fato de um homem detestar limões, isto não lhe dá o direito de reclamar a destruição de todos os limoeiros, nem mesmo exigir que seja feito o enxerto a seu gosto"!*

E como também diz um ditado popular: *"O que seria do branco se todos gostassem do vermelho".*

Readaptando um aforismo do Espírito de Miranez: *"Toda doutrina, culto, ou filosofia religiosa que combate o tipo de fé da outra, é por não estar seguro da sua".*

A missão da Umbanda é análoga a do kardecismo, pois também busca praticar a caridade, fazer o bem, aliviar corações aflitos, consolar desesperados e reformar a moral individual.

O que acontece e confunde muitos irmãos kardecistas desavisados e madraços, é que muitos que se dizem umbandistas, realizam práticas que a própria Cúpula Astral de Umbanda rejeita. Isso também acontece no próprio meio "espírita", cada um analisando práticas e textos doutrinários com o seu crivo pessoal, e acabam transformando o Espiritismo numa verdadeira "Torre de Babel".

Repetindo: Parafraseando Torres Pastorinho: Para podermos interpretar com segurança um texto doutrinário, é mister:

1º) Isenção de preconceitos;

2º) Mente livre, não subordinada a dogmas;

3º) Inteligência humilde para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;

4º) Raciocínio perquiridor e sagaz;

5º) Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,

6º) Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

Querer encaixar o entendimento de todas as atividades materiais/espirituais humanas num compêndio, seja ele qual for, tentando achar explicações para tudo na vida é no mínimo megalomania. Bem disse Willian Shakespeare: *"Existem mais coisas entre o Céu e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia".*

A Umbanda estuda e aplica o codificado na Doutrina Espírita. A Umbanda não é prática religiosa da "Modalidade Religiosa Kardecista", mas simplesmente é uma "Modalidade de Espiritismo".

O que confunde os estultos são as práticas que dizem ser umbandísticas, equivocadas, calcadas na maneira de ver, sentir e reagir de cada profitente, que nada tem há ver com a Umbanda, mas simplesmente com grupos que se dizem umbandistas. Esses grupos se identificam aleatoriamente como umbandistas, mas, na realidade praticam tão somente mediunismo, distante das práticas reais umbandísticas.

Tudo isso está muito bem explicitado no 1º livro, As origens da Umbanda. É só reler.

Os irmãos kardecistas sempre repisam que os "Espíritos Superiores" passaram toda a doutrina que culminou na Codificação do Espiritismo. Da maneira como se referem, dá a nítida impressão que esses "Espíritos Superiores" são a nata da sociedade espiritual, seres que estão em grau muito superior do que qualquer outro. Refutamos tal ideia, pois, em nossa concepção, a doutrina foi passada por Espíritos "DA" Luz (consideramos Espíritos Superiores, ou Espíritos "DE" Luz, a Jesus, aos Sagrados Orixás, seus iguais ou os mais elevados), sofrendo alterações pelo crivo de Kardec, raciocinando as mensagens à luz da razão e do bom senso. Aprendemos que os Espíritos Superiores não interferem na evolução humana, somente o fazendo com emanações fluídicas, nos infundindo valores morais, pois temos que crescer segundo nossos próprios passos.

Quando um Espírito Superior tem que interferir incisivamente na evolução humana, o faz reencarnando, passando pelas provações e privações da vida como todos, ou seja, vem ensinar e praticar juntamente com os encarnados; e o que eles ensinam é entendido segundo a capacidade evolucional de cada um. Como exemplo, podemos citar os ensinamento de Jesus e mesmo os de Maomé, que foram e são entendidos a bel prazer, provocando grandes desentendimentos, guerras, assassinatos, etc. Assim também o é com os ensinamentos de Kardec: cada grupo entendendo e aplicando de acordo com a idiossincrasia de cada um.

Será que todo o conteúdo doutrinário planetário está encaixado em simples cinco livros escritos por Kardec? Será que os ditos "Espíritos Superiores" declinaram a Kardec toda a realidade do mundo espiritual em tão poucos escritos que geram tantas discussões? Se geram discussões, com certeza não está bem explicado ou dissertado. Aliás, foram informações passadas para humanos (sendo alguns adolescentes), e, posteriormente analisados e explicitados por outro igualmente humano (Kardec). Não consideramos a codificação kardeciana definitiva, incontestável e muito menos infalível, mas sim, discutível dentro de parâmetros científicos espirituais, raciocinando consciencialmente, sem achismos, e sem idiossincrasias. Cremos que foi assim que Kardec procurou fazer, consultou Espíritos através de médiuns, humanos e falíveis como todos nós, e, posteriormente, analisando o conteúdo na razão e no bom senso. Todas as verdades são apenas meias verdades.

"O espiritismo kardecista possui, mesmo em seus postulados mais básicos, aspectos mal avaliados, e conclusões equivocadas" – "O espiritismo é uma fonte válida de acesso ao conhecimento da realidade objetiva.

Contudo, há que se ver com grande cautela aquilo que é tido como informações a nós transmitidas pelos Espíritos". (Julio Cesar de Siqueira Barros).

3ª MISSÃO DA UMBANDA

"(...) *Vovó* Benta, como à senhora definiria a Umbanda? – *É nossa casa, zi fio... eh, eh. UM com a Banda, religião que renasce em terras brasileiras numa tentativa que a espiritualidade faz de "reunificar" os ensinamentos sagrados que se fragmentaram através dos tempos. É o resgate da magia dos grandes mestres ancestrais que nela se apresentam na simplicidade dos Espíritos Guias e Protetores, usando a mediunidade dos encarnados (...)"* (Trecho extraído do livro: "Enquanto Dormes", pelo Espírito de Vovó Benta, psicografado pela médium Leni W. Saviscki)

ESPIRITISMO E UMBANDA

- **Qual o motivo da aprovação da Umbanda pelo Alto, quando já se fazia o advento do Espiritismo?**

RAMATÍS: A Umbanda, no Brasil, é consequência de uma lei religiosa muito natural – a evolução moral!

Prevendo a decadência do Catolicismo pelos seus dogmas envelhecidos, o advento libertador e mentalista do Espiritismo e o consequente progresso científico do mundo, os mestres espirituais elaboraram o esquema de uma doutrina religiosa capaz de aproveitar as sementes boas da Igreja Católica, incluindo nos seus postulados o estudo da Reencarnação e Lei do Carma! Assim, foi delineada a doutrina que se conhece por Umbanda, despida de preconceitos racistas pela sua origem africana, no sentido de agrupar em sua atividade, escravos, senhores, pretos, brancos, nativos, exilados, imigrantes descendentes de todos os povos do mundo, sediados no solo brasileiro.

Assim como não se tira de uma criança um objeto de sua adoração, antes de o substituirmos por outro equivalente, o Alto também programou o crescimento da Umbanda à medida que o Catolicismo cede terreno por imposição dos eventos modernos. No momento, a Umbanda vive a sua fase de instabilidade religiosa, assim como na fervura de várias substâncias ainda não se distingue na panela o conteúdo definitivo e proveitoso.

Mas há de ser uma instituição louvável, no Brasil, porque também recebeu do Cristo a outorga para o serviço do Bem; e corresponde à ansiedade religiosa do povo brasileiro, cada vez mais descrente da obstinação sacerdotal católica, que ainda defende os seus dogmas seculares.

(Trecho extraído do capítulo "Espiritismo e Umbanda", do livro: "Missão do Espiritismo" – Psicografado por Hercílio Maes – Editora Freitas Bastos – Pelo Espírito de Ramatis)

Muitos dizem que a Umbanda é uma colcha de retalhos, pois baseia sua doutrina e ritualística em resquícios de outras religiões. Prestaram bem atenção quando a Vovó Benta, acima, diz: (...) *"religião que renasce em terras brasileiras numa tentativa que a espiritualidade faz de* ***"reunificar"*** *os ensinamentos sagrados que se fragmentaram através dos tempos (...)".*

A Cúpula Astral de Umbanda está "guardando" e praticando o que de positivo tem outras filosofias espiritualistas e religiosas que já existiram e algumas que ainda existem. Só isso.

A Umbanda não é sectarista e nem dogmática; a Umbanda é crística, é universalista. A Umbanda aceita tudo o que é bom e rejeita tudo o que é mal.

A influência de rituais tidos como "pagãos" foi de tamanha magnitude que o cristianismo primitivo incorporou uma grande parcela dos ensinamentos que têm sido usados em aplicações práticas. Assim sendo, a maior parte do ritual e do simbolismo usados pela Igreja Católica tem como ponto de origem às religiões antigas. A Umbanda não está "copiando" rituais da Igreja Católica; só esta resguardando alguns desses rituais positivos, que são assertivos, mas, também, com o tempo, foram absorvidos das religiões antigas, pelo catolicismo. Exemplos:

"Os cristãos primitivos não tiveram nem Templos, nem altares, nem círios, nem incenso, nem água benta, nem qualquer dos ritos instituídos posteriormente. Os cristãos começaram a edificar Templos no reinado de Diocleciano (final do séc. III), sendo o primeiro deles o de Nicomédia. Outros foram levantados em seguida, mas os cristãos continuavam com aversão aos círios, aos incensos, à água lustral (água benta) e aos hábitos pontificiais, pois isso tudo lhes parecia o selo distintivo do paganismo. Entretanto, estes usos foram sendo adotados aos poucos durante o reinado de Constantino (séc. IV) e de seus sucessores". (www.hierolinguistica.blogspot.com/2007/06/trecho-de-santo-profano-estudo.html)

"Os altares da Lutécia pagã foram enterrados e reencontrados sob o coro da Igreja de Nôtre-Dame de Paris, onde ainda hoje existe o poço onde era conservada a água lustral. Quase todas as grandes e antigas Igrejas do continente eram Templos pagãos ou foram construídas no mesmo lugar, em conseqüência das ordens dadas pelos Bispos e Papas romanos. Gregório, o Grande, assim dá suas ordens ao frade Agostinho, seu missionário em Inglaterra: "Destrua os ídolos, jamais os Templos. Borrife-os de água benta, coloque-lhes relíquias, e que os povos as adorem nos lugares onde têm o hábito de o fazer". Nas "antiguidades gaulesas" de Fauchet, lemos que os Bispos de França adotaram e usaram as cerimônias pagãs a fim de converter os pagãos ao cristianismo. Consultemos as obras do Cardeal Baronius em seus Anais do ano XXXVI, para achar sua confissão. "Foi permitido – diz ele – à Santa Igreja apropriar-se dos ritos e cerimônias utilizadas pelos pagãos no seu culto idólatra, pois que ela (a Igreja) os regeneraria pela sua consagração". (http://verdadesespeciais.blogspot.com/2009/06/agua-lustral.html)

"O termo "pagão" vem do latim "pāgānus", que se refere ao aldeão, o homem de aldeia e que não é soldado, aquele que habita o pagus (pago, aldeia, lugar pequeno, distrito) (...)*. Na origem não havia qualquer significado pejorativo nesta palavra, pois simplesmente designava o habitante dos campos ou dos bosques, o que vivia a grande distância dos Templos urbanos e ignorava, portanto, a religião do estado e seus ritos (...). O latim eclesiástico mudou a sentido de "pagão" (aldeão) para "gentio, idólatra". Assim, todos os não-cristãos (deveríamos dizer "não-católicos"?) passaram a ser considerados "pagãos" e "morrer pagão" equivale ainda hoje a "morrer não convertido ao cristianismo", embora devesse significar simplesmente "morrer na condição de aldeão". O fato do "pagão" (o aldeão, não o idólatra) estar longe das grandes cidades e desconhecer seus deuses não significa que não tivesse sua própria religião. Na época clássica existiam as "pāganālia", as festas dos rústicos ou camponeses em honra de Ceres (deusa das searas, do pão e do trigo) e da Terra. Os pagãos cultuavam divindades como Arungus (T. "auruncus" e "averruncus"), deus das searas; Chlōris ou Flōra, deusa das flores; (...)".* (Trechos de: "Santo & Profano – estudo etimológico das línguas sagradas" (Danea Tage/Paulo Stekel))

Entre os gregos havia a água lustral (água benta) para as expiações e para as propiciações.

Os budistas consagravam o pão e o vinho, representando o corpo e o sangue de Agni, quando os bonzos aspergiam os crentes. Enquanto aspergem água lustral, cantam hinos ao Sol e ao Fogo, o *"Kirie Eleison"* que os católicos copiaram e cantam ou recitam durante a missa. O batismo era uma cerimônia praticada pelos antigos muito antes de se cogitar, sequer, do nome de cristão. Os hindus lavam o recém-nascido em água lustral, dando-lhe um nome de um gênio protetor. Aos oito anos, a criança aprende a recitar os hinos ao Deus-Sol.

"O batismo cristão é o mesmo rito de purificação celebrado durante a cerimônia de iniciação nos tanques sagrados da Índia, pertencente à primitiva teurgia dos caldeus e acádios, praticado nas cerimônias noturnas nas pirâmides e durante os Mistérios de Elêusis em honra de Deméter (Ceres). Há ainda relação com a lustração dos greco-romanos, especialmente a lustração da criança, na qual ela recebia seu nome e era purificada com uma aspersão de água lustral". (http://hierolinguistica.blogspot.com/2007/06/trecho-de-santo-profano-estudo.html)

O que acontece, é que existem pessoas que se arvoram em julgadoras, e pelo simples pensar limitante calcados em achismos, depõem contra a Umbanda tachando-a de vertente espiritualista popular, com uma mistura ignorante de seitas, religiões, doutrinas e rituais. Lego engano. A Umbanda tem fundamento e é preciso estudar, estudar e estudar. Aliás, nada no mundo se cria; tudo se copia e se transforma.

Eis então, a 2ª missão da Umbanda. Reunificar e propagar ensinamentos e rituais positivos e sagrados. Aproveitar, guardar e ensinar tudo o que é de bom do que já foi feito em termos de religião/doutrina/filosofia/ritualística/magia, e rejeitar tudo o que é mal, desde que tudo isso seja pautado nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso.

4ª MISSÃO DA UMBANDA

É o saneamento do submundo, do Reino da Kimbanda, que é tarefa de prioridade decretada por Nosso Senhor Jesus Cristo, delegado a Umbanda, através de seus obreiros da luz. Para a Umbanda, a Kimbanda (Banda Negra) é um termo utilizado para formalizar não um local geográfico especifico, mas sim, uma agremiação de Espíritos que seriam muito mais do que simplórios escarnecedores, obsessores, simples obsessores kiumbas, mas sim, Espíritos gabaritados, experientes, inteligentes, com metas específicas. São os famosos magos negros, os dragões, os senhores das sombras, os obsessores kiumbas empreiteiros e soldados do mal. Também consideramos kimbandeiros àqueles que utilizam de seus talentos para exercerem atividades condenatórias perante as Leis Divinas, sejam elas quais forem.

Após serem recrutados, começam a serem paulatinamente doutrinados e imediatamente aproveitados nas fileiras dos trabalhadores do bem na Umbanda, em missões específicas.

Já integrados a Lei da Umbanda, são engajados como trabalhadores da "Linha Excelsa de Santo"

A “Linha de Santo” (nomeada pela Umbanda Crística como “Linha Excelsa de Santo) ou “Linha das Almas” é a denominação dada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para definir duas qualidades de Espíritos trabalhadores da Umbanda.

Vamos ao apontamento sobre a “Linha Excelsa de Santo ou Linha das Almas”, efetuadas por Leal de Souza:

A LINHA DE SANTO

Os Espíritos que a constituem, mantendo-se em contato com a banda negra, de onde provieram não só resolvem pacificamente as demandas, como convertem, com hábil esforço, os trabalhadores trevosos.

Esse esforço se desenvolve com tenacidade numa gradação ascendente.

Primeiro, os conversores lisonjeiam os Espíritos adestrados nos maléficos, gabam-lhes as qualidades, exaltam-lhe a potência fluídica, louvam a mestria de seus trabalhos contra o próximo, e assim lhes conquistam a confiança e a estima.

Na segunda fase do apostolado, começam a mostrar aos malfeitores o êxito de alcançar a Linha Branca com a excelência de seus predicados.

Aproveitando para o bem um atributo nocivo, como a vaidade, os obreiros da Linha de Santo passam a pedir aos acolhidos para a conversão, pequenos favores consistentes em atos de auxílio e benefício a esta ou àquela pessoa, e, realizado esse obsequio, levam-nos a gozar, como uma emoção nova, a alegria serena e agradecida do beneficiário.

Convidam-nos, mais tarde, para assistir os trabalhos da Linha Branca, mostrando-lhes o prazer com que o efetuam em cordialidade harmoniosa, sem sobressaltos, os operários ou guerreiros do espaço, em comunhão com homens igualmente satisfeitos, laborando com a consciência e paz.

Fazem-nos, depois, participar desse labor, dando-lhes, na obra comum, uma tarefa à altura de suas possibilidades, para que se estimulem e entusiasmem com o seu resultado.

E quando mais o Espírito transviado intensifica o seu convívio com os da Linha de Santo, tanto mais se relaciona com os trabalhadores do amor e da paz, e, para não se colocar em esfera inferior àquela em que os vê, começa a imitar-lhes os exemplos, elevando-se até abandonar de todo a atividade maléfica.

Depois que esse abandono se consumou, o converso não é incluído imediatamente na Linha, mas fica como seu auxiliar, uma espécie de adido, trabalhando sem classificação. Geralmente, nessa fase, exalta-o o desejo de se incorporar efetivamente às Falanges braças e a seu trabalho de fé se reveste daquele ardor com que se manifestam, pela ação ou pelo verbo, os crentes novos.

Permitida, afinal, a sua inclusão na Linha de Santo, ou em alguma outra, o antigo serventuário do mal vai resgatar as suas faltas, corrigindo as alheias.

(Texto de Leal de Souza – “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” – 1933)

(...) *“A Linha de Santo é transversal, e mantém a sua unidade através das outras”.* (...) (Leal de Souza)

1ª Qualidade: Temos os Espíritos egressos do Reino da Kimbanda (Linha Negra) mais próximos à matéria, em busca da luz, de melhoria e de evolução, sendo muitos de grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas.

São os Exus e Pombas-Gira da Lei, sendo nominados na Umbanda Crística como “Tarefeiros” (Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros de Umbanda), supervisionados de perto pelas Linhas Mestras dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos, tendo como patrono e instrutor, Santo Antonio de Pádua.

Na Umbanda Crística, aceitamos e difundimos que o Semiromba Santo Antônio de Pádua é o patrono e responsável pela Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda. Dissemos “Patrono” e não que Santo Antônio foi “sincretizado”, ou seja, foi tido como Exu; Ele é o protetor, o defensor, o padroeiro, o instrutor e o advogado da “Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda”, auxiliando tenazmente e com amor desmedido esses Espíritos em suas evoluções. Santo Antonio de Pádua é o venerando da colônia denominada: “Fraternidade do Sagrado Coração de Maria”. Nesta Fraternidade trabalham centenas de Espíritos socorristas, voltados ao trabalho caritativo de auxílio aos necessitados de toda ordem, principalmente os Espíritos recém-egressos das trevas. A Fraternidade é especializada no trato evangélico, procurando com o tempo, persistência, amor, caridade e humildade, doutrinar a todos de que o amor é a base sólida para que possamos bem servir ao Divino Criador, como gratidão por tudo o que nos tem dado. Após serem doutrinados na Fraternidade, estão preparados para integrarem as lides caritativas da Umbanda.

Em trabalhos caritativos, estão em transição para o escalão de Protetores (Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais), dos Guias Espirituais (Caboclos da Mata e dos Pretos-Velhos).

"(...) Exus, como bem exemplificado por Leal de Souza em 1933, são Espíritos com baixo grau evolutivo. O que os diferencia dos demais ao mesmo tempo em que permite a sua manifestação nos rituais de Umbanda, é o seu conhecimento sobre magia, manipulação de energia, que pode ter sido adquirido tanto em vida, quanto já depois do desencarne. Possuem, portanto, grau de evolução baixo se em comparação com os Espíritos das demais 06 Linhas – já que Exu se encontra na sétima, a "Linha de Santo", que possui Santo Antônio como patrono – por este motivo, a sua manifestação na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e nos ritos dirigidos pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, sempre ocorreu debaixo de grande respeito e cuidado, com médiuns, data e local específicos. Geralmente, a manifestação de Exus se fazia e ainda se faz somente necessária nas Sessões de Descarga, Sessões estas fechadas ao público, pois tem a única finalidade de fragmentar todo e qualquer resquício de energias negativas existentes na Tenda e nos médiuns integrantes.
As consultas não são autorizadas, pois como bem afirmado logo acima, é seguido o entendimento que não há o porquê de se consultar Espíritos que na maioria dos casos possuem o mesmo ou inferior grau de evolução que o consulente. São os Espíritos mais atrasados e mais cegos a se manifestarem na Umbanda. Não há vantagem, pois ainda necessitam de instrução. Mas fica claro, que Exus são cultuados na Linha Branca de Umbanda e Demanda sim; podem fazer suas descargas e trabalhar quando permitido, mas não dão consultas, ***assim como não se faz obrigações para a aproximação, ou melhor contato mediúnico com esta qualidade de Espíritos nos seus respectivos médiuns*** *(...)".* (Pedro Kritski – médium da Tenda Espírita Santo Antônio, oriunda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade) – (nota do autor: colocamos uma parte da última frase em negrito para que todos atentem que em Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas não se usa das tais "obrigações" para firmar Exu e Pomba-Gira em nenhum médium, afirmação que concordamos plenamente)

A Umbanda Crística nomina de Tarefeiros (Guardiões e Amparadores), os Espíritos recém egressos do Reino da Kimbanda, recrutados, e que já estão totalmente integrados na Lei de Umbanda em trabalhos caritativos onde forem ordenados. Deixamos de usar os termos "Exu e Pomba-Gira" pelo fato de serem nomes que, infelizmente, como o passar do tempo, tomaram conotação muito negativa, sendo, pela maioria da população brasileira, reconhecidos como: baderneiros, madraços, malandros, demônios, feiticeiros, arruaceiros, drogados, beberrões, prostitutas, imorais, etc. Tanto é verdade que os próprios umbandistas quando querem se referir aos Falangeiros integrados à Lei da Umbanda, não falam só, Exus e Pombas-Gira, mas sim, "Exus e Pombas-Gira da Lei", por falta de uma outra nomenclatura. Na Umbanda Crística, a Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda atuam mediunicamente em processos demandatórios, trabalhos de defesa e desmanches de magias negras. Por determinação da diretoria espiritual da Umbanda Crística, não são realizadas Sessões específicas com os Tarefeiros, e nem procedem a atendimentos fraternos públicos. Por isso não é considerada uma "Linha de Trabalho Espiritual".

Em Sessões de Caridade, em algumas exceções e precisão, com anuência e fiscalização do Guia Chefe, algum Espírito da Falange dos Tarefeiros da Umbanda pode se fazer presente na incorporação, isoladamente, mas somente para processos demantatórios, sem, contudo, proceder a atendimentos. Suas presenças são discretíssimas, não sendo muitas vezes reconhecidos pelos assistidos. A Umbanda não nega auxílio a ninguém, seja quem for.

Os Tarefeiros são classificados como "Falangeiros" e não como Protetores, pois possuem grande capacidade ofensiva, mas, nenhuma flexibilidade, precisando do auxilio das "Linhas de Trabalhos Espirituais".

2ª Qualidade: Temos os caboclos, índios e os negros, que estão em franca evolução, também de grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas. Outrora conhecidos como: "Caboclos e Pretos Kimbandeiros", e posteriormente: "Caboclos e Pretos Traçados" (Traçados numa alusão a também trabalharem na banda negra; Espíritos de ex-Exus e ex-Pombas-Gira em transição para um posto superior). e hoje, os Espíritos dos Caboclos e dos Índios "Traçados" são conhecidos como Protetores Caboclos Sertanejos e Protetores Caboclos D´Agua (Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata). Os Espíritos dos Negros "Traçados" são conhecidos como Protetores Baianos (Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Guias Pretos-Velhos). Em trabalhos caritativos, os Espíritos dos Protetores Caboclos Sertanejos, dos Protetores Caboclos D´Agua e dos Protetores Baianos, estão em transição para o escalão superior de Guias Espirituais (Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos).

Existem ainda os Espíritos dos Ciganos, que foram integrados na Umbanda posteriormente, e, na Umbanda Crística, são nominamos de "Linha Secundária de Trabalhos Espirituais", pois é composta por Espíritos de mediana evolução, ainda muito presos aos seus egos, portanto, externando grandemente suas materialidades, mas, já se gabaritando em trabalhos caritativos; é uma Linha de Trabalho independente (como muitos pensam, não estão integrados na Linha do Oriente), não sendo auxiliar exclusivo de nenhuma outra, mas, trabalham sob a coordenação e supervisão direta das Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos.

Embora os Ciganos então em transição para o escalão de "Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais", igualmente classificamo-los como "Protetores Espirituais".

Ramatis disse: (...) *"Até o fim do século atual, período em que se processa o profético "Juízo Final", e época dos "Tempos Chegados", provavelmente devem ser convocados à reencarnação mais de 5 bilhões de Espíritos na erraticidade, para aí no mundo físico darem o testemunho da evolução espiritual. Antigos magos negros serão chamados a militar na magia branca de Umbanda, e muitos retornarão às antigas práticas em prejuízo do próximo, ainda estimulados pela sua deficiência espiritual"* (...). *(Trecho extraído do livro: "O Evangelho à Luz do Cosmo", pelo Espírito de Ramatís através do médium Hercílio Mães – 1974 – Capítulo 16 – "O trigo e o joio")*

Embora muito dos Espíritos (Protetores Espirituais) trabalhadores da "Linha Excelsa de Santo" possuem grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas adquiridas em vidas pregressas, ainda precisam ser vigiados de perto pelas "Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais" (Caboclo da Mata e Pretos-Velhos), para que possam usar seus recursos magísticos para o bem, evitando suas voltas às práticas nefastas onde irá impera o ego, prejudicando ao próximo.

Precisamos entender que ainda existem milhares de Espíritos de ex-escravos, índios e mestiços (caboclos) que ainda encontram-se presos em seus egos, alguns vivendo como se ainda estivessem vivos, outros, já conscientes de estarem desencarnados, mas ainda vivendo segundo suas regras de justiça, sendo presas fáceis de encarnados e/ou desencarnados mal intencionados. Não pensem que todo ex-escravo, índio ou caboclo (mestiço) são Guias e Protetores Espirituais, trabalhadores da Umbanda.

Inclusive, afirmamos que nem todo Espírito que "baixa" em Terreiro é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Seguimos a regra evangélica que diz: *"Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo."* (I João, 4:1). Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, um das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: (...) *"O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele"* (...). – (...) *"O que deseja, sobretudo, é que este ritual (*nota do autor: ritual da Umbanda) *seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo"* (...).

Um das missões dos trabalhadores da "Linha Excelsa de Santo" é alcançar amigavelmente os seus antigos companheiros (no reino da quimbanda ou mesmo os que ainda se encontram centrados em seus egos), a suspensão de hostilidades, resolvendo pacificamente as demandas, convertendo, com hábil esforço, os trabalhadores trevosos e/ou ignorantes, convencendo-os a virem trabalhar como obreiros do bem na Umbanda.

Explicaremos pormenorizadamente a "Linha Excelsa de Santo ou Linha das Almas", no livro: "COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – OS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS", no capítulo "Os Guias e os Protetores Espirituais – Os Espíritos Tutelares":

5ª MISSÃO DA UMBANDA

Essa missão deixaremos para o Espírito de Pai Joaquim de Aruanda esclarecer, pois coadunamos com tal pensamento:

"(...) A falange umbandista tem como missão proteger o Espírito encarnado. Essa é a função dos Espíritos umbandistas. São os guerreiros que acompanham as encarnações dos Espíritos mais de perto. Ou seja, enquanto as demais religiões não têm função de ação, mas de esclarecimento, a Umbanda age. Não esperem da Umbanda nenhum esclarecimento doutrinário, pois ela não tem essa função. Para entender o papel da Umbanda pense que cada Espírito encarnado é um rei. As outras religiões são os conselheiros desse rei, mas quem dá a segurança para ele continuar sendo um rei é a sua tropa. Os Espíritos da falange umbandista são os que formam esse exército. E esses trabalhadores protegem o rei, mas também os seus reinos. Por isso são os trabalhadores espirituais da Umbanda que protegem os centros espíritas, as igrejas evangélicas, as igrejas católicas etc. Esses Espíritos são os guardiões do rei e dos seus reinos. Mas é importante deixar claro que esses trabalhadores protegem o seu reino espiritual, sua espiritualidade, e não sua vida material. Por exemplo, se no seu "livro da vida" está escrito que você deve ser assaltado, eles não vão impedir.

Mas se você, espiritualmente falando, começa a sofrer, eles vêm correndo, não para mudar o ato, mas para te ajudar a superar o sofrimento, enviando as energias adequadas para isso. Obviamente, você tem o livre arbítrio de aceitar essa energia ou não. E alguém precisa orar para ele vir ao seu auxilio. Qualquer filho de Deus que aceitou, por exemplo, o nervosismo que o ego disse que deveria sentir ao ser assaltado, faz soar uma espécie de alarme e um guardião vem correndo para lhe trazer a energia que possa lhe equilibrar. Mas, se você não aceitar essa energia, ele não pode fazer mais nada. Ele cumpriu o papel dele.

Por isso dissemos que esses trabalhadores espirituais não podem mudar uma linha sequer do seu "livro da vida". Eles não podem fazer o que seu ego quer, mas quando o Amor (a lei suprema) está em perigo, toca o alarme e um soldado que está sempre de prontidão para ajudar, vem ao seu auxílio (...)*".*

6ª MISSÃO DA UMBANDA

Esta, deixamos para o insigne escritor Wilson Woodron da Matta e Silva precisar:

A Corrente Astral de Umbanda, é uma das mais fortes integrantes do Governo Oculto do Mundo e por isso lhe foi confiada uma grande missão no Brasil – Coração do Mundo, Pátria do Evangelho...

Essa Missão foi a de ajudar e guiar uma coletividade mais pobre, mais humilde, mais necessitada, quer no aspecto humano propriamente dito, quer na doutrina das Leis do Pai Eterno. Essa coletividade foi denominada como a dos adeptos dos cultos afro-brasileiros. *(Nota do autor: como culto afro-brasileiro, entendemos: o culto da Macumba)*

Muito embora essas condições estejam, hoje em dia, bastante superadas e a influência da Umbanda já tenha se projetado, se firmado mesmo em todas as classes sociais, o fato é que o impulso primitivo de sua razão de ser ou de atuar, aqui no Brasil, foi a de incrementar a evolução desta dita imensa coletividade que se vinha arrastando dentro de práticas e concepções ligadas aos aspectos confusos e degenerados dos chamados cultos africanos (ou rituais de nação), a par ou de mistura com certas influências oriundas dos ritos de nossos aborígines. *(Nota do autor: como rito de nossos aborígenes, entendemos: Catimbó),*

Esse duplo aspecto que vinha norteando as linhas afins dessa massa, ainda recebeu a influência do catolicismo, e nos últimos 50 anos, a do espiritismo dito como de Kardec.

Foi quando as Hierarquias Superiores acharam por bem intervir diretamente e fizeram com que se criasse do Astral para esta massa dos adeptos dos cultos afro brasileiros, todo esse poderoso movimento que, logo, foi definido ou esclarecido como “Umbanda”. (...)

(...) A Umbanda se revela de uma atração irresistível para o povo, porque nela os fenômenos da mediunidade surgiram como uma espécie de alavanca que sustenta e movimenta os terreiros...

Nas Tendas, nos dias de sessão, esse mesmo povo, isto é, os crentes, os simpatizantes e os necessitados, sabem que costuma “baixar” o pai fulano, o caboclo sicrano e correm para receber seus passes, entrar numa corrente de descarga com uma boa defumação, além de lhes ser facultado se aconselharem com as entidades dos médiuns de confiança, a fim de “desabafarem” suas amarguras, suas mazelas, enfim, seus casos e suas coisas íntimas... tudo isto espontaneamente movidos pela fé ou pela confiança (é claro que estamos nos referindo as Tendas de Umbanda de fato, onde em verdade se pratica a caridade pela caridade).

A Umbanda, tem uma espécie de “força misteriosa” no atrair e agradar as pessoas de todos os entendimentos. Porque, já esta provado, é uma Religião genuinamente popular, do “povo pobre” e isto se dá por vários fatores importantes, dos quais vamos ressaltar apenas quatro:

1) Pela absoluta tolerância e ausência de qualquer preconceito de cor ou de raça, pois não se pergunta ao necessitado de onde vem ou a que religião pertence, etc.

2) Pela riqueza de sua liturgia, ou seja, pela variedade de seus rituais de Terreiro a Terreiro. Pelos quais cada um se coloca segundo seus graus de afinidade.

3) Pela dita manifestação dos fenômenos da mediunidade, que são o vértice ou a razão de ser exterior, tudo isso a par com a fama que corre sobre tal e qual Terreiro com seu Caboclo fulano ou Preto-Velho sicrano.

4) Pelos aspectos mágicos, isto é, pela terapêutica astral com suas defumações, seus banhos, etc.

A maioria desses aspectos, numa verdadeira Casa “umbandista”, tem sua sequência natural dentro da Magia Branca dos “Caboclos e dos Pretos-Velhos”, que nunca se afastam, convém sempre frisarmos, da linha justa da caridade.

E os conhecimentos corretos e aplicáveis desse quarto aspecto, o da Magia, que no passado foram privilégios só das elites que somente faziam uso deles para seus interesses próprios, ou melhor, para os de sua classe social, foram-lhes “cassados” como justo castigo ao egoísmo.

O Astral Superior achou por bem estender um denso véu no entendimento dessas elites e foi quando começaram a embaralhar tudo, a não compreender mais o que vinham praticando, ou seja, foram esquecendo os conhecimentos legados pela antiga tradição. Perderam as chaves mais simples de certas aplicações da Magia Branca.

Essas elites ficaram apenas no “encantamento” das formulas mágicas, vazias, teóricas e ainda hoje se pode constatar tudo isso nessas grandes sociedades ou Escolas que dizem conservar o “segredo”, o mistério real da “Magia”... da vaidade, isso sim.

E para não nos estendermos aqui numa série infindável de provas ou conceitos, é bastante citarmos o próprio “Jesus” quando admoestava *assim “Ai de vós, doutores da Lei, que tirastes a chave da ciência, vós, mesmos, não entrastes e impedistes os que entravam”*.

Todavia, podemos afirmar que esses citados conhecimentos aplicáveis de Magia Branca ressurgiram dentro da Corrente Astral de Umbanda, nos ensinamentos corretos de suas entidades militantes.

Porque, é um fato e nós reafirmamos sempre, a Umbanda tem magia. Suas verdadeiras entidades sabem usar o “decantado” segredo mágico dessa força. Eles são magos e a prova irrefutável disso é que, onde um desses Caboclos, um desses Preto-Velhos realmente “baixar” (isto é, onde realmente se encontrar um verdadeiro médium deles), se tenha como certo que coisas boas, incríveis ao leigo, são feitas, isso em todos os aspectos, segundo as humanas necessidades.

Então, como estávamos dizendo, essas elites que vinham e vêm ainda “trancadas” no seu circulo, perderam o fio certo da dita magia – e coisa assombrosa! – ela foi lançada no seio da massa humilde e necessitada, justamente para os mais desprovidos de recursos, com sofrimentos vários e mazelas de toda espécie e que não podem pagar a médicos e medicamentos caríssimos, sem falar dos próprios ricos que, já cansados desses tratamentos “modernos”, acabaram caindo na Umbanda, nos Terreiros e se curaram.

Entretanto, não podemos negar, pelo contrario, temos até afirmado veementemente que há percalços, há grandes arestas a cobrir e que incomodam a seara umbandista. Isso porque o meio cresce tanto e tão rapidamente que não escapou à penetração de elementos sabidos, exploradores e dos ignorantes também que, por isso ou por aquilo, deram de “abrir terreiros”.

E por ai é que pega a coisa, vem a confusão, a mistura dos “alhos com os bugalhos”, pois todos querem praticar a magia de nossos Caboclos e Pretos Velhos.

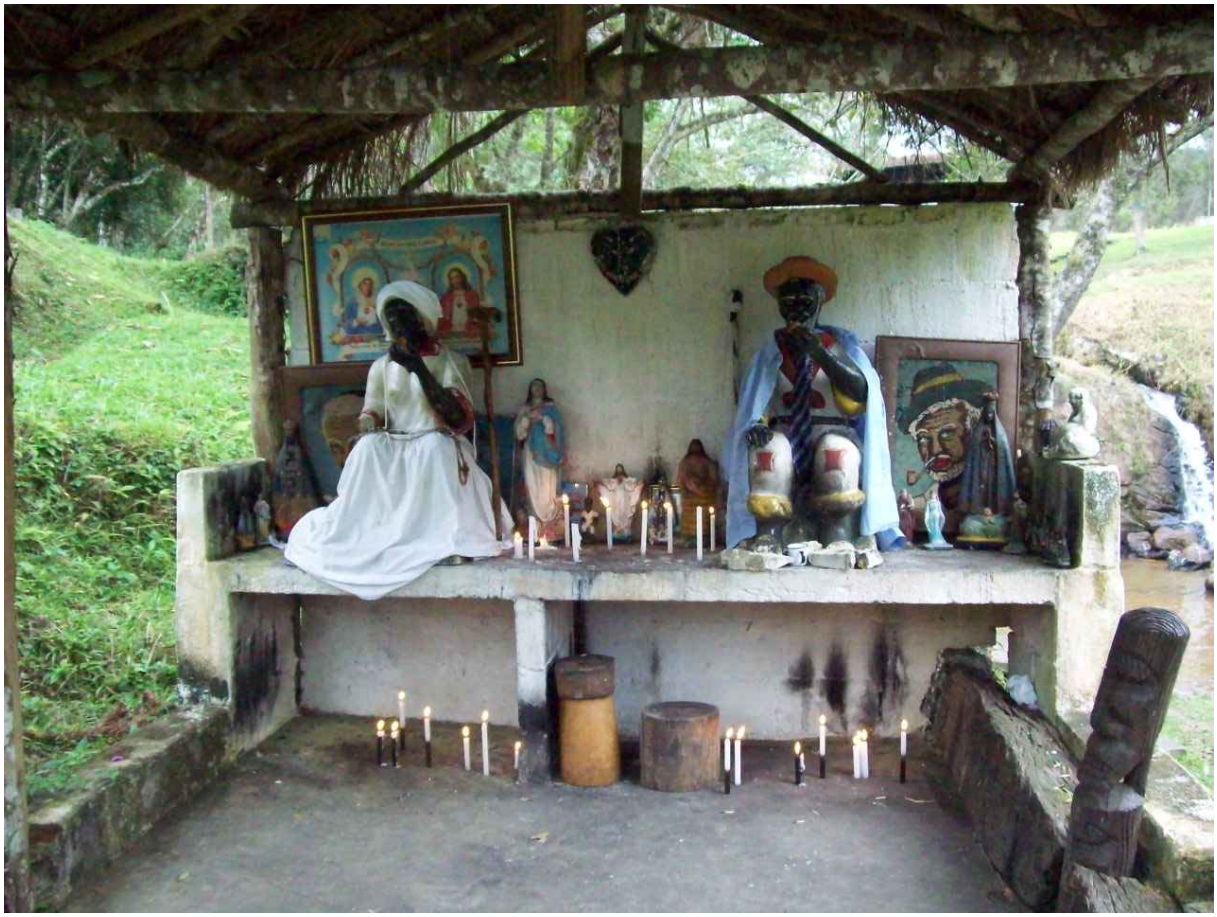
Que uma pessoa possa suportar a vaidade do sabido, vá lá, porque ele pavoneia sua vaidade, mas tem conhecimento, tem estudo; porém, tolerar a vaidade do ignorante, vazio e cheio de bobagens, é simplesmente indigesto.

A par com tudo isso, os espertalhões criaram um sem-número de fetiches ou “bugigangas mágicas” de tal ordem e em tal profusão que dá pena ver como a “santa ingenuidade da massa” adquire essas “coisinhas” e o que é mais deprimente, a pedido de certos Terreiros. (...)

(...) Ah! Santa tolerância dos Caboclos e dos Pretos-Velhos, que olham para essas coisas todas com a sublime compreensão dos que sabem ver o grau de entendimento de “seus-filhos-de-fé”. (...)

(Trecho Extraído do livro: “Segredos da Magia de Umbanda e Quimbanda” – W. W. da Matta e Silva – Editora Freitas Bastos – 1982)

A UMBANDA SOB A VISÃO DA ESPIRITUALIDADE



Daremos agora, algumas explanações preciosas do nosso amado irmão, o Espírito de Ramatis, sobre a situação atual da Umbanda, bem como as diretrizes da Administração Sideral a fim de nos conscientizarmos, estudarmos, deixarmos as idiossincrasias, as egolatrias e os egocentrismos de lado, arregaçarmos as mangas, e partirmos para uma coesão doutrinária e ritualística de nossa amada religião.

ESPIRITISMO E UMBANDA

- **Como é que os Mentores Espirituais encaram o movimento de Umbanda observado do Espaço?**

Ramatis: Evidentemente, sabeis que não há separatividade nem competição entre os Espíritos benfeitores, responsáveis pela espiritualização da humanidade. As dissensões sectaristas, críticas comuns entre adeptos espiritualistas, discussões estéreis e os conflitos religiosos, são frutos da ignorância, inquietude e instabilidade espiritual dos encarnados. Os Mentores Espirituais não se preocupam com a ascendência do Protestantismo sobre o Catolicismo, do Espiritismo sobre a Umbanda, dos Teosofistas sobre os Espíritas, mas lhes interessa desenvolver nos homens o Amor que salva e o Bem que edifica!

Os primeiros bruxuleios de consciência espiritual liquidam as nossas tolas criticas contra os nossos irmãos de outras seitas. Em primeiro lugar, verificamos que não existe qualquer “equívoco” na criação de Deus e, secundariamente, já não temos absoluta certeza de que cultuamos a “melhor” Verdade! Ademais, todas as coisas são exercidas e conhecidas no tempo certo do grau de maturidade espiritual de cada ser, porque o Espírito de Deus permanece inalterável no seio das criaturas e as oriente sempre para objetivos superiores. As lições que o homem recebe continuamente, acima do seu próprio grau espiritual, significam a “nova posição evolutiva”, que ele depois deverá assumir, quando terminar a sua experiência religiosa em curso.

Obviamente, os Mentores Espirituais consideram o movimento de Umbanda uma seqüência ou aspiração religiosa muitíssimo natural e destinada a atender uma fase da graduação espiritual do homem. A Administração Sideral não pretende impor ao Universo uma religião ou doutrina exclusivista, porém, no esquema divino da vida do Espírito eterno, só existe um objetivo irredutível e definitivo – a Amor!

Em consequência, ser católico, espírita, protestante, umbandista, teosofista, muçulmano, budista, israelita, hinduísta, iogue, rosacruciano, krisnamurtiano, esoterista ou ateu, não passa de uma experiência transitória em determinada época do curso ascensional do Espírito eterno!

As polêmicas, os conflitos religiosos e doutrinários do mundo, não passam de verdadeira estultícia e ilusão, pois só a ignorância do homem pode levá-lo a combater aquilo que ele "já foi" ou que ainda "há de ser"!

É tão desairoso para o católico combater o protestante, ou o espírita combater o umbandista, como em sentido inverso, pois os homens devem auxiliar-se mutuamente no próprio culto religioso, embora se respeitem na preferência alheia, segundo o seu grau de entendimento espiritual.

É desonestidade e cabotinismo condenarmos a preferência alheia, em qualquer tributo espiritual da vida humana! Pelo simples fato de um homem detestar limões, isto não lhe dá o direito de reclamar a destruição de todos os limoeiros, nem mesmo exigir que seja feito o enxerto a seu gosto!

Nota do Autor: Tem uma frase significativa, dita pelo Espírito de Miranês, através do médium João Nunes Maia: *"Se uma religião combate o tipo de fé de outra é por não estar seguro da sua"*.

- **E o que vós julgais da Umbanda?**

Ramatis: Embora reconheçamos que o vocábulo trinário Umbanda, em sua vibração intrínseca e real, significa a própria "Lei Maior Divina" regendo sob o ritmo septenário o desenvolvimento da Filosofia, Religião e a existência humana pela atividade da magia em todas as latitudes do Universo, neste modesto capítulo referimo-nos à Umbanda, apenas como doutrina de espiritualismo de "Terreiro". Sabemos que a palavra Umbanda é síntese vibratória e divina, abrangendo o conjunto de leis que disciplinam o intercâmbio do Espírito e a Forma, em vez de doutrina religiosa ou fetichista. Ela é conhecida desde os Vedas e demais escolas iniciáticas do passado, mas foi olvidada na letargia das línguas mortas e abastardada nos ritos africanos, passando a definir práticas fetichistas e atos de sortilégios. Em certos casos, chegaram a confundi-la com a própria atividade do sacerdote negro!

Sem dúvida, ela deturpou-se na sua divina musicalidade e enfraqueceu a sua intimidade sonora na elevada significação de um "mantram" cósmico! Mas devido à ancestralidade divina existente no Espírito humano, Umbanda será novamente expressa e compreendida na sua elevada significação cósmica, mercê do trabalho perseverante dos próprios umbandistas estudiosos e descondicionados do fetichismo escravizante de seita! No entanto, nós prosseguiremos neste labor mediúnico, examinando Umbanda, somente em sua atual condição de sistema doutrinário mediúnico religioso!

- **E que dizeis de Umbanda, como "espiritualismo de Terreiro"?**

Ramatis: Em face de nosso longo aprendizado no curso redentor da vida humana, almejamos que a doutrina espiritualista de Umbanda alcance os objetivos louváveis traçados pela Administração Sideral.

Indubitavelmente, a Umbanda, ainda não passa de uma aspiração religiosa algo entontecida, mas buscando sinceramente uma forma de elevada representação no mundo. Não apresenta uma unidade doutrinária e ritualística conveniente, porque todo "Terreiro" adota um modo particular de operar e cada chefe ou diretor ainda se preocupa em monopolizar os ensinamentos pelo crivo de convicção ou preferência pessoal. Mas o que parece um mal indesejável é consequência natural da própria multiplicidade de formas, labores e concepções que se acumulam prodigamente no alicerce fundamental da Umbanda. Aqueles que censuram essa instabilidade muito própria da riqueza e variedade de elementos formativos umbandisticos, são maus críticos, que devido à facilidade de colherem frutos sazonados numa laranjeira crescida, não admitem a dificuldade do vizinho ainda no processo da semeadura.

- **Poderíeis usar de alguma imagem comparativa que nos sugerisse melhor entendimento sobre a situação atual da Umbanda?**

Ramatis: A Umbanda é como um grande edifício sem controle de condomínio, onde cada inquilino vive a seu modo e faz o seu entulho! Em consequência, o edifício mostra em sua fachada a desorganização que ainda lhe vai por dentro.

As mais excêntricas cores decoram as janelas ao gosto pessoal de cada morador; ali existem roupas a secar, enfeites exóticos, folhagens agressivas, bandeiras, cortinas, lixo, caixotes, flores, vasos, gatos, cães, papagaios e gaiolas de pássaros numa desordem ostensiva.

Debruçam-se nas janelas criaturas de toda cor, raça, índole, cultura, moral, condição social e situação econômica. Enquanto ainda chega gente nova trazendo novo acervo de costumes, gostos, temperamentos e preocupações, que em breve tentam impor aos demais.

Malgrado a barafunda existente, nem por isso é aconselhável dinamitar o edifício ou embargá-lo, impedindo-o de servir a tanta gente em busca de um abrigo e consolo para viver a sua experiência humana.

Evidentemente é bem mais lógico e sensato firmar as diretrizes que possam organizar a vivência proveitosa de todos os moradores em comum, através de leis e regulamentos formulados pela direção central do edifício e destinados a manter a disciplina, o bom gosto e a harmonia desejável.

- **Quereis dizer que apesar da confusão atual reinante na Umbanda, ela tende para a sua unidade doutrinária, não é assim?**

Ramatis: Apesar dessa aparência doutrinária heterogênea, existe uma estrutura básica e fundamental que sustenta a integridade da Umbanda, assim como um edifício sob a mais fragrante anarquia dos seus moradores, mentem-se indestrutível pela garantia do arcabouço de aço.

Da mesma forma, o edifício da Umbanda, na Terra, continua indeformável em suas "linhas mestras", bastando que os seus lideres e estudiosos orientem-se através da diversidade de formas exteriores, para em breve identificar essa unidade doutrinária iniciática. Os Terreiros ainda lutam entre si e atacam-se mutuamente, em nome de princípios doutrinários e ritualísticos semelhantes, enquanto sacrificam a autenticidade da Umbanda pela obstinação e pelo capricho da personalidade humana.

É tempo dos seus lideres abdicarem do amor-próprio, da egolatria e interesses pessoais, para pesquisarem sinceramente as "linhas mestras" da Umbanda e não as tendências próprias e que então confundem à guiza de princípios doutrinários.

- **Considerando-se que a Umbanda é de orientação espiritual superior, qual é a preocupação atual dos seus dirigentes, no Espaço?**

Ramatis: Os Mentores da Umbanda, no momento, preocupam-se em eliminar as praticas obsoletas, ridículas, dispersivas e até censuráveis, que ainda exercem os umbandistas alheios aos fundamentos e objetivo espiritual da doutrina. Sem dúvida, uns adotam excrescências inúteis e abusivas no rito e características doutrinarias de Umbanda, por ignorância, alguns por ingenuidade e outros até por vaidade ou interesse de impressionar o publico. Inúmeras práticas que, de inicio, serviram para dar o colorido doutrinário, já podem ser abolidas em favor do progresso e da higienização dos "Terreiros".

Aliás, a Umbanda é um labor espiritual digno e proveitoso, mas também é necessário se proceder à seleção de adeptos e médiuns, afastando os que negociam com a dor alheia e mercadejam com as dificuldades do próximo.

Raros umbandistas percebem o sentido especifico religioso da Umbanda, no sentido de confraternizar as mais diversas raças sob o mesmo padrão de contato espiritual com o mundo oculto. Sem violentar os sentimentos religiosos alheios, os Pretos-Velhos são o "denominador comum" capaz de agasalhar as angustias, súplicas e desventuras dos tipos humanos mais diferentes. São eles os trabalhadores avançados, espécie de bandeirantes desgalhando a mata virgem e abrindo clareiras para o entendimento sensato da vida espiritual, preparando os filhos e os habituando a soletrar a cartilha da humildade para mais breve entenderem a própria mensagem iniciática (e doutrinária) do Espiritismo.

A Umbanda tem fundamento e quando for conhecido todo o seu programa esquematizado no Espaço, os seus próprios críticos verificarão a comprovação do velho aforismo de que "Deus escreveu certo por linhas tortas".

- **Qual o motivo da aprovação da Umbanda pelo Alto, quando já se fazia o advento do Espiritismo?**

Ramatis: A Umbanda, no Brasil, é consequência de uma lei religiosa muito natural – a evolução moral! Prevendo a decadência do Catolicismo pelos seus dogmas envelhecidos, o advento libertador e mentalista do Espiritismo e o conseqüente progresso científico do mundo, os mestres espirituais elaboraram o esquema de uma doutrina religiosa capaz de aproveitar as sementes boas da Igreja Católica, incluindo nos seus postulados o estudo da Reencarnação e Lei do Carma!

Assim, foi delineada a doutrina que se conhece por Umbanda, despida de preconceitos racistas pela sua origem africana, no sentido de agrupar em sua atividade, escravos, senhores, pretos, brancos, nativos, exilados, imigrantes descendentes de todos os povos do mundo, sediados no solo brasileiro.

Assim como não se tira de uma criança um objeto de sua adoração, antes de o substituirmos por outro equivalente, o Alto também programou o crescimento da Umbanda à medida que o Catolicismo cede terreno por imposição dos eventos modernos. No momento, a Umbanda vive a sua fase de instabilidade religiosa, assim como na fervura de várias substâncias ainda não se distingue na panela o conteúdo definitivo e proveitoso.

Mas há de ser uma instituição louvável, no Brasil, porque também recebeu do Cristo a outorga para o serviço do Bem; e corresponde à ansiedade religiosa do povo brasileiro, cada vez mais descrente da obstinação sacerdotal católica, que ainda defende os seus dogmas seculares.

- **Caso a Igreja Católica Romana admitisse francamente a Reencarnação e a Lei do Carma e, também, o intercâmbio com os desencarnados, ela continuaria a atender aos seus objetivos religiosos?**

Ramatis: Sem dúvida, se o Clero Romano tivesse aderido incondicionalmente à fórmula sadia e racional da reencarnação, ao estudo da Lei do Carma e ao intercâmbio com os espíritos, não haveria necessidade de outra religião no Brasil. Mas o sacerdócio organizado ainda subestima as descobertas científicas do século atômico, continuando a pregar a gênese infantil do mundo, as lendas e os milagres narrados pela Bíblia, embora o céu se inunde de foguetes e aviões a jato.

- **Mas a Umbanda não poderia ser um movimento de competição religiosa à Igreja Católica?**

Ramatis: Inegavelmente, através da dignidade e do sentimento amoroso de muitos sacerdotes, o Catolicismo tem prodigalizado imensos benefícios ao povo brasileiro e enaltecido a figura de Jesus no tempo e no espaço. Mas é Lei criada por Deus que as religiões também nascem, crescem, envelhecem e desaparecem, como nos tem demonstrado a própria história do mundo. A medida que elas vão perdendo a sua autonomia sobre os fiéis, obstinadas em ensinar os mesmos postulados infantis e supersticiosos de vários séculos atrás, também vão sendo substituídos por outros credos ou movimentos espiritualistas, que melhor se ajustam ao progresso científico do mundo e da humanidade! E a Umbanda então progride, porque além de amparar o sentimento religioso do povo brasileiro, proporcionando-lhe ensejos semelhantes aos já recebidos no seio da Igreja Católica, é doutrina atualizada, que ensina a lógica das vidas sucessivas e a justiça do Carma!

- **A maioria dos espíritas assegura que na Umbanda só baixam Espíritos inferiores, ainda presos às superstições e práticas pagãs. Que dizeis?**

Ramatis: Inúmeras vezes temos advertido que a presença de Espíritos inferiores não depende do gênero de trabalho mediúnico, nem do tipo da doutrina espiritualista, mas exclusivamente da conduta, do critério moral dos seus componentes e adeptos.

Juntamente com as falanges de Espíritos primários ou pagãos, também operam na Linha Branca de Umbanda Espíritos de elevada estirpe espiritual, confundidos entre Caboclos, Pretos-Velhos, Índios ou Negros, originários de varias tribos africanas. Porventura, Jesus não prometeu: *"Quando dois ou mais reunirem-se em meu nome, ali eu também estarei"*.

Ademais, em face da agressividade que atualmente impera no mundo pelo renascimento físico de Espíritos egressos do astral inferior para a carne, os trabalhos mediúnicos de Umbanda ajudam a atenuar a violência dessas entidades que se aglomeram sobre a crosta terráquea, tramando objetivos cruéis, satânicos e vingativos. As equipes de Caboclos, Índios e Pretos experimentados à superfície da Terra, constituem-se na corajosa defensiva em torno dos trabalhos mediúnicos de vários centros espíritas.

Sem duvida, conforme o pensamento dos kardecistas, o ideal seria doutrinar obsessores e esclarecer obsediados sem o uso da violência que, às vezes, adotam as falanges de Umbanda. Em geral, tanto a vitima como os algozes estão imantados pelo mesmo ódio do passado. E então é preciso segregar a entidade demasiadamente perversa, que ultrapassa até o seu direito de desforra, assim como no mundo não se deixa a fera circular livremente entre as criaturas humanas. Tanto aí na Terra como aqui no Espaço, o livre-arbítrio é tolhido, assim que o seu mau uso principia a ferir os direitos alheios.

- **Quais as deficiências atuais da Umbanda para ela enquadrar-se definitivamente no seu objetivo mediúnico e doutrinário?**

Ramatis: Alhures, já explicarmos que a Umbanda ainda ressente-se de uma codificação ou seleção definitiva de seus valores autênticos, dependendo de estudos, pesquisas, debates, teses e simpósios entre os principais mentores, chefes e responsáveis por todos os Terreiros do Brasil. Também seria conveniente definir-se a posição da Umbanda, cada vez mais ocidentalizada pela penetração incessante de brancos, em contraste com os trabalhos tipo "Candomblé", de culto deliberadamente primitivo e fetichista, fundamentado nas danças histéricas do mediunismo do negro africano.

Há de se fixar regras, cerimônias e métodos de trabalhos imprescindíveis à característica fundamental da Umbanda, como ambiente simpático à livre manifestação dos Pretos e Caboclos, mas dispensando-se tanto quanto possível o uso exagerado de apetrechos inúteis e até ridículos no serviço mediúnico e de magia.

Justifica-se, também, a padronização das vestimentas dos cavalos e cambonos em sua cor branca, mas visando principalmente a higiene, a simplicidade, em vez da fascinação de paramentos eclesiásticos e que podem culminar na imprudência do luxo e do fausto (...).

(...) Finalmente, Umbanda pode ser aspiração ou manifestação religiosa de um estado evolutivo do vosso povo, mas perfeitamente compatível com o atual foro de civilização, sem as excentricidades dos Batuques primitivos e da gritaria histérica até de madrugada. Não é prova de fidelidade nem demonstração de Espírito sacrificial, o homem participar de ritos e cantorias prolongadas que perturbam a vivencia comum dos demais seres, pois a Igreja Católica e o Protestantismo também praticam suas liturgias em horas e dias que jamais despertam protestos ou censuras.

Os negros africanos atravessavam a madrugada adentro condicionado aos ritos intermináveis e às danças histéricas, porque eles também dispunham totalmente do dia seguinte para a recuperação física através do sono prolongado. Mas o cidadão atual é um escravo do cronômetro e de mil obrigações diárias, que lhe exigem o repouso adequado para não malograr no sustento da família.

(Trechos extraído do capítulo "Espiritismo e Umbanda", do livro: "Missão do Espiritismo" – Psicografado por Hercílio Maes – Editora Freitas Bastos – Pelo Espírito de Ramatis)

Para finalizar, não nos esqueçamos do aforismo de Ramatis: *"A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero".*

A PRESENÇA DO SEMIROMBA SANTO AGOSTINHO NA INSTITUIÇÃO DA UMBANDA

O Semiromba Santo Agostinho é um dos colaboradores da Umbanda.

Agostinho nasceu em Tagaste, norte da África, em 354 d. C., quando o Império Romano estava sendo destruído pelas invasões bárbaras. Seu Pai, Patrício, era pagão; sua mãe, Mônica, posteriormente Santa Mônica, era cristã.

Aos 16 anos, foi estudar direito em Cartago, mas em 375 começou a se dedicar à filosofia, como resultado da leitura de "Hortêncio", de Cícero. Converteu-se ao Maniqueísmo e tornou-se professor de retórica em Roma, em 383. De Roma, foi para Milão, onde se viu tomado pelo carisma do bispo cristão Ambrósio. Por algum tempo, atraiu-o o neoplatonismo, mas depois de longa e dolorosa luta tornou-se cristão em 386, recebendo o batismo de Ambrósio na Páscoa de 387.

Sua intenção era levar uma vida "monástica", mas em 391 foi ordenado, contra a sua vontade, bispo de Hipona (hoje Annaba, na Argélia). Foi bispo durante trinta e quatro anos, tempo em que escreveu copiosamente, combateu heresias e viveu em comunidade com outros cristãos.

Aos 76 anos de idade, em 430 d. C., foi morto em Hipona, durante cerco da cidade pelos vândalos.

"Santo Agostinho é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo. Manifesta-se quase por toda parte. A razão disso encontramo-la na vida desse grande filósofo cristão. Pertence ele à vigorosa falange dos Pais da Igreja, aos quais deve a cristandade seus mais sólidos esteios". (Erasto – Evangelho Segundo o Espiritismo)

Vejam a importância desse Espírito de Luz, na formação e divulgação da Religião de Umbanda, pois ele próprio colaborou com a vinda do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas para o início da religião, que viria permear toda uma espiritualidade própria no Brasil:

(...) "Na federação Espírita do Estado do Rio, presidida por José de Souza, conhecido por Zeca, rodeada por gente velha, homens de cabelos grisalhos, ***um enviado de Santo Agostinho*** *me chamou (Zélio de Morais) para sentar à sua cabeceira. Havia uma ordem; ele fora jesuíta até aquele momento, chamava-se Gabriel Malagrida (Caboclo das Sete Encruzilhadas), e, naquele instante iria anunciar a Lei de Umbanda, onde negros e caboclos pudessem se manifestar, porque ele não estava de acordo com a federação, que não recebia negros, nem caboclos. Pois, se o que existia no Brasil eram caboclos, eram nativos, se quem veio explorar o Brasil trouxe para trabalhar e engrandecer esse país, os negros da costa da África, como uma Federação Espírita não recebia caboclos e negros?"* (Trecho da mensagem do Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas gravada em 1971, na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, pela senhora Lilia Ribeiro, diretora da Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade – RJ)

No relato, claramente, Zélio de Morais diz que *"um enviado de Santo Agostinho"* pediu que se sentasse à cabeceira da mesa de trabalho, e que havia uma ordem. Com certeza era a ordem, o momento, de se fundar a religião de Umbanda. Seria muita pretensão achar que o Sr. José de Souza era "o enviado" de Santo Agostinho; portanto, descarta-se essa possibilidade.

Muitos podem achar que "o enviado de Santo Agostinho" poderia ser um Guia Espiritual "incorporado" no Sr. José de Souza, mas também descarta-se essa possibilidade pelo fato do próprio Zélio em outras oportunidades ter dito que: *"(...) resolveram me levar à Federação Espírita de Niterói, cujo presidente era o senhor José de Souza. Foi ele mesmo que me chamou para que ocupa-se um lugar à mesa de trabalho (...)".*

Se o próprio presidente da Federação o chamou, então não foi um Guia Espiritual incorporado. Aliás, além de não ser feitio do espiritismo, é até inconcebível um Guia Espiritual incorporado dirigir um trabalho público, ou mesmo dar atendimento pessoal. Portanto, não poderia ser um Espírito manifestado mediunicamente que deu a ordem a Zélio, mas sim, espiritualmente (podia até, intuitivamente ser, através do senhor Zeca) um enviado de Santo Agostinho, já sabedor do que ocorreria naquela reunião, que o convidou para se sentar à cabeceira da mesa. Tem-se por normal, que a cabeceira de uma mesa, sempre é ocupada pelo anfitrião ou reservada a alguém de destaque; por esse fato, também podemos concluir que o Espírito que o convidou para sentar-se, sabia do importante evento que ocorreria naquele momento.

Outros também conjecturam que a frase – *"um enviado de Santo Agostinho me chamou para sentar à sua cabeceira"* – seria pelo fato de que a Sessão da Federação estaria se dando num Centro Espírita de Niterói, pois o órgão federativo não teria sede própria e sempre fazia seus trabalhos emprestando a sala de algum Centro Espírita. A Casa que ora estaria sendo realizados os trabalhos espirituais, chamava-se – "Grupo Espírita Santo Agostinho", e, por isso, o tal enviado de Santo Agostinho seria o dirigente da Casa.

Ora; sabemos que os trabalhos ali realizados eram da Federação, dirigido pelo presidente da Federação e não do dito Centro Espírita. Portanto, essa questão também não procede.

"(...) A segunda razão histórica está no fato de o Caboclo das Sete Encruzilhadas ter confirmado que havia sido um Padre Jesuíta de nome Gabriel Malagrida. Por que as entidades escolheriam um Padre Jesuíta, queimado na fogueira da Inquisição para ser seu porta-voz? Ainda mais se considerarmos que esse jesuíta foi queimado vivo por ter se oposto a ações do Marquês de Pombal, as quais prejudicavam o povo e beneficiavam somente a um grupo próximo a ele. Acreditamos que essa foi à razão mais forte para sua escolha, pois a Umbanda, enquanto a Manifestação do Espírito para a Caridade, já nasceu com o intuito de atender a todos os irmãos, igualmente, sem discriminação. Finalmente, a terceira foi à comunicação que o Caboclo das Sete Encruzilhadas fez a respeito da chegada desse grupo de entidades para o trabalho da caridade na Umbanda, de que eles tinham vindo em nome de Santo Agostinho (...)". (Mãe Maria de Omulú – Casa Branca de Oxalá)

Em respeito à questão da comunicação feita pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas com respeito a chegada de um grupo de Espíritos vindo em nome de Santo Agostinho para auxiliar a recém criada Umbanda, dada pela Mãe Maria de Omulú (dirigente da "Casa Branca de Oxalá", situada na cidade Lagoa Santa/MG) , entramos em contato com a mesma, e comunicou-nos que esta informação foi fornecida pela filhas de Zélio de Moraes – Zélia e Zilméia –, quando em visita em sua casa, cujo conteúdo encontra-se gravado em fita cassete, que faz parte da biblioteca do Terreiro (como já explanamos no 1º livro, As Origens da Umbanda, este Terreiro é depositário de todo o material fonográfico e documental da história do Caboclo das Sete Encruzilhadas). Aliás, também nos disse que segundo as informações das filhas de Zélio, o Caboclo das Sete Encruzilhadas era, além de admirador, um grande devoto de Santo Agostinho.

Zélia e Ziméia de Moraes em visita a Mãe Maria de Omulú

Na Umbanda, encontram-se Espíritos de toda ordem, trabalhadores do bem, não importando a religião que tiveram em vida; aliás, isso não existe na espiritualidade maior; lá todos estão irmanados para o bem comum.

Também encontramos numa palestra ("O Pastor da Umbanda" – 1942) proferida pelo senhor José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), Dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas em 1942, um trecho elucidativo, que também corrobora com o nosso pensamento, sobre a importante presença de Santo Agostinho, bem como de seus enviados, na Umbanda:

"(...) Essas minhas declarações são tanto mais insuspeitas quanto todos sabem o grande amor que eu e todos os que fazem parte da Casa de São Jerônimo temos ao Caboclo da Lua, que é por nós considerado uma entidade de grandes poderes e elevada espiritualidade. Todavia, e para isso chamo a atenção de todos, por muito grande que seja, ele não hesitou em trabalhar sob a Chefia do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e foi ele quem organizou e lhe ofereceu a Tenda de São Jerônimo, que espero será um dos esteios de sua obra formidável.

Há alguns anos, previmos que Umbanda seria a futura religião do Brasil, numa visão feliz que posteriormente foi plasmada num estudo humilde e modestamente ofertado ***pelos filhos de São Jerônimo aos filhos de Santo Agostinho****, que a nós são unidos pelo coração e pelos mesmos ideais (...)".*

Observem que o Capitão Pessoa diz: *"(...) ofertado pelos filhos de São Jerônimo aos filhos de Santo Agostinho, que a nós são unidos pelo coração e pelos mesmos ideais (...)",* numa clara alusão de que o estudo efetuado pelos componentes da Tenda Espírita São Jerônimo, chamados de *"filhos de São Jerônimo"*, foi oferecido aos *"filhos de Santo Agostinho"*, os componentes da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

Portanto, a presença deste Santo na formação da Umbanda é fato indiscutível.

Observe na figura abaixo, o símbolo utilizado na mão de Santo Agostinho (coração e flecha).

Os pintores da Idade Média com razão representaram Santo Agostinho tendo em sua mão um coração atravessado por uma flecha. Ele havia dito a Deus que *"tu atinges meu coração com a flecha de teu amor"*. O coração simbolizando o amor de Deus por todos, bem como o desejo de conhecê-lo e experimentar seu amor Divino.

A flecha transpassando o coração, de cima para baixo, representa o Espírito de Deus entrando nos corações. Todos são chamados a continuar crescendo na fé, na esperança e na caridade, principalmente ao próximo.

Por isso, o coração atravessado por uma flecha, também é considerado um símbolo agostiniano.

Muitos podem dizer que vários Santos Católicos possuem o coração transpassado por uma flecha como símbolo; pode sim, mas, esse símbolo é consagrado principalmente a Santo Agostinho, pelas suas palavras.

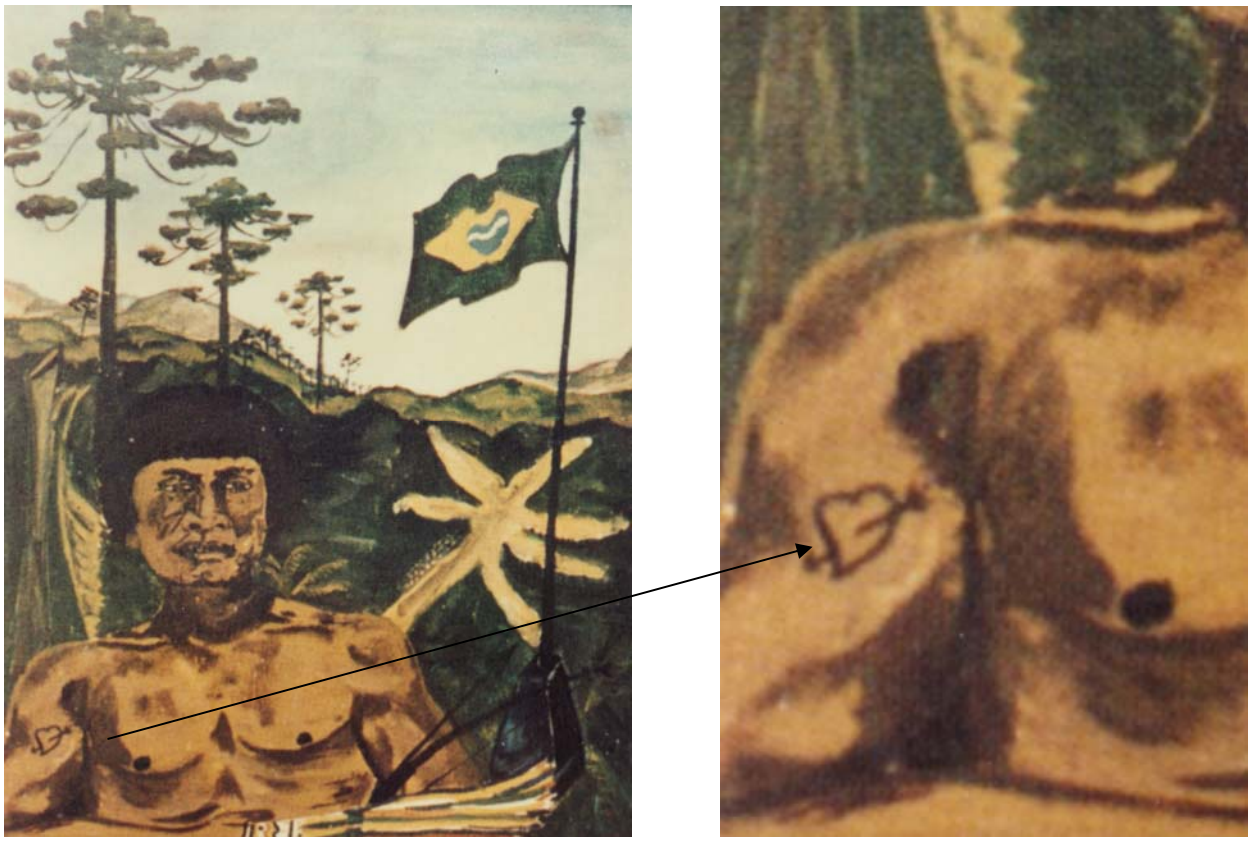
O ponto emblemático do Caboclo das Sete Encruzilhadas representando uma flecha atravessando um coração, está presente na antiga pintura mediúnica retratando o Caboclo das Sete Encruzilhadas, cujo original se encontra na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Isso mostra a ligação e o compromisso de Santo Agostinho com a Umbanda, juntamente com o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A presença deste Santo foi importante e decisiva na formação da Religião de Umbanda, e continua importantíssima na condução atual.

Santo Agostinho foi um dos mais importantes teólogos e grande inspirador da vida religiosa e do desenvolvimento do cristianismo no ocidente.

Segundo os Guias Espirituais, existe, no astral, a "Escola de Santo Agostinho". E uma das mais antigas Fraternidades de auxílio aos obsessores e portadores de doenças kármicas em serviço na crosta terrestre, ligada a Confraria dos Cavaleiros da Luz Divina; esta Confraria Espiritual umbandista é toda dedicada a receber os Espíritos trevosos retirados nos processos de Descarregos (desobsessão) nos Terreiros.

A "Escola de Santo Agostinho" está intimamente ligada à Umbanda.



Repare, na pintura original acima, a “tatuagem” no braço direito do Caboclo, bem como, abaixo, o mesmo símbolo emblemático, no altar da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. É o símbolo Agostiniano.

Símbolo Agostiniano afixado acima do altar principal da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade/RJ (o primeiro Terreiro de Umbanda do Brasil)

Observe que acima do altar, bem como no ponto riscado abaixo, o coração está disposto tendo a sua base voltada para a esquerda, fazendo com que a flecha fique direcionada para cima. Cremos que tenha sido colocado assim pelo fato de verem a flecha direcionando algo para cima. Mas o sentido ordinário do símbolo é com a base do coração em sentido normal e a flecha ficaria apontando para baixo, como está na tatuagem na pintura do Caboclo.

O primeiro “ponto riscado” na Umbanda foi o símbolo Agostiniano, o coração atravessado por uma flecha, o ponto emblemático do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas:

Ziméia de Moraes firmando o ponto riscado do Caboclo das Sete Encruzilhadas

Ponto riscado do Caboclo das Sete Encruzilhadas na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

AS “LINHAS MESTRAS” DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

Iniciando, vamos a uma reportagem de Lilia Ribeiro, que contato com o Caboclo das Sete Encruzilhadas e com Zélio de Mores. Deve ser lida e relida com atenção:

ANTES DA CODIFICAÇÃO, A RENÚNCIA

O primeiro passo para chegarmos à codificação será, de certo, estabelecermos o limite entre Umbanda – segundo as normas ditadas por seu precursor – o Caboclo das Sete Encruzilhadas – e os cultos legados pelas várias nações africanas e que, nestes últimos decênios, passaram a ser englobadas sob o nome de Umbanda. Assentando esse limite, que não visa criar diferenças raciais, como julgam alguns adeptos do africanismo puro, não haverá necessidade de longos estudos para unificação da doutrina e do ritual de Umbanda.

Religião cristã, cuja doutrina está centralizada no Evangelho, tem como conceitos básicos a reencarnação, a comunicação com os desencarnados, a lei de causa e efeito, o carma.

A prática objetiva a reforma íntima de cada um de nós, o progresso moral e cultural, a cura espiritual através do passe e do conselho, a evolução do Espírito, a igualdade de raças e classes, a fraternidade entre os homens, o atendimento totalmente gratuito.

O ritual – campo por demais vasto e complexo – dificilmente será de todo unificado, face à diversidade de sistemas praticados nos templos umbandistas, obedecendo, cada um, à orientação de seu próprio Guia Espiritual. É uma característica da Umbanda, que não se fixa em dogmas ou normas restritas. Entretanto, a despeito dessa liberdade, existem conceitos que determinam, logo à primeira vista, se um Templo é de Umbanda ou se segue outro culto.

Dizia José Álvares Pessoa:

“Religião de raízes antiquíssimas, cujas origens remontam a eras anteriores ao cristianismo, sua liturgia encontra-se a cada passo do Velho e do Novo Testamento, nos Templos do Egito e da Índia e na própria Igreja Católica. Por mais remota que seja uma religião, nela encontraremos os vestígios da Umbanda, ou seja, sob outro ponto de vista, de cada uma delas a Umbanda dos nossos dias colheu uma contribuição para consolidar a sua própria liturgia. Mas assim como a velha religião mosaica, à qual pertenciam os homens que falavam face a face com o próprio Deus, teve de ser expurgada por Jesus de todo rito impuro, a Umbanda deixou para trás a seita que os cientistas classificavam de animismo fetichista e, libertada dos rituais complexos, pesados e, por vezes, contrários às normas de bondade, caridade e perdão, passou a ser o caminho mais simples e acessível para o homem se reaproximar do Criador”.

A Umbanda não adota rituais complicados para a formação dos seus médiuns. A par do ensinamento doutrinário, apenas os elementos vindos da Natureza viva participam do preparo mediúnico: a água, o amaci e o banho de ervas.

O branco é a cor utilizada nos uniformes dos médiuns, como símbolo de pureza e, ao mesmo tempo, síntese de todas as cores.

Os adornos – capacetes, cocares, espadas, pulseiras, etc. – não pertencem à Umbanda.

A água, a pemba, a flor, o defumador, a vela – são elementos de trabalho, como o fumo, que desempenha o papel de defumador constante.

A bebida está sendo excluída dos trabalhos de Umbanda, substituída, entre os Pretos-Velhos, pelo café amargo. As cervejas, os vinhos, conservam-se apenas como elementos de oferendas.

A figura de Cristo centraliza os templos. As figuras que se dizem representativas de Exu, nunca existiram na Umbanda.

“O holocausto – herança dos cultos africanos – é totalmente alheio à Umbanda”, dizia-o, José Álvares Pessoa, que foi por mais de quarenta anos dirigente da Tenda São Jerônimo – a grande Casa de Xangô – e estudioso de todos os ramos do espiritualismo. Confirma-o Cavalcanti Bandeira, dizendo textualmente: *“Na Umbanda pura, nenhum sacrifício animal é admitido”.* E J. Alves de Oliveira, em “O Evangelho na Umbanda”, observa que *“a Umbanda chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam o amor universal, a imortalidade da alma, a vida futura e a reencarnação (...)”, e se as práticas de Umbanda são de amor ao próximo, é inconcebível que se sacrifique animais, nossos irmãos inferiores, para a consagração desse amor. Não pode o amor ter eficácia através da morte de terceiros. Sacrificar animais, dentro da Umbanda, para fins ritualísticos, não é o caminho a seguir, quer seja com a finalidade de honrar Orixás, quer seja para neutralizar efeitos maléficos produzidos por magia negra.*

O sacrifício de animais é incompatível com os ideais de fraternidade universal, objetivo de todo movimento espiritualista e para nós, que pertencemos à corrente vegetarianista, é totalmente desnecessário, tanto no ritual quanto a alimentação humana.

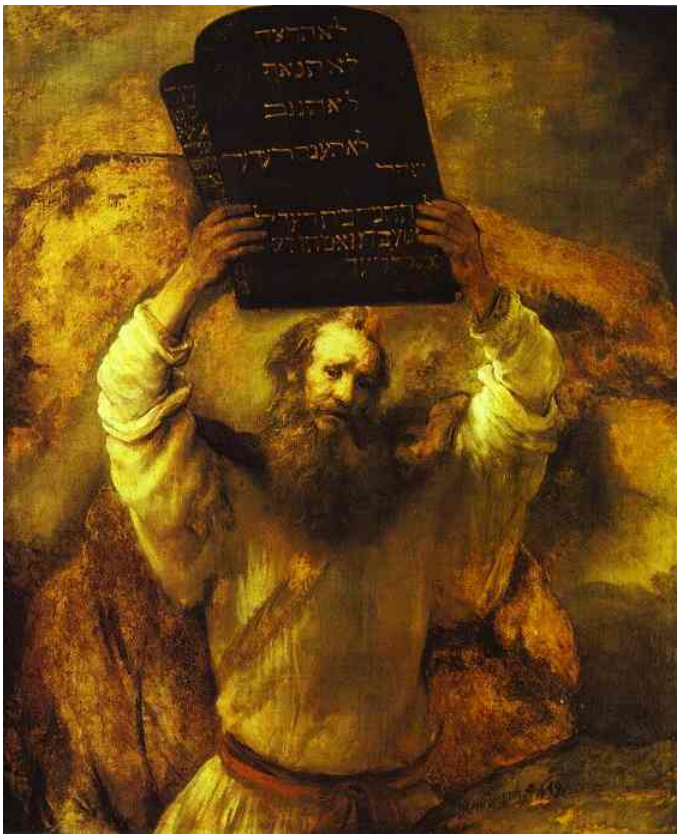
Um dos sistemas mais eficientes para que o homem se aproxime da divindade é o aprimoramento moral espiritual do seu ego. Deve o médium analisar a si próprio, a fim de corrigir as suas falhas; proceder corretamente não só dentro do seu tempo, como também na vida familiar, social e profissional; ser leal com os companheiros e compreensivo com os subordinados; ter sempre uma palavra de conforto para os desesperados, de orientação para os que erram, de esperança para os que não têm fé; deve tratar bem os animais, que também são criaturas de Deus e dependem de nós (diz um escritor inglês que se conhece o íntimo do homem pela maneira de agir com os animais); favorecer por todos os meios que estiverem ao seu alcance o progresso material e espiritual dos seus companheiros; procurar instruir-se com referência ao seu papel de mediador entre as entidades espirituais e nossos irmãos necessitados, esquecendo todo ressentimento, o egoísmo, a vaidade, a maledicência, para melhor se afinizar com o seu Guia, porque, no dizer de Nelson M. Cavalcanti, *"só será vitorioso, na Umbanda, quem apoiar o seu sacerdócio em bases de humildade, de amor e de renúncia".*

Procuremos, cada um de nós, deitar ao solo a semente que germinará no futuro, no III Milênio, quando – são palavras de Ramatis – reinará sobre a Terra um ambiente de paz, de amor e de fraternidade e a nossa Umbanda – religião que está crescendo com um dinamismo e numa proporção desconhecidos em qualquer outro movimento registrado em nosso país – se tornará, pela previsão dos estudiosos do espiritualismo no panorama nacional, a verdadeira Religião do Brasil, centro irradiante do espiritualismo e da Fraternidade Universal.

(Texto de Lilia Ribeiro – Revista "Gira de Umbanda" – Rio de Janeiro – 1977)

Vamos a um texto inteligentemente escrito que coaduna com o nosso pensamento:

CODIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA: O 13º TRABALHO DE HÉRCULES



"Não haverá uma religião única para todos os homens, mas sim tantas religiões quantos forem os homens."
(Vivekananda)

Não é incomum deparar-nos com este assunto dentro de nossos Terreiros, grupos de debates e em centenas de sites falando sobre Umbanda. Alguns inclusive já escreveram obras "definitivas" sobre o tema, apresentando "códigos", cartilhas, "bíblias" que vendem como "pão quente", sendo que a maioria destes títulos encontram-se esgotados. Um bom negócio para as editoras e os autores, mesmo em um país que tem um dos menores índices de venda de livros "per capita" do mundo.

Mas, além de melhorar a vida financeira de alguns, tantas obras com as mais variadas teorias, fatos “históricos” em relação à Umbanda, deturpações e outras tantas invencionices que alguns juram terem sido reveladas por um “Orixá” ou “Entidade de altíssima elevação”, vem tentando fazer o impossível, ou seja, criar um padrão ritualístico, doutrinário, enfim, litúrgico para a Umbanda. Seria mais fácil matar uma legião de Cérberos.

A ritualística não é o que se geralmente se julga ser. Todos os Umbandistas sabem que isto é apenas o símbolo exterior da obra interna. Milhares de homens e mulheres de boas qualidades tomam a letra do Espírito e é nesse modo de agir que começa o seu engano. Nada de novo pode suceder à Umbanda, porém há, nela, uma vasta soma de Verdades que a maioria nada sabe, e é por esta razão apegam-se mais aos aspectos externos da religião do que aos aspectos internos, espirituais, que nos levam realmente aos objetivos que a Espiritualidade Superior realmente quer que alcancemos.

Os rituais da Umbanda, independente da linha doutrinária que sigam, são baseados em uma lei natural: “A iniciação e a regeneração são termos sinônimos”. A simples inculcação de princípios morais ou as lições de moral, e sua ilustração simbólica e representação, não são coisas vãs. Elas despertam a consciência e o sentimento moral de todo homem, e nenhum ser humano perdeu suas boas qualidades por seguir este ou aquele ritual, desde que seu objetivo esteja em sintonia com a Espiritualidade Superior.

A cerimônia exterior é morta e de utilidade apenas como símbolo e ilustração, esclarecendo assim a mudança interna. Transformar significa “regenerar”, e isso se dá por provas, por esforço, pela desilusão, pelo insucesso, e uma renovação diária da luta. É assim que o Umbandista deve, a nosso ver, buscar uma “codificação”, um caminho comum a todos. A consumação do ritual e da doutrina é o encontro com o Sagrado e não uma questão de didática.

Não sabemos uma coisa porque a dizem à nós. Que os Orixás gritem continuamente a verdade de todos os tempos nos ouvidos do tolo, ele continuará sempre preso à tolice. Aqui está a concepção e a base essencial de toda a ritualística. É o conhecimento, desenvolvido gradualmente, de um modo ordenado e sistemático, passo a passo, à proporção que a capacidade de aprender se abre ao adepto. O resultado não é uma posse, mas sim um crescimento, uma evolução.

O conhecimento não é uma simples soma ou adição; alguma coisa acrescentada a outra que já existe; mas sim uma mudança ou transformação progressiva da estrutura original , de modo a torná-la, a cada passo, um novo ser. O conhecimento ou o desenvolvimento da sabedoria no homem é um eterno porvir; uma transformação progressiva na semelhança da Suprema Bondade e do Supremo Poder.

Infelizmente, aplicamos à nossa religião o mesmo egoísmo que expressamos em relação às outras coisas. É o mesmo espírito partidário de nossa política, e isto, mais do que tudo o que parece justificar o egoísmo em geral, é contrário á fraternidade humana e impede a fundação de um “corpo umbandístico”, constituído de muitas linhas doutrinárias e litúrgicas. Esta ideia da Fraternidade Universal, que era uma doutrina capital dos Antigos Mistérios – como se acha incluída no primeiro postulado da “Doutrina Secreta” (H.P Blavatsky) e é, abertamente declarada no terceiro; e a qual ocupa também o primeiro lugar na “verdadeira” Umbanda – é a dedução lógica de nossa ideia de Divindade, e da natureza e significação essencial do Cristo.

A Umbanda não pode fazer distinção de cor, sexo ou qualquer outra coisa. Nisto está a sua segurança e, por meio desta, gradualmente produzirá a Fraternidade Universal entre aqueles que se dizem “Irmãos” em Oxalá.

Enquanto a mente inferior estiver presa pelo desejo, o homem não pode procurar ou discernir o Bem ou a Verdade. Pergunta: “Que é bom para mim?” Liberto do desejo, ou da inclinação pessoal de ser o “melhor”, o “mais entendido”, o “codificador” ou “restaurador” de algo, pergunta e procura o que é bom ou verdadeiro em si mesmo.

Quando atinge esse estado e o conserva habitualmente, diz-se que o quadrado (“matéria”) está inscrito no triângulo (“espírito”). Então a natureza inferior se acha unida com a Divina ou Alma Espiritual. O conhecimento e o poder do homem não permanecem mais limitados ou circunscritos pelo plano inferior, ou o corpo físico; porém, transcendendo-o pela regeneração (domínio próprio), e tornando-se perfeito na humanidade, o homem alcança a Divindade. Essa é a significação, objeto e consumação da evolução humana; e esta filosofia define o único processo pelo qual pode ser atingida.

Essa é, em resumo, a linguagem e a filosofia do simbolismo, ou do vestuário exotérico ou esotérico da Verdade perpetrada e reconhecida por cada “Escola” Umbandista. O próprio método, além de seus detalhes ou aplicações, possui uma significação mais profunda do que o compreende a maioria das pessoas. Este método de instrução não é imaginário ou arbitrário, mas sim conforme ao processo da natureza eterna na formação do átomo ou de um mundo, uma margarida ou um homem. Cada um é, por sua vez, símbolo do outro. Daí vem as palavras da Tábua de Esmeralda: *“O que está em cima é igual como o que está embaixo”*. Todas as coisas exteriores são, pois, símbolos e incorporações de ideias pré-existentes, e desse reino ideal subjetivo é que todas as coisas invisíveis emanaram.

Partidos religiosos, sociedades secretas, seitas de toda espécie, constituíram o panorama variável da vida religiosa do mundo durante os últimos oitocentos anos, E, ao lançarmos nossas vistas ao passado, desde nosso ponto atual, será difícil, às vezes, discernirmos as tradições místicas, se não possuímos a chave, tão alto se elevam os clamores dos diversos ritos e tendências dentro da Umbanda, que são a expressão exterior de nossa fé interior.

A Umbanda já está codificada nestas, em palavras: **AMOR E CARIDADE**. A liturgia, a ritualística e a doutrina, por mais elaboradas que sejam, por mais belas, nada valem se o corpo mediúnico do Terreiro não estiver sendo motivado por estes dois sentimentos.

Sendo assim, que os pretensos "codificadores" e "restauradores" da Lei de Umbanda, tenham uma crença inabalável em Zeus, Senhor do Olimpo, pois precisarão de força hercúlea para realizar a façanha de englobar em uma só realidade, em uma a só Doutrina, tanta diversidade, tantas formas de se amar e praticar a Umbanda.

(Trecho de: Ricardo Machado)

Neste capítulo estaremos discutindo, não uma "codificação da Umbanda", coisa que não existe e nunca existirá, mas sim, as "Linhas Mestras", regras morais e espirituais, dadas pelo senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, que devem ser seguidas rigorosamente, a fim de elaborarmos um trabalho espiritual e material eficiente, longe das mistificações, fins pecuniários, festivais, vaidades, ignorâncias, malandragens, rituais barulhentos, totemismos, fetichismos, superstições, dançarias, magias esquisitas, idolatrias, feituras de santo, adereços, roupas coloridas, camarinhas, ebós, sacrifícios de animais, rituais complexos, oferendas e despachos disparatados, e ai por fora.

O Caboclo nos legou as regras básicas, simples, mas seguras, de como os umbandistas deveriam se portar em suas vidas materiais, espirituais, e nos trabalhos mediúnicos umbandísticos. São regras calcadas nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, mas, são "Linhas Mestras" e não codificações.

Primeiramente, vamos entender o que seria codificação e Linhas Mestras:

- **Codificação:** *"Ato ou efeito de codificar"* – **Codificar:** *"Reduzir a códigos"* – **Código:** *"Coleção de regras e preceitos".* Um comando (ordenar, mandar) ou proibição de realizar uma determinada ação ou omissão.

- **"Linha"**: *"Série de pessoas ou de objetos dispostos numa mesma direção"* – *"Orientação teórica adotada por um grupo"*.

- **Mestra:** *"Tudo aquilo que serve de ensino ou de que se pode tirar alguma lição; principal, fundamental".* Ou seja, orientação principal, fundamental.

Portanto, "Linha Mestra" é o termo próprio e efetivo para se referir ao que o Caboclo das Sete Encruzilhadas preconizou e que devem ser seguidas por todos os umbandistas, pois são diretrizes que nos darão segurança para nossas práticas religiosas/espirituais, nos livrando dos achismos, das idiossincrasias e dos personalismos.

70 ANOS DA INCORPORAÇÃO DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

"(...) A fundação dos sete templos que deviam formar o alicerce desta religião foi concretizada ao termo de mais de 20 anos de trabalho construtivo, ininterrupto. Provas extraordinárias de um poder superior, milhares de curas de enfermos que a medicina terrena desenganara, esclarecimentos doutrinários em aulas semanais, na residência do médium, em Neves, Niterói, através das quais a entidade preparava moral e espiritualmente os seus auxiliares, foram os pontos principais para efetuar a primeira parte da missão do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Desses sete templos, que nasceram na casa por ele fundada em 16 de novembro de 1908 – a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade – (a denominação espírita era devida ao fato de não ser a Umbanda reconhecida como culto religioso, não se permitindo legalizar sociedades com esse nome) – centenas de outras surgiram, visando a disseminação da doutrina de amor e fraternidade que, embora muito conhecida através do Evangelho, raramente era praticada.

Nesse crescimento religioso, que a partir de 1930 tomou vulto extraordinário, nem todos os dirigentes souberam manter a função de missionários da espiritualidade. A vaidade, a ignorância, as tentações que a "vil moeda", como dizia o Caboclo, exerce sobre o homem, são as principais responsáveis pelo grande número de Centros, Tendas ou Cabanas que usam o nome de Umbanda pela vibratória intensa do termo – sem, contudo, seguirem as normas estabelecidas pela entidade, desvirtuando a verdadeira codificação elaborada em longos meses de estudos e trabalho prático.

Nem todos souberam manter o “slogan”: “Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade”. E então, o modesto uniforme branco de algodão deu lugar, nalgumas casas que se diziam umbandistas, a vestimentas coloridas, luxuosas, onde a renda e o lamê de alto custo deslumbram o assistente, dando-lhe uma impressão de luxo e estabelecendo, indevidamente, a diferença de situação econômica entre os membros de uma comunidade religiosa.

O ritmo seguro dos cânticos teve o complemento dos instrumentos de percussão, atraindo o Guia não mais pela concentração da mente, mas, principalmente, pelo ritmo de música nativa.

A presença dos Caboclos, nos Terreiros, deixou de objetivar exclusivamente a prática da caridade, para constituir uma reunião festiva, na qual os médiuns, incorporados ou não, dançam – não a dança sagrada que constituía parte dos cultos da antiguidade, mas a dança profana, sem significação nenhuma de religiosidade.

E, com o correr dos tempos, o conceito “daí de graça o que de graça recebestes”, foi esquecido naqueles locais, sendo substituído pelos cartazes que estipulam preço para “consultas” de Pretos-Velhos, de Exus e das “Ciganas”.

A magia que o Caboclo das Sete Encruzilhadas e os seus auxiliares praticavam, incorporados em médiuns cônscios de suas responsabilidades, para curar, retirar obsessores, encaminhar os desviados da trilha do amor fraterno e da caridade, deu lugar à magia terra-a-terra, regada de sangue e motivada pela ambição de maior lucro financeiro.

A Umbanda cresceu e difundiu-se. Milhares de Templos cumprem sua missão de caridade e de esclarecimento.

Centenas de casas que, sob o nome de Centros Espíritas ou Templos de Umbanda, nada mais são do que locais de comércio ilegal da mediunidade, aos quais, por vezes, falta até mesmo a mediunidade mais elementar; desvirtuaram os objetivos elevados da doutrina, obrigando-nos a dizer que nem tudo o que traz o nome de Umbanda, é realmente, Umbanda.

Neste mês de novembro, quando celebramos 66 anos da primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando prestamos nossa homenagem, com respeito e gratidão, a Zélio de Moraes, que até os últimos dias de sua vida, com 84 anos, dedicando as horas, quase todas do seu dia ao cumprimento da missão que lhe foi delegada – julgamos oportuno lembrar a necessidade de congregar todos os Templos umbandistas que seguem, nos conceitos e na prática, o Evangelho de Cristo, a doutrina do Caboclo das Sete Encruzilhadas, para que a Umbanda continue crescendo e se difundindo cada vez mais, sem permitir que sejam deturpados os seus propósitos.

Existem, é justo dizer, numerosos Templos que, embora adotando vestimentas coloridas, atabaques e rituais complexos, dirigem os seus trabalhos apenas para o bem, seguindo os conceitos evangélicos, objetivando a melhora íntima dos seus componentes. Isto nos leva a sugerir o retorno à antiga denominação de Umbanda, “Linha Branca” para as Tendas que seguem o ritual do Caboclo das Sete Encruzilhadas, determinando como “Linha de Nação” os que se enquadram na descrição acima. Feita, assim, a distinção apenas dos rituais, permanecendo os conceitos do bem, do amor e da fraternidade, seriam mais facilmente afastados da comunidade umbandista os falsos sacerdotes que utilizam o sagrado nome da Umbanda em benefício de suas aspirações pessoais de vaidade e de enriquecimento ilícito.

A TULEF (Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade), como descendente de um dos sete Templos fundados, nas primeiras décadas deste século, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, conserva o ritual preconizado pela entidade: uniforme branco, sem adornos, sem os vistosos penachos que nada significam, pois, na realidade, a denominação Caboclo caracteriza apenas uma classe no plano astral – sem atabaques, sem palmas ritmadas, sem sacrifícios de sangue, sem admitir preço para o atendimento espiritual, pois os nossos médiuns não aceitam, nem esperam, retribuição material pelos benefícios prestados, através de sua mediunidade, aos irmãos que vêm a esta Casa em busca de uma palavra de conforto, de um lenitivo para as dificuldades da vida terrena ou de um simples esclarecimento doutrinário”.

(Lilia Ribeiro – 1972)

Pelas observações da repórter e dirigente espiritual Lilia Ribeiro, que conviveu com Zélio de Moraes, e dirigia o seu Terreiro pautado nos ensinamentos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, vislumbramos como deveriam ser os trabalhos da Umbanda e de como deveriam se portar seus médiuns. São “Linhas Mestras” simples e objetivas, que se forem seguidas rigorosamente, colheremos frutos positivos em todos os sentidos em nossas mediunidades e nos trabalhos umbandísticos.

Alguns umbandistas dizem: *“A Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas é formada em dois pilares principais: o espiritismo e o catolicismo”.* Refutamos tal dissertativa, por não verdade. A Vovó Benta bem explica a aparente “influência” de outras religiões e filosofias na Umbanda:

"(...) Vovó Benta, como à senhora definiria a Umbanda? – *É nossa casa, zi fio... eh, eh. UM com a Banda, religião que renasce em terras brasileiras numa tentativa que a espiritualidade faz de "reunificar" os ensinamentos sagrados que se fragmentaram através dos tempos. É o resgate da magia dos grandes mestres ancestrais que nela se apresentam na simplicidade dos Espíritos Guias e Protetores, usando a mediunidade dos encarnados (...)".* (Trecho extraído do livro: "Enquanto Dormes", pelo Espírito de Vovó Benta, psicografado pela médium Leni W. Saviscki)

Portanto, nada se cria, tudo se copia, resignificado. As verdades são eternas. A Umbanda aceita tudo o que é bom e rejeita tudo o que é mal, calcada nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso. Cada religião que surge, cresce baseada em princípios de outras mais antigas, resignificando tudo; assim é desde o principio dos tempos.

AS "LINHAS MESTRAS" PRECONIZADAS PELO SENHOR CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade em Sessão de Caridade

Encimado os ensinamentos do Caboclo das Sete Encruzilhadas dispostos 1º livro, "As Origens da Umbanda", disponibilizaremos as "Linhas Mestras" direcionadoras do movimentos umbandista instituído pelo Caboclo. Observamos que os umbandistas em geral, seguiram duas das "Linhas Mestras" instituídas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, por imposição da espiritualidade positiva de cada Terreiro:

- Não haverá sacrifício de animais;
- Não haverá cobranças por trabalhos espirituais.

As outras "Linhas Mestras", possivelmente, pela ignorância, vaidade, idiossincrasia, personalismo e/ou achismo, preferiram por relegar ao esquecimento os fundamentos primordiais da Umbanda, inserindo em seus Terreiros, suas doutrinas e cultos, suas preferências doutrinárias e ritualísticas, criando as "Modalidades de Umbanda".

Vamos as "Linhas Mestras" colhidas por nós em todo o trabalho do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Colocá-las-emos aleatoriamente, pois as mesmas não seguiram um curso didático, mas, foram, com o tempo, estabelecidas pelo instituidor da Umbanda:

1) **A bandeira da Umbanda é Caridade, Amor e Humildade.**

"A liturgia, a ritualística e a doutrina, por mais elaboradas que sejam, por mais belas, nada valem se o corpo mediúnico do Terreiro não estiver sendo motivado por estes três sentimentos: Caridade, Amor e Humildade". (Trecho de Ricardo Machado, extraído de: http://vozesdearuanda.wordpress.com", com adaptações do autor)

2) **Sem atabaques ou qualquer outro tipo de instrumento de percussão, bem como a não utilização de palmas ritmadas.**

"O Caboclo das Sete Encruzilhadas não admitia atabaques e nem mesmo palmas nas sessões. Apenas os cânticos, muito firmes e ritmados, para a incorporação dos Guias e a manutenção da corrente vibratória" (Zélio de Moraes).

"Não havia Umbanda antes de 1908. Havia a chamada Macumba, que era feita pelo Candomblé, por causa das oferendas aos Santos. A Umbanda não é Macumba, não é Candomblé. Na Umbanda não se usa isso. Nós não batemos tambor (nota do autor: atabaque)*. Quem bate é Macumba. Nossa Umbanda não tem tambor e nem palmas, nem roupa de seda.* (Zélio de Moraes)

3) **Dá ênfase a simplicidade dos rituais, que permite a dedicação integral do tempo das sessões ao atendimento fraterno dos necessitados.**

4) **Dá de graça o que de graça se recebe.**

Não se aceita retribuição financeira e/ou presentes pelos atendimentos fraternos ou pelos trabalhos realizados, sejam eles quais forem. Inclusive, em Umbanda do senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas não existe "Lei de Salva"; só existe: *"Daí de graça o que de graça recebestes"* (Mateus 10:8b).

"A prática da caridade no sentido do amor fraterno, será a característica principal deste culto (nota do autor: Umbanda)*".* (Caboclo das Sete Encruzilhadas)*,*

"(...) Meus irmãos; as outras Tendas nepotistas podem fazer aquilo que bem desejarem, poderão fazer o que quiserem, mas eu posso garantir uma coisa; o meu aparelho nunca aceitou a vil moeda em troca de uma cura ou de um feito, porque a vil moeda só serve para atrapalhar o homem ou a mulher médium. E vocês sabem perfeitamente que existem Tendas que aceitam. Nós temos uma choupana no mato, do Velho Pai Antonio; naquela época diversos cheques por cura foram dirigidos ao meu aparelho e eu dizia não pegue, e ele devolvia. Por isso meus irmãos, que vocês possam fazer a caridade, possam receber de Deus sua misericórdia e que todo médium tome fazer o bem, curar com suas mãos, com sua reza, andando numa linha reta, numa consciência pura e limpa, e não reverter a vil moeda, enfim, olhar para o seu semelhante como se fosse um verdadeiro irmão, com este amor de irmão para irmão..". (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

"(...) A Umbanda tem progredido e vai progredir muito ainda. É preciso haver sinceridade, amor de irmão para irmão, para que a vil moeda não venha a destruir o médium, que será mais tarde expulso, como Jesus expulsou os vendilhões do templo". (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

5) **Jesus e seus ensinamentos são os pilares centrais da Linha Branca de Umbanda e Demanda. O aspecto doutrinário do desenvolvimento mediúnico é embasado no Evangelho de Jesus, na reforma íntima, e serão bastante severos os testes que irão considerar aptos os indivíduos que devem cumprir a missão de manifestar o Espírito para a caridade, a mediunidade na Umbanda. O Cristo planetário é tido como o "Mestre Supremo".**

"(...) será a característica principal deste culto (nota do autor: Umbanda) *que tem base no Evangelho de Jesus, e como Mestre Supremo, o Cristo".* (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

6) **Sem roupagens coloridas, sem balandraus, sem rendas e lamês, ou qualquer tipo de adornos ou adereços regionais externos, tipo: cocares de penas, capacetes, chapéus, coroas, espadas, arcos, tacapes, fuzis, maquiagens, tridentes, capas, cartolas, ternos, smoking, bijuterias, etc. Esses tipos de coisas não pertencem a Umbanda. O vestuário utilizado, tanto para homens como para mulheres, é composto de tecido modesto e simples (algodão), somente brancos; Em Umbanda não existe roupas sacerdotais, mas, somente uniformes. Os calçados são de pano grosso (lona), com solado de corda (tipo Alpargata Rueda) ou descalço.**

"Capacetes, espadas, adornos, vestimentas de cores, rendas e lamês não são aceitos nos Templos que seguem a sua orientação (nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas)*. O uniforme é branco, de tecido simples"* (Zélio de Moraes)*.*

"Aqui, em meu Terreiro, se usa roupa simples de algodão e sapato de corda ou descalço. Não tem seda e nem luxo". (Zélio de Moraes)

7) **As guias (colares) usadas são somente as que determinam o Guia Espiritual que se manifesta.**

"A guia deve ser feita de acordo com os protetores que se manifestam. Para o Preto-Velho deve-se usar a guia de Preto-Velho, para o Caboclo a guia correspondente ao Caboclo. É o bastante. Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço. Não é a quantidade de guias que dá força ao médium" (Zélio de Moraes)

8) **Abomina o sacrifício de animais, quer para homenagear Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Exus e Pombas-Gira, quer para fortificar mediunidades, ou mesmo em processos ofertatórios e/ou demandatórios para obtenção de favores de qualquer ordem.**

"O Caboclo das Sete Encruzilhadas nunca determinou o sacrifício de aves e animais, quer para homenagear entidades, quer para fortificar a minha mediunidade" (Zélio de Moraes).

9) **Aceita os Sagrados Orixás, não como deuses, mas sim como denominações humanas para os Poderes Reinantes do Divino Criador.**

Os Sagrados Orixás não são deuses em si *("deuses: plural de Deus" – "Deus: Ente infinito e existente por si mesmo; a causa necessária e fim último de tudo que existe")*, mas sim, toda uma egrégora possuidora de consciência e hierarquia de elevado grau de espiritualidade, luz e pureza, propiciando a manifestação da vida em todos os sentidos. Não existe um deus Orixá. Exemplo: Não existe um deus Ogum, mas simplesmente uma reserva energética sagrada, um Poder Reinante Ogum do Divino Criador presente a atuante numa faixa material e espiritual especifica, da Natureza. Dentro da faixa energética (egrégora) Ogum, comandada por um Anjo Planetário, que por sua vez também é coordenado por um Arcanjo Planetário, perfazem um trabalho com grupos de Espíritos humanos, filiados por afinidades fluídicas.

Não achamos correto denominar os Orixás de "deuses", pois são mais umas das Hierarquias de Deus, assim como toda a Sua criação. Classificamo-los como "Sagrados" (*Sagrado vem do latim "sacrare" – sagrado, consagrado, venerável, respeitável*). A Divindade Una é só Deus, pois Ele é a união de todas as Suas Hierarquias. O que conhecemos no dia-a-dia, com atuações diretas, os Sagrados Orixás, não são deuses personalizados em si, mas sim, Espíritos de alta envergadura espiritual, Anjos Planetários, voltados à lida terrena, que criam e comandam as energias primárias da Natureza. Devemos diferenciar os Espíritos superiores nominados por nós de Orixás, poderes dirigentes e emanadores das forças da Natureza, com a força elemental agreste da Natureza em si. Os campos de ação das Corporações Orixás são bastante abrangentes, pois vão desde os arquétipos até as formas concretas. De certo ângulo, os Corporações Orixás representam a "consciência do corpo etérico" do Logos Planetário. Toda a circulação de energia, material ou espiritual, no Planeta Terra, é efetuada e assistida pelas egrégoras denominadas de: Corporações Orixás.

Portanto, como dissemos, não existem deuses chamados Orixás, mas sim, Espíritos de alta envergadura espiritual, Orixás Essenciais (Espíritos Arcangélicos) e Orixás Sustentadores (Anjos Planetários), que comandam a "força" Orixá, e Orixás Mediadores (Espíritos Superiores) que irradiam a "força Orixá, e nos atendem sempre que clamados, e se dispõem a estarem conosco, como meta prioritária de nossa evolução. Devemos por nossa parte, nos dispor a estar com eles; mas, não são deuses, e sim, pais e mães sublimes. Supremo é somente Deus; Divindade Una é somente Deus Pai. Deus é um só.

A Umbanda não tem sujeição a Orixás como os cultos afros, pois estes cultos têm formas bastante definidas, que contrariam, e muito, os fundamentos umbandisticos. A Umbanda tem como objetivo principal o trabalho com Espíritos humanos, os Guias e Protetores Espirituais (Espíritos Tutelares), para a caridade, usando os elementos da Natureza, tudo baseado no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e nos ensinamentos crísticos, e não apenas cultuar ou oferendar os Orixás, assim como fazem os cultos afros, que, aliás, não trabalham com incorporações de Espíritos desencarnados, considerados por eles, Eguns. Para a Umbanda a reverência aos Sagrados Orixás se faz de modo discreto, através de orações, amor, oferendas simples quando se está no sítio vibratório correspondente para captação de energias, mas sem, contudo, "adorá-los", pois a adoração suprema só se deve a Deus Pai. Honramos com veneração aos Sagrados Orixás, para que haja uma interação magnética de amor, agradecimento, irmandade e gratidão.

Então, Orixás são Poderes Reinantes do Divino Criador, os Espíritos Arcangélicos (Orixás Essenciais) e Anjos Planetários (Orixás Sustentadores) que perfazem todo um trabalho Divino no Planeta Terra, criando e manifestando a vida em todos os sentidos. Os Espíritos Superiores militantes na "força" Orixá que são os dirigentes diretos da Umbanda são os que nominamos de "Orixás Mediadores", também conhecidos como "Pais de Segredo". Os Espíritos que militam na "irradiação Orixá" são os Guias e Protetores Espirituais, enviados dos Orixás Mediadores. As vibrações primárias dos Anjos Planetários (Orixás Sustentadores) chegam até nós através dos sítios vibratórios da Natureza (mar, rios, cachoeiras, montanhas, matas, fontes, praias, lagos, etc.). A Natureza terrena em si é a consubstanciação materializada da força das Corporações Orixás, mas não suas emanações espirituais.

10) **Sem cultos, festividades extravagantes ou homenagens a Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Exus e Pombas-Gira, ou humanos (encarnados e/ou desencarnados), sejam eles internos, externos e/ou materiais. Só existe o Culto a Caridade. Como dizia o Pai Antonio manifestado em Zélio de Moraes: *"Festa é fazer Caridade".* Em datas específicas, são efetuadas "Sessões de Reverência"** *("Respeito intenso por alguma coisa, por aquilo que é sagrado")* **aos Sagrados Orixás, ou datas comemorativas, públicas, em datas aprazadas, onde todos, irmanados, procedem às harmonizações fluídicas com as forças invocadas, para logo após, se proceder aos atendimentos fraternos normalmente.**

"(...)sendo totalmente incabível o culto aos Orixás na Linha Branca de Umbanda e Demanda (Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas), uma vez que não é creditado a existência de deuses mitológicos africanos, o que por si só já anula a utilização de tradições e lendas, usados para compilar os ritos de matriz africana (...)". (Pedro Kritski – médium da Tenda Espírita Santo Antônio, oriunda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade)

11) Não há determinação ou razão de dizer se alguém é "filho" ou tem "ancestralidade" deste ou daquele Orixá. Isso é preceito de cultos afros; não é fundamento da Umbanda.

Na acepção da palavra não temos ancestralidade e nem somos "filhos dos Orixás", mas sim, temos ancestralidade e somos "filhos de Deus Pai", e somente através das infindas encarnações necessárias à nossa evolução, vamos sendo irradiados pelos Poderes Reinantes do Divino Criador, as Corporações Orixás. Corroborando essa afirmativa, de que somos filhos de Deus, vejamos o que diz São Paulo em 1 Coríntios 6 - 19/20: *"(...) Ou não sabeis que o vosso corpo é o Templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso Espírito, os quais pertencem a Deus" (...).* Portanto, somos e pertencemos a Deus; nosso corpo e nosso Espírito é a presença de Deus. Devemos glorificar e santificar a Deus em nosso corpo e em nosso Espírito. Portanto, não somos "filhos de Orixás" – somos "filhos de Deus Pai". Essa questão de Orixá na cabeça com suas manipulações e obrigações, é própria e exclusiva de cultos afro e não da Umbanda. Não teria lógica sermos filhos de um Orixá, pois claramente, o termo filho designa: *"descendente, oriundo, procedente, resultante",* e isso somos somente de Deus Pai.

Em cada encarnação, somente estaremos sendo irradiados pelos Poderes das Corporações Orixás, condutores de toda formação física e espiritual terrena, por injunções cármicas ou dármicas.

"Todos são filhos de Deus, e para Deus tem que voltar um dia".

"(...) Como se trata de Espíritos, que possuem objetivos pré-determinados em suas manifestações, e é isso que os une em grupos distintos, cultuam-se todas as Sete Linhas indiferentemente, pois não existe também o conceito do médium ser filho(a) de um determinado Orixá, ou de um par de Orixás (um masculino e outro feminino) ou mesmo de sua natureza provir ou fazer parte de uma determinada irradiação cósmica, tradição e crença vinda de cultos africanos e trazidos à tona por outras vertentes surgidas com forte influência ocultista e esotérica. Entende-se aqui, que o Espírito quando criado possui a sua energia particular que o acompanha por toda a sua existência e por todas as suas encarnações, é individual assim como a evolução é individual também. É uma máxima da doutrina espírita que é creditada também na Linha Branca de Umbanda e Demanda. O que existe, é apenas uma maior aproximação de frequência na energia única e particular do médium com a Linha vibratória (que é puramente terrena e material) de uma das Sete Linhas e saber disso ajuda (mas não determina) o desenvolvimento mediúnico (...)". (Pedro Kritski – médium da Tenda Espírita Santo Antônio, oriunda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade)

Em consulta a um dos dirigentes da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, o Sr. Carlos Hebling, esposo da Srª Lygia (neta de Zélio de Moraes, dirigente atual da Tenda), nos informou que, em certo momento, quando um médium já está integrado aos trabalhos espirituais, o Guia Espiritual responsável pelo desenvolvimento deste médium (geralmente um médium antigo, um dos coordenadores da Tenda), solicita que seja feita uma guia (colar), magneticamente ligada ao "poder Orixá" que acoberta a vida espiritual do medianeiro. Essa cobertura é tão somente para fins de atuações medianímicas do médium com os Guias Espirituais que lhes dão assistência. Não é questão desse médium, ter sujeição, ou "ser filho" deste ou daquele Orixá, com direitos às obrigações e coisas tais (como efetuados pelo Candomblé, ou mesmo pelos Terreiros que seguem com afinidades aos rituais afros), mas, como dissemos, são tão somente ligações fluídicas que vão determinar tipos de trabalhos espirituais. Esta guia é usada em dias de Sessões Caritativas, com fins de apoio defensivo do médium.

12) Não há "obrigações" (deitadas, camarinhas, ebós, borí, comidas, oferendas, etc.) para Orixás;

"*A verdade é que estão corrompendo a Umbanda, obrigando santo, dar obrigações para o santo, tirando o dinheiro dos filhos de santo".* (Zélio de Moraes)

Os Orixás e os Espíritos são atraídos ou repelidos pelo pensamento, moral, ações, intenções e não por objetos materiais, oferendas, despachos, que não têm nenhum poder sobre eles. Não podemos admitir que objetos materiais possam ter uma virtude qualquer sobre as manifestações, seja para provocá-las, seja para impedi-las. Espíritos que são atraídos pelos materiais das oferendas ou dos despachos, com certeza, ainda estão presos em seus egos, e demonstram suas inferioridades, não podendo de forma alguma externarem fluidos salutares. Não nos esqueçamos: entregas e despachos são magias, e lidam com as forças da Natureza, e não com os Espíritos.

Oferenda: "*Objeto ou coisa qualquer que se oferece: presente; dádiva"*. Diz-se na Umbanda, que oferenda é um ato de doação, uma dádiva, um presente em agradecimento, ou, simplesmente um gesto de gratidão, sem intenção magística ou mesmo para obter favores. Numa oferenda não existe regra do que se deve ou não ofertar. Dá-se o que quer e o que pode.

É um presente com intenção piedosa, pois está sendo efetuada com, e por amor, por afinidade ou por reconhecimento. De nada adianta querer, com uma simples oferenda, firmar, atrair ou mesmo "assentar" um Orixá num filho de fé. Isso é pura ilusão; é enganoso. Orixá se assenta e se atrai com moral elevada, santidade das intenções e mente ilibada. Quando estamos realizando uma entrega magística, seja por vontade própria ou quando orientado, é pelo simples fato de que o manejador necessita de certos tipos de energias etéreas elementais, difíceis de adquirir por meios próprios, seja para uso espiritual, saúde ou material (e só conseguirá obter êxito se for merecedor). Quando fazemos uma entrega magística, os seres elementais da Natureza a serviço da "força" Orixá manipulam energeticamente os materiais constantes do trabalho, e fazem com que essas energias poderosas (o ectoplasma individual de cada elemento da oferenda) retornem para quem ofertou. É simples. Por isso, ao fazermos uma entrega magística, resolvemos muitos de nossos problemas. Mas, os problemas resolvidos são os internos, pois sairemos do local do onde realizamos a entrtega restabelecidos de energias vivificantes e teremos coragem de lutar pelo que queremos. Quando conseguimos obter algum favor material através de uma entrega, com certeza, esta, contribuiu tão somente com as energias necessárias para que tomássemos a iniciativa de melhorar. De nada adianta querer, com uma simples oferenda ou entrega magística, firmar, atrair ou mesmo "assentar" um Orixá num filho de fé. Isso é pura ilusão; é enganoso. Orixá se assenta e se atrai com moral elevada, santidade das intenções e mente ilibada. Essas manipulações, muitas vezes de suma importância, somente atuam energeticamente e etericamente no próprio manejador, muitas vezes mudando e limpando emanações deletérias agregadas em seu corpo material, áurico ou no duplo-etérico.

Vejamos a opinião de um humilde Preto Velho:

(...) "*... Os Orixás, que nós muito respeitamos; Senhores da Luz Primaz, esta energia cósmica e Onipresente, não necessita culto. Eles são o que são com ou sem o reconhecimento dos filhos de fé! São como a luz do sol, que muito embora desponte no horizonte em seu carrilhão de fogo quando ainda muitas criaturas ainda dormem, nem por isso brilha menos na sua majestosa apoteose de luz!...*" (...)

(...) "*... A Umbanda desceu ao plano físico para que a humanidade, compreendendo sua existência, reverenciasse o Criador dos Mundos, O Senhor dos Universos, Deus, Nosso Pai Celestial.*

A Umbanda se fez presente através da força dos Senhores Solares como uma benção em favor das ignorâncias estagnadas, intelectualizadas, que hipertrofiam seus cérebros com conhecimentos e esvaziam seus corações de sentimentos mais dignos! As forças gigantescas do Universo, os Portentosos Senhores do carma, não necessitam ser cultuados, bastando que Os respeitem através do amor incondicional ao próximo e que representem este amor, não acendendo velas em seus santuários nem com oferendas em seus congás; mas que Os reverenciem na luz interior de seus próprios corações, reeducados no serviço ao próximo e na comunhão de todos no sentido da elevação da consciência através dos ensinamentos dos Grandes senhores Avatares que já estiveram aqui neste mundo, como Moisés, Krishna, Buda, Zoroastro, Jesus…" (...)

Pai João do Congo. (Página recebida pelo médium: João Batista Goulart Fernandes).

"Precavenham-se, os umbandistas, principalmente contra as vulgarizações de "obrigações" cada vez mais freqüentes que lhes são exigidas do Espaço por "dá cá aquela palha". Os pais de Terreiros, autênticos e amigos, não exigem compromissos ridículos e até censuráveis por parte dos filhos e por qualquer banalidade". (Trecho extraído do livro: Missão do Espiritismo – pelo Espírito de Ramatis – 4ª edição – Livraria Freitas Bastos – 1984)

13) Não há manifestações mediúnicas (incorporação) de Orixás (Essenciais e Sustentadores).

"Orixá não se incorpora. São Espíritos que trabalham na sua irradiação, não na sua força. Não são os Orixás que se incorporam, mas são os seus enviados" (nota do autor: Orixás Mediadores). (Zélio de Moraes)

14) Não há "feitura de cabeça", "fazer o santo", nem coroação de médiuns.

"Na Umbanda não existe feitura de cabeça nem coroação. Eu não acredito nisso. O Caboclo das Sete Encruzilhadas nunca mandou "fazer cabeça" de ninguém. Isso não Existe. Nem isso, nem coroação". (Zélio de Moraes)

"Tenho ouvido que muitos umbandistas aqui na Guanabara estão "fazendo santo". Médium fazer santo? Eu não creio nisso. Trazemos isso do berço; Ninguém bota santo na cabeça dos outros". (Zélio de Moraes)

15) A primazia dos atendimentos fraternos se dá com Guias Caboclos da Mata e Guias Pretos-Velhos.

Os Protetores Espirituais (Caboclos Sertanejos, Caboclos D Água, Baianos, Ciganos), trabalham auxiliando os Guias Espirituais, atuando mediunicamente, principalmente em trabalho de desopressão, integrados, e não em Linhas distintas.

16) **A ingestão de bebidas alcoólicas é totalmente excluída dos trabalhos espirituais, sejam em que circunstâncias forem. As cervejas, os vinhos, a cachaça, conservam-se apenas como elementos de firmezas, oferendas e possíveis despachos demandatórios.**

Espíritos da luz não se manifestam para bebericar. Quando um Espírito manifesta-se na incorporação, por breves momentos sente-se como que "encarnado", podendo desejar sentir novamente as sensações provindas das bebidas, e se o faz com desmandos, com certeza é a presença de um Espírito inferior que quer se utilizar do medianeiro para satisfazer seus meros instintos; se comedido, não o descaracteriza como um obreiro do bem, mas, devemos coibir totalmente o uso de alcoólicos. Na maioria das vezes é o próprio médium que gosta de ingerir bebidas alcoólicas, e se utiliza do animismo, consciente ou inconscientemente para isso. A importância magística das bebidas é a manipulação dos elementos em fermentação (lúpulo, cevada, cana, uva, etc.) e não o álcool em si. Não existe manipulação magística na ingestão de alcoólicos.

17) **Faz largo uso de ervas em defumações, banhos, amacis, e o uso ritualístico de Tabaco.**

18) **Promove concentrações nos sítios vibratórios da Natureza (praias, florestas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, etc., para refazimento energético, harmonizações e captação de energias sublimes).**

"Os banhos de ervas, os amacis, as concentrações nos ambientes da Natureza, a par do ensinamento doutrinário, na base do Evangelho, constituem os principais elementos de preparação do médium". (Zélio de Moraes)

19) **Incentiva o estudo e promove a educação mediúnica e doutrinária, reservando 01 dia da semana para tais misteres.**

20) **Dá ênfase aos Descarregos (desobsessões), presentes em todas as Sessões, principalmente as caritativas.**

"Mesa de Descarrego" em atividade na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

"Em nossas Sessões, temos a preocupação de curar os loucos (descarregos/desobsessões). Já foram curados muitos, que estavam em sanatórios e que eram de outras religiões. Eu trabalho com o Orixá Mallet, de Ogum, que foi trazido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para curar os loucos e obsedados". (Zélio de Moraes)

"(...) O objetivo da Linha Branca de Umbanda e Demanda é a prática da Caridade, libertando de obsessões, curando as moléstias de origem ou ligação espiritual, desmanchando os trabalhos de Magia Negra, e preparando um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos (...)". (Trecho de Leal de Souza – "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – 1933)

21) **Todo o conjunto de trabalhos espirituais são chamados de "Sessões"** ***(Espaço de tempo que dura uma atividade. Período de tempo).***

Esse assunto foi amplamente explanado neste livro, no capítulo: "A Modalidade Umbanda Crística", no item: "Linhas gerais sobre a Umbanda Crística".

22) **Observa com atenção, as seguintes orientações:** ***"São três os perigos que ameaçam o médium: 1º) A vaidade; 2º) O assistido e a médium mulher para o médium homem e vice-versa; e, 3º) E o dinheiro. A vil moeda que leva o homem a perder o caráter, e o médium que mercantilizar a sua missão, a faltar aos compromissos com o mundo superior".***

23) **A Falange de Trabalhos Espirituais dos Exus e das Pombas-Gira da Lei só atuam mediunicamente em processos demandatórios, trabalhos de defesa e desmanches de magias negras. Não são realizadas Sessões especificas com Exus e Pombas-Gira, e nem procedem a atendimentos fraternos públicos.**

Entrevista gravada por Lilia Ribeiro, em fita cacete (fita de nº. 50, disponibilizada em nosso site, no ícone: "Documentos Históricos da Umbanda) com a voz do Sr. Zélio Fernandino de Morais no dia 22 de outubro de 1970, que faz algumas referências aos Exus:

Lilian Ribeiro: Sr. Zélio, é sobre o trabalho dos Exus. Existem Tendas que dão consultas com Exus em dias especiais além das consultas normais de Pretos-Velhos e Caboclos. Como o Sr. vê isso?

- Zélio: *Eu sei disto, que há muitas Tendas que trabalham com Exus, eu não gosto porque é muito fácil se manifestar com Exu, qualquer pessoa médium, um mau médium se manifesta com Exu, basta ter um Espírito atrasado; ou também fingindo um Espírito, por isso não gosto e fujo disto, na minha Tenda não se trabalha com Exu por qualquer motivo.*

Nota do autor: Vejam que o Sr. Zélio diz: *"(...) na minha Tenda não se trabalha com Exu por qualquer motivo (...)"*; podemos notar que o trabalho com os Exus seria um trabalho "especial", ou seja, seria chamado somente em casos de necessidade e para resolver problemas específicos. Os Exus Umbanda não são Guias e Protetores Espirituais, portanto, não procedem à atendimentos fraternos; isso é reservado somente aos Guias e Protetores Espirituais gabaritados para tal mister. O Sr. Zélio também nos diz sobre a problemática da facilidade de mistificação, podendo ocorrer puro animismo, ou a presença de obsessores kiumbas ou de Exus Pagãos. Isso é uma coisa muito séria. A roupagem fluídica dos Exus Umbanda, bem como seus modos de ser, muito próximos aos humanos, facilitam, e muito, a mistificação consciente ou inconsciente por parte de médiuns incautos.

Lilian Ribeiro: Mas o Sr. não considera o Exu um Espírito trabalhador como todos os outros Orixás?

- Zélio: *Depois de despertado, porque o Exu é um Espírito admitido nas trevas; depois de despertado, que ele dá um passo no caminho da regeneração é fácil ele trabalhar em benefício dos outros. Assim eu acredito no trabalho do Exu.*

Nota do autor: Nesta pergunta, quando o Sr. Zélio diz *"depois de despertado, que ele dá um passo no caminho da regeneração é fácil ele trabalhar em benefício dos outros"*, pode-se notar que estes Espíritos pretendem um local melhor, pretendem uma posição melhor e para isto escolheram o trabalho caritativo nos Terreiros de Umbanda.

Lilian Ribeiro: Não haverá casos em que outros Orixás vibrando em outras Linhas não possam resolver de imediato alguns problemas de filhos e, não seria o Exu aí o mais indicado para resolver, por estar mais perto materialmente, por estar mais aceito nos trabalhos materiais?

- Zélio: *O nosso Chefe, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, nos ensinou assim, isto faz 60 anos, que o Exu é um trabalhador. Como na polícia tem soldado, o chefe de polícia não prende, o delegado não prende, quem prende são os soldados, cumprem ordens dos maiorais, então o Exu é um Espírito que se encosta na Falange, que aproveita para fazer o bem, porque cada passo para o bem que eles fazem vai aumentando a sua luz, de maneira, que é despertado e vai trabalhar, quer dizer, vai pegar, vai seduzir este Espírito que está obsedando alguém, então este Exu vai evoluir. É assim que o Caboclo das Sete Encruzilhadas nos ensinava.*

Lilian Ribeiro: De que modo o Exu é um auxiliar e não um empregado do Orixá ou vice-versa?

- Zélio: *Eu não digo empregado, mas é um Espírito que tende a melhorar, então para ele melhorar ele vai fazer a caridade junto com as falanges, correndo em benefício daqueles que estão obsedados, despertando e ajudando a despertar o Espírito para afastá-lo do mal que ele estava fazendo, então ele se torna um auxiliar dos Orixás.*

"Para o bom êxito dessas atividades caritativas, têm esses Guias (nota do autor: Guias Espirituais da Umbanda) *como seus auxiliares, Espíritos de todas as categorias, de todas as origens, mesmo de condição e mais atrazada, obedientes e identificados com as finalidades, animados de boa vontade, prestando os serviçõe*s *que lhes são pedidos, ordenados e possíveis na medidas de suas forças, num exercício que constitue a mais eficaz e produtiva escala de aperfeiçoamento moral primário, sem que prejudicada possa ser essa educação moral, pela liberdade que lhes é permitida nos seus usos e costumes familiares, caracterizando sua origem, com as quais se tornam possíveis aqueles que se utilizam dos seus serviços no seu próprio benefício e dessa causa santa, porque beneficia toda a humanidade". (Texto de: José Rodrigues Lopes de Barros (Aprendiz). Diário Carioca – Quarta-Feira, 22 de Fevereiro de 1933 – página 08)*

"(...) Exus, como bem exemplificado por Leal de Souza em 1933, são Espíritos com baixo grau evolutivo. O que os diferencia dos demais ao mesmo tempo em que permite a sua manifestação nos rituais de Umbanda, é o seu conhecimento sobre magia, manipulação de energia, que pode ter sido adquirido tanto em vida, quanto já depois do desencarne. Possuem, portanto, grau de evolução baixo se em comparação com os Espíritos das demais 06 Linhas – já que Exu se encontra na sétima, a "Linha de Santo", que possui Santo Antônio como patrono – por este motivo, a sua manifestação na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e nos ritos dirigidos pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, sempre ocorreu debaixo de grande respeito e cuidado, com médiuns, data e local específicos. Geralmente, a manifestação de Exus se fazia e ainda se faz somente necessária nas Sessões de Descarga, Sessões estas fechadas ao público, pois tem a única finalidade de fragmentar todo e qualquer resquício de energias negativas existentes na Tenda e nos médiuns integrantes. As consultas não são autorizadas, pois como bem afirmado logo acima, é seguido o entendimento que não há o porquê de se consultar Espíritos que na maioria dos casos possuem o mesmo ou inferior grau de evolução que o consulente. São os Espíritos mais atrasados e mais cegos a se manifestarem na Umbanda. Não há vantagem, pois ainda necessitam de instrução. Mas fica claro, que Exus são cultuados na Linha Branca de Umbanda e Demanda sim; podem fazer suas descargas e trabalhar quando permitido, mas não dão consultas, ***assim como não se faz obrigações para a aproximação ou melhor contato mediúnico com esta qualidade de Espíritos nos seus respectivos médiuns*** *(...)".* (Pedro Kritski – médium da Tenda Espírita Santo Antonio, oriunda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade) – (nota do autor: colocamos uma parte da última frase em negrito para que todos atentem que em Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas não se usa das tais "obrigações" para firmar Exu e Pomba-Gira em nenhum médium)

Quando dizem que Exus e Pombas-Gira são Espíritos "inferiores, cegos, e de baixo grau evolutivo", não estão querendo desmerecê-los. Vamos explicar melhor, para que não fique pairando dúvidas entre os mais apaixonados, achando que estão denegrindo-os.

Fica claro que os Exus e Pombas-Gira são Espíritos recém egressos da Reino da Kimbanda (do baixo astral – das trevas humanas). São Espíritos que como nós, ainda estão presos aos seus egos, mas depois de despertos, são valorosos trabalhadores do bem. Os Exus e as Pombas-Gira têm missões especificas no plano astral e com a Umbanda, a fim de que, com o tempo, possam se libertar de seus erros passados.

Sabemos que, todos, estamos encarnados num Planeta considerado inferior, em estado evolutivo; portanto, todos os Espíritos que estão em processos reencarnatórios na Terra, encontram-se ainda presos na materialidade, dirigindo suas vidas pautadas geralmente em fatores instintivos, pois ainda não desenvolveram satisfatoriamente o raciocínio consciencial, que somente é formado exercitando os ensinamentos de Jesus, que nos trouxe o "código de moral", os ensinamentos básicos para o desenvolvimento do ser. Somente o dia que praticarmos os ensinamentos de Jesus em toda a sua plenitude, vivenciaremos o que realmente é ser um humano.

Os Guias Espirituais nos dizem que somente 10% dos ensinamentos evangélicos foram entendidos por alguns seres viventes. 90% dos ensinamentos evangélicos ainda não foram compreendidos, absorvidos e praticados pela humanidade. Aliás, pouquíssimos humanos, por pura opção (o Evangelho está disponibilizado a centenas de anos, nos quatro cantos do mundo), não estudam o Evangelho.

Como resultado dessa inadequação do Evangelho Redentor, ainda não conseguimos raciocinar tendo consciência, e agimos instintivamente em todos os setores da vida. Assim é com quase toda a humanidade. Por isso ainda vivemos espiritualmente e psicologicamente em estado precário. Somos praticamente instintivos em todos os setores da vida. Conhecemos alguns sábios, filósofos e religiosos que conseguiram o despertar do raciocínio consciencial, agindo em todos os setores da vida com compaixão; são eles: São Francisco de Assis, Santa Clara, Santo Antônio, São Benedito, Bezerra de Menezes, Chico Xavier, Irmã Dulce, Madre Teresa de Calcutá, Sidarta Gautama (Buda), Krishna, Lao Tzu, Confúcio, Hilarión de Monte Nebo, entre outros.

Os Exus e Pombas-Gira guardam em seus Espíritos, todo o conhecimento adquirido nas infindas encarnações que tiveram; com certeza erraram muito perante as Leis Divinas, e foram recolhidos nos porões das Trevas humanas, onde iniciaram suas expurgações. Num dado momento, arrependidos de seus erros, clamaram pela Justiça Divina, e esta, solicita, enviou seus mensageiros divinos para socorrê-los.

Acolhidos, foram selecionados para fazerem parte da Umbanda como Tarefeiros, iniciando suas evoluções conscienciais com missões caritativas.

Essas missões têm início quando cada um desses Espíritos se destaca da consciência de massa, quando já não é meramente instintivo. Está movido pela vontade de evoluir e pode aprender a controlar sua natureza ilusória terrestre. Quando cada um desses Espíritos é convocado por merecimento a fazer parte do grande trabalho de defesa e proteção nas Casas onde manifesta-se a Espiritualidade Maior, concordam em dominar sua natureza inferior e harmonizá-la com o seu ser interior. Com isso vão gradativamente exercitando o raciocínio consciencial, para um dia, gabaritarem-se a serem Protetores Espirituais. Daí por diante, suas ascensões são aceleradas, pois acolhem as crises como aprendizados e não mais como situações indesejáveis de que procuram escapar.

Para cada um desses Espíritos se purificarem e evoluírem, tem que passar por missões evolutivas, e o fazem integrados às hostes de luz em trabalhos caritativos nas trevas humanas, socorrendo, auxiliando, conduzindo a todos que necessitem, com o auxilio dos Espíritos evoluídos. Portanto, os Exus e Pombas-Gira são Espíritos recém egressos das trevas em evolução constante através da caridade desmedida, mas, não são Guias e Protetores Espirituais. Por ainda encontrarem-se raciocinando somente pautados em seus instintos, em atendimentos fraternos agem em conformidade com a materialidade, nos passando, muitas vezes, orientações calcadas tão somente na vivencia material ilusória e não nas orientações evangélicas e crísticas. Não é assim, que nós, ditos humanos, agimos?

Os Guias Espirituais (Caboclo da Mata e Pretos-Velhos), Espíritos da Luz, já possuem desenvolvidos em estado avançado, o raciocínio consciencial, vivendo todos os momentos de suas vidas com compaixão e sabedoria. Já se encontram em patamares espirituais superiores, atingindo o mérito se serem os Espíritos Santos de Deus, as Santas Almas Benditas, os Espíritos Tutelares. Os Guias Espirituais Caboclos da Mata e os Pretos-Velhos), se gabaritaram, pelas suas sabedorias, a conhecerem profundamente as causas do sofrimento humano, tendo plenas condições de atenderem fraternalmente a quem os procura, com a segurança evangélica, pautados nos ensinamentos crísticos, pois são efetivamente, evangelizadores.

Como exemplo, podemos citar um hospital. Os Guias Espirituais (Linhas Mestras) são os médicos coordenadores; os Protetores Espirituais (Linhas Auxiliares e Secundária) são os médicos residentes; os Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira da Lei) são os enfermeiros. Você teria coragem de deixar seu filho doente para ser diagnosticado, operado e tratado por em enfermeiro? Quem tem a capacidade de diagnosticar e tratar doenças, realizar cirurgias, receitar remédios? Os enfermeiros são Tarefeiros valorosos que cumprem o determinado pelos médicos; os enfermeiros não têm autonomia perante um doente; somente realizam as tarefas que lhes são conferidas pelos médicos. Cada um realiza trabalhos únicos em suas especialidades.

Por isso, na Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, os Tarefeiros (Exus e Pombas-Gira) não serem recrutados para procederem a atendimentos fraternos. É por ainda encontrarem-se presos à seus egos, às suas ilusões, à materialidade, como todos nós, não utilizando o raciocínio consciencial, procedendo a consultas rompantes e totalmente dirigidas com orientações instintivas, não pautando-as nos evangelhos e nem nos ensinamentos crísticos. Com isso não estamos querendo dizer que Exus e Pombas-Gira são seres perversos e sem cultura; não. Somente queremos dizer que suas orientações são calcadas nos valores ilusórios humanos, e sabemos que os atendimentos fraternos só devem ser efetuados pautados na moral evangélica e nos ensinamentos crísticos, coisa que somente Guias Espirituais estão gabaritados para a fazerem.

Os Tarefeiros trabalham ostensivamente no auxílio aos obsedados, e, no trato direto com os obsessores, principalmente os kiumbas, que vêm do Reino da Kimbanda, despertando-os das suas letargias mentais, convencendo-os a se integrarem às Falanges trabalhadoras do bem. Os Tarefeiros pretendem um local melhor, uma posição espiritual melhor, e para isso escolheram o trabalho da caridade nos Terreiros de Umbanda em médiuns conscientes e evangelizados. Os Tarefeiros são realmente a milícias da espiritualidade, e trabalham comungados às Linhas de Trabalhos Espirituais da Umbanda.

Já lemos e ouvimos de umbandistas, que Zélio de Moraes não trabalhava ostensivamente com Exus pelo fato de que em época, estes Espíritos eram em sua totalidade, seres trevosos, ignorantes, viciados, e que hoje, já evoluíram e podem então trabalhar normalmente nos Terreiros, tendo inclusive Sessões exclusivas para eles. Muito estranha e incoerente essa dissertativa.

Se a humanidade em dois mil anos ainda não conseguiu absorver 10% dos ensinamentos de Jesus, como pode um simples Espírito recém egresso das trevas, em simples 50, 80 ou 100 anos evoluir o suficiente para se gabaritar a dar atendimentos fraternos caritativos com noções de ensinamentos crísticos??? Até os Espíritos Guias, seres da luz, “piam miudinho” nos atendimentos caritativos. Portanto, dizer que os Exus evoluíram o suficiente desde Zélio até hoje, se gabaritando para atendimentos fraternos, é puro achismo.

Segundo informações da Srª Lygia, neta de Zélio de Moraes e atual dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, o primeiro Exu que incorporou na Tenda, sendo seu responsável, é o Sr. Marabaroo, sendo sua primeira médium a Srª. Zilka, irmã de Zélio de Moraes e posteriormente passou a trabalhar com um médium da Tenda, conhecido por "Sr. Pinto". Zélio de Moraes em 67 anos de trabalhos mediúnicos ininterruptos nunca "incorporou" um Exu.

24) Dá ênfase a questão de que Guias e Protetores Espirituais não "vêm em terra" só para bebericar, dançar, jogar conversa fora, brincadeiras, demonstrações circenses, fortificar mediunidades ou quaisquer atitudes pueris. Somente manifestam-se espiritualmente para instruções doutrinárias, e/ou para práticas humanitárias.

"-(…) o Chefe (nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas) *acha que espiritismo não é pra perder tempo, que o Espírito baixa, é pra fazer caridade, ou pra ensinar, o chefe não sai daí; ou pra ensinar, ou pra fazer Caridade…".* (Zélio de Moraes)

"(...)O Caboclo Sete Flechas não gosta desse negócio de dançar, dançar, dançar; Caboclo vem em terra para trabalhar (...)". (Zélia de Moraes Lacerda – filha de Zélio de Moraes)

"(...) A presença dos Caboclos, nos Terreiros, deixou de objetivar exclusivamente a prática da caridade, para constituir uma reunião festiva, na qual os médiuns, incorporados ou não, dançam – não a dança sagrada que constituía parte dos cultos da antiguidade, mas a dança profana, sem significação nenhuma de religiosidade. (...)". (Lilia Ribeiro, dirigente da Tenda Espírita Luz, Esperança, Fraternidade, nascida da Tenda Espírita São Jerônimo, uma das sete Tendas fundadas pelo senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas)

25) Para militar como médium umbandista, o Caboclo das Sete Encruzilhadas dá ênfase a Moral, que nada mais é do que um conjunto de virtudes, adquiridas no estudo e aplicação sistemáticos do Evangelho Redentor.

"(...) É preciso ter muito cuidado, haver moral, para que a Umbanda progrida e seja sempre uma Umbanda de humildade, amor e caridade (...)". (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

26) Dá ênfase à questão da "predisposição sensual incontida", onde, inadvertidamente, os médiuns caem pelo "fator sexo", entre irmãos, dirigente e/ou assistidos, fato considerado escabroso e escuso, jamais aceito pelos Guias e Protetores Espirituais, e se ocorrer, provocará a queda do médium com o afastamento dos Guias e Protetores Espirituais.

"O perigo do médium homem é a consulente mulher, do médium mulher, o consulente homem. E preciso estar sempre de prevenção porque os próprios obsessores, os próprios Espíritos que atacam as vossas casas fazem com que toque alguma coisa ao coração da mulher que fala com o pai de Terreiro, como faz atacar o coração do homem que fala a mãe de Terreiro. E é preciso ter muito cuidado, haver moral para que a Umbanda progrida e seja uma Umbanda de humildade, amor e caridade". (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

Vamos a um relato concernente, de um dirigente umbandista consciente, que vem corroborar essa "Linha Mestra" do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

QUEDAS E FRACASSOS DE MÉDIUNS. CAUSAS PRINCIPAIS: VAIDADE, DINHEIRO E SEXO. HORRORES QUE OS ESPERAM NO ASTRAL PELO QUE "SEMEAREM EMBAIXO, COLHERÃO EM CIMA". AS ADVERTÊNCIAS DOS GUIAS E PROTETORES. DISCIPLINA – CASTIGO – ABANDONO.

Esses são assuntos áridos, sobre os quais todos se escusam de falar ou de escrever e, quando o fazem, é por alto, indiretamente. Nós vamos abordar essa questão de maneira mais direta possível, pois visamos assim, tão somente, a levar um brado de alerta àqueles que estão predispostos a esses erros e mesmo para os que já caíram neles, visto termos a esperança de que nossa sincera advertência ainda possa chegar a tempo do recuo, da salvação ou da regeneração. Ora, é com grande tristeza, bastante desolado mesmo e sem o menor resquício de querer ser melhor do que ninguém (pois também temos nosso karma bem pesado, por erros de pretérito), que vimos, dentro de uma serena e acurada observação, quase que direta, sobre pessoas e casos, testemunhando, constatando, como é grande o número de médiuns fracassados ou decaídos e, o que é pior, sem termos visto ou sentido neles o menor desejo de reabilitação sincera, pautada na escoimação real de suas mazelas, de suas vaidades, de suas intransigências etc.

O que temos observado cuidadosamente na maioria desses médiuns fracassados são os tormentos do remorso que, como chagas de fogo, queimam-lhes a consciência, sem que eles tenham forças para se reerguerem moralmente, pois se enterraram tanto no pântano do astral-inferior, se endividaram tanto com os "marginais do astral" que, dentro dessa situação, é difícil mesmo se libertarem de suas garras.

Isso porque o casamento de fluidos entre esses médiuns fracassados e esses “marginais do astral” – os kiumbas – já se deu há tanto tempo, que o divórcio, a libertação se lhes apresenta dentro de tais condições de sofrimento, de tais impactos, ainda acrescidos de renúncia indispensável a uma série de injunções, que o infeliz médium decaído prefere continuar com seus remorsos.

É duro, duríssimo mesmo, se libertar de um kiumba que entrou, há muitos anos, na faixa de um aparelho pelas suas antenas mediúnicas em distúrbio e cujo legítimo Protetor ou Guia – Caboclo ou Preto-Velho – o tenha abandonado por causas morais, principalmente quando o seu caso foi sexo ou dinheiro. Mas situemos desde já, dentre os diversos meios pelos quais os médiuns têm fracassado, os três aspectos principais ou os três pontos vitais que os precipitam nos abismos de uma queda mediúnica etc. Ei-los:

1º) **A vaidade excessiva**, que causa o empolgamento e lança o médium nos maiores desatinos, abrindo os seus canais medianímicos a toda sorte de influências negativas.

2º) **A ambição pelo dinheiro fácil,** exaltada pelo interesse que ele identifica nos “filhos-de-fé” em lhe agradar, em lhe presentear, para pedir favores, trabalhos, pontos, afirmações etc., que envolvem elementos materiais.

3º) **A predisposição sensual incontida**, que lhe obscurece a razão, dada a facilidade que encontra no meio do elemento feminino que gira em torno de si por interesses vários e que comumente se deixa fascinar pelo “cartaz” de médium chefe... de “chefe-de-terreiro”, babá etc.

Como a **coisa** começa a balançar a moral-mediúnica desses aparelhos?

O **1º Caso** – **O da vaidade excessiva:** uma criatura, homem ou mulher, tem o dom mediúnico. Naturalmente que o trouxe de berço, isto é, desde que se preparava para encarnar. Em certa altura de sua vida, manifesta-se a sua mediunidade. Eis que surge o Protetor – Caboclo ou Preto-Velho.

Como no médium de fato e da Corrente Astral de Umbanda a entidade também é de fato, é claro que ela faz coisas extraordinárias. Cura. Ajuda. Aconselha. Tem conhecimentos irrefutáveis etc. São tantos os casos positivos do Protetor através da mediunidade do médium, que logo se forma em torno dele uma corrente de admiração, e de fanatismo também.

A maioria dos elementos que o cercam, diante das coisas que veem, são levados a agradar, a bajular, e com essas coisas, inconscientemente, vão-lhe incentivando a vaidade latente. Isso de forma contínua. A maioria desses médiuns não estudam, porque também não receberam ou não se interessam por uma preparação mediúnica adequada.

O Protetor faz o que pode e deve (respeitando o livre-arbítrio), isso é, ensina, doutrina, alerta pelos canais mediúnicos: na manifestação, nas intuições, nos avisos etc.

Mas acontece sempre que o médium, devido a fortes predisposições à vaidade, começa por não dar muita atenção aos conselhos, às advertências que o seu Protetor vem fazendo; chega a ponto de se julgar o tal, quase um “pequeno deus”. Ele pensa que a força é dele, que o Protetor é dele – é propriedade sua.

O médium vai crescendo em gestos, em palavras, pois que todos se acostumam a acatá-lo em respeitoso silêncio, quando não, pelo medo ou por interesse próprio.

Vai crescendo a sua vaidade e logo começa a fazer exibições mediúnicas.

Ele começa a praticar uma coisa que será fatalmente a sua cova. Passa a “trabalhar” sem estar corretamente mediunizado (ou seja, pede apenas a irradiação do “Guia” de sua preferência sobre ele). A sua entidade protetora pode usar certos meios para manifestar o seu desagrado, mas respeita também o seu livre-arbítrio, é claro, pois até as Hierarquias Superiores respeitam esta faculdade.

Então, começam os desatinos, as bobagens e as confusões e a respectiva falta de penetração nos casos e coisas. Começa a criar casos, a ter preferências e outras coisas mais. Não obstante as reiteradas advertências do Protetor, ele continua. Eis que surgem os “transtornos”. Os seus canais mediúnicos, dada a faixa-mental que ele criou com os efeitos de sua excessiva vaidade, abre portas aos kiumbas, que entram na dita faixa.

Daí tem início uma série de absurdos, de envolvimento negativos etc. O ambiente do Terreiro sai da tônica de outrora. Tudo se altera. Nessa altura o médium percebe apavorado que o seu Protetor mesmo – aquilo que era bom, foi embora, deixou de sentir a positividade de seus fluidos benéficos.

No principio ele tem um tremendo abalo; depois, ah! Depois, ele vai se acostumando com os fluidos dos kiumbas etc., e mantém a sua excessiva vaidade de qualquer forma; não quer perder o “cartaz”.

Porém, as curas, a antiga eficiência, não há mais; muitos percebem e dão o fora; compreendendo que o "seu fulano não é mais o mesmo" e alguns até passam a olhá-lo com desprezo, e se afastam ironizando dele, muito embora, no passado, tenham se beneficiado com sua mediunidade.

O pobre médium que fracassou pela excessiva vaidade no íntimo é um sofredor; muitos se desesperam com o viver da arte de representar os Caboclos, os Pretos-Velhos etc. Enfim, ser um "artista do mediunismo" também cansa, porque a "descrença" é o "golpe de misericórdia" em suas almas.

O 2º Caso – O da ambição pelo dinheiro fácil: Aqui é preciso que se note a diferença entre o médium de fato que cai pela ambição desenfreada do vil metal e do "caso" em que se incluem centenas e centenas de espertalhões, desses vândalos que usam o nome da Umbanda e de suas entidades a fim de explorarem a ingenuidade da massa, de todas as maneiras. Esses são bem reconhecidos. Seus "Terreiros" são enfeitados, há muita bebida, os "comes e bebes" são constantes, há muita roupagem vistosa, enfim, esses "Terreiros" se caracterizam pelos cocares de penas multicores, pelos tais capacetes de Ogum, pelas espadas, pelas capas de cores, pelos festejos que fazem sob qualquer pretexto, onde os médiuns exibem tudo isso e mais os pescoços sobrecarregados de colares de louça e vidro como se fossem "condecorações". Tudo nesses ambientes é movimento, encenação, panorama.

São verdadeiras arapucas, onde tudo é duvidoso. Por ali se paga tudo. Desde uma consulta até um dos tais "despachos", até as famigeradas "camarinhas" com seus obis e orobôs para "firmar o santo na cabeça", do paspalhão que acredita nisso. Esses antros de exploração, que chafurdam o bom nome da Umbanda na lama da sujeira moral e espiritual, são fáceis de ser reconhecidos. De vez em quando os jornais dão notícias deles.

Mas voltemos ao caso do médium de fato, que fracassou pelo dinheiro.

É sabido que a Corrente Astral de Umbanda manipula constantemente a magia positiva (chamada de magia-branca) sempre para o bem de seus filhos-de-fé ou para qualquer um necessitado, venha de onde vier.

A magia, dentro de certas necessidades ou casos, requer determinados elementos materiais. São velas, flores, ervas, plantas, raízes, panos, pembas e até o fumo e certas bebidas. O fato é o seguinte: quando há mesmo necessidade disso, a entidade pede e a pessoa traz, ou providencia. (...).

A coisa quando é manipulada pelas entidades – os Caboclos, os Pretos-Velhos – costuma sempre dar certo. O resultado é satisfatório. De sorte que quase todo mundo que "gira" pelos Terreiros, pelas Tendas, sabe disso. Daí é que entra na observação do médium a facilidade, a presteza com que as pessoas se dispõem a fazer um "trabalhinho" para o seu bem, para abrir ou melhorar seus caminhos, etc.

De princípio ele obedece tão-somente às ordens do seu Protetor, quanto a esses aspectos. Depois, através de presentes, de agrados diversos dos beneficiados, ele começa a pensar seriamente na facilidade do dinheiro.

Então lança mão de uma chave: a questão da salva (nota do autor: pagamento), em dinheiro para seu anjo de guarda, para o cambono etc (...).

(...) Ora, o médium-magista então, ambiciosamente, começa a abusar disso. Começa por se exceder na salva, pedindo mais dinheiro. Passa a cobrar grosso em tudo e por tudo. Inventa "trabalhos" de toda espécie, assim como "desmanchos" e afirmações para isso e aquilo.

E os aflitos, os supersticiosos, os impressionáveis, os filhos-de-terreiro, dão e sempre com prazer, visto esperarem sempre uma melhoria ou uma vantagem qualquer por via disso (aliás, a tendência da maioria das pessoas que frequentam "giras", é pagar, gostam de o fazer).

Assim – ele, o médium – de tanto fazer trabalhos materializados, sempre por conta própria, mas tudo relacionado com os "Exus" (que é o espantalho para essa maioria de ignorantes, de simples, de ingênuos etc.) e que envolvem materiais grosseiros, acaba chafurdado na vibração pesada dos Espíritos atrasados, que passam a rondá-lo ou a viver em torno dele, ansiosos por esses tipos de oferendas.

A sua entidade protetora, como sempre, já lhes deu vários alertas que ele não levou na devida consideração, pois o dinheiro está entrando que é uma beleza. E nessa situação o aparelho já está "cego e surdo" a qualquer advertência e o seu Caboclo ou o seu Preto-Velho, que, para ele, já são incomodativos, visto temer que se manifestem mesmo de fato nele e levantem toda essa sujeira, desmoralizando-o (como tem acontecido), se afastam e deixam-no envolvido com o baixo-astral, com quem já esta conluiado, pois ele, o médium, tem o sagrado direito de usar o seu livre-arbítrio como bem queira, já o dissemos.

Porém, chega dia em que esse infeliz aparelho necessita de uma firme proteção para um caso duro e apela para a presença do verdadeiro guia e nada.

Abalado, dentro de um tremendo choque, aterrado mesmo, ele verifica que os fluidos são de Exu e de outros, bastante esquisitos e que lhe causam mal-estar e que não tinha percebido antes, claramente.

Alguns ainda param, fazem preceitos, para o anjo da guarda, enfim, pintam o sete, para ver se o Protetor volta, porém, nada.

Então, comumente se deixam enterrar mais ainda nesses aspectos, porque afinal de contas o dinheiro é coisa boa e traz muito consolo por outros lados.

Todavia, apesar da fartura do dinheiro fácil reconhecem depois de certo tempo que é um dinheiro maldito; passam a viver com a consciência pesada, irritados e sempre angustiados. O fim de todos eles tem sido muito triste; ou surgem doenças insidiosas, ou os vícios para martirizá-los por toda a vida ou acabam seus dias na miséria material, pois a moral já é uma cruz que ele carrega desde o princípio de seu fracasso mediúnico.

Agora falemos do **3º Caso** – **A queda pelo fator Sexo:** Esse é um dos aspectos mais escabrosos, um dos mais escusos e uma dos mais difíceis de ser perdoados pela entidade protetora.

É um caso que está intimamente ligado ao 1º, ou seja, o da vaidade excessiva. Um se completa, quase sempre, com o outro, e às vezes os três juntos.

Temos em nossos 26 anos de Umbanda, assistido, constatado, identificado, positivamente, a situação ou as condições de vários médiuns que caíram desastrosamente por causa do elemento sexo.

É que esse é um dos fracassos mais duros de ser suportado, não resta a menor dúvida, porque mais do que nos outros, a moral do médium fica na lama em que ele se sujou. Por mais que eles digam e se desculpem de toda forma, ninguém se esquece, ninguém consegue apagar da lembrança a causa do seu fracasso.

É uma mancha, que, mesmo que ele tenha se regenerado completamente, mesmo assim, não se apaga.

Já dissemos como é que o médium de fato é logo envolvido pelas criaturas, com admiração, bajulações e fanatismo. Ele sente um constante endeusamento em torno de si e quase que sem sentir vai caindo na faixa da vaidade. Particularmente (convém repetir) se sente muito visado pelo elemento feminino, que tem a propensão para se deixar fascinar pela mediunidade, mormente quando a vê num homem bem apessoado.

Bem, todo médium que trabalha na faixa da luz, no combate a todas as mazelas, especialmente contra o baixo-astral – convém sempre que o lembremos – é avisado constantemente pelas entidades protetoras de que sua regra de todo instante é o “orai e vigiai”.

Por quê? Porque o baixo-astral que ele contraria, por força de sua mediunidade positiva, fica na sombra aguardando uma oportunidade para atacá-lo.

Logo, se ele tem um ponto fraco qualquer, nesse caso, uma forte predisposição sensual, é certo que esse mesmo baixo-astral lançará mão de todos os recursos para instigá-lo nessa parte.

Então, como não podem atacar diretamente, costumam fazê-lo, lançando sobre ele a tentação do sexo através de algum elemento feminino que o cerca e que por sua própria natureza é fraco. Isso no caso do homem-médium. No caso da mulher médium é a mesma coisa. Essa cai mais depressa. Lançam o elemento masculino sobre elas e pronto; quase não tem muito trabalho, pois a mulher tem uma ponte de contato maior, muito maior do que o homem, para o baixo-astral – é sua natural vaidade que é logo decuplicada, e pronto; é difícil escapar (há exceções, é claro. Estamos nos referindo **à** causa comum do fracasso).

Mas que não haja dúvidas do seguinte: o médium é alertado, pela sua entidade protetora, de todos os aspectos negativos que o cercam. Exercem uma constante vigilância sobre ele e nada acontece a esse médium se ele está dentro da moral ou da “linha justa”. Agora, se esse médium, usando de seu livre-arbítrio, dentro de uma incontida predisposição, já por ter criado pela vaidade uma série de condições negativas, vira as costas à moral e à “linha justa”, construiu a ponte de contato mental ou vibratório para as influências inferiores.

Dentro dessas condições ele está repelindo as influências benéficas e protetoras de suas entidades, que se vêem jogadas a um segundo plano.

E é por tudo isso que, nessas questões, nesses casos de médiuns-fracassados por causa de forte incontinência sexual ou pelo irrefreável sensualismo em torno de mulher ou moça de seu próprio Terreiro, não tem desculpa, ou melhor: um ou outro, excepcionalmente, dadas certas condições particularíssimas de sua vida, foram desculpados, porém, dentro do ultimatum de ser o primeiro e o último.

Porque, infelizmente, é duro, mas, nós vamos dizer: todos os fracassos, todas as quedas de médiuns, quer seja homem ou mulher, tem se dado, invariavelmente, com elementos ou criaturas que estão dentro do Terreiro ou que fazem parte do corpo mediúnico, isto é, criaturas que estão sob a responsabilidade moral e espiritual do médium-chefe.

Não é que estejamos nos arvorando de Juiz – longe disso! Quem somos nós para isso. Estamos nos baseando, tão-somente, na observação fria, no fato inconteste de que, quase todos eles – os médiuns decaídos – foram abandonados pelos seus protetores imediatamente e esses protetores não mais voltaram.

E se abandonaram e não mais voltaram é porque não desculparam o erro ou os erros. E é claro, patente que, se esses Protetores não mais voltaram a ter ligações mediúnicas com o seu "aparelho", é porque ele não se regenerou, não entrou no sincero arrependimento, indispensável à verdadeira reintegração moral-mediúnica.

Assim falamos porque, além da observação direta, além dos esclarecimentos dados sobre o assunto por uma entidade amiga, temos acolhido as lágrimas de remorso de inúmeros irmãos que foram, no passado, médiuns de fato e que depois de terem usufruído por muito tempo de toda uma aparente situação, acabaram rolando pelo caminho da doença, da miséria material e moral.

Assim, queremos reafirmar aqui, em tintas negras, para esses irmãos médiuns que estão predispostos ou que prostituíram a sua mediunidade e que continuam dentro dessas condições, isto é, sem terem até o presente procurado o caminho da regeneração, sinceramente, humildemente, que a lei é dura e eles não podem nem imaginar o abismos de horrores que os esperam do outro lado da vida.

Esses médiuns decaídos, fracassados, que persistem no caminho do erro, quando desencarnarem se verão face a face com o cortejo de horrores, blasfêmias, ameaças e clamores de vingança daqueles que eles envolverem em suas tramas de erros, interesses mesquinhos, por via de seus trabalhos, de suas consultas erradas, de toda má orientação que deram a seus semelhantes. Por via da influência inferior que acolheram.

Verá todo aquele baixo astral, que ele arrebanhou para servi-lo através dos preceitos grosseiros em que ele se transviou, rir satanicamente, fazendo valer seus diretos de conluio, isto é, arrebatá-lo para o seu lado.

Verá, quando transpuser o túmulo (se desprender dos laços carnais, pela "morte") como num panorama tétrico, o desfilar em sua própria consciência de todos os seus desacertos.

A sua imaginação apavorada, exaltada, fará uma revisão tão precisa de seu passado, que tremendos pesadelos astrais o acometerão como hediondos fantasmas que não dominará e nem sequer poderá afastar de sua mente espiritual.

Angustiado, acovardado, se verá presa desse astral-inferior e dos irmãos que ele enganou e prejudicou na vida terrena.

Ele será arrebatado – quase sempre é assim – pelo astral inferior por muito tempo, até que a Providência Divina lhe dê uma chance para libertação.

Agora devemos reafirmar duas coisas. 1ª – Que nem todos os médiuns, por que são da Corrente de Umbanda e por força dessa circunstância tem de lidar com os efeitos do baixo astral, tendem fatalmente a serem atacados, a serem envolvidos, enfim, a fracassar. Não! Nos da corrente dita como kardecista, essas situações também acontecem; "aqui como lá, maus fados há".

Conhecemos também vários médiuns de fato que tem a proteção do seu "Caboclo, de seu Preto-Velho", desde o princípio, há 15, 20 e mais anos. Nunca se desviaram da linha-justa e nunca sofreram nada a não ser as naturais injunções ou provações de seus próprios karmas.

A 2ª reafirmação é a seguinte: que no caso de todos os médiuns fracassados, os seus Protetores muito lutaram para evitar as suas quedas; fizeram o possível e o "impossível". Muitos desses "Caboclos, desses Pretos-Velhos", chegam até a disciplinar, a castigar mesmo o aparelho, antes do abandono final. Por vezes, jogado numa cama, com pertinaz moléstia, por meses e até por um, dois e mais anos.

Dão-lhes certos tombos na vida material. Fazem ficar desempregados, passando necessidades etc. É como se diz na "gira de Terreiro"; "fulano está apanhando que só boi de canga".

Esses médiuns que estão dentro dessas condições disciplinares ficam revoltados, chegam até a xingar os seus Guias, etc., e costumam "correr outra gira", para ver "o que é que há com eles". E lá vão se queixar ao Protetor do outro, que naturalmente já sabe do que se trata. É quando "Preto-Velho" diz com muita propriedade: "*em surra de Preto-Velho eu não boto a mão*", ou então, "*quando Caboclo bate, não reparte pancada*".

Depois de uma séria disciplina, alguns desses médiuns se emendam, ficam com medo e não facilitam mais, isto é, começam a dominar a excessiva vaidade ou voltam à linha justa quanto à ambição pelo dinheiro ou às cobranças desregradas, ou sobrepujam as suas predisposições sensuais incontidas.

Porém, a maior parte desses médiuns, mesmo passando por uma disciplina, um duro castigo, mesmo assim, voltam a inclinar-se desastrosamente nas antigas e adormecidas predisposições, então "Caboclo ou Preto-Velho", vê que não há mais jeito, não adiantou o castigo, nem advertência, nem nada.

Assim, é um fato, é uma verdade que nenhum desses médiuns-fracassados ficou com o seu Protetor, em sua guarda, depois de terem errado, persistindo no erro.

Esses "médiuns" costumam se desculpar, depois, dizendo que caíram vítimas de demandas muito fortes etc., mas, não! Foi "força de pemba" mesmo. Foi a Lei que faz executar sobre eles o "semeia e colhe".

A "força de pemba" às vezes é tão grande, desce com tanta rapidez sobre o médium que prostituiu sua mediunidade que muitos são levados ao suicídio, à embriaguez e a vergonhas maiores.

Você, meu irmão umbandista (ou não) que acaba de ler tudo isso, sabe lá o quão doloroso é, para um médium, depois de ter sido admirado, acatado, respeitado, tido sua fase de glória mediúnica, acabar completamente desmoralizado, desprezado, em face de sua moral-mediúnica, sua moral-doméstica e social que ficou a zero.

Porque, meu irmão umbandista – cremos que você compreendeu bem o caso – não é o erro em si, porque errar é humano e afinal todos nós podemos escorregar, de uma forma ou de outra!

A questão é cometer o mesmo erro, é persistir nos mesmos erros. Caboclo e Preto-Velho não são carrascos, mas não podem acobertar erros nem a repetição dos mesmos erros.

(Texto extraído do livro: Segredos da Magia de Umbanda e Quimbanda", de: W. W. da Matta e Silva (Mestre Yapacany) – 2ª edição – 1982 – Livraria Freitas Bastos S/A)

27) O Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou como dever de todo umbandista, o estudo sistemático doutrinário do: "O Evangelho Segundo Espiritismo", "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", e, "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda", leituras que dão embasamento teórico à vida e ao desenvolvimento da mediunidade.

28) O Caboclo das Sete Encruzilhadas veio com a irradiação da Mãe Maria Santíssima, devotando-lhe grande afeição e amor, honrando-a e invocando-a em todas as Sessões.

(...) "*O Caboclo das Sete Encruzilhadas pertence à falange de Oxóssi, e sob a irradiação da Virgem Maria, desempenha uma missão ordenada por Jesus".* (...) (Trecho de Leal de Souza – "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – 1933 – capítulo XXIII)

As sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas eram chamadas por ele de: *"Tendas de Maria".*

(...) *"As Falanges de Nossa Senhora, ensinam os Espíritos, são as mais numerosas da Linha Branca de Umbanda e Demanda, pois sob essa invocação, que o resume na Linha, o culto de Maria possui o maior número de adeptos, e para atendê-los em suas súplicas, qualquer que seja o seu credo, essas legiões incontáveis descem e sobem, incessantemente, do espaço à Terra, e da Terra ao espaço. Compreendem essas Falanges as entidades que viveram, na última encarnação, nas matas cortados pelos arroios ou rios, pelos Espíritos das regiões litorâneas, pelo povo do mar, pelos que foram, no mundo material devotados a Virgem Maria, e pelos que a esses se agregaram por afinidades".* (...) (Trecho de Leal de Souza – "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – 1933)

Relembrando: Fazemos de nossas palavras, a de nosso confrade, Pai Valdo:

"A Mãe Maria Santíssima é a Estrela brilhante, encharcada da luz do amor e da misericórdia de Deus. Ela nos abraça, nos acolhe, nos cura e nos aponta o único caminho viável de ascender ao Reino de Deus, Reino de paz, e alegria permanentes, que é Jesus e o Seu Evangelho, quando vivenciado e amado.

A Umbanda nasceu dos braços de Mãe Maria Santíssima, com o Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois o mesmo sempre teve a maior consideração devocional por esta Mãe de Amor, bem como foi o seu sinal que marcou a primeira Tenda mandada erigir por ele, sob o título de "Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade". Segundo as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas: "Assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria aos que a ela recorressem nas horas de aflição".

Mãe Maria Santíssima é a Estrela da Umbanda. A sua vibração materna, a invocação de seu poder divinal está nos lábios, no coração e no trabalho de todos os Guias Espirituais; nos trabalhos dos Caboclos, na oração e trabalhos dos Pretos-Velhos.

Está enfim, em todas as atividades umbandísticas sérias, pois ela é o braço materno da misericórdia Divina a acolher os filhos que chegam com suas dores e problemas, e os encaminham amorosamente ao médico Divino que é Jesus, o Divino Pai Oxalá, seu amado filho.

A Umbanda venera, ama e concentra suas irradiações debaixo da bênção materna dessa Mãe Santíssima. Maria é a Mãe que nos ajuda na subida ao monte da perfeição, pela reforma íntima e trabalho assíduo em viver o Evangelho de Jesus.

Todo umbandista, nesta festa (religiosidade) de fé e alegria com a presença querida desta Mãe Santíssima, ouve e bebe suas palavras dirigidas aos nossos corações, vindas dos textos evangélicos, nas Bodas de Canaã: "Fazei tudo que Ele (Jesus) lhes mandar".

Os Guias Espirituais da Umbanda nos dizem:

- *Estás acabrunhado, busque Maria; ela é a Senhora da consolação.*
- *Estás desesperado, busque Maria; ela é a Mãe da esperança.*
- *Estás preocupado, busque Maria; ela é a conselheira materna e fiel.*
- *Estás doente, busque Maria; ela é a saúde dos enfermos.*
- *Estás triste, busque Maria; ela é a causa da nossa alegria.*
- *Estão lhe perseguindo e fazendo sofrer, busque Maria; ela é a defesa maternal.*

Em tudo, busque Maria; ela é a Estrela Matutina, refúgio e força dos fracos e imperfeitos, a Mãe do Divino Amor. A Umbanda sem a Mãe Maria Santíssima é uma Umbanda sem Jesus; e a Umbanda sem Jesus não é Umbanda, pois Ele é o Pastor Divino das Almas, que, por meio do Seu Evangelho Redentor nos ensina, e se torna o caminho para a felicidade, que consiste na implantação do Reino de Deus em nós.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas foi claro e tácito ao instituir o Movimento Religioso Umbandista no plano físico. Ele disse claramente: "...Vim para criar uma nova religião, baseada no Evangelho de Jesus e que terá como seu maior mentor o Cristo..."

Tendo a Umbanda como missão maior orientar e acolher os que sofrem, ajudando-os em sua caminhada encarnatória, e apontando-lhes o caminho da verdadeira libertação contida nos ensinamentos evangélicos, perderia seu status de religião, religação com Deus, se não tivesse no alto de sua fé, doutrina e ritual a imagem e presença de Jesus Cristo, nosso senhor e redentor. Não podemos, contudo, nos esquecer que Aquela que trouxe ao mundo encarnado a presença do Filho de Deus, foi esse Espírito iluminado, Mãe Maria Santíssima, que se tornou, assim, a Mãe de toda a humanidade e a intercessora maior, diante do seu Filho, em favor de todos nós, Espíritos caminhantes, endividados e carentes de fé, amor, paz e alegria".

**********//**********

Na história da fundação da Umbanda, lemos um relato da manifestação do Caboclo onde se diz: *(...) "Ao chegar à Federação foi convidado pelo dirigente daquela instituição a participar da sessão. Logo em seguida, contrariando as normas do culto, Zélio levantou-se dizendo que ali faltava uma flor. Foi até um jardim apanhou uma rosa branca e colocou-a no centro da mesa" (...).* Apuramos o seguinte:

Num relato fonográfico histórico (fita nº. 45, disponibilizada juntamente com esse livro em nosso site), aos 09 minutos e 48 segundos... (pergunta de Solano) Deixa eu lhe perguntar. Foi na casa desse seu avô (Joaquim Fernandino Costa), que se conta o caso daquela primeira manifestação do Caboclo, quando ele diz – "...alí faltava uma flor..." – e que ele anuncia que no dia seguinte seria fundada (nota do autor: a Umbanda). (Zélia de Moraes responde). *Foi; porque nos morávamos com o meu avô"...* Com mais esse relato, se verídico, tiramos a conclusão de que a fala do Caboclo – "...ali faltava uma flor..." (uma rosa branca), deu-se numa reunião em casa de Zélio, também no dia 15/11, e não na Federação em Niterói. Com certeza, em casa de Zélio, existia um jardim. Portanto corrobora com a versão de que na Federação, no centro de Niterói, não haviam jardins a disposição tão facilmente.

Segundo os Guias Espirituais, muitos umbandistas consideram a "rosa branca" como símbolo da Umbanda, mas, não é isso que o Caboclo das Sete Encruzilhadas quis dizer com o ato.

O Caboclo, desde a primeira manifestação, fez questão de sempre ter uma rosa branca ao centro da Mesa de Trabalho (usada até os dias atuais), tendo-a como símbolo maior da presença da Mãe Maria Santíssima na Umbanda, bem como é grandemente utilizado o magnetismo sublime emanante da rosa, para manipulações energéticas necessárias aos trabalhos.

“Mesa de Trabalho” na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Repare o copo com a rosa ao centro da mesa

29) Em processos de invocação, afirmação, proteção, magia, descarregos, utiliza a formação da “Mesa de Umbanda”.

A Mesa de Umbanda se constitui por uma série de pontos (grafia sagrada) que são riscados à frente do altar, na entrada do Terreiro, efetuados em todo e qualquer trabalho caritativo, de descarregos e afirmações. Os pontos cabalísticos riscados com Pemba representam uma grafia de projeção bidimensional de símbolos que se revestem de todo o poder mágico que as forças cósmicas lhe oferecem.

(...) *“Os pontos riscados são verdadeiros códigos registrados na “Confraria de Umbanda”, sediada no mundo espiritual. Eles identificam poderes, responsabilidades de Espíritos, tipos de atividade e os vínculos iniciáticos das falanges”* (...).

“Mesa de Umbanda” firmada na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

Nos pontos riscados, utilizam de Ponteiros: É um punhal pequeno, de preferência com cruzeta na manda, ou empunhadura. Serve para calcular o grau de eficiência dos trabalhos, pois as forças fluídicas contrárias, quando não foram quebradas, o impedem de cravar-se ou o derrubam, depois de firmado. Tem ainda a influência do aço, no tocante ao magnetismo e a eletricidade.

30) Dá ênfase a retidão de caráter e os princípios crísticos dos médiuns, para que possam ter mediunidades positivas.

"Desejar ao seu próximo aquilo que deseja para si, cumprir os mandamentos da lei de Deus é ser perfeito, e principalmente em qualquer religião, mas principalmente na religião Espírita, para que o médium seja um instrumento que possa ser tocado por qualquer professor de música que venha executar uma qualquer coisa, uma valsa, qualquer música enfim".

"É preciso que os aparelhos estejam sempre limpos, os instrumentos afinados com as virtudes que Jesus pregou aqui na Terra, para que tenhamos boas comunicações e proteção para aqueles que vêm em busca de socorro nas casas de Umbanda".

"Pois bem, sejam humildes, tragam amor no coração, mas amor de irmão para irmão porque as vossas mediunidades ficarão muito mais limpas e puras, sutil a qualquer Espírito superior que possa baixar. Que os vossos aparelhos estejam sempre limpos, que os vossos instrumentos sejam sempre afinados com as virtudes que Jesus aplicou na Terra para que tenham boas comunicações, boas proteções, para todos aqueles que possam em busca de socorro nas nossas Casas de Umbanda, nas nossas Casas de Caridade em todo o Brasil".

"(...) Fechai os olhos para a casa do vizinho; fechai a boca para não murmurar contra quem quer que seja; não julgueis para não serdes julgados; acreditai em Deus e a paz entrará em vosso lar. É dos Evangelhos (...)"

"Meus irmãos: sede humildes; trazei amor no coração para que pela vossa mediunidade possa baixar um Espírito superior; sempre afinados com a virtude que Jesus pregou na Terra, para que venha buscar socorro em vossas Casas de Caridade, em todo o Brasil (...)".

(Caboclo das Sete Encruzilhadas)

31) Trabalha integrado às "Sete Linhas de Umbanda", originalmente assim nominadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas:

1) Linha de Oxalá;
2) Linha de Ogum:
3) Linha de Oxossi;
4) Linha de Xangô;
5) Linha de Yemanjá (As entidades femininas de Nanã Buruquê e de Oxum se apresentam e trabalham dentro desta Linha);
6) Linha de Yansã; e,
7) Linha de Santo (também chamada de "Linha das Almas").

O Caboclo das Sete Encruzilhadas foi o primeiro a nomear "Sete Linhas de Umbanda". Para entendermos o porquê, vamos a alguns esclarecimentos:

"(...) Cada uma das Sete Linhas que constituem a Linha Branca de Umbanda e Demanda tem vinte e um Orixás. O Orixá é uma entidade de hierarquia superior e representa, em missões especiais, de prazo variável, o alto Chefe de sua Linha. É pelos seus encargos comparável a um general, ora incumbido da inspeção das Falanges, ora encarregado de auxiliar a atividade de Centros necessitados de amparo, e, nesta hipótese fica subordinado ao Guia geral do agrupamento a que pertencem tais Centros. Os Orixás não baixam sempre, sendo poucos os núcleos espíritas que os conhecem. São Espíritos dotados de faculdades e poderes que seriam terríficos, se não fossem usados exclusivamente em beneficio do homem. Em oito anos de trabalhos e pesquisas, só tive ocasião de ver dois Orixás, um de Oxossi, o outro de Ogum, o Orixá Mallet (...)". (Trecho de Leal de Souza – "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – 1933)

Como *"Orixás não baixam sempre"*, Leal de Souza se refere aos "enviados diretos dos Orixás" (Essenciais e Sustentadores), os 21 Espíritos Superiores, que tiveram vida na Terra, nominados como Orixás Mediadores, pontificando cada Linha; esses sim incorporam raramente, em ocasiões especiais. Cada um dos 21 Orixás Mediadores, coordenam todos os Guias Espirituais militantes na Umbanda. As Sete Linhas na Umbanda são compostas por agremiações de Espíritos elevados (Orixás Essenciais e Sustentadores), comandada por Orixás Mediadores (Pais de Segredo), dirigida por Espíritos Guias (Caboclo da Mata e Pretos-Velhos), e auxiliada por Espíritos Protetores (Caboclo Sertanejos, Caboclos D´Agua, Baianos, Curandeiros e Ciganos), todos com objetivos comuns.

As atuações e posturas arquetípicas dos Espíritos Guias na Umbanda, manipulam os reservatórios de energia (da Corporação Orixá) de cada Linha; por isso as “Sete Linhas de Umbanda” postadas como se fossem Orixás em si; nada mais seriam, do que Poderes Reinantes do Divino Criador, manipulados por Anjos a Arcanjos Planetários, distribuídas para 21 Espíritos Superiores nominados de Orixás Mediadores, que comandam Espíritos Guias, seus enviados, por afinidade fluídica. Isso tudo é para a Umbanda somente.

Como já explicamos anteriormente (no capítulo “A MODALIDADE UMBANDA CRÍSTICA”, no subtítulo: “A Umbanda Crística trabalha integrada às “Sete Linhas Excelsas de Umbanda”, assim nominadas”), o porquê de chamarmos de Linha Excelsa, quando nos referimos a Linha de Orixás.

A “Linha Excelsa de Santo” ou “Linha das Almas” é a denominação dada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para definir duas qualidades de Espíritos trabalhadores da Umbanda. Explicaremos sucintamente:

(...) *“Os trabalhadores espirituais da Linha de Santo, Caboclos ou Negros, são egressos da Linha Negra, e tem duas missões essenciais na Branca – preparam, em geral, os despachos propiciatórios ao Povo da Encruzilhada, e procuram alcançar amigavelmente de seus antigos companheiros, a suspensão de hostilidades, contra os filhos e protegidos da Linha Branca. Por isso, nos trabalhos em que aparecem elementos da Linha de Santo, disseminados pelas outras seis, estes ostentam, com as demais cores simbólicas, a preta, de Exu”.* (...) (Trecho de Leal de Souza – “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” – 1933)

“A Linha de Santo é transversal, e mantém a sua unidade através das outras”. (Trecho de Leal de Souza – “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” – 1933)

1ª Qualidade: Temos os Espíritos egressos do Reino da Kimbanda (Linha Negra) mais próximos à matéria, em busca da luz, de melhoria e de evolução, sendo muitos de grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas. São os Exus e Pombas-Gira da Lei, sendo nominados na Umbanda Crística como “Tarefeiros” (Falange de Trabalhos Espirituais dos Tarefeiros da Umbanda), supervisionados de perto pelas Linhas Mestras dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos, tendo como patrono e instrutor, Santo Antonio de Pádua, venerando da colônia espiritual denominada: “Fraternidade do Sagrado Coração de Maria”. Em trabalhos caritativos, estão em transição para o escalão de Protetores (Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais), dos Guias Espirituais (Caboclos da Mata e dos Pretos-Velhos). Os Tarefeiros são classificados como “Falangeiros” e não como Protetores, pois possuem grande capacidade ofensiva, mas, nenhuma flexibilidade, precisando do auxilio das “Linhas de Trabalhos Espirituais”.

2ª Qualidade: Temos os Espíritos de caboclos, índios, negros, todos em franca evolução, também de grandes conhecimentos e capacidade magística em manipulações energéticas. Outrora, alguns eram conhecidos como: “Caboclos e Pretos Kimbandeiros”, e posteriormente: “Caboclos e Pretos Traçados” (Traçados numa alusão a também trabalharem na banda negra; Espíritos de ex-Exus e ex-Pombas-Gira em transição para um posto superior), e hoje, os Espíritos dos Caboclos e dos Índios “Traçados” são conhecidos como Protetores Caboclos Sertanejos e Protetores Caboclos D´Agua (Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata). Os Espíritos dos Negros “Traçados” são conhecidos como Protetores Baianos (Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Guias Pretos-Velhos). Em trabalhos caritativos, os Espíritos dos Protetores Caboclos Sertanejos, dos Protetores Caboclos D´Agua e dos Protetores Baianos, estão em transição para o escalão superior de Guias Espirituais (Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos).

Existem ainda os Espíritos dos Ciganos, que foram integrados na Umbanda posteriormente, e, na Umbanda Crística, são nominamos de “Linha Secundária de Trabalhos Espirituais”, pois é composta por Espíritos de mediana evolução, ainda muito presos aos seus egos, portanto, externando grandemente suas materialidades, mas, já se gabaritando em trabalhos caritativos; é uma Linha de Trabalho independente (como muitos pensam, não estão integrados na Linha do Oriente), não sendo auxiliar exclusivo de nenhuma outra, mas, trabalham sob a coordenação e supervisão direta das Linhas Mestras de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos. Embora os Ciganos então em transição para o escalão de “Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais”, igualmente classificamo-los como “Protetores Espirituais”.

Todos são acolitados pelos Orixás Mediadores (os 21 Orixás responsáveis por cada Linha Excelsa, também chamados de: “Pais de Segredo”) coordenadores de todas as Linhas Excelsas, secundados pelas Linhas Mestras dos Guias Caboclos da Mata e dos Guias Pretos-Velhos, que os têm como: “Auxiliares”.

Em época de Zélio de Moraes, não trabalhavam como hoje se fazem em muitos Terreiros, em Linhas distintas, mas sim, integradas às Linhas Mestras (Guias Caboclos da Mata e Guias Pretos-Velhos) como auxiliares, não sendo identificados como tais.

A “Linha de Santo” ou “Linha das Almas” pontifica uma das Sete Linhas Excelsas nominadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, o qual não foi explicitado o Orixá que a dirige. Em obra de Leal de Souza, “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda – 1933”, lemos:

1º) *"Cada uma das sete Linhas que constituem a Linha Branca de Umbanda e Demanda tem vinte e um Orixás".* **2º)** *"Constatamos, em cada Linha, a inspeção constante de vinte e um Orixás, Espíritos dotados de faculdades e poderes extraordinários".*

Se cada Linha Excelsa tem a direção de um Orixá, e a inspeção constante de 21 Orixás ligados a este, chegamos a conclusão que a 7ª Linha (Linha de Santo ou Linha das Almas), também o têm, mas, não encontramos nenhum documento que o diz. Com as pesquisas efetuadas nas afirmações do Capitão Pessoa, um dos primeiros a ser formado dirigente de uma das sete Tendas do instituidor da Umbanda, chegamos a conclusão que o Orixá direcionador da "Linha de Santo ou Linha das Almas", é sem dúvidas: Omulú (a morte – o velho)/Obaluaê (a vida – o novo). São dois aspectos em um só. Um só poder, emanando duas irradiações distintas, interligadas.

Omulú

José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, fundada em 1935 – uma das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, referia-se muito a Omulú, inclusive tendo uma pintura com sua concepção (acima), em seu Terreiro (disponibilizada no periódico "O Semanário" – Ano III – número 91 – 1958), com sua mão sobre um cruzeiro, designativo das Almas, como seu comandante supremo:

No periódico "O Semanário" – Ano III – número 142, de 08 a 14 de Janeiro de 1959, o Capitão Pessoa diz que: *"O Grande Omulú, faz parte da Trindade da Umbanda na qual representa a poder da destruição* (nota do autor: Transformação)*",* e também da "Linha das Almas" (igualmente chamada de "Linha de Santo"), juntamente com os Omulús/Obaluaês, seus emissários.

Se o Capitão Pessoa assim acreditava, com certeza tinha a anuência do Caboclo das Sete Encruzilhadas, seu iniciador. A Tenda Espírita São Jerônimo era uma das mais atuantes em época (atendendo mensalmente, cerca de 30.000 pessoas), sendo grande divulgadora dos ensinamentos do instituidor da Umbanda.

Explicaremos pormenorizadamente a "Linha Excelsa de Santo ou Linha das Almas", no livro: "COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – OS GUYIAS E PROTETROES ESPIRITUAIS", no capítulo "Os Guias e os Protetores Espirituais – Os Espíritos Tutelares":

> **32) Em Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, louvam-se e trabalham com alguns Espíritos que em vida foram Santos Católicos, proeminentes.**

Alguns Santos já eram pontificados pelos primeiros umbandistas. Aliás, como já vimos, foi um ex-padre jesuíta (Caboclo das Sete Encruzilhadas) com a colaboração de um Santo (Santo Agostinho), que vieram dar início a Religião de Umbanda. Entre as 07 primeiras Tendas de Umbanda, 06 homenagearam Santos, colocando seus nomes para designá-las: Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia, Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, Tenda Espírita Santa Bárbara, Tenda Espírita São Pedro, Tenda Espírita Oxalá, Tenda Espírita São Jorge, Tenda Espírita São Jerônimo. Alguns dizem que era pelo fato do sincretismo, mas refutamos tal dissertativa, pois a Umbanda não é sincrética; o sincretismo é das religiões afrodescendentes (Candomblés).

Segundo o antropólogo Reginaldo Prandi, o Candomblé timidamente veio para o Rio de Janeiro por volta de 1930 – portanto, a Umbanda já tinha 22 anos. Somente os culto-afros são sincréticos. O único sincretismo existente na Umbanda é dos arquétipos regionais dos Guias e Protetores Espirituais, ligando-os aos tipos sociais brasileiros.

Não nos esqueçamos que a Umbanda foi iniciada por Espíritos e não por Orixás. Eram "Sete Linhas de Umbanda" – Sete Linhas de Trabalhos Espirituais com manifestações mediúnicas de Espíritos e não Sete Linhas de Trabalhos Espirituais com manifestações mediúnicas de Orixás.

Essa questão da inclusão incisiva dos Orixás na Umbanda, com lendas africanas, obrigações, feituras de santo, etc., teve seu início com a Macumba, tendo seu ápice na década de 1950, pela influência obstinada do senhor Tatá Tancredo da Silva Pinto, criador e propagador do Culto Omolokô.

Seis das primeiras Tendas de Umbanda tinham como patronos Santos Católicos venerados pelo nosso povo. Se fosse sincretismo, com quem Nossa Senhora da Guia, e Nossa Senhora da Piedade, eram sincretizadas então?

O Espírito de Ramatis afirma a presença de Santos canonizados pela Igreja Católica na Umbanda, como Guias Espirituais: *"(...) Realmente, Espíritos de elevada estirpe sideral operam nas atividades de Umbanda; alguns deles foram até canonizados pela Igreja Católica e outros são conhecidos nas próprias sessões do espiritismo kardecista. Embora sejam entidades de luz, disfarçam-se sob o invólucro de "cascões perispirituais" evocados de sua configuração no passado, e misturam-se às falanges primitivas de Umbanda, habituando os seus comandados à prática do Bem (...)".* (Trecho Extraído do livro: "A Missão do Espiritismo – pelo Espírito de Ramatis – obra psicografada pelo médium: Hercílio Maes)

Segundo Yogananda ("Onde Existe Luz" – Self-Realization Fellowship): *"Os Santos são pecadores que não desistiram".*

O QUE É SANTO NA VISÃO ESPÍRITA?

André Luiz responde: *"É um atributo dirigido a determinadas pessoas que aparentemente atenderam, na Terra, à execução do próprio dever."*

Os Santos são chamados de socorristas, e estes trabalham e não querem outro pagamento a não ser adquirir vontade de serem bons e servos de Jesus. Trabalham por toda parte, nos umbrais, nos postos de socorro e também ajudam os encarnados e muitas vezes, atendem os chamados de fé em nome das diversas entidades conhecidas na Terra (Santo Expedito, São Jorge, Santa Bárbara, São Pedro, Santo Agostinho, etc.). Há grande concentração de socorristas em lugares de romaria onde muitos oram e fazem pedidos.

Estes abnegados trabalhadores atendem em nome da Mãe Maria Santíssima, dos diversos Santos, do Mestre Jesus, etc. Os bons acodem sempre. Se os pedidos são mais complexos, são encaminhados a ministérios próprios e analisados pelos que lá trabalham. Para serem atendidos, são levados em conta alguns critérios como: "O que pede é bom para ele?"

Às vezes, pede-se uma graça que seria um bem no momento, e causa de dor no futuro; pedem fim de sofrimentos, doenças e às vezes não se pode interromper o curso de seu resgate; também é levado em conta, se ao receber a graça, a pessoa melhora se voltando mais ao "Pai". Se aprovado, vão os socorristas e ajudam a pessoa (de qualquer religião e fora dela também), não importando a eles para quem foi e como foi feito o pedido, embora, há equipes que trabalham atendendo os pedidos à Mãe Maria Santíssima, Santos do lugar, etc. Podemos também ser atendidos pelos próprios Santos, que nada são, do que servos de Jesus.

(Texto de: grupoallankardec.blogspot.com)

Muitos já nos disseram que a presença de Santos Católicos no altar da Tenda Espírita nossa Senhora da Piedade, deveu-se ao fato de o Espírito Caboclo das Sete Encruzilhadas ter sido padre numa das suas encarnações e trazer esse expediente para a Umbanda. Isso é fato? Se for então, podemos dizer que esse Caboclo, infelizmente, está preso em seu ego, não podendo ser um Guia Espiritual a dirigir pessoas, quem dera iniciar uma religião.

As imagens que estão no altar foi da escolha e da vontade particular de Zélio de Moraes; o Caboclo das Sete Encruzilhadas não determinou a colocação de imagem alguma. A montagem de um altar é da nossa vontade e da nossa idealização. O que compõe um altar é da nossa particularidade; isso não influi em nada a realização do trabalho caritativo; só devemos tomar o devido cuidado de não exagerar nas imagens e nos apetrechos, que sabemos não aumentar em nada a espiritualidade. Com certeza, algumas imagens de bom gosto e bem colocadas, aumenta a fé dos assistidos, pois tem um ponto de concentração e atração, pois só conseguimos entender claramente o que os nossos cinco sentidos captam.

Porque Santos católicos na Umbanda? Vamos elucidar: Certamente, os atuais umbandistas não aceitaram a classificação dos Santos na Umbanda, e por fim, com o tempo, praticamente "congelaram-nos", colocando-os tão somente como aceitos pelos remanescentes católicos que vieram para a Umbanda, ou mesmo pelo fato do sincretismo afro. Vamos explicar melhor a importância dos Santos na Umbanda, e pelo que estudaremos, entendemos que nada mais são que a Irmandade Espiritual dos Semirombas em trabalho amoroso e caritativo em nossa amada religião.

Afinal, por que então os umbandistas aceitam a presença de Espíritos de Babalawôs, Pajés, do Oriente, etc., se todos eles também foram de outra religião quando encarnados?

Talvez a não aceitação dos Santos fosse pelo fato da grande confusão reinante sobre o entendimento do que seriam os Orixás, e a partir daí, fizeram a ligação chamada "sincretismo", pela similitude de características, qualidades e atribuições.

Só tem uma coisa: o sincretismo foi efetuado pelo e para somente os cultos afros. A Umbanda não é sincrética.

Cremos que alguns Santos proeminentes, Espíritos elevados, que na Umbanda são também nominados de Orixás, onde alguns pontificam Linhas de Trabalhos dos Orixás Mediadores, como representantes dos mesmos, atuando em comunhão com essa força; Exemplos: São Jorge é um Ogum, São Jerônimo é um Xangô, Santa Bárbara é uma Yansã, São Lázaro é um Omulú, etc. (eles não são "o" Orixá, mas "um" Orixá, perfazendo toda uma Linha de Trabalho Espiritual). Alguns Espíritos da Luz, conhecidos como Santos, estão na Umbanda; cada um deles pontifica um dos 21 Orixás Mediadores de cada Linha que vieram para a Umbanda. Eles dão assistência tanto para a Umbanda quando para o catolicismo.

Os Santos, Guias e Protetores Espirituais, Anjos, etc. seriam, "Um" com os Orixás, ou seja, vibram por afinidades e temperamentos na mesma faixa vibratória do que seria esse Orixá, a que estão ligados. Crendo ou não em Orixás, fica patente que tudo na Terra vibra e tem em sua constituição física/espiritual a presença dos elementos da Natureza que sabemos ter a presença dos Orixás em si; portanto, Santos, Anjos, Espíritos de toda ordem ligados ao Planeta Terra, estão integrados aos elementos da Natureza terrena, vibrando na força/irradiação Orixá.

Os Templos Umbandistas não estão errados quando clamam por São Jorge como Ogum, pois esse mesmo São Jorge, Espírito elevado, está ligado fluidicamente e espiritualmente, por afinidade e temperamento com a força da Lei Divina, conhecida por nós como Ogum. Assim também, seria com Santa Bárbara, ligada fluidicamente com Yansã, São Jerônimo, ligado fluidicamente com Xangô, etc.

Não devemos erradicar os Santos da Umbanda, pois são Espíritos iluminados que viveram uma vida santificada, voltados a prática da caridade, humildade, amor, fé, esperança e prática evangélica, sendo grandes exemplos cristãos para a humanidade.

A Umbanda segue, aceita e coaduna com os Espíritos e a Espiritualidade e não com os religiosos e religiões terrenas. Não praticamos catolicismo, mas aceitamos alguns Santos, por serem Espíritos de muita luz, nos dando exemplos vivos de espiritualidade, fé, amor, oração e caridade.

Como também não somos kardecistas, mas aceitamos alguns Espíritos da Luz que ali militam, seus conceitos e orientações, desde que calcados nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso.

Aliás, temos vários Guias e Protetores Espirituais que pertenceram à outras plagas e religiões terrenas quando em vida, e hoje estão militando na Umbanda, por sua vivenciação evangélica, integrados às cortes de Jesus. Exemplos: malaio/muçulmano (Orixá Mallet), hinduísta/himalaico (Ogum Timbiri), árabes e beduínos/muçulmanos (Pai Jimbaruê de Aruanda, Caboclo da Lua, etc.), hinduístas/Índia (Pai Jacob, Mestre Zartú, Ori do Oriente) etc.

Cada indivíduo considerado como "Santo", o é devido a sua justeza, retidão, caráter, espiritualidade, às obras assistenciais ou mesmo miraculosas efetuadas durante a sua curta permanência na Terra, e com certeza vibrava dentro de um Poder Reinante do Divino Criador (Corporações Orixás) e por isso conseguia através de sua fé imaculada e poderosa, realizar os tais "milagres".

Em alguns trechos de uma conversa informal de Pai Antônio, manifestado em Zélio de Moraes, numa fita cassete gravada pela jornalista Lilia Ribeiro, em 1971, assim se refere aos Santos:

"(...) Pedro. É um nome de respeito meu filho, sabe disso? Quando a gente fala em Pedro a gente bate no chão, salva, salva São Pedro. São Pedro salva, não é isso meu filho? Não é mesmo? (...).

"(...) Pois é criança esse mundo é assim mesmo não é meu filho ninguém sabe, e a mãe diz tô estudando, de onde vem, e você não sabe de onde vem e pra onde vai, senhor sabe Pedro?

Não senhor.

Não sabe né meu filho? Tu não sabe o dia de amanhã né? Ninguém sabe né meu filho? Então vamos ter fé em Deus, não é isso, vamos ter fé em Jesus, vamos ter fé nos Santos, não é verdade meu filho?

É verdade.

As igrejas pegaram os Santos, amarraram e botaram no canto da parede. Cavalo foi ver Nossa Senhora da Piedade lá em..., onde foi Maria?

Taboraí.

Unaí não, outro

Taboraí.

Taboraí, ta. Nossa Senhora da Piedade os Santos tudo amarrado com corda lá no canto cheio de poeira; cavalo ficou triste; as lágrimas corria; será possível que acabaram com os Santos; botaram só coisinhas no altar? Mas a vida é essa né? (...)".

Vejam só a orientação do Evangelho, que nos ensina a "pedirmos" ao Espírito Santo (os Espíritos Santos de Deus, os Espíritos de e da Luz, os Guias e Protetores Espirituais, aqui incluídos alguns Espíritos conhecidos como "Santos"): *"Pois, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai Celestial, um Espírito Santo, àqueles que lho pedirem?".* (Lucas 11.13)

33) O Caboclo das Sete Encruzilhadas fazia questão absoluta em propagar que a Umbanda e seus trabalhadores desencarnados eram simples, humildes, amorosos, caridosos e desprovidos de vaidades, e que seus trabalhadores encarnados também o deveriam ser.

"Umbanda é humildade, amor e caridade – esta é a nossa bandeira". (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

(...) "Meus irmãos sejam humildes, tenham amor no coração, amor de irmão para irmão, porque vossas mediunidades ficarão mais puras, servindo aos Espíritos superiores que venham a baixar entre vós" (...). (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

*"*E que nome darão a essa Igreja? O Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: *Tenda Nossa Senhora da Piedade, pois da mesma forma que Maria ampara nos braços o filho querido, também serão amparados os que se socorrerem da Umbanda".* A denominação de "Tenda" foi justificada assim pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas: *Igreja, Templo, Loja, dão um aspecto de superioridade, enquanto que Tenda lembra uma casa humilde".*

(...) "O que ele deseja (Nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas)*, entretanto, é que este ritual de Umbanda, humilde, mas cheio de luz, seja nivelado ao ritual elevado das grandes religiões e isento de toda inferioridade e da prática de coisas inúteis e perniciosas". (...)* (Por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – "Semanário", número 91 – ano III – página 15 – 1958)

Transcreveremos novamente o capítulo XXIII do livro: "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – de Leal de Souza – 1933, no qual escreve sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, Entidade a qual esteve ligado por muitos anos, a fim de relembrarmos e gravarmos em nosso mente, como era o instituidor da Umbanda:

"Se alguma vez tenho estado em contato consciente com algum Espírito de Luz é, sem dúvida, aquele que se apresenta sob o aspecto agreste, e sob o nome bárbaro de Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Sentindo-o ao nosso lado, pelo bem estar espiritual que nos envolve e sensibiliza, pressentimos a grandeza infinita de Deus, e, guiados pela sua proteção, recebemos e suportamos os sofrimentos com uma serenidade quase ingênua, comparável ao enlevo das crianças nas estampas sacras, contemplados, da beira do abismo, sob as asas de um anjo, as estrelas do Céu.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas pertence à falange de Oxóssi, e sob a irradiação da Virgem Maria, desempenha uma missão ordenada por Jesus.

O seu ponto emblemático representa uma flecha atravessando um coração, de baixo para cima; a flecha significa direção, o coração o sentimento, e o conjunto orientação dos sentimentos para o alto, para Deus.

Estava esse Espírito no espaço, no ponto de intersecção de sete caminhos, chorando sem saber o rumo que tomava, quando lhe apareceu, na sua inefável doçura, Jesus, e mostrando-lhe, numa região da Terra, as tragédias da dor e os dramas da paixão humana, indicou-lhe o caminho a seguir, como missionário do consolo e da redenção. E em lembrança desse incomparável minuto de sua eternidade, e para se colocar no nível dos trabalhadores mais humildes, o mensageiro de Cristo tomou o seu nome dos caminhos que o desorientavam, e ficou sendo o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

E já vinte e três anos, baixando em uma casa pobre de um bairro paupérrimo, iniciou a sua cruzada, vencendo, na ordem material, obstáculos que se renovam quando vencidos e derrubados, e dos quais o maior é a qualidade das pedras com que deve construir o novo templo.

Entre a humildade e a doçura extremas, a sua piedade se derrama sobre quantos o procuram, e não poucas vezes, escorrendo pela face do médium, as suas lágrimas expressam a sua tristeza, diante dessas provas inevitáveis a que as criaturas não podem fugir.

A sua sabedoria se avizinha da onisciência. O seu profundíssimo conhecimento da Bíblia e das obras dos doutores da Igreja, autorizam a suposição de que ele, em alguma encarnação, tenha sido sacerdote, porém a medicina não lhe é mais estranha do que a Teologia.

Acidentalmente, o seu saber se revela. Uma ocasião, para justificar uma falta, por esquecimento, de um de seus auxiliares humanos, explicou, minucioso, o processo de renovação das células cerebrais, descreveu os instrumentos que servem para observá-las e contou numerosos casos de ferimentos que as atingiram, e como foram tratados na Grande Guerra deflagrada em 1914.

Também para fazer os seus discípulos compreenderem o mecanismo, se assim posso expressar-me, dos sentimentos, explicou a teoria das vibrações e a dos fluídos, e numa ascensão gradativa, na mais singela das linguagens ensinou a homens de cultura desigual as transcendentes Leis da Astronomia.

De outra feita, respondendo a consulta de um espírita que é capitalista em São Paulo e representa interesses europeus, produziu um estudo admirável da situação financeira criada para a França, pela quebra do padrão ouro na Inglaterra.

A linguagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas varia, de acordo com a mentalidade de seus auditórios. Ora chã, ora simples, sem um atavio, ora fulgurante nos arrojos da alta eloquência, nunca desce tanto, que se abastarde, nem se eleva demais, que se torne inacessível.

A sua paciência de mestre é como sua tolerância de chefe, ilimitada. Leva anos a repetir, em todos os tons, através de parábolas, por meio de narrativas, o mesmo conselho, a mesma lição, até que o discípulo, depois de tê-la compreendido, comece a praticá-la.

A primeira vez em que os videntes o vislumbraram, no início de sua missão, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, se apresentou como um homem de meia idade, a pele bronzeada vestindo uma túnica branca, atravessada por uma faixa branca onde brilhava, em letras de luz, a palavra "Cáritas".

Depois de muito tempo, só se mostrava como Caboclo com tanga de plumas e mais atributos dos Pajés silvícolas. Passou, mais tarde, a ser visível na alvura de sua túnica primitiva mas há anos acreditamos que só em algumas circunstâncias se reveste da forma corpórea, pois os videntes não o veem, e quando a nossa sensibilidade e os outros Guias assinalam a sua presença, fulge no ar uma vibração azul e uma claridade dessa cor paira no ambiente"...

O Caboclo das Sete Encruzilhadas jorrava serenidade, doçura e principalmente Piedade. Aqueles que por Graça conheceram o Caboclo das Sete Encruzilhadas relatam que não era raro ver, durante as sessões, lágrimas escorrendo as faces de seu aparelho quando incorporado. Sua Misericórdia em ver seus pobres e amados filhos da Terra sofrendo o afligiam.

Este Espírito formidável e bem-aventurado nas Graças do Senhor, possuía todo tipo de conhecimento, nunca deixara uma pergunta sem uma resposta, poderíamos até afirmar que seu conhecimento era quase onisciente.

Possuía extraordinário conhecimento de medicina e teologia, com as quais deixava os doutos da Igreja e da área médica, estupefatos, pois, abordara assuntos que nem ao menos eles tinham conhecimento ou refletido sobre a causa para descobrir o efeito.

A sua linguagem e forma de se expressar variava, de acordo com a faixa intelectual de quem o abordara, para que fosse de fácil compreensão daqueles que o consultavam.

Em muitas ocasiões discursava em alta eloqüência, dentro dos arrojos da língua, e quando compareciam pessoas com menor saber, descia mais seu vocabulário, para que todos ouvissem , entendessem e aprendessem. Passou todos os anos ensinando através de parábolas e ensinos, e sua paciência e tolerância nunca sumiu".

*********//**********

O Caboclo das Sete Encruzilhadas sempre exortou que nenhum médium deve ser o centro das atenções. Que não deve se dar destaque individual, pois todos trabalham para a coletividade, mesmo que isso venha a incomodar sua própria vida. Sempre concitou a todos a lutarem tenazmente contra a vaidade que destrói um médium, que deveriam ser desapegados e imparciais.

Enfatizava a busca do conhecimento, da riqueza interior, deixando as aparências exteriores em segundo plano. Que devemos cultivar a humildade a caridade e o amor.

O Caboclo disse: *(...) "Tenho uma coisa a vos pedir: se Jesus veio ao planeta Terra na humildade de uma manjedoura, não foi por acaso. Assim, o Pai determinou. Podia ter procurado a casa de um potentado da época, mas foi escolher aquela que havia de ser sua mãe, este Espírito que viria traçar à humanidade os passos para obter paz, saúde e felicidade. (...)*

Observem que o Caboclo exalta a humildade de onde Jesus nasceu: uma manjedoura; Jesus viveu uma vida simples, honesta, sem luxo, sem suntuosidade; no meio de gente simples, morando em local simples, mas, realizou um trabalho majestoso, libertando-nos das nossas imperfeições. Jesus é o governador no nosso Planeta; o Espírito mais sublime que esteve entre nós até agora.

Leal de Souza em 1933 nos diz: *"E já vinte e três anos, baixando* (nota do autor: Caboclo das Sete Encruzilhadas) *em uma casa pobre de um bairro paupérrimo".*

Vejam bem: A Tenda Piedade era instalada a duas décadas numa casa pobre num bairro paupérrimo. Observem que o Caboclo não fez questão de que a Umbanda fosse rica, opulenta, mais elevada que as demais, instalada em edificação pomposa, ostentando magnificências.

O Caboclo nos quis dar o exemplo de como deve ser um Terreiro de Umbanda: locais simples, desprovidos de esplendores, luxos, suntuosidades, com ambiente sóbrio, sem excessos de ornamentações excêntricas, extravagantes, primitivas, mas, aconchegantes, belos, formosos, agradáveis, harmoniosos, limpos, ordeiros e disciplinados, onde se pratica e se dá ênfase à caridade, ao amor e a humildade, calcados nos ensinamentos crísticos.

Até na denominação de um Terreiro o Caboclo se preocupou, pois conforme o nome dado (Templo, Igreja, Loja, etc.), poderia sugerir na cabeça dos frequentadores, a questão de superioridade ou mesmo de mais seriedade.

Hoje, pela aceitação da Umbanda pela sociedade, muitos Terreiros se intitulam de "Templo", pelo simples fato de ter uma conotação positiva, como dizem os dicionários: TEMPLO: *"Edifício consagrado ao culto religioso; Nome de uma ordem religiosa. Fig. Lugar digno de respeito: seu lar é um templo",* sem, contudo, perderem a simplicidade do local e de seus trabalhos.

34) O Caboclo das Sete Encruzilhadas reconhece a autoridade de "Ismael", Espírito Superior, de grande envergadura moral, o Guia Espiritual do Brasil, que recebeu de Jesus a missão de conduzir o desenvolvimento do Evangelho, do Amor e da Caridade em todo território nacional, e tutelar da Umbanda, honrando-o nas aberturas de todos os trabalhos, com a Prece a Jesus, elaborada pelo Espírito de Ismael.

Mas quem foi Ismael? Quem é essa entidade espiritual?

Vamos dar uma olhada no texto do "Antigo Testamento", em Gênese 16:

[1] Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos. Tinha ela uma serva egípcia, que se chamava Agar.

[2] Disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de ter filhos; toma, pois, a minha serva; porventura terei filhos por meio dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai.

[3] Assim Sarai, mulher de Abrão, tomou a Agar a egípcia, sua serva, e a deu por mulher a Abrão seu marido, depois de Abrão ter habitado dez anos na terra de Canaã.

[4] E ele conheceu a Agar, e ela concebeu; e vendo ela que concebera, foi sua senhora desprezada aos seus olhos.

[5] Então disse Sarai a Abrão: Sobre ti seja a afronta que me é dirigida a mim; pus a minha serva em teu regaço; vendo ela agora que concebeu, sou desprezada aos seus olhos; o Senhor julgue entre mim e ti.

[6] Ao que disse Abrão a Sarai: Eis que tua serva está nas tuas mãos; faze-lhe como bem te parecer. E Sarai maltratou-a, e ela fugiu de sua face.

[7] Então o anjo do Senhor, achando-a junto a uma fonte no deserto, a fonte que está no caminho de Sur,

[8] Perguntou-lhe: Agar, serva de Sarai, donde vieste, e para onde vais? Respondeu ela: Da presença de Sarai, minha senhora, vou fugindo.

[9] Disse-lhe o anjo do Senhor: Torna-te para tua senhora, e humilha-te debaixo das suas mãos.

[10] Disse-lhe mais o anjo do Senhor: Multiplicarei sobremaneira a tua descendência, de modo que não será contada, por numerosa que será.
[11] Disse-lhe ainda o anjo do Senhor: Eis que concebeste, e terás um filho, a quem chamarás Ismael; porquanto o Senhor ouviu a tua aflição.

[12] Ele será como um jumento selvagem entre os homens; a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele; e habitará diante da face de todos os seus irmãos.

[13] E ela chamou, o nome do Senhor, que com ela falava, El-Rói; pois disse: Não tenho eu também olhado neste lugar para aquele que me vê?

[14] Pelo que se chamou aquele poço Beer-Laai-Rói; ele está entre Cades e Berede.

[15] E Agar deu um filho a Abrão; e Abrão pôs o nome de Ismael no seu filho que tivera de Agar.

[16] Ora, tinha Abrão oitenta e seis anos, quando Agar lhe deu Ismael.

Segundo o texto bíblico, Ismael, filho de Abraão, seria o representante de uma raça sofrida pelas demais nações.

Concepção de Ismael

Analisando o texto acima, vemos, talvez, uma espécie de profecia no sentido de designar Ismael para coordenar uma nação que teria o compromisso de ser a “Jerusalém renovada”, a Canaã prometida. Alguma relação com proposta de o Brasil ter sido destinado a “Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” já que o Espírito que representa Jesus em terras brasileiras se chama Ismael?

No livro “Crônicas do Além-Túmulo”, também, de Humberto de Campos, psicografado por Chico Xavier, o Apóstolo Pedro confirma esta predestinação quando diz a Humberto ter vindo conhecer o Brasil, nação comandada por Ismael, filho de Abrão e Hagar.

GRUPO CONFÚCIO

Foi o Grupo Confúcio, fundado no Rio de Janeiro, em agosto de 1873 (nota do autor: Considerado o primeiro Centro Espírita da então Capital do Império – Rio de Janeiro), que o Brasil recebeu a primeira mensagem do Espírito Ismael, que mostra claramente o papel do Brasil no compromisso evangélico de adotar a moral de Cristo como prioridade para nossa evolução (...).

“O Brasil tem a missão de cristianizar. É a terra da promissão. A terra de todos. A terra da fraternidade. A terra de Jesus. A terra do evangelho. Não foi por acaso que tomou o nome de Vera Cruz, Santa Cruz. Não foi sem significado que vira os primeiros navegadores debaixo do Cruzeiro do Sul. Na Era Nova e próxima, abrigará um povo diferente pelos costumes cristãos. Cumpre ao que ora ouve os arautos do Espaço, que convocam os homens de boa vontade para o preparo da Nova Era, reconhecer em Jesus o Chefe Espiritual. Com o Evangelho explicado à luz do Espiritismo, a moral de Jesus, semeada pelos jesuítas e alimentada pelos católicos, atingirá sua finalidade, que é rejuvenescer os homens velhos, que aqui nascerão ou que aqui virão de todas as partes do globo, cansados de lutas fratricidas e sedentos de confraternidade.

A missão dos espíritas (nota do autor: aqui, o termo “espírita” se refere a todos os que seguem os ensinamentos do Espíritos, portanto, incluida está a Umbanda) no Brasil é divulgar o Evangelho em espírito e verdade. Os que quiserem cumprir o dever, a que se obrigaram antes de nascer, deverão reunir-se debaixo deste pálio trinário: “Deus, Cristo e Caridade”. Onde estiver esta bandeira, ai estará eu, Ismael”. (nota do autor: O Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: A bandeira da Umbanda é “Caridade, Amor e Humildade”. Observaram a similitude? Os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda não são os homens de boa vontade para o preparo da Nova Era, reconhecendo em Jesus o Chefe Espiritual? Aqui não estão os compromissos da Umbanda com o Anjo Ismael?)

(Trecho extraído do livro: “No Tempo do Comandante – Edgard Armond e os Espíritos em Época de Revolução” – de Edelson da Silva Júnior – Editora Radhu – 1ª edição, Janeiro de 2010)

O Espírito Humberto de Campos (Irmão X), no livro “*Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, relata que, nos primórdios do descobrimento do Brasil, Ismael foi escolhido por Jesus para ser o zelador dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro, um dos elevados colaboradores, que recebeu do Mestre, no ano de 1500, quando se celebrava na espiritualidade a “descoberta” da nova terra (o Brasil), a missão de conduzir o desenvolvimento do Evangelho, do amor e da caridade por todo o território. Ele, assim, preside, juntamente com a sua falange, o progresso e o desenvolvimento do nosso país. Para termos uma noção de quem seria Ismael, vamos um breve relato deste livro, que deve ser lido por todos, para vislumbrarmos a missão do Brasil perante a comunidade terrena: Ismael teria planejado a miscigenação racial, para tornar o povo brasileiro mais sensível a mudanças e capaz de entender as diversidades. Ismael com suas falanges de obreiros da vida eterna, auxiliou o Caboclo das Sete Encruzilhadas a organizar a religião de Umbanda. Observe no livro *“Brasil – Coração do Mundo Pátria do Evangelho”,* de Chico Xavier, os relatos do envolvimento amoroso e o auxílio de Ismael com os negros e índios no Brasil.
Vamos a um trecho deste maravilhoso livro:

“ (,,,) Uma alegria paradisíaca reinava em todas as almas que comemoravam o advento da Pátria do Evangelho, quando se fez presente, na assembleia augusta, a figura misericordiosa do Cordeiro.

Complacente sorriso lhe bailava nos lábios angélicos e suas mãos liriais empunhavam largo estandarte branco, como se um fragmento de sua alma radiosa estivesse ali dentro, transubstanciado naquela bandeira de luz, que era o mais encantador dos símbolos de perdão e de concórdia. Dirigindo-se a um dos seus elevados mensageiros na face do orbe terrestre, em meio do divino silêncio da multidão espiritual, sua voz ressoou com doçura:

— Ismael, manda o meu coração que doravante sejas o zelador dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro. Recebe-a nos teus braços de trabalhador devotado da minha seara, como a recebi no coração, obedecendo a sagradas inspirações do Nosso Pai.

Reúne as incansáveis falanges do Infinito, que cooperam nos ideais sacrossantos de minha doutrina, e inicia, desde já, a construção da pátria do meu ensinamento. Para aí transplantei a árvore da minha misericórdia e espero que a cultives com a tua abnegação e com o teu sublimado heroísmo. Ela será a doce paisagem dilatada do Tiberíades, que os homens aniquilaram na sua voracidade de carnificina. Guarda este símbolo da paz e inscreve na sua imaculada pureza o lema da tua coragem e do teu propósito de bem servir à causa de Deus e, sobretudo, lembra-te sempre de que estarei contigo no cumprimento dos teus deveres, com os quais abrirás para a humanidade dos séculos futuros um caminho novo, mediante a sagrada revivescência do Cristianismo.

Ismael recebe o lábaro bendito das mãos compassivas do Senhor, banhado em lágrimas de reconhecimento, e, como se entrara em ação o impulso secreto da sua vontade, eis que a nívea bandeira tem agora uma insígnia. Na sua branca substância, uma tinta celeste inscrevera o lema imortal: "Deus, Cristo e Caridade".

Todas as almas ali reunidas entoam um hosana melodioso e intraduzível à sabedoria do Senhor do Universo. São vibrações gloriosas da espiritualidade, que se elevam pelos espaços ilimitados, louvando o Artista Inimitável e o Matemático Supremo de todos os sóis e de todos os mundos.

O emissário de Jesus desce então à Terra, onde estabelecerá a sua oficina. Os exércitos dos seres redimidos e luminosos lhe seguem a esplêndida trajetória e, como se o chão do Brasil fosse a superfície de um novo Hélicon da imortalidade, a natureza, macia e caricíosa, toda se enfeita de luzes e sombras, de sinfonias e de ramagens odoríferas, preparando-se para um banquete de deuses.

Os caminhos agrestes tornam-se sendas de maravilhosa beleza, rasgadas pelas coortes do invisível."

Desde que recebeu de Jesus essa incumbência, Ismael vem trabalhando incessantemente para a elevação espiritual do Brasil, com apoio de falanges de espíritos colaboradores, que atuaram de forma decisiva nas questões políticas e sociais do país, porém, sem infringir o livre arbítrio dos indivíduos e da coletividade.

Quando o Brasil atingiu sua maioridade coletiva, com a proclamação da república (1889), Ismael e seus colaboradores recebem do querido mestre a orientação:

- "Irmãos, a Pátria do Evangelho atinge agora a maioridade coletiva. Profundas transições assinalarão a sua existência social e política. Uma nação que alcança a sua maioridade é a responsável legítima e direta por todos os atos comuns que pratica, no concerto dos povos do Planeta.

Necessário é separemos agora o organismo político do Brasil dos alvitres permanentes e constantes do mundo espiritual, para que todos os seus empreendimentos sejam devidamente valorizados (...)".

E a partir desse momento, as atenções do plano espiritual se concentram em expandir, em todo território nacional, as claridades consoladoras da doutrina da redenção, de piedade e de misericórdia" (...).

ISMAEL

Não se pode negar o sentimento de veneração que envolve a nobre figura de Ismael, Guia Espiritual do Brasil. A responsabilidade que detém, na condição de mentor da egrégia Federação Espírita Brasileira – FEB – suscita, da parte da comunidade espírita nacional, um profundo respeito, aliado a um imenso carinho e uma Suva ternura.

Certa vez, indagaram a Chico (nota do autor: Chico Xavier): – Como se processam os encontros, nas esferas resplandecentes da Espiritualidade de Emmanuel com Ismael? Qual a postura do admirável Espírito do ex-senador romano, diante da também luminosa entidade a quem confiou Jesus os destinos do Brasil?

Resposta do querido médium, serena e firme: – De joelhos!

(Trecho extraído do livro: "Chico Xavier – Mandato de Amor" – União Espírita Mineira - 1997)

Disponibilizaremos a Prece de Ismael, realizada na abertura das Sessões na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, desde sua fundação:

PRECE DE ISMAEL

"Glória a Deus nas alturas, paz aos homens na Terra. Jesus, bom e amado Mestre, sustenta os Teus humildes irmãos pecadores nas lutas deste Mundo. Anjo bendito do Senhor, abre para nós Teus compassivos braços. Abriga-nos do mal, levanta nossos espíritos à majestade do Teu Reino, infunde em todos os nossos sentidos a luz do Teu imenso amor. Jesus, pelo Teu sublime sacrifício, pelos Teus martírios na cruz, dá a esses que se acham ligados ao pesado fardo da matéria, a orientação perfeita do caminho da virtude, o único pelo qual podemos Te encontrar. Jesus, paz a eles, misericórdia aos nossos inimigos. Recebe em Teu seio bendito, a prece dos últimos de Teus servos; Bendita estrela, farol das imortais falanges, purifica-nos com Teus raios divinos, lava-nos de todas as culpas, atrai-nos para junto do Teu seio, santuário bendito de todos os amores. Se o mundo, com seus erros, paixões e ódios, alastra o caminho de espinhos, escurecendo o nosso horizonte com as trevas do pecado, rebrilha mais com a Tua misericórdia, para que seguros e apoiados no Teu Evangelho, possamos trilhar e vencer as escabrosidades do carreiro e chegar às moradas do Teu reino. Amiga estrela, farol dos pecadores e dos justos, abre o Teu seio divino e recebe nossa súplica pela humanidade inteira. Que assim seja".

35) Faz uso sistemático do Amaci.

Ritual do Amaci efetuado na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

A palavra Amaci é a forma aportuguesada do termo Yorubá – "Amã tìsi" –, que quer dizer: *Amã: "partícula que indica hábito, costume"*, usada com o verbo – Tìsí: *"empurrar para dentro"*.

Portanto, Amaci quer dizer: "o hábito de empurrar para dentro", numa alusão a "empurrar" a força vital das ervas para dentro da cabeça, nos centros de força etéricos. Amaci, portanto, seria o hábito de "empurrar" algo para dentro. Aqui, especificamente, seria o ato de "empurrar", de dirigir energias da Natureza, através do magnetismo fitoectoplasmático, para os centros neuropsícomediúnicos.

Através do Amaci, efetuado com as folhas sagradas, busca-se a purificação, o fortalecimento e o estreitamento dos elos (vibracionais) entre o médium e o plano espiritual. É a aplicação de elementos vitais sobre um ser, e invocação de forças eletromagnéticas e espirituais, sobre o consciencional essência do médium. O Amaci mexe diretamente com o campo mental da pessoa. Vai ligar-se à essência da pessoa (consciência).

36) Faz uso consciente e cuidadoso de pólvora em descarregos.

Pontos riscados sendo cobertos com pólvora, na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

"*Quando queimados os grânulos de pólvora explodem causando intenso deslocamento molecular do ar e do éter, desintegrando miasmas, placas, morbos psíquicos, ovóides astrais, aparelhos parasitas e outros recursos maléficos como campos de força densificados com matéria astral negativa, os quais não foram possíveis de ser desativados pela força mental dos Guias do espaço e o fluido ectoplasmático dos aparelhos mediunizados".* (Ramatis).

A pólvora é um elemento largamente utilizado em processos de descarregos na Umbanda, e também é conhecida como fundanga ou tuia.

FUNDANGA

Fundanga é uma expressão de origem kimbundo e seu significado, naquele idioma, é exatamente, pólvora. Quanto a tuia, ainda que por sua morfologia nos afigure palavra de origem indígena é oriunda do ioruba tuyo que significa expelir, deslocar para fora. A pólvora é um elemento de Magia ambivalente prestando-se, destarte, à serviços para o Bem e o Mal. É, pois, por sua potência, um dos recursos mais utilizados pelos feiticeiros para o enfeitiçamento de pessoas ou coisas tendo, ainda, o inusitado dom de transmitir ou conferir, a quem quer que seja, todo o poder que sua utilização seja feita com a estrita obediência dos preceitos de Magia e independentemente do fim a que se destina. Tais fatores, conjugados, nos levam à conclusão de que todos os trabalhos com pólvora exigem uma concentração e precaução extraordinárias". (Jornal JOCAB – meados de 1994)

"Quando há o elemento explosão, há um deslocamento de ar, o qual, por equivalência, desloca camadas etéreo-físicas. Essas, ao serem deslocadas, desestruturam a composição de certas larvas deletéricas ou cargas negativas, que são dissipadas. Nesta forma de utilizar-se o Ritual do Fogo há ciência, magia, desimpregnando e purificando o campo astral do ambiente e das pessoas que porventura estejam debaixo de cargas pesadíssimas ou mesmo prestes a contraírem determinadas moléstias pela queda imunológica, provocada pelas cargas negativas oriundas do submundo astral ou das projeções das humanas criaturas de baixa estirpe espiritual. Este aspecto certo de se usar o elemento Fogo, com o ponto riscado corresponde, a oração, as palavras kabalísticas, etc.

Agora, quanto a esse negocio de "dar Fogo" por qualquer motivo, está o individuo se arriscando a tremendos entrechoques de ordem astral, principalmente devido aos impactos oriundos das demandas que se abrem com os emissários do submundo, que ao contrário, tornam-se mais irados por terem seus corpos astrais "fustigados" pelo deslocamento vibratório. Portando, só deve "dar Fogo" quem está ordenado para tal e tenha suficiente experiência nas lides da Magia Etéreo Física.

(Trecho extraído do livro: "Umbanda – a Próto-Síntese Cósmica – Francisco Rivas Neto)

Achamos por bem repetir as determinações dadas no "Regimento Interno da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade", disponibilizadas no 1º livro "As Origens da Umbanda", a fim de que todos possam observar mais algumas aplicações das "Linhas Mestras" do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

REGIMENTO INTERNO DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Nota do autor: Para melhores realces, as apreciações e comentários do nosso irmão Cláudio Zeus dentro do contexto, estarão em itálico, dentro de uma tabela.

A Diretoria da Tenda, usando das atribuições estatutárias, por ordem e segundo orientação do nosso "Chefe Espiritual" - O Caboclo das Sete Encruzilhadas - resolveu aprovar o presente Regimento Interno, a fim de estabelecer a necessária ordem interna e para atender aos seus associados, trabalhadores e frequentadores, na maior harmonia e o mais completo aproveitamento dos trabalhos espirituais.

CAPÍTULO I

DAS SESSÕES EM GERAL

Art. 1° - As sessões da Tenda, que deverão começar às 20 horas e terminar às 22 horas, com a tolerância de 15 minutos no máximo, sobre a hora de encerrar, dividem-se:

Primeiro aparte: Observemos que havia tempo determinado para a realização de Sessões. A mim foi explicado, quando de meu início, que esse tempo visava cautela para com os próprios médiuns, evitando desgastes desnecessários e muitas vezes nocivos, tanto à saúde física quanto mediúnica dos mesmos, incluindo-se aí o possível animismo imperante a partir do momento em que, por estarem cansados, médiuns costumam perder os contatos positivos com seus protetores, principalmente os de fase consciente.

a) Sessões de caridade:

b) Sessões de desenvolvimento mediúnico e de consultas exclusivamente para “trabalhadores do Terreiro”;

c) Sessões especiais;

Segundo aparte: Havia orientação para que se fizessem sessões exclusivas para médiuns e trabalhadores do Terreiro, fossem elas de atendimento ou de desenvolvimento. Interessante porque você já deve ter lido sobre isso em alguns de meus textos.

Parágrafo único - Essas sessões terão lugar:

a) DE CARIDADE (Sessões públicas).

Às segundas-feiras - Trabalho de “Caboclo”;

Às terças-feiras - Trabalhos de “Pretos Velhos” e “Caboclos”;

Às sextas-feiras - Trabalhos de “Pretos Velhos”.

Terceiro aparte: Reparou que não havia determinação para Sessões de Exu em relação à caridade? Perceba que entidades de trabalho para a Umbanda eram Caboclos e Pretos-Velhos apenas. Essa informação se torna interessante na medida em que muitos afirmam que Exu era Linha de Trabalho de Umbanda até para o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Onde estão eles então, na Tenda Nossa Senhora da Piedade?

Para as consultas nesses dias, serão distribuídas aos assistentes, por ordem cronológica de chegada à Tenda à partir das 18 horas, cartões numerados com o nome do “Guia” que os deverá atender.

b) DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO E CONSULTAS AOS “GUIAS “EXCLUSIVAMENTE PARA TRABALHADORES DO TERREIRO (Sessões privativas)

1) Só poderão tomar parte nessas sessões médiuns e cambonos matriculados, não sendo permitidos assistentes nem consultas por parte dos acompanhantes;

2) Para frequentá-las, torna-se necessário que o Guia Chefe do Terreiro, após verificar a necessidade de desenvolvimento mediúnico, encaminhe a pessoa interessada, privativamente, a “Orixá Mallet” para que este autorize ou não a respectiva matricula;

3) Essas sessões são divididas em duas partes:

1ª – Das 20 às 21 horas - Trabalho de desenvolvimento mediúnico;

2ª – Das 21 às 22 horas - Consultas aos “Guias”, exclusivamente para os trabalhadores os quais poderão falar a mais de um “Guia”, conforme as possibilidades do momento.

Quarto aparte: Nota-se claramente nessas disposições a importância que era dada, tanto a médiuns quanto aos demais trabalhadores do Terreiro. Isto é muito importante se ter em mente, já que esses são na realidade, os sustentáculos para os trabalhos que possam vir a ser realizados – médiuns e trabalhadores (ogãs e demais) mal orientados ou com problemas particulares e psicológicos acabam atrapalhando mais que ajudando.

c) ESPECIAIS:

Entende-se por sessões especiais:

1 – Sessões do “Chefe” (Sessões públicas) na primeira Quinta-feira de cada mês. Sessões em que a presença do Chefe Espiritual era garantida.

2 – Sessões de “descarga” de “Orixá Mallet” (Sessões privativas). Na Quarta-Feira, véspera da Sessão do “Chefe”, são privativas dos trabalhadores da Tenda não se permitindo assistentes nem consultas. Sessões que visavam tirar dos médiuns quaisquer cargas acumuladas durante os trabalhos em dias de Sessões públicas e mesmo na vida diária.

No grupo onde iniciei, elas se chamavam Sessões de Expurgo.

3 - Sessões de "demanda" (Sessões privativas) Em dia e hora designados pelo "Guia" que estiver encarregado de executar e dirigir os trabalhos.

Só poderão ser realizadas, com autorização especial do "Chefe", a qual será transmitida por "Pai Antonio", e nela só poderão tomar parte os trabalhadores e pessoas que foram devidamente escaladas ou autorizadas pelo referido "Guia".

Percebe-se ainda aqui a preocupação de só se realizar sessões deste tipo com a presença de médiuns preparados, médiuns estes apontados como potencialmente preparados e não com a presença de todos os outros, já que isso poderia (como já expliquei em outros textos) trazer até mesmo riscos à saúde mediúnica destes.

4 - Sessões destinadas exclusivamente ao estudo da doutrina, desenvolvimento de outras mediunidades e aperfeiçoamento de cambonos, etc. Às quintas-feiras, com exceção da 1ª de cada mês. Só poderão ser frequentadas por médiuns desenvolvidos e auxiliares, cambonos ou pessoas designadas pelo "Chefe", não sendo permitidos assistentes nem consultas por parte dos acompanhantes.

Perceba-se que o Caboclo das Sete Encruzilhadas se preocupava também com o desenvolvimento de outras mediunidades e não somente a de incorporação e, além disso, preocupava-se também com o estudo da Doutrina. Mas que Doutrina seria essa? Vamos ver mais à frente.

5 - Sessões Festivas (Sessões públicas):

- Em 20 de Janeiro - de Oxóssi (São Sebastião).
- Em 23 de Abril - de Ogum (São Jorge).
- Em 13 de Maio - de Pretos Velhos (Pretos Cativos).
- Em 13 de Junho - de Santo Antônio e Pai António.
- Em 15 de Setembro - de aniversário da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.
- Em 27 de Setembro - de Cosme e Damião (Falange de crianças).
- Em 30 de Setembro - de Xangô (São Jerônimo).
- Em 16 de novembro - de aniversário do Chefe.
- Em 04 de Dezembro - de Yansã (Santa Bárbara).
- Em 08 de Dezembro - de Yemanjá (Nossa Senhora da Conceição).

São sessões públicas comemorativas de datas solenes da Tenda e funcionam com horário especial, que será estabelecido na ocasião pelo Chefe. Nelas poderão participar médiuns e cambonos de outros Terreiros, desde que a Tenda a que pertençam tenha sido devidamente convidada.

Muito interessante: Alguém consegue ver nessa relação de Sessões Festivas alguma que fosse para Exu? Acho que não! E mais uma coisinha: Perceba-se também que se formos considerar "Orixás" o que o Caboclo das Sete Encruzilhadas considerava, com nomes africanos, veremos somente aqui, nessa relação de festas: Oxóssi, Ogum, Xangô, Yansã e Yemanjá. As Sete Linhas de Trabalho seriam "fechadas" com Crianças (Cosme e Damião) e Pretos Velhos.

Nota do autor: Usavam o termo "Sessões Festivas", para definir as louvações efetuadas.

Festivo: *"Relativo à festa. Alegre, contente, divertido"*.

Festa: *"Solenidade, comemoração, cerimônia em regozijo por qualquer fato ou data".*

Como já dissemos, em Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, não há cultos, festividades extravagantes ou homenagens a Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Exus e Pombas-Gira, ou humanos (encarnados e/ou desencarnados), sejam eles internos, externos e/ou materiais. Só existe o Culto a Caridade. Como dizia o Pai Antônio manifestado em Zélio de Moraes: *"Festa é fazer Caridade".* Em datas específicas, são efetuadas "Sessões de Reverência" *("Respeito intenso por alguma coisa, por aquilo que é sagrado"*) aos Sagrados Orixás, ou datas comemorativas, públicas, em datas aprazadas, onde todos, irmanados, procedem às harmonizações fluídicas com as forças invocadas, para logo após, se proceder aos atendimentos fraternos normalmente.

DA DIREÇÃO DAS SESSÕES

Art. 2° - As sessões serão dirigidas por um médium ou cambono designado pelo "Chefe", o qual será auxiliado pelo cambonos Chefe.

Parágrafo único - São atribuições do dirigente:

a) Abrir e encerar as sessões;

b) Organizar a mesa nas sessões de caridade, designando os médiuns auxiliares para compô-la e substituindo-os nas ocasiões que julgar necessário;

c) Cumprir e fazer cumprir por parte de todos, indistintamente, os dispositivos previstos nesse Regimento e ordens em vigor:

d) Resolver todos os casos omissos que chegarem ao seu conhecimento, quer no plano material, quer no espiritual, devendo, conforme o caso , dar ciência da solução adotada, na primeira oportunidade, ao Presidente da Tenda ou ao "Chefe" – Caboclo das Sete Encruzilhadas;

e) Tomar todas as medidas que julgar necessárias para o bom andamento da sessão e que não estejam previstas nesse Regimento, ouvido, na ocasião, o Guia Chefe do Terreiro.

DA REALIZAÇÃO DAS SESSÕES

Art. 3° - As sessões terão início às 20h00min com o defumador, o qual deverá terminar no máximo às 20h20min, até quando será permitida a entrada de assistentes e trabalhadores.

Isso é muito importante de se anotar porque essa medida visava fazer com que todos os presentes tivessem passado pela defumação. Acho que não preciso dizer o porquê.

§ 1° - As exceções do presente artigo, no qual diz respeito a entrada após às 20h20min, serão da alçada exclusiva do dirigente da sessão, ouvido o Guia Chefe do Terreiro;

Observar também: existiam exceções.

§ 2° - Nas sessões de caridade, a porta será aberta entre 21h10min e 21h20min, para saída das pessoas já atendidas e ingresso dos retardatários.

Ingresso de retardatários somente depois da gira firmada e não a qualquer momento com riscos e quebra de corrente.

Art. 4° - A abertura dos trabalhos, que será feita com uma preleção doutrinária conversando, principalmente, sobre assuntos atinentes à Linha de Umbanda, seguida de prece, terá a duração máxima de 15 minutos.

§ 1° - As consultas e passes só poderão ter início depois de baixar o Guia Chefe do Terreiro;

§ 2° - Nos dias de desenvolvimento mediúnico, serão feitas explicações apropriadas sobre pontos cantados e riscados, durante 20 minutos aproximadamente, sendo prestados, na ocasião, todos os esclarecimentos que a esse respeito forem solicitados.

Observe-se mais uma vez que a preocupação com a boa orientação dos médiuns em desenvolvimento era marca registrada do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Acredito piamente que ele entendia muito bem que médiuns, tanto podem ser muito bons para o Terreiro, quando conscientes de suas responsabilidades e bem preparados, como podem ser exatamente os pontos fracos por onde o Baixo Astral pode ir tomando conta.

Art. 5° - As sessões de caridade terminarão, obrigatoriamente, por uma descarga espiritual feita pelo Guia Chefe do Terreiro.

No meu entender e também como aprendi, isso é fator primordial. Médium que volta pra casa carregando nas costas as energias negativas de outros ou do ambiente, com certeza vai se desgastando aos poucos e quando chegar a perceber...

Parágrafo único: Iniciada essa descarga, cessarão, imediatamente, as consultas aos Guias no ponto em que estiverem, não sendo permitido, sob qualquer pretexto, e a quem quer que seja, se dirigir aos mesmos ou aos demais participantes do Terreiro.

A fim de que não haja perturbação do trabalho por quebra de corrente. Quebra de Corrente. Isso é tão importante quanto à própria respiração dentro de um Terreiro.

CAPÍTULO II

DOS TRABALHADORES DO TERREIRO

MÉDIUNS EM GERAL

Art. 6° - Médiuns desenvolvidos:

São os médiuns cruzados que tem autorização de "Orixá Mallet", para dar passes e consultas, bem como auxiliar os trabalhos de desenvolvimento mediúnico, e outros quaisquer que se realizarem na Tenda, de acordo com esse Regimento.

Distintivo: FAIXA VERMELHA na cintura.

Art. 7° - Médiuns em desenvolvimento:

a) Auxiliares: São os médiuns de desenvolvimento mediúnico adiantado, já classificados por "Orixá Mallet". São obrigados a comparecer às sessões de quarta-feira, não podendo, contudo, freqüentar o Terreiro em outro qualquer dia, a não ser na qualidade de assistente.

Mais um dispositivo importantíssimo: Sempre que posso, procuro informar sobre a importância de não ter médiuns iniciantes em giras de trabalho, nem como cambonos, já que, por ingenuidade e falta de preparo, costumam ser os mais vulneráveis a atuações de energias e entidades do Baixo Astral. Existem exceções? Existem, é claro! Mas a Regra é esta até por lógica, e se os médiuns iniciantes forem poupados, pelo menos no início de suas práticas, de estarem entrando em contato com energias e entidades que não conhecem, com certeza só terão a ganhar. Aí, uma vez me disseram assim: "Que nada, é melhor mesmo que vão encarando "as barras pesadas" de começo e aprendendo, com isso, a levarem tombo e se levantarem".

Um bom conselho, talvez.. Mas será que aplicam essa "técnica" também no aprendizado sobre a vida a seus próprios filhos carnais? Será que os deixam, sem medos ou críticas, enfrentarem a vida sem conselhos, ensinamentos e até mesmo reprimendas? E será que se agirem assim não vão acabar se arrependendo como tantos que vemos por aí sabendo depois, pela mídia, que seus "pobres e queridos filhos" estão diretamente envolvidos no comércio de drogas proibidas? Sei não! O pior é que em caso de médiuns iniciantes, além de poderem se prejudicar, poderão prejudicar a todo o grupo mediúnico, na medida em que, fatalmente, serão eles os principais alvos do Baixo Astral com conseqüentes quebra de correntes e até mesmo necessidade de atendimento imediato e particular.

Vamos pensar um pouquinho mais sobre isso?

Art. 8° - Os médiuns em geral, devem dar máxima passividade possível às entidades que se aproximarem, para que essas possam trabalhar com plenitude de irradiação e de força.

Acredito que isso seja norma em qualquer Terreiro, até hoje.

CAMBONO EM GERAL

Art. 9° - Aos cambonos cruzados - secretários dos Guias - compete:

§ 1° - Ao cambono Chefe:

a) Cumprir e fazer cumprir no Terreiro, pelos médiuns, cambonos e assistentes, todas as origens vigorantes, velando pela boa e perfeita normalidade e regularidade dos serviços a seu cargo;

b) Fiscalizar o preparo e execução do defumador no início de cada sessão;

c) Superintender todos os serviços atribuídos aos demais cambonos, controlando a distribuição de todo material que se fizer necessário à realização dos trabalhos;

d) Controlar e disciplinar a chamada dos consulentes;

e) Esforçar-se para manter os trabalhadores e assistentes, em constante concentração espiritual, não permitindo que cruzem braços e pernas, que conversem e que procurem ter curiosidade sobre o que se passa no Terreiro, além de tudo mais que possa perturbar ou quebrar a corrente fluídica durante as sessões;

f) Levar ao conhecimento do dirigente da sessão, qualquer irregularidade que notar, antes, durante e após os trabalhos;

g) Finalmente acatar e fazer cumprir as resoluções que eventualmente possam ser emanadas do dirigente da sessão ou Guia Chefe do Terreiro.

Em relação ao item "E", percebemos a importância que era dada à participação da assistência que, embora alguns não levem em conta, é importantíssima na formação da egrégora do Terreiro. Uma Assistência dispersiva, não concentrada, conversando entre si, também pode provocar maior carga de trabalho para os médiuns com não muito boas consequências ao longo do tempo.

§ 2°- O Cambono Chefe deverá ser substituído em seus impedimentos por um dos cambonos substitutos;

§ 3°- Ao Cambono Tronqueira: Além das atribuições dos cambonos substitutos e auxiliares, fica especialmente encarregado de:

a) Fazer parte, obrigatoriamente, da mesa nas sessões de caridade, auxiliando os trabalhos de descarga e de doutrinação que se fizerem necessários aos espíritos sofredores que nela baixarem.

§ 4°- Ao cambono subchefe: Além das atribuições dos cambonos auxiliares, especialmente:

a) Zelar pelo asseio e correção do uniforme dos trabalhadores do sexo feminino;

b) Fiscalizar o vestiário das senhoras;

c) Exercer controle da passagem que dá acesso ao toalete durante os trabalhos.

§ 5°- As funções desse cambono, que está subordinado diretamente ao cambono chefe, serão privativas do sexo feminino e só poderão ser exercidas, em caso de substituição eventual, por pessoa do mesmo sexo, designada pelo "Chefe", para esse fim.

§ 6°- Ao cambono substituto: Além das atribuições dos cambonos auxiliares, especialmente:

a) Substituir os cambonos chefe e tronqueira em seus impedimentos eventuais;

b) Secundar e auxiliar o cambono chefe em todas as suas atribuições;

c) Executar as ordens de serviço relativa à subdivisão de trabalhos e atividades que cada um deve superintender durante as sessões.

§ 7° - Ao cambono auxiliar: Além das atribuições ainda não previstas:

a) Acatar e fazer cumprir as ordens recebidas do cambono chefe;

b) Receber das mãos do cambono chefe todo material que se fizer necessário ao Guia que assistir, salvo se o mesmo possuir material próprio, caso em que levará apenas ao conhecimento do cambono chefe a natureza do material a ser empregado;

c) Dar plena e geral assistência ao Guia com o qual estiver trabalhando, não podendo dele se afastar sem sua permissão;

d) Abster-se de ouvir as consultas, somente intercedendo nas mesmas em caso de ser chamado pelo Guia e apenas para atender ao assunto que por ele lhe for atribuído;

É terminantemente vedado:

1° - Revelar ou comentar a natureza das consultas e bem assim procurar tirar qualquer proveito dos assuntos tratados nas mesmas;

2° - Tomar ou procurar tomar conhecimento das consultas dadas por outros Guias, seja por curiosidade, seja por qualquer outro motivo.

§ 8° Ao cambono zelador: Além das atribuições dos cambonos auxiliares, especialmente:

Zelar pelo “Jacotá” (altar), trazendo-o sempre limpo.

Zelar pelo asseio e higiene de todas as dependências da Tenda:
Providenciar para que todos os objetos e utensílio à ela pertencentes estejam sempre limpos, arrumados em ordem e em seus devidos lugares;

§ 9° - Esse lugar será exercido por pessoa do sexo feminino diretamente subordinada à direção da Tenda;

Distintivo dos cambonos cruzados: Faixa verde na cintura.

O que está acima nem é preciso comentar. São determinações de âmbito puramente material.

CAPÍTULO III DAS DISPOSIÇÕES COMUNS AOS TRABALHADORES DA TENDA

Art. 10 - Os trabalhadores da Tenda (médiuns e cambonos), indistintamente, são obrigados:

a) Médiuns desenvolvidos e cambonos: Matricular-se compulsoriamente, pelo menos uma vez por semana, em dia que escolher de comum acordo com a Direção da Tenda;

b) Comparecer às sessões em que estiverem matriculados ou escalados, só podendo faltar por motivo justificado;

c) Avisar, com a devida antecedência, a impossibilidade de seu comparecimento à sessão, justificando a falta;

d) Manter a concentração no Terreiro, curimbando em voz alta os pontos que forem sendo puxados;

e) Fazer, nos dias de sessão a que se obrigarem, uso de banho de descarga, cuja espécie será indicada pelo Guia que receber (caso dos médiuns desenvolvidos), ou pelo o que der assistência (caso dos cambonos), ou ainda pelo Guia Chefe do Terreiro, quando este terminar, sendo que, para os médiuns em desenvolvimento (sessão de Quarta-Feira), esse banho será feito com 5 folhas de mangueira.

f) Fazer uso do uniforme adotado (conservando-o limpo) e seus distintivos, não podendo permanecer no Terreiro em condições diferentes;

g) Procurar conhecer os pontos riscados e cantados (curimbas), bem como os seus significados, e, quando ignorá-los, pedir esclarecimento ao Guia Chefe do Terreiro ou ao dirigente dos trabalhos.

Alt. 11° - Os trabalhadores que sem motivo justificado faltarem a quatro sessões consecutivas, nas quais estejam matriculados, ou para as quais tenham sido escalados, ficarão privados de trabalhar na Tenda, condicionalmente:

a) Os médiuns: Enquanto "Orixá Mallet" não autorizar a sua volta ao Terreiro;

b) Os cambonos: Até que suas faltas sejam justificadas pela Direção da Tenda;

Parágrafo Único: Os trabalhadores suspensos, só poderão freqüentam as sessões em caráter de assistente, sendo vedado mudarem roupa de trabalho com o intuito de permanecer no Terreiro.

Art. 12° - Os médiuns desenvolvidos e cambonos poderão tomar parte nos trabalhos de qualquer sessão na Tenda, ainda que nela não estejam matriculados, desde que para isso tenham o assentimento do Guia Chefe do Terreiro.

Art. 13° - Os antigos trabalhadores da Tenda, afastados transitoriamente por motivos independentes de sua vontade, poderão frequentar e tomar parte em qualquer trabalho que se realize na Tenda, salvo o caso de proibição expressa do Guia Chefe do Terreiro após o início da sessão.

Art. 14° - Fica terminantemente proibido aos trabalhadores:

a) Afastar-se do Terreiro durante as sessões sob qualquer pretexto ou motivo, sem a devida autorização do dirigente dos trabalhos;

b) Trabalhar, sob pretexto algum, fora do recinto da Tenda (em suas casas ou em outro qualquer Terreiro), salvo o caso de autorização especial dada pelo "Chefe";

c) Fazer comentários de qualquer natureza, dentro ou fora do Terreiro, pessoais ou telefônicos, com referência aos assuntos que tenham sido tratados nas sessões, ou sobre outros quaisquer que digam respeito à vida privada de cada um.

O Artigo 14, em seus itens "b" e "c", eram e ainda são considerados muito importantes porque, trabalhar em casa, sem a proteção da egrégora do Terreiro, é uma forma de se arriscar e trabalhar em outro Terreiro seria o mesmo que estar jogando em um Clube e ir treinar em outro - é claro que se pode antever certos problemas daí advindos. Proibição quanto a fazer comentários de qualquer natureza etc. e tal, era e sempre será norma a ser cumprida por qualquer médium, do Terreiro que for.

Art. 15 ° - A secretária manterá os livros que forem necessários ao registro de matrículas dos trabalhadores e controle de seu comparecimento às sessões.

CAPÍTULO IV

DOS ASSISTENTES

Art. 16° - A entrada na Tenda só é vedada:

a) às pessoas alcoolizadas ou embriagadas:

b) às pessoas portadoras de armas ou animais;

c) às pessoas manifestamente mal intencionadas ou a desordeiros conhecidos.

Sem querer mexer com ninguém, mas, fazendo uma observação em vista de certas permissividades hoje existentes, será que alguém diria que a não permissão de entrada, nesses casos, seria falta de caridade?

§ 1° - São deveres dos assistentes:

a) Munir-se, logo após à sua chegada, do cartão numerado para a respectiva consulta;

b) Procurar acomodação na parte reservada a assistência, onde deverá se conservar até a hora de sair, com o respeito e dignidade devidos a um Templo Religioso;

c) Acatar as ordens gerais da Tenda e as que lhes forem transmitidas pelos cambonos;

d) Manter-se em elevação, se souber, o curimba (ponto cantado que estiver sendo puxado), para possibilitar uma perfeita e harmônica corrente fluídica, desde o início do defumador até o encerramento da sessão;

e) Atender prontamente, sob pena de perder a vez, ao chamado do cambono para a consulta.

§ 2° - É vedado terminantemente aos assistentes, consultarem a mais de um Guia na mesma sessão.

Ops! Já existia isso naquela época. Já existiam os "corre giras" e os "corre guias".

§ 3° - O assistente que tiver necessidade de qualquer natureza deverá dirigir-se ao cambono mais próximo, de preferência de seu sexo e expor o que deseja, para que este providencie como se fizer necessário.

§ 4° - Na ocasião da abertura da porta às 21:10 horas para saída das pessoas atendidas e retardatários, deverá ser observado o mais completo silêncio.

Respeito aos médiuns, entidades e à egrégora que deve ser mantida sem desvios de pensamento ou comportamento.

CAPITULO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 17 - Por princípio doutrinário e em se tratando de reuniões de caridade puramente cristã, as pessoas que vierem à Tenda, devem se abster de pensamentos e propósitos que contrariem as virtudes exemplificadas por Jesus.

Assim sendo, as consultas não poderão versar sobre assuntos que fujam aos princípios capitulados nas Dez Mandamentos, constantes do Evangelho.

§ 1° - São deveres de todos os frequentadores:

Procurar conhecer o Espiritismo Cristão pela leitura de obras doutrinárias tais como:

O Evangelho, segundo o Espiritismo;

O Livro dos Espíritos;

O Livro dos Médiuns;

O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda.

Esse Capítulo é importantíssimo para que se deixem, de vez, de dizer coisas como: "Umbanda tem que largar o cristianismo e voltar às raízes africanas", ou então, "Umbanda é um Culto Afro", ou mesmo que "Umbanda com orações e leitura de livros espíritas é Kardecumbanda", comentários esses muito observados na Internet por conta de pessoas que, claramente, não conhecem em que princípios a Umbanda do Brasil se formou.

Lendo o acima exposto e observando certos posicionamentos, percebemo-los totalmente inadequados em relação a todos os que agem por esta cartilha, seguindo o que já determinava o Caboclo das Sete Encruzilhadas há 100 anos atrás.

Será que são eles os "errados", se é que existem erros de ritualística nesse sentido?

O caso é que a Umbanda é fundamentalmente cristã e, de acordo com outros princípios e ritualísticas que cada Terreiro achou por bem adotar, pode ter seus rituais mais africanizados, mais puxados para as práticas chamadas de orientais, esotéricas, ocultista, etc. Mas o "miolo", o fundamento maior é o de ter os ensinamentos do Cristo como base para todas as outras aplicações. E que ensinamentos do Cristo são esses: Amor ao próximo – Caridade (ajuda ao próximo), sem o que, não pode ser Umbanda.

§ 2° - Durante as sessões ou trabalhos de Terreiro é expressamente proibido:

a) Palestrar ou tratar assuntos estranhos à doutrina;

b) Fazer comentários maldosos sobre os irmãos da Tenda;

c) Proferir palavras de gírias ou de interpretações duvidosas, obscenas ou provocadoras de risos;

d) Fazer gestos ofensivos à moral ou aos bons costumes;

e) Lançar suspeitas, provocar ódios, difamar ou fazer comentários desabonadores sobre a vida privada de qualquer pessoa;

f) Desrespeitar ou incitar ao desrespeito, os artigos, parágrafos e alíneas do presente Regimento e ordens em vigor na Tenda;

g) Ingressar ou permanecer no recinto onde estão instaladas a Tesouraria e a Secretária da Tenda, com exceção dos componentes da Diretoria e pessoas encarregadas de serviços especiais.

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 18 - A Tenda tem como “Chefe Espiritual” o Caboclo das Sete Encruzilhadas, também chamado simplesmente - o “Chefe”- criador de Umbanda no Brasil no ano de 1908.

“Orixá Malllet” é o trabalhador da Linha de “Ogum” (São Jorge), Chefe de Falange, encarregado dos trabalhos de demanda.

“Pai Antônio” é a entidade que serve de intérprete a “Orixá Mallet” e que comumente transmite as ordens do “Chefe”.

“Guias e Chefes de Terreiro” são as entidades designadas pelo “Chefe” para dirigir e se responsabilizar pela parte espiritual das sessões.

Art. 19 - O presente Regimento entrará em vigor na data em que for ratificado pelo “Chefe”, em sessão especial, para isso convocada.

Toda pessoa que se tornar associada da Tenda o faz espontaneamente, para cooperar na sua manutenção e progresso, motivo pelo qual deverá cumprir a risca, todos os seus deveres e principalmente manter em dia o pagamento de sua mensalidade.

COMENTÁRIOS FINAIS: Ao descobrir esse documento colocado em pdf para que se baixe em http://ebooks.brasilpodcast.net/ebook.php?id=762 pude perceber o quanto ele nos mostra, independente de outros textos que já “rolam” na Internet, do que seria e como funcionaria a Umbanda segundo a concepção do Caboclo das Sete Encruzilhadas e Zélio Fernandino de Moraes já que um Regimento Interno é documento escrito ou ditado diretamente pelas pessoas (encarnado e/ou desencarnado, no caso) envolvidas na questão e não apenas fruto de possíveis interpretações de terceiros (sem querer tirar o valor dos mesmos). E o que pudemos observar de importante nesse documento?

***1-** Que não havia, na Umbanda original, trabalhos com as falanges de Exu e nem se firmava tronqueira para eles. Qualquer depoimento em contrário poderá ser tomado como duvidoso em vista deste documento.*

***2-** Que as Sessões (hoje Giras ou Engiras) eram determinadas para as Falanges de Trabalho (Caboclos e/ou Pretos Velhos) e não para as Linhas de Trabalho ou “Orixás” para os que entendem melhor assim (Ex: Xangô hoje, Oxossi dia tal, Ogum mais adiante...). Isso é importante porque em um mesmo dia de Sessão poderiam estar presentes, tanto Caboclos(as) de Xangô, quanto de Ogum, quanto de Oxossi, e até Pretos Velhos, como podemos observar em relação às Sessões de Terças-Feiras, tudo de acordo com as necessidades:*

***3-** Que O Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou realmente Linhas de Trabalho e não de Orixás, utilizando-se de alguns nomes africanos, todos devidamente ancorados as Linhas de Santos Católicos, talvez apenas Linhas de Trabalho em que os Caboclos e Pretos-Velhos (e suas contrapartes femininas) poderiam trabalhar. Perceba como ele trata a entidade que se auto-intitula Orixá Malê: “Orixá Mallet” é o trabalhador da Linha de “Ogum” (São Jorge). Percebeu? Um trabalhador.*

E mesmo se auto-intitulando Orixá Mallet, não uma divindade da Linha de Ogum ou, como costuma-se falar também, "um Capangueiro do Orixá Ogum". Existe uma sutil diferença em se colocar as entidades como da Linha de Ogum (São Jorge) e não como Falangeiro de Ogum (Orixá), ainda que se lhes dê o mesmo nome (Ogum, no caso). No entanto, essa sutil diferença já nos mostra que a Umbanda de Caboclo das Sete Encruzilhadas não era Umbanda de Orixás (divindades) e sim de Linhas de Trabalhos através das quais apresentavam-se entidades espirituais – Caboclos – Pretos-Velhos e mais raramente Crianças.

***4-** Que o Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou Sete Linhas de Trabalho sendo elas, pelo que se pode observar nas festas anuais: Yemanjá, Oxossi, Ogum, Xangô, Inhaçã, e segundo alguns, Oxalá e Exu que, no entanto, não são citadas, nem nos dias de trabalho e nem nas festas comemorativas. Encontramos sim, bem citadas, as Linhas de Pretos-Velhos (Almas) e Crianças – as demais eram comemorativas dos Guias Chefes, da Umbanda em si e da Tenda Nossa Senhora da Piedade. Por que ele determinou Sete? Está aí uma outra boa pergunta que deveriam ter feito a ele.*

***5-** Que não vemos aqui a inserção de Oxum, Nanã, Obaluaê, Omulú, Oxalá, Oiá, Obá ou qualquer outro considerado Orixá nas Nações afro. Se a Umbanda Original fosse de Orixás, seria pelo menos razoável que, já em seu início, considerasse os 16 escolhidos pelo Candomblé dentre tantos outros africanos, não acha?*

***6-** Vemos, por um outro lado, que Santo Antonio, também Santo Católico mas não considerado Linha de Trabalho então, também era festejado em seu dia, já por influência de Pai Antonio – ambos eram festejados em 13 de junho.*

***7-** Que a Doutrina básica da Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas baseava-se em livros Espíritas e num outro que talvez fosse o único escrito na ocasião: O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda – do senhor Leal de Souza que veio a ser médium da Tenda Nossa Senhora da Piedade recebendo, posteriormente, a incumbência de abrir a Tenda de Nossa Senhora da Conceição (veja bem: não é de Yemanjá ou Oxum). Aliás, sobre o senhor Leal de Souza, consta na história que ele divulgava ter sido o Caboclo Curugussú aquele que preparara o terreno para que o CDSE viesse, após, anunciar a Umbanda Branca. Dizia-nos ele numa entrevista publicada no Jornal de Umbanda de outubro de 1952, com o título de "Umbanda – Uma Religião Típica do Brasil:*

" A Linha Branca de Umbanda é realmente a religião nacional do Brasil, pois que, através dos seus ritos, os espíritos dos ancestrais, os pais da raça, orientam e conduzem a sua descendência. O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Curugussú, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas que a organizou, isto é, que foi incumbido pelos Guias Superiores, que regem o nosso ciclo psíquico de realizar na Terra a concepção do espaço"...

Infelizmente o médium Leal de Souza, que inclusive ensaiou uma codificação das Linhas de Umbanda (que cito abaixo) não deixou claro quem teria sido o médium do Caboclo Curugussú e nem onde ele teria se manifestado. Segundo ainda Leal de Souza, em 1925, seriam as Linhas de Umbanda como se seguem: Oxalá (Nosso Senhor do Bonfim), Ogum (São Jorge), Euxossi/Oxóssi (São Sebastião), Shangô/Xangô (São Jerônimo), Nhan-Shan /Yansã (Santa Bárbara), Yemanjá (Nossa Senhora da Conceição) e Almas – utilizei a grafia como a encontrei e a que agora vemos.

Perceba que mesmo aqui não há menção a Exus na Umbanda e, para conhecimento de todos, essas linhas de trabalho foram ratificadas no 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo e Umbanda realizado em 1941, no Rio de Janeiro. O que isso quer dizer? Que para que fosse realmente reconhecido como Umbanda, todo e qualquer grupamento deveria seguir estas determinações, assumindo estas Linhas de Trabalho.

Quer dizer também que, na ocasião, todos os que se auto rotularam Umbanda e não seguiam estas determinações, já estavam se valendo de um nome ritualístico do qual não deveriam lançar mão. E também nos posiciona melhor sobre os porquês de hoje em dia existirem tantas diversidades. O fato é este: O Congresso não teve a força que deveria ter ou, por outro lado, suas determinações não foram reconhecidas por uma grande parte que queria "fazer Umbanda"... mesmo não fazendo.

Mas como não introduzirmos Oxum? E Exu? Vai ficar fora da Umbanda? Como diz o popular: "Tudo o que se repete de forma contumaz acaba virando verdade" e, como desde o início à Umbanda foram adicionadas Linhas outras e também outras formas de trabalho, desde que os Princípios Basilares da Umbanda sejam respeitados, cada grupamento espiritual tende a aceitar e adotar mais essas ou aquelas Linhas, esse ou aquele ritual, essa ou aquela liturgia ou mesmo técnica de trabalho como é hoje a Apometria que, mais rudemente, já era executada em diversos Centros de Umbanda, mormente os que eram (e ainda são) chamados de "Mesa Branca".

O que não vale mesmo é um grupamento querer "puxar a brasa pra sua sardinha" e dizer que Umbanda tem que voltar às raízes afro que nunca teve, ou que tem que deixar o Cristianismo (observe que não é Catolicismo) de lado, como se este não fosse um de seus pilares. Que outras Linhas agregadas não podem ser aceitas na Umbanda. Dentro de padrões, pelo menos racionais, podem sim, dependendo do Chefe Espiritual da Casa de Umbanda (o que manda mesmo) que obrigatoriamente tem que ser ou um Caboclo ou um Preto-Velho, esses sim, marcas registradas da Umbanda.

O que não pode é essas Linhas Agregadas tomarem conta da Banda e saírem, por exemplo, em louvação à Mãe Lua, à Mãe Terra, etc., ou criando giras e rituais somente seus a ponto de mudarem totalmente os objetivos maiores das Sessões ou Giras de Umbanda, ou fazerem como Chefe Espiritual do Terreiro: baianos, mineiros, exus, ciganos etc. e tal. Todos podem ser entidades de grande valor nos trabalhos, desde que a eles tenham sido ensinados os objetivos e formas de trabalho da Umbanda, mas, como são agregados auxiliares, não tem ordem de comando para dirigirem verdadeiros Terreiros de Umbanda, a não ser sob vigilância de um Verdadeiro Caboclo ou Preto Velho.

E como sei que alguns, ao lerem, vão logo querer defender as Falanges de Ciganos, deixo bem claro que não há ataque algum a qualquer tipo de falange neste texto e sim constatação de fatos. Vou adiantando aqui que, embora venham sendo aceitos em alguns Terreiros (não todos) e não há muito tempo, como querem fazer crer outros mais, essas falanges têm suas formas de ver e agir, bem assim como princípios religiosos e de louvação, bastante distintos do que sempre foi preconizado para a Umbanda e, até onde sei, há até mesmo indicações para que seus altares sejam diferenciados do altar mor dos Terreiros – o Congá. E pra reforçar ainda mais, vemos em muitos Terreiros Giras especialmente organizadas para o dia dos Ciganos e Ciganas, numa clara demonstração (só não percebe quem não quer) de que a ritualística deles tem que ser especial – sem Caboclos ou Pretos Velhos por perto – e, preferencialmente, com louvação a Santa Sara e não a Orixás ou Santos, embora já se veja, por parte de mais alguns, uma tentativa de adaptação dessas crenças para justificarem ciganos como povo de Umbanda.

Tenho nada contra quem faz assim e o que vou dizer não lhes tira o valor quando chegam para trabalhar pela Caridade verdadeiramente. Cada um chama e trabalha com as entidades que achar melhor e até muito positivamente, eu creio. Mas que são entidades fora do contexto de Umbanda, lá isso são.

Saudações fraternas a todos.

Além das "Linhas Mestras" do Caboclo das Sete Encruzilhadas, se mais alguma coisa for acrescentada e utilizada no conjunto de princípios doutrinários e nas práticas de Terreiros de Umbanda que seguirem suas orientações, devem ser observadas dentro dos "POSTULADOS DA UMBANDA", já exposto neste livro.

Uma coisa sempre nos chamou a atenção: vimos, em vários Terreiros, médiuns manifestados com Caboclos, utilizando o nome de "Caboclo das Sete Encruzilhadas". Isso seria possível? Alguns arriscavam o palpite que seriam Espíritos que trabalhavam numa corrente espiritual, comandada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, e, portanto, utilizando, o mesmo nome.

Não aceitamos tal dissertativa, pois, primeiramente, a corrente espiritual formada pelo instituidor da Umbanda, são todos os Espíritos que militam na própria Umbanda, e não um pequeno grupo seleto de Espíritos.

Segundo, também não aceitamos a dissertativa de que são formadas "falanges" ou "correntes" espirituais de vários Espíritos utilizando um mesmo nome. Seria o mesmo que achar que em Aruanda, estavam sendo formados pequenos núcleos de Espíritos formando "panelinhas", em torno de um mestre ou mesmo de um "hierarca". É inaceitável tal ideia.

Um Espírito pode usar um mesmo nome simbólico de outro, por afinidade, por admiração ou mesmo homenagem, mas, cremos, que nenhum obreiro da Umbanda usaria como nome simbólico designativo, o do fundador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, primeiramente por respeito, segundo pelo fato de não querer causar desconfortos, más interpretações e muito menos chamar atenção. Também pode acontecer de o nome ser utilizado, pelo simples fato do animismo do médium assim o desejar, ou assim o idealizar, consciente ou inconscientemente.

Vamos a um exemplo prático: Quantos nomes e sobrenomes Antônios, Marias, Paulos, Silvas, Moraes, Santos, Alcântaras, Azevedos, Machados existem no mundo? Quantos homônimos existem? Pelo fato de milhares de humanos usarem o mesmo nome e/ou sobrenome não significa que são familiares, ou pertencem a um mesmo clã. Quantos humanos são batizados com nomes de pessoas conhecidas, numa simples homenagem ou mesmo admiração.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas, instituidor da Umbanda é único. Não existe outro. Não se tem notícia de absolutamente ninguém manifestá-lo em mediunidades de nenhuma espécie. Isso é fato, inclusive defendido pelas filhas de Zélio de Moraes, Srª Zélia e Srª Zilméia, e a atual dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, Srª Ligya Cunha, Neta de Zélio de Moraes e seus mentores.

Corroborando com o defendido por nós, encontramos um artigo escrito por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – "Semanário", número 91 – ano III – página 15 – 1958, intitulada "O PASTOR DA UMBANDA":

(...) *"Habituados a ouvir dizer: "O Caboclo das Sete Encruzilhadas baixa tal ou qual Terreiro", os adeptos de Umbanda imaginam que ele é "mais um" entre os inúmeros que vem para a sua missão de caridade. Já é tempo de corrigir-se o erro; ele não é "um entre muitos", em Umbanda ele é o "primeiro entre todos", porque foi comissionado para purificar os seus trabalhos; não há entidade que lhe não preste a sua homenagem, e todos, sem vaidade, sentem-se felizes em auxiliá-lo na sua obra de comissionado, pela qual ele vem lutando há mais de 40 anos"* (...).

Certa ocasião inquirimos ao Caboclo Araribóia sobre o significado dos nomes simbólicos utilizados pelos Guias na Umbanda, e ele nos disse: *"Filho; um nome nada mais é que um amontoado de letras sem significado algum, a não ser identificação. Cada Espírito trabalhador da Umbanda, assume um nome simbólico que lhe é simpático, geralmente figurativo com referência a sua especialidade, ou mesmo deveres". Mas, é simplesmente um nome e nada mais.*

Na fita nº 50 (disponibilizado em nosso site juntamente com esse livro, com gravação na voz de Zélio de Moraes, ouvimos o seguinte: (...) *"o Caboclo das 7 Encruzilhadas, criador da Umbanda em 1908, quando ele abriu a primeira Tenda dentro da Federação Espírita Kardecista do Brasil, ele não se apresentava com capacete, nem coisa nenhuma que representasse Caboclo; ele era um Jesuíta e tomou um nome, porque o Espírito pode tomar o nome que quiser; então ele tomou o nome de Caboclo das 7 Encruzilhadas"* (...)

No livro: "COLETÂNEA – UMBANDA, A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – OS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS", no capítulo: "OS GUIAS E PROTETORES ESPIRITUAIS – OS ESPÍRITOS TUTELARES", no subtítulo: "Os nomes simbólicos utilizados pelos Guias e Protetores Espirituais na Umbanda", estaremos dissertando mais profundamente a questão.

AS DETURPAÇÕES SOFRIDAS ATRAVÉS DO TEMPO

Segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, instituidor da Umbanda, nenhuma religião nasce plena. Ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas nos deu "Linhas Mestras", as determinações necessárias para que se processasse todo o desenrolar das atividades espirituais e materiais de como deveria ser um Terreiro de Umbanda, e não aleatoriamente, com achismos, personalismos e idiossincrasias, como observamos ser conduzida há tempos.

Não são poucos os momentos os quais nos deparamos com princípios fundamentais sendo burlados e, depois de significativas alterações neles inseridas, são assumidos como certos e verdadeiros. Procedimento assim admitidos por aqueles que calculam deter a trama dos melhores caminhos.

Se alguém, desta forma, produz e os segue, cabe o despertar, mais tarde, da intromissão efetivada onde os parâmetros já estavam todos acertados, e orientar-se pelas "Linhas Mestras" antes de desviar-lhes os sentidos. Todavia, o que se tem notado é que os deturpadores, logo os feitores, não pretendem seguir suas astúcias sozinhos. Então, assumem-nas como diretrizes para os Terreiros, dito umbandistas, onde se mantém em posição de dirigentes e, achando-se devido à posição ocupada com o direito de instalar suas insanas ideias. Embora, muitas vezes, de forma velada, a ação é cometida, pois, sabem pela própria natureza, que os desvios imputados fogem das razões maiores. Mas, ainda assim, permitem-se serem vencidos pelo orgulho.

O objetivo maior é fazer com que todos os trabalhadores do dito Terreiro sejam controlados pelos valores desvirtuados e se mantenham sob sua tutela. Isto é, manter o nível das ações internas no alcance do seu cabedal intelectual e moral, para que não lhes fujam ao entendimento, detendo, com a ação infeliz a supremacia.

Sob essas e outras tantas circunstâncias, ainda encontramos aqueles que dizem dirigir um Terreiro de Umbanda, quando, na realidade, eles se movimentam em um Terreiro com Espíritos, assim como muitos existentes no Brasil. Resta saber quem são esses Espíritos.

Esquecem os diletos irmãos que um "Terreiro de Umbanda" deve orientar-se pelas "Linhas Mestras" legadas pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Caso contrário, não devem afirmar ser tão somente um “Terreiro de Umbanda”, já que não cumprem as “Linhas Mestras” que estabelece o comportamento das agremiações assim denominadas, mas, que se atenham e classifiquem-se ostensivamente, a qual modalidade pertencem.

Existem vários segmentos que se autodenominam umbandistas que pautam suas “regras” segundo a concepção de seu corpo docente e/ou discente; Mas, perguntamos: essas “regras” centralizadas em seu Terreiro ferem os preceitos das “Linhas Mestras” do Caboclo das Sete Encruzilhadas???

Um Terreiro umbandista que se desvirtua dos princípios básicos preconizados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, onde seus membros não estudam, não se evangelizam, não se reformam intimamente, não se aprimoram e praticam somente seus achismos e idiossincrasias sem se preocuparem em saberem de onde, como e porque tudo surgiu, fatalmente se sujeita a ser “punido”, ou seja, será um Terreiro com Espíritos molestadores e mistificadores, levando-os, gradativamente, a serem instrumentos das suas vontades. Evidentemente, nessas condições, estará defasada dos primordiais princípios que regem um Terreiro umbandista. Haja vista que, aquele sob orientação das “Linhas Mestras” estabelecidas pelo instituidor, não sofre a sequela de irmãos ignorantes ou equivocados, face às vibrações presentes indisporem acesso ao indevido, por estarem vivenciando a atualidade, isto é, o estudo, o entendimento e a evangelização é a estrada principal.

Quando uma doutrina sofre alterações nos seus princípios, modificações essas que não foram elaboradas pelo Conselho Espiritual que a constituiu, deixa de ser a doutrina regente, para ser uma qualquer.

Nesse caso, não poderá dizer-se, pela adulteração efetivada, seguir-se a tal doutrina, pois, passou a ser outra, desde o momento em que as suas “Linhas Mestras” foram alteradas, sem autorização dos seus principais feitores, ou procuradores devidamente autorizados.

Quanto à Doutrina Umbandista, para que modificações significativas ocorram, deverá ser somente com a autorização do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e este, como somente executa as recomendações de Jesus, seria necessário lhe chegassem ordens do Mestre. Todavia, fato que não devemos esperar. Porquanto, as Leis de Deus são imutáveis, e Jesus é mensageiro do Pai.

As simples “Linhas Mestras” da Doutrina Umbandista, na íntegra, oferecidas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, são isentas de falhas e desnecessárias são quaisquer correções ou alterações. Quando desvios são inseridos, aqueles que os promoveram assumiram a responsabilidade do ato indevido. Adulteraram uma obra construída pelo modelo e guia da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A consciência do verdadeiro umbandista não se deixa quedar por outros rumos, traçados fora das “Linhas Mestras” exercitadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Tendo essas premissas como pura verdade, por que iria se aventurar por desqualificações introduzidas na Umbanda se as “Linhas Mestras” de seu conteúdo foram doadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas?

A Lei de Deus determina que obras construídas com descaminhos sejam desmanchadas, e, outras, erguidas com elos da verdade, para que possamos adentrar o Reino dos Céus, pois, pela porta estreita, os limitadores impedem o desrespeitador das Leis Universais.

Modificam a Doutrina Umbandista, alteram-lhe os sentidos, desvirtuam-lhe as estruturas, aplicam-lhe seus personalismos e achismos e têm a prevalência de dizer que estão seguindo-a.

Depois de assim procederem, clamam pelos Sagrados Orixás. Que incoerência. Acham que suas observações são melhores que as verdades do Caboclo das Sete Encruzilhadas, tanto que alteram seus ensinamentos explicitados.

Quando somos incoerentes com os ensinos dos mais sábios, principalmente com os que o Caboclo das Sete Encruzilhadas nos legou, fica mais do que evidente: falta-nos o estudo, condição única para ampliar os escassos conhecimentos.

Também ocorre o fato da idiossincrasia de certos umbandistas, que “incorporam” na doutrina/ritualística umbandista, àquilo que suas mentes acham serem certo.

Maneiras de se conduzir rituais, montagens de altares, ou seja, a parte externa de um culto é de somenos importância, pois usamo-los para materializar o abstrato, bem como para satisfazer os nossos egos; só não podemos exagerar nas excentricidades, pois, a Umbanda é simples e desprovida de pompas. Só temos que tomar os devidos cuidados para não exagerarmos, pois correremos os risco de externarmos mal gosto, caindo no ridículo.

Aliás, perguntamos para a Vovó Joana da Bahia, sobre as imagens dispostas no altar da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, e ela nos respondeu: *"Filho. O Caboclo das Sete Encruzilhadas não pediu nada daquilo. O que tem lá é tão somente da vontade do dirigente e de seus seguidores. Isso pra nós não importa filho. É bonito e serve para direcionar o pensamento de quem vê. Só tome o cuidado de não exagerar e nem utilizar imagens e outras coisas que ferem a razão e o bom senso".*

Quanto ao vestuário (uniformes), não devemos nos esquecer que os Espíritos não têm vaidade de espécie alguma. Espíritos que exigem vestuários extravagantes e coloridos, ainda estão presos em seus egos, não podendo portanto, serem guias de nada.

Não propagamos nem aconselhamos a preferência de métodos; cada qual segue ou adota os que melhor lhe convém e agrada, dentro das mesmas finalidades, é claro, sobre as quais não devem prevalecer dúvidas quanto a sua nobreza e elevação; o que não podemos é recusar a Caridade a quem no-la solicita, quando em nossas mãos estejam os meios precisos, e é isso que estamos crentes todos os bons umbandistas devem fazer, sem a preocupação de mesquinharias de interesse pessoal.

As magias não foram normatizados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois são manipulações magnéticas naturais comandadas somente pelos Guias Espirituais (na Umbanda quem entende de magia é Guia Espiritual), para casos específicos; os Protetores Espirituais somente realizam o que os Guias Espirituais recomendam.

O que sai fora das "Linhas Mestras" preconizadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, é tão somente pelo personalismo e pelas idiossincrasias de muitos umbandistas, que incorporaram na doutrina/ritualística de seus Terreiros, àquilo que suas mentes acharam serem certo.

Conclusão:

Por várias vezes nos perguntamos: Por que as "Linhas Mestras" ditadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas não foram seguidas por muitos umbandistas de então e muito menos por muitos umbandistas de hoje? Porque, hoje, muitos relegaram o Caboclo das Sete Encruzilhadas como um simples marco oficioso, um mito, da Umbanda? Porque até hoje suas simples "Linhas Mestras" não são analisadas a luz da razão e seguidas fielmente pelos umbandistas???

Encontramos uma só explicação plausível, descrita no Evangelho:

- *"Um profeta só não é estimado em sua própria pátria, entre seus parentes e em sua família"* (Mc 6,3)
- *"Um profeta só não é estimado em sua própria pátria e em sua família"* (Mt 13,57b)
- *"Nenhum profeta é bem recebido na sua pátria"* (Lc 4,24)

Pela falta de fé, de confiança e principalmente por cada individuo, posteriormente, se tachar de umbandista, querer fazer àquilo que suas mentes achavam correto, acabaram por não aceitar e seguir as "Linhas Mestras" do Caboclo, relegando-o ao esquecimento. A partir daí, cresceram as idiossincrasias, os achismos, as exteriorizações fúteis, os rituais preferenciais, as manifestações estapafúrdias, as crendices, o colorido desnecessário, as dançarias frenéticas, os batuques ensurdecedores, as magias a torto e a direito, muitas com fins pecuniários, a feitura de despachos e oferendas indiscriminadas, etc., tudo a guisa de "fundamentos" de Umbanda.

Jesus deu ao Caboclo das Sete Encruzilhadas o exemplo de como enfrentar este problema: *"Ele continuou o seu caminho"* (Lc 4,20). E isso mesmo; apesar das críticas, da não-aceitação, dos desvirtuamentos, das traições, das hipocrisias, das ingratidões, etc., seguiu seu caminho. O Caboclo das Sete Encruzilhadas sofreu com isso, mas não se abalou, pois sua convicção não se baseava na opinião, aprovação e aceitação dos outros, mas na oração, no exemplo, na paciência e na fé, de que, no futuro tudo se ajeitaria a contento. E é o que está acontecendo.

Em questão de Umbanda, tudo o que sai das diretrizes das "Linhas Mestras" ditadas pelo Caboclo das Sete encruzilhadas, não são fundamentos da Umbanda, mas simplesmente, ritos preferenciais, idiossincrásicos, alguns migrados ou emigrados de outras religiões e filosofias, sendo posteriormente colocados como tradição.
Também encontramos um texto concernente, onde o "Espírito da Verdade" fala a Kardec sobre sua missão. :

"(...) A missão dos reformadores é repleta de obstáculos e perigos. Previno-te de que a tua é rude, pois se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranquilamente em casa. É necessário que te mostres no conflito. Ódios terríveis serão açulados contra ti, implacáveis inimigos tramarão tua perda; ver-te-ás a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga (...). (Texto extraído do livro: "Kardec – A Biografia" – de Marcel Souto Maior, editora Record).

Observem que este aviso se encaixa perfeitamente na missão do Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois ele é o reformador dos cultos primitivos praticados pela Macumba, e, igualmente, transmudou os trabalhos mediúnicos ordenados pelos Espíritos a Kardec, convertendo-os em trabalhos caritativos, efetuados por todos os Espíritos solícitos e engajados no bem, sejam eles quais forem, vindo, igualmente, abalar os pré-conceitos sobre a emergente doutrina. Se mostrou no conflito, trazendo as "Linhas Mestras". Foi "traído" em seus ideais pelos que eram mais próximos e dedicados, pois preparou milhares de médiuns, sendo suas normas desprezadas e falseadas em seus princípios.

E o "Espírito da Verdade", ainda disse a Kardec: *"(...) Nunca fales da tua missão; seria a maneira de a fazeres malograr-se. Ela somente pode justificar-se pela obra realizada e tu ainda nada fizeste. Se a cumprires, os homens saberão reconhecê-lo, cedo ou tarde, visto que pelos frutos é que se verifica a qualidade da árvore (...).* (Texto extraído do livro: "Kardec – A Biografia" – de Marcel Souto Maior, editora Record).

Observem que o Caboclo das Sete Encruzilhadas sempre se definia como *"o mais humilde dos Espíritos que baixa a Terra"*; nunca se ouviu ufanar-se de sua missão de instituidor da Umbanda. O Caboclo realizou sua obra, a cumpriu condizentemente no silêncio, e hoje, ainda está plantando suas sementes de amor, infundindo suas "Linhas Mestras", para que futuramente colha seus frutos.

Aproveitando, disponibilizaremos alguns textos de José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, uma das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, mostrando os conceitos de um umbandista filho espiritual da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, pautado nas "Linhas Mestras" do instituidor da Umbanda:

O PASTOR DA UMBANDA

"Bem-aventurados os que têm fé, porque esses verão a Deus Nosso Senhor".

A fé é uma das virtudes fundamentais de todas as religiões. Sublime por excelência, sem ela nada se poderá realizar no terreno espiritual e é por seu intermédio, dependendo da sua maior ou menor intensidade, que as almas se habilitam a levar avante a missão de que se incumbiram.

A fé remove montanhas, cura as enfermidades do corpo e da alma, transforma os criminosos em cordeiros, faz o milagre – maravilhoso entre todos – do ladrão subir aos Céus com Jesus Cristo.

Foi a fé que levou uma grande alma a realizar em nossa terra uma formidável obra de reforma religiosa, com a implantação, em nosso meio, da Lei de Umbanda.

E esta realização é tanto maior quando todos nós sabemos que, no Brasil essencialmente católico, de há 40 anos passados, era quase um crime pensar-se em fazer modificações de ordem espiritual, que pudessem afetar, de leve sequer, o prestígio dos padres de Roma.

A realização da tarefa, por isso mesmo espinhosíssima, que sobre os seus ombros tomou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, de organizar a Lei de Umbanda no Brasil, é um verdadeiro milagre de fé, que nos leva a um sentimento de grande amor e de profundo respeito por essa entidade, que se faz pequenina e que procura velar-se sob a capa de uma humildade perfeita.

É a ele – ao Pastor de Umbanda – que se deve a purificação dos trabalhos de magia nos Terreiros; é a ele que espiritualmente está entregue a direção de todas as Tendas de Umbanda no Brasil.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o verdadeiro Guia da Umbanda, o pastor das ovelhas de Yemanjá, aquele com quem todos os outros Guias lá no alto combinam, quando querem colaborar nos seus Terreiros.

Foi ele quem assumiu perante Oxalá o compromisso de expurgar a Umbanda do rito essencialmente africanista que se vinha praticando desde as primeiras levas de escravos trazidos pelos portugueses.

Foi ele quem provocando uma guerra com os Espíritos das trevas, diretamente interessados com a implantação dos trabalhos de magia negra, não vacilou um só momento em seguir o programa traçado e arrebanhando as suas ovelhas – verdadeiro Pastor de Umbanda – vai continuando a sua obra de propagação com as constantes inaugurações de Tendas que, filiadas ou não à Tenda de Nossa Senhora da Piedade, são realmente suas, estão, queiram ou não queiram os seus organizadores, debaixo de sua orientação espiritual.

Que os que nos leem não se esqueçam desta verdade: o Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele.

Sei que muitos não concordarão com o nosso pensamento, pelo que peço perdão e licença para elucidá-lo. O meu intuito não é diminuir qualquer das entidades que baixam nos Terreiros de Umbanda e muito menos ferir qualquer suscetibilidade; eu sei, e todos sabem, que podem descer nos Terreiros entidades maiores que o Caboclo das Sete Encruzilhadas, embora não se declarem como tal, mas essas entidades que vem prestar socorro a filhos que sofrem, vem e voltam sem a responsabilidade que cabe ao Caboclo das Sete Encruzilhadas, que recebeu a missão de purificar os trabalhos da magia.

Como prova, aí estão as suas Tendas, formando um todo homogêneo, organização que não tem similar e que vem resistindo a todas as campanhas que tem sofrido.

As minhas declarações não têm outro sentido a não ser que o Caboclo das Sete Encruzilhadas foi realmente o comissionado para esse fim; ele não vai inovar, veio apenas purificar o que já se fazia no país há algumas centenas de anos; ele não destruiu os rituais praticados, antes deu-lhe força e método e o propagou com sua organização maravilhosa.

Verdadeiro Mestre da Magia Branca, responsável pela pureza do seu ritual, ele não poderia abandoná-la, porque o considera sagrado; ao contrário, ele nos ensinou a amá-lo e a respeitá-lo, porque ninguém melhor do que ele sabe que não há religião sem ritual.

O que ele deseja, entretanto, é que este ritual de Umbanda, humilde, mas cheio de luz, seja nivelado ao ritual elevado das grandes religiões e isento de toda inferioridade e da prática de coisas inúteis e perniciosas. O que deseja, sobretudo, é que este ritual seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo.

Essas minhas declarações são tanto mais insuspeitas quanto todos sabem o grande amor que eu e todos os que fazem parte da Casa de São Jerônimo temos ao Caboclo da Lua, que é por nós considerado uma entidade de grandes poderes e elevada espiritualidade. Todavia, e para isso chamo a atenção de todos, por muito grande que seja, ele não hesitou em trabalhar sob a Chefia do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e foi ele quem organizou e lhe ofereceu a Tenda de São Jerônimo, que espero será um dos esteios de sua obra formidável.

Há alguns anos, previmos que Umbanda seria a futura religião do Brasil, numa visão feliz que posteriormente foi plasmada num estudo humilde e modestamente ofertado pelos filhos de São Jerônimo aos filhos de Santo Agostinho, que a nós são unidos pelo coração e pelos mesmos ideais.

Então, a Umbanda era perseguida não só pelos outros credos religiosos, mas ainda, pelas autoridades constituídas que a rebaixavam ao nível da magia negra. Hoje, começamos a ver raiar a alvorada de Umbanda, porque são as próprias autoridades que nos convocam para uma confissão pública de Umbanda como credo religioso, permitindo que, com essa designação, as Tendas de Umbanda funcionem.

É a nossa vitória, ou antes, a grande vitória do Caboclo das Sete Encruzilhadas. O que nós todos lhe devemos é de valor inestimável; jamais poderemos pagar os benefícios espalhados a mancheias por ele e pelos Espíritos que acorreram ao seu chamado para ajudá-lo no cumprimento de sua missão.

É uma felicidade para nós prestar ao Caboclo das Sete Encruzilhadas essa homenagem, rendendo-lhe um elevado preito de gratidão com o nosso reconhecimento público de que ele é o legitimo Pastor de Umbanda, o único diretamente responsável perante Oxalá por todas as Tendas já organizadas entre nós e por todas as que vierem a se organizar.

Este Espírito de eleição, cuja fé é um incentivo para os nossos Espíritos entibiados, cheios de irresoluções, fracos no cumprimento do dever, rebeldes quando não vemos que as coisas marcham sempre ao sabor dos nossos desejos; este Espírito de luz, cujo amor a Oxalá o levou a não ver os espinhos que o feriram ao longo da penosa jornada que teria de percorrer durante tão duros anos, bem merece ser enaltecido por todos os filhos de fé que se sentem felizes no ambiente humilde de Umbanda e que nem de leve suspeitam de seu verdadeiro valor, da sua singular grandiosidade.

Habituados a ouvir dizer: “O Caboclo das Sete Encruzilhadas baixa tal ou qual Terreiro”, os adeptos de Umbanda imaginam que ele é “mais um” entre os inúmeros que vem para a sua missão de caridade.

Já é tempo de corrigir-se o erro; ele não é “um entre muitos”, em Umbanda ele é o “primeiro entre todos”, porque foi comissionado para purificar os seus trabalhos; não há entidade que lhe não preste a sua homenagem, e todos, sem vaidade, sentem-se felizes em auxiliá-lo na sua obra de comissionado, pela qual ele vem lutando há mais de 40 anos. As injustiças, as ingratidões, os escárnios, a zombaria, que lhe tem sido feitas durante todo este tempo, jamais contribuíram para um desfalecimento, por minutos que fosse de sua parte, em levá-la avante.

Assim como a tremenda campanha feita contra Nosso Senhor Jesus Cristo, por aqueles que, sem luz, desejavam o aniquilamento de sua obra e o desaparecimento de sua doutrina, só contribuiu para que ela com mais rapidez e segurança se propagasse pelo mundo inteiro, assim também toda a campanha de desmoralização e todo o sistema de intrigas urdido até hoje contra a obra formidável do Caboclo das Sete Encruzilhadas só tem contribuído, e cada vez mais contribuirá, para o seu engrandecimento e para que por todos os séculos se mantenha de pé.

Foi a fé que o ajudou a realizar esta obra, que um dia será gigantesca e se espalhará também pelos confins do mundo; é pela fé que ele pretende nos levar aos pés do doce Oxalá, de quem é um humilde devoto.

Verdadeiro Pastor de Umbanda, ele vela constantemente pelas suas ovelhas, a fim de que não se contaminem com o hábito pestilencial da magia negra, e sereno, como só os grandes podem ser, ele sorri, confiante na vitória de sua obra, porque sabe que a fé é o seu alicerce, a sustentará pelos séculos afora".

(Por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – "Semanário", número 91 – ano III – página 15 – 1958)

UM POUCO MAIS SOBRE O PASTOR DA UMBANDA

A obra de espiritualização dos adeptos da Lei de Umbanda pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas nesses quase cinqüenta aos de trabalho ininterrupto das suas Tendas, é alguma coisa de que devemos nos orgulhar.

Apraz-me rememorar, constantemente, a fim de que fique bem fixado na mente e no coração de todos os umbandistas e com o objetivo de dar um grande impulso para maior engrandecimento da obra, o desprendimento de todos os que, durante esse tão largo lapso de tempo, vem colaborando, com rara tenacidade, para a conservação do patrimônio espiritual e moral constituído, como uma herança preciosíssima para nós, pelo humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas;

Todo aquele que, sem parti-pris, se der ao trabalho de fazer um estudo honesto sobre a história da Umbanda no Brasil, terá que chegar à conclusão – para nós muito honrosa e sobremodo grata – de que foram as Tendas do Caboclo das Sete Encruzilhadas que sem receio dos trabalhos afanosos, das lutas incessantes com os que tinham interesse em combater-nos, num trabalho consciente de obediência à orientação do maravilhoso Guia, expurgaram os adeptos de Umbanda das tendências para a magia-negra, impondo aos que as frequentavam um ritual simples, honesto, digno, de caridade real, porque aos mesmo tempo que cura os males físicos dos que as buscam, doutrina os Espíritos mal acostumados, que comumente confundem Espiritismo de Umbanda com feitiçaria.

Não há nada melhor, nem mais admirável a se constatar até hoje. Se lançarmos um olhar em torno de nós, havemos de ver desde tempos que não vão muito longe, porque estão nítidos a memória de todos a Tenda Nossa Senhora da Piedade, tendo à sua frente o Espírito luminoso que é o nosso Guia, atraindo sempre milhares de adeptos que, em busca de lenitivo para os seus males de toda a espécie, a procuram como a verdadeira Meca de Umbanda!

Do seu seio saíram todas as organizações no gênero feitas à sua imagem e semelhança; é uma comunidade em que todos os elementos, todos os líderes e os melhores médiuns conhecidos de Umbanda, foram feitos sob as suas vistas nas suas Casas, conviveram com o Caboclo das Sete Encruzilhadas, dele recebendo suas luzes; aprenderam e transmitem as suas magníficas lições.

A semente da verdadeira Umbanda saiu dos jardins de sua organização. Ainda hoje é ele o Maomé dessa nova religião, que toma vulto e já se propaga pelo país inteiro, do Norte ao Sul, do Leste ao Oeste.

Com a humildade que o caracteriza, limitou-se ele a preparar o edifício da fé, da espiritualidade simples e pura; ligou Umbanda ao Evangelho de Jesus, adotando o lema Espírita – "Fora da caridade não há salvação"; jamais pleiteou para a sua organização bens materiais, palácios ou ritual luxuoso; as suas Casas continuam a ser o que sempre foram; portas abertas para todos os que sofrem, sem distinção de classe, credo ou cor; dinheiro é expressão que não se usa, porque a prática da caridade é feita nos moldes pregados no Evangelho de Jesus, sem se olhar as condições das pessoas que batem à sua porta. "Daí de graça o que de graça recebeis".

Somos realmente os legítimos herdeiros de uma fortuna preciosa! A herança que nos foi legada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas constitui patrimônio riquíssimo, não em bens da terra, que depressa se acabam, mas precioso pelo que encerra do ponto de vista espiritual e, portanto, eterno. Temos direito nos sentir orgulhosos e felizes, mas, também cabe-nos uma pesada tarefa m qual a de multiplicar a riqueza que nos dói confiada, fazendo-a render juros altíssimos que, aplicados com a honestidade com que até hoje trabalhamos, possam vir a ser distribuídos pela imensa família constituída pelos filhos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que aumenta em proporção animadora dia a dia.

O nosso dever é, pois, muito maior do que os nossos direitos. Não é com a mera formalidade das promessas que podemos dar conta da nossa tarefa. O trabalho que temos diante de nós é talvez ainda mais árduo do que o que coube aos pioneiros que organizaram a obra há cerca de cinquenta anos.

Os nossos inimigos combatem-nos a descoberto em todos os setores. Não temos mãos a medir, talvez não tenhamos mesmo tempo para um pequeno repouso; temos que estar unidos mais do que nunca e sempre vigilantes.

Ao tempo da ditadura passamos por momentos de verdadeira apreensão. Várias circunstâncias nos levaram a crer que iríamos ser privados de nossa situação; exigências da lei e das autoridades e causas materiais de diversas espécies pareciam ir privar-nos de tudo; chegamos a recear que fossemos obrigados a fechar as nossas casas.

Tudo isso nada mais foi, do que um simples interregno para a segunda fase dos nossos trabalhos, que se mostram tão promissores e que abençoados pelo nosso grande Guia, levaremos mais adiante e mais fortes do que nunca.

Por isso, torna-se necessário em torno do nosso querido Chefe, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, e que, confiantes na proteção que nunca nos faltou, não esmoreçamos no cumprimento do dever, como tutelados de Nosso Senhor Jesus Cristo, cujo Evangelho é a nossa norma de conduta e o nosso código de honra, e como legítimos herdeiros do Caboclo das Sete Encruzilhadas, a quem humildemente pedimos força e serenidade para a luta, fé e amor para continuar a realização da sua obra, espalhando com o desinteresse que tem sido o lema de nossa vida, a caridade de que os pobres necessitam.

(Por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – "Semanário", número 110 – ano III – página 15 – 1958)

DISCURSO PRONUNCIADO POR JOSÉ ÁLVARES PESSOA NA TENDA ESPÍRITA SÃO JERÔNIMO

A Umbanda caminha a passos largos para a realização de um ideal que acariciamos há longo tempo e que pequenina semente, plantada por um grupo de homens de fé e de boa vontade há mais de 40 anos, orientados e dirigidos pelos Espíritos de eleição que são o Caboclo das Sete Encruzilhadas e os seus abnegados companheiros. Nasceu e cresceu regada com o suor de tantas criaturas altruístas que vêm dando o melhor de sua vida por tão nobre causa, e hoje, qual mangueira frondosa, aconselha-nos à sua sombra acolhedora.

Este ideal que é a transformação de Umbanda na religião que dominará todo o território brasileiro, e daqui, com a graça de Deus, há de espalhar-se por este continente abençoado que é o continente do futuro, nós o veremos concretizado em obra imorredoura e, apesar dos tropeços que a cada momento ainda perturbam a nossa marcha, para a qual são inúteis os obstáculos, haveremos de vencer com galhardia, triunfando de todos os empecilhos que porventura ainda teremos de enfrentar.

Achamo-nos arregimentados como para uma batalha iminente e, escudados na nossa fé inquebrantável em Nosso Cristo Oxalá e amparados pelas inúmeras hostes de Espíritos benfazejos que almejam ver implantadas nesta Terra uma religião isenta do interesse vil das coisas materiais, nada tememos, porque o limpo de coração tem Deus consigo.

É preciso que nos convençamos e que conosco se convençam todos os que direta ou indiretamente tiverem conhecimento do nosso movimento, que Umbanda não deseja ser tomada como Espiritismo, nem experimental, nem mágico, porque Umbanda faz questão de mostrar-se tal qual é – pura e simplesmente religião, magia e espiritismo religioso cristão que um dia empolgará a Terra de Santa Cruz e se espalhará pelos quatro cantos deste continente.

Umbanda é simples, humilde, espiritual, magia, espiritismo e cristianismo; propugna pela felicidade dos humildes que a procuram, levando alívio aos que, abatidos pelos sofrimentos, quer moral, material ou espiritual, não se envergonham de ajoelhar-se aos pés dos Pretos-Velhos ou dos seus intrépidos Caboclos para implorar o seu auxílio e a sua graça.

Os Espíritos que baixam em nossos Terreiros não vivem na beatitude excelsa dos Céus dos padres católicos; permanecem sempre, como eles mesmos dizem, na Aruanda, que é lugar de trabalho onde estão sempre alertas aos sofrimentos dos desgraçados deste planeta de expiação, para acorrer no momento propício, para dar-lhes força para levarem avante as demais provas a que estão sujeitos.

E nós, a exemplo dos nossos Guias admiráveis, só nos preocupa o alívio que possam obter os nossos irmãos em sofrimento.

Em Umbanda não nos preocupamos com as pesquisas dos laboratórios científicos e psíquicos, onde se pesa o fluido, verificam-se as formações do ectoplasma que produz as materializações e modelam-se em cera os membros dos Espíritos materializados; nem tampouco nos debruçamos horas a fio sobre os livros para indagar da natureza do corpo físico de Jesus. O que nos interessa não é o corpo físico do Mestre Divino e sim a sua essência mesmo, o seu ego imponderável, a caridade que irradia sobre nós todos, é que a seus pés vivamos em oração.

Nos Terreiros de Umbanda, onde despidos dos enfeites dos sacerdotes que oficiam nos grandes templos, os seus médiuns, pobres e humildes como os pescadores que acompanhavam o Salvador, deixam as canseiras dos seus trabalhos de cada dia para servirem de instrumentos aos Guias que realizam a caridade, que a milhares já têm beneficiado; onde não reina o espírito de lucro, nem domina o ideal do mando.

Não há tabela de preços para a quantidade de graças que espalham os Pretos-Velhos e os Caboclos, pelos filhos que os buscam; não há hora para se fazer a caridade, porque inúmeras são as vezes que pobres operários e humildes empregados, desprezando o tempo que lhes sobra para o descanso a que têm direito, entram pela madrugada nos trabalhos do Terreiro para levar a esperança que sempre se concretiza numa realidade boa para o desgraçado ou o poderoso que bate à porta de nossas Tendas sempre escancaradas para todos e frequentadas por enormes multidões.

É verdade que há umbandistas desgarrados que recebem pelos trabalhos de seus Guias, mas onde há o trigo há sempre o joio e é preciso que ambos cresçam para que este seja colhido e lançado ao fogo.

Umbanda já é bastante conhecida, mesmo pelos que não a praticam; todos sabem que nos seus Terreiros a caridade é feita gratuitamente; o nosso lema é dar de graça o que de graça recebemos.

É, pois, chegada a hora em que desassombradamente devemos nos apresentar diante de todos em igualdade de condições com as outras religiões que sem perseguições vicejam à sombra da lei.

Umbanda, por seus elementos representativos, prepara-se para fazer frente aos que, convencidos de que são os únicos detentores da verdade e das lições do Divino Mestre, movem contra ela uma perseguição tenaz porque pressentem a sua vitória para muito breve.

Umbanda é grande, apesar da humildade com que se manifesta o seu ritual e a sua liturgia se encontra a cada passo no Velho e no Novo Testamento, nos templos do Egito e da velha Índia. Por mais remota que seja a religião encontra-se nela, sem nenhum esforço, vestígios da Umbanda.

É um engano pensar-se que Umbanda é uma invencionice de pobres pretos africanos, arrastados como escravos pela infâmia dos negreiros para as terras brasileiras. Umbanda é milenar; Umbanda não tem idade. É verdade que o movimento da implantação da Umbanda pura tem pouco menos de meio século, o que se compreenderá bem quando se dispensar alguns minutos para um raciocínio simples.

O Brasil que tem menos de cinco séculos tem sido desde a sua descoberta um campo de fácil conquista dos padres católicos que aqui aportaram com as primeiras caravelas. Tiveram esses senhores a visão profundamente inteligente do que seria no futuro a Terra de Santa Cruz.

É aqui que se implantaram e impuseram sua vontade. É de notar-se que naquela época os nossos colonizadores seguiam a religião dos seus antepassados; não havia concorrentes, portanto tinham cem por cento de probabilidade para se imporem e dominarem. Mas o tempo corre, as coisas mudam. O homem que é sempre irrequieto procura ver novos horizontes e busca sempre à novidade.

Como a vinda dos pobres cativos não imaginavam os seus algozes que também veriam a semente da religião que no futuro faria concorrência à religião que trouxeram da terra mãe. E agora, a despeito de todos e de tudo, a magia de Umbanda se arregimenta para tomar o lugar que lhe compete como verdadeira religião, tão espiritual como qualquer outra, propugnando pelo ideal de doutrina cristã que nos toca a alma mais de perto.

Mas, a Umbanda trazida pelos pretos era tão velha, ou ainda mais velha do que o continente de onde vinha. Raça das mais antigas, a negra era detentora de segredos invioláveis que não transpunham os umbrais dos seus templos. Por isso, deturpada pelos seus portadores e sem ambiente para propagar-se rapidamente, demorou a Umbanda até agora a aparecer com a sua característica verdadeira, livre dos erros que no seu rito estavam arraigados, como o ouro que somente depois de bateado, desprende-se da terra suja com que se achava misturado.

A Umbanda é hoje esta magnífica realização que estamos vendo; palpita como um corpo vivo cujos órgãos são todos perfeitos. É uma máquina cujas peças ajustadas funcionam sem o menor embaraço.

Prontos para uma ação decisiva estamos todos a postos, intrépidos, com os olhos voltados para o nosso Guia Maior, Nosso Cristo Oxalá, em cujos pés depositamos as nossas esperanças, os nossos anseios, os nossos sofrimentos e a certeza plena de vitória.

Sabemos que esta vitória ainda está longe, mas no longínquo horizonte onde se encontra esta vitória, divisamos a figura do Verbo Solar Oxalá, resplendente de luz, cercado pelas Sete Linhas de Umbanda que lhe rendem eterna homenagem e lhe pedem incessantemente que lhes conceda a graça de reunir num único bloco toda a família umbandista para que a Umbanda seja a maior força viva do Brasil, a sua verdadeira religião.

E sabemos também que neste dia glorioso em que mais uma vez nos achamos aqui reunidos para comemorar o nosso Orixá Xangô, as falanges gloriosas de todos os Orixás de Umbanda que presidem a nossa festa, rejubilando-se conosco, entoando curimbas ao Altíssimo, dão-nos a certeza de que com Ele contaremos para a realização da nossa missão; dar-nos-ão força para a luta, inspiração nos momentos difíceis, luz para não errarmos no caminho e a proteção do que necessitamos para alcançarmos o bem maior que é a absoluta felicidade espiritual.

Meus amigos, entoemos um hino de louvor ao nosso admirável São Jerônimo, o nosso todo poderoso Xangô, pedindo-lhe bênçãos e graças para todos nós e para a Casa que tanto amamos, a sua Tenda.

(José Álvares Pessoa – 1954)

Os trechos em negrito são apontamentos nossos, pois achamos importante grifá-los pelas suas importâncias. “Quem tem olhos para ver, que veja”. Existirão os que ignorarão, pelas suas equivocadas interpretações pessoais.

A TENDA ESPÍRITA SÃO JERÔNIMO, ENTRE GRANDES ALEGRIAS, HOMENAGEOU SEU PATRONO

Meus amigos. É sobre a Umbanda que mais uma vez quero falar-vos, nesse dia de tão doces emoções para as nossas almas, que vivem do amor e para o amor em Xangô, o nosso poderoso e admirável Patrono, cuja festa comemoramos juntos, neste glorioso dia 30 de setembro.

É sobre a Umbanda, a misteriosa religião que nos une nessa confraternização espiritual, que tenho sede de dizer tudo o que vai no mais íntimo da alma, apaixonada pelos seus divinos Orixás, sob o influxos da sua magia poderosa, da sua maravilhosa humildade, da sua ação dinâmica e benéfica, que atinge a todos sem qualquer distinção, harmonizando, curando, defendendo, ajudando, levando a sua benção a todos os corações e a todos os lares, não permitindo, com a sua incomparável força, que sejamos atingidos pelas arremetidas dos maus que nos querem destruir.

Xangô! Xangô! Xangô! — Expressão maravilhosa de um filho de fé, concentrado na fôrça estuante da sua convicção! Aqui vemos o Cap. José Alvares Pessoa de olhar firme e consciência tranqüila, adorando a Xangô, a quem dirige seu apêlo pela humanidade inquieta, hesitante e sofredora. Xangô! Xangô! Xangô!

José Alvares Pessoa e senhora

É sobre a doce Umbanda que quero tecer os meus louvores, porque a minha alma está cheia de alegria vendo-a espalhar-se, propagar-se, difundir-se por todos os cantos da nossa querida pátria, e vendo também que já se torna conhecida em outras terras.

Meus amigos, quisera poder transmitir a todos vós a intensidade do meu amor por Umbanda, a fim de que as vossas almas ficassem de tal modo impressionadas por esse sentimento, que ela passasse a ser o número Um das vossas cogitações, dos vossos anseios, da rotina da vossa vida.

Umbanda, meus queridos amigos, é a magia na sua força viva, que se renova desde que o mundo é mundo, para a felicidade dos que, limpos de coração, a manejam em benefício da humanidade sofredora.

Umbanda é a ação dinâmica do Cristo perpetuando-se nos humildes Terreiros, através dos poderosos Guias que se nos apresentam sob uma forma quase grotesca, para experimentar a nossa vaidade, o nosso orgulho e a nossa grandeza.

Umbanda é a luz ofuscante da nossa divina Mãe Yemanjá, que se atenua para que não fiquemos cegos sob os seus raios refulgentes.

Umbanda é o poder dos divinos Orixás que dominam as forças do mal que se abatem sobre este mundo de dor e de agonia.

Umbanda é o brinquedo das crianças nos jardins de um plano divino, onde se realizam os grandes mistérios que dão solução aos intrincados problemas da vida dos pobres mortais que habitam este duro Planeta.

Umbanda é o trabalho afanoso dos componentes da Linha das Almas, aliviando o mundo dos maléficos fluidos do astral inferior.

Umbanda é a caridade sublime dos que abdicam das suas horas de descanso para trabalhar horas a fio para aliviar o sofrimento dos seus semelhantes.

Umbanda é amor, é luz, é poder, é força, é encantamento e magia, é grandeza e humildade, é sabedoria e simplicidade, é abnegação e renúncia, na sua mais viva expressão de realização diária de milagres que confundem os que nela não crêem.

Umbanda é a misericórdia divina voltada para a miséria do mundo, aliviando o sofrimento dos que a procuram, pobre ou rico, indistintamente.

Umbanda é o terror dos que desejam viver à custa da exploração da desgraça alheia, dos que sugam as energias dos seus semelhantes, fazendo pagar um régio preço por serviços que perderam o seu conteúdo espiritual.

Umbanda é alegria de viver, quando não se tem o coração corroído pela chaga da inveja; quando não se tem a alma enegrecida pelo ódio que destrói; quando não se vive como balão enfunado pelo orgulho que dá a ilusão de grandeza a quem é apenas verme; quando se tem a mente limpa das paixões que nivelam o homem às bestas; quando não se tem a alma escravizada pela avareza que transforma o ser em inimigo do seu próprio pai ou irmão.

Umbanda é o Verbo de Deus que mais uma vez se encarna entre os homens, através dos milhares de Guias de boa vontade que vem pregar o “amai-vos uns aos outros”.

Umbanda é o nosso ideal, é o nosso anseio de cada dia, é o nosso amor, é a religião do Brasil.

(Texto de José Álvares Pessoa. Jornal “O Semanário” – 1957 – ano II – número 79 – 2º caderno – página 05)

UMBANDA – RELIGIÃO DO BRASIL

“(...) A UMBANDA QUE SE PRATICA HOJE

Penosa tem sido esta tarefa, que já vem sendo coroada do maior êxito.

A Umbanda, que se pratica hoje, no Rio de Janeiro, não é mais aquele culto classificado pelos cientistas como “animismo fetichista africano”, e quem tem ainda os seus remanescentes na Bahia, e que alguns crentes mal avisados tentam conservar aqui na Cidade Maravilhosa. Longe vão os tempos em que eram indispensáveis o bode preto e a farofa amarela aos ritos da religião africana, que, espiritualizada, tendo por Chefe Oxalá , Luz do Mundo, e por Guias os poderosos Orixás, misteriosas entidades que presidem os trabalhos (identificados, o primeiro com Nosso Senhor Jesus Cristo, e os demais com os Santos do catolicismo romano, pelos negros escravos), pratica a caridade, que espalha mancheias.

Referimo-nos, sem vexame, ao bode, vítima propiciatória no antigo culto africano, uma vez que a velha religião mosaica, a qual pertenciam homens que falavam face a face com o próprio Deus, teve também que ser expurgada por Nosso Senhor Jesus Cristo, de idênticos ritos bárbaros e impuros.

A princípio pequenina, porque tudo lhe era hostil, sofrendo as mais tremendas perseguições, Umbanda, nome escolhido para a religião do Brasil, cujas reivindicações no panorama espiritualista nacional tem-se processado muito lentamente, cresceu, expandiu-se, e hoje se propaga pelo país inteiro.

Perseguida, humilhada, espezinhada pelos poderosos e pelos cretinos que se julgam autorizados e competentes para criticar o que não conhecem, Umbanda vem resistindo garbosa a todos os embates, saindo ilesa de todas as perseguições, crescendo desmesuradamente dia a dia, procurada por multidões desassombradas que batem às portas das suas Tendas, invencível, porque ninguém tem o poder suficiente para fazer fracassar uma obra determinada por Deus. As almas dissolventes, quando muito, conseguirão atrair ao seu redor um pequeno número de descontentes, que acabarão por se destruir entre si.

A luz divina banha o comissionado; as grandes entidades emprestam-lhe sua força; ninguém pode suplantá-lo.

Deus é onipotente; quem poderá levantar-se contra Ele?

O que acontecerá ao que for de encontro à avalanche que se despenha das alturas? Fatalmente será esmagado.

Ai daquele que se rebela contra a vontade onipotente; ai daquele que, envolto nas trevas da ignorância, se julga esplendente da luz da sabedoria e procura passar por sobre a autoridade dois seus maiores para arcar com a responsabilidade de condenar a obra inspirada pelo próprio Deus.

As luzes contra nós, os humildes filhos de Umbanda, não estão mais em esboço; estão em franca arremetida os obreiros da destruição; o fragor das suas investidas já se faz ouvido por todos.

Frágeis armas dos perseguidores

As armas com que nos combatem, porém, são frágeis, como tudo que vem do homem. Ao invés de usarem de sabedoria e de justiça, empregam a ironia, o escárnio, procurando ferir-nos de morte; os intelectuais e cientistas insistem em tratar-nos de “feiticeiros”, “macumbeiros”, “curandeiros”, “africanistas”, e de termos desprezíveis, indignos de nossa fé e de nossa devoção.

Mas, a nossa hora chegou. A ordem é para que a ponta do véu seja levantada e Umbanda saia da noite sem estrelas em que se tem ocultado, fazendo raiar a sua aurora numa luz suave para não fatigar os olhos dos que estão habituados à escuridão.

Os Orixás, embaixadores de Umbanda, batem às portas da espiritualidade no Brasil, insistindo na apresentação de suas credenciais. Desejam que nós, os seus filhos, sejamos respeitados como espiritualistas, tão bons quanto os melhores; que os espiritualistas nos recebam como irmãos, que nos reconheçam o direito de amar a Deus como eles O amam, e que, unidos, realizemos o nosso ideal, que é tornar a Terra habitação mais suave, isenta de tanto sofrimento.

Mas, os ouvidos continuam fechados ao seu apelo, e ao invés da acolhida generosa que era de esperar de irmãos em Cristo, como são todos os filhos da Terra, Umbanda tem sido escarnecida, apedrejada, humilhada, não lhe tendo sido permitido até hoje o direito de nivelar-se às outras religiões que se julgam exclusivas proprietária do amor de Jesus.

A magia, esta força indômita e misteriosa que movimenta o mundo e domina a Natureza, é a própria alma de Umbanda, milenar, eterna. Por isto mesmo, Umbanda terá que sobreviver, porque não há maior força do que a sua.

Umbanda é a avalanche que se despenha das alturas e que esmagará os que tentarem se opor à sua trajetória. A sua missão é de caridade, a mais transcendente; destrói os trabalhos do mal, lutando e vencendo os seus magos poderosos, considerados invencíveis desde o princípio do mundo; alivia a humanidade dos seus terríveis sofrimentos; descarrega o planeta dos fluidos venenosos que vem do astral inferior; afasta de sobre os homens a vingança de inimigos invisíveis; destrói as maquinações dos Espíritos que lutam contra Jesus; preocupa-se com o bem estar da humanidade sofredora, acolhendo com carinho generoso, por intermédio dos seus representantes – humildes Pretos-Velhos e Caboclos – todos aqueles que batem à sua porta.

À Umbanda estão reservadas grandes e surpreendentes realizações, como religião que, num futuro próximo, será a do povo brasileiro.

Religião dos humildes e desprotegidos, cujos sacerdotes, os bondosos Pretos-Velhos e Caboclos, não recusam o seu auxilio, mesmo aos seus perseguidores que batam às portas; Umbanda tem um misteriosos destino nesta parte do Planeta onde já se acha implantada.

Umbanda é simples, humilde, espiritual. Magia, espiritismo, doutrina cristã; ela propugna pela felicidade dos que humildes, procuram-na, levando alívio aos que, batidos pelo sofrimento, que moral, material ou espiritual, não se envergonham de ajoelhar-se aos pés dos seus Pretos-Velhos ou dos seus denodados Caboclos, para implorar o seu auxilio e a sua graça.

Os Espíritos que baixam nos nossos Terreiros não vivem na beatitude excelsa dos céus dos padres católicos, permanecendo sempre, como eles mesmos dizem, na Aruanda, que é lugar de trabalho, onde estão sempre alertas aos sofrimentos dos desgraçados deste Planeta de expiação, para acorrer a dar-lhes força para levarem avante as duras provas a que estão sujeitos.

E nós, a exemplo dos nossos Guias admiráveis, só nos preocupamos com o alívio que possam obter os nossos irmãos em sofrimento.

Em Umbanda não nos preocupamos com as pesquisas dos laboratórios científicos, onde se pesa o fluido, onde se verificam as formações do ectoplasma, que produz as materializações, e onde se modelam em cera os membros do seres materializados.

Nem tampouco nos debruçamos horas a fio sobre os livros para indagar da natureza do corpo físico de Jesus, porque o que nos interessa não é o corpo físico do Mestre Divino, e sim, a sua essência mesma, o seu Ego imponderável, a caridade que irradia sobre nós todos, que aos seus pés vivemos em oração.

Também nunca se ouviu dizer que vivêssemos da exploração do seu corpo, que por nós foi entregue na cruz. Horroriza-nos ver a quase dois mil anos, a Igreja Católica vendendo dia e noite, como um Judas eterno, o corpo santo do Divino Mestre, para canalizar o dinheiro que corre dos quatro cantos da Terra para os tesouros do Vaticano.

Enjoa-nos ver a Igreja Católica, não contente com os fabulosos lucros que lhe mentes, anulações de casamentos (considerado por ela própria indissolúvel), bênçãos de espadas, de canhões, de casas bancárias, de balneários e hotéis de luxo, onde se explora o jogo, fazer agora a mais triste concorrência às casas funerárias, explorando defuntos, que pagam milhares de cruzeiros nos seus depósitos anexos às Igrejas.

Umbanda é milenar, Umbanda não tem idade

Umbanda é grande, apesar da humildade com que se manifesta; o seu ritual, a sua liturgia encontra-se a cada passo no Velho e no Novo Testamento, nos templos do Egito e da velha índia, e da própria Igreja Católica; por mais remota que seja uma religião, nela, sem esforço, encontramos os vestígios de Umbanda. É um engano pensar-se que Umbanda é uma invencionice de pobres pretos africanos, arrastados como escravos, pela infâmia dos negreiros, para as terras brasileiras. Umbanda é milenar; Umbanda tem idade.

É verdade que o movimento da implantação da Umbanda pura tem pouco menos de meio século; o que se compreenderá bem, quando se dispensar alguns minutos para um raciocínio simples. O Brasil, que tem pouco menos de 5 séculos, tem sido desde a sua descoberta, um campo de fácil conquista dos padres católicos, que aqui aportaram com as primeiras caravelas.

Profundamente inteligentes, tiveram esses senhores a visão do que seria no futuro a Terra de Santa Cruz. E aqui se implantaram e impuseram a sua vontade.

É de notar-se que naquela época os nossos colonizadores seguiam a religião dos seus antepassados, a católica; não havia concorrência, portanto, tinham os padres de Roma 100% de probabilidade para se imporem e dominarem. Mas o tempo corre; as coisas mudam; o homem. Que é sempre irrequieto, procura ver novos horizontes e busca sempre a novidade.

Com a vinda dos pobres cativos não imaginavam os seus algozes que também viria a semente da religião que no futuro faria concorrência à que trouxeram da terra mãe.

E agora, a despeito de todos e de tudo, Umbanda se arregimenta para tomar ao sol o lugar que lhe compete, como verdadeira religião, tão espiritual como qualquer que a seja, propugnando pelo ideal da doutrina cristã, que é a que nos toca a alma mais de perto.

Mas, a Umbanda trazida pelos pretos era tão velha ou ainda mais velha do que o continente de onde vinha.

Raça das mais antigas, a negra era por excelência detentora dos segredos invioláveis que não transpunham os umbrais dos seus templos.

"Na sua memória e nas bibliotecas de pedra dos seus templos estavam acumulados tesouros de ciências" (Schuré – Os Santuários do Oriente).

Por isso, deturpada pelos seus portadores e sem ambiente para propagar-se rapidamente, demorou Umbanda até agora a aparecer com a sua característica verdadeira, livre dos erros que nos seu rito estavam arraigados, como o ouro que, somente depois de bateado, se desprende da ganga a que se acha misturado.

Umbanda é hoje esta magnífica realização que estamos vendo; palpita como um corpo vivo, cujos órgãos são todos perfeitos. É uma máquina cujas peças ajustadas funcionam sem o menor embaraço.

Sabemos, é verdade, que a nossa meta ainda está longe de ser plenamente alcançada, mas no longínquo horizonte em que divisamos a aurora de Umbanda, ou o nascimento da nova religião que há de espalhar-se por esta continente abençoado, que é o continente do futuro – divisamos a radiosa figura de Oxalá, Luz do mundo, o Chefe Supremo, o Cristo da Umbanda (...)".

(Texto de José Álvares Pessoa. Jornal "O Semanário" – 1955 – ano II – número 52 – página 05)

O CORAÇÃO DE UMBANDA

Um mistério, impenetrável aos não iniciados, costuma envolver as religiões, por mais primitivas que sejam, preservando-as, no que tem de mais precioso, da profanação daqueles que, espertos para se valerem de tudo quanto lhes possa ser de utilidade, não hesitam em cometer os mais graves sacrilégios para a satisfação dos seus baixos instintos.

São, pois sempre velados, pela aparência ora pomposa, ora estranha, ora simplória, do seu ritual, os trabalhos por meio dos quais os sacerdotes das diversas religiões entram em contato com as entidades divinas que na sua ânsia infinita de fazer o bem não se esquecem dos desgraçados que moureiam nesse Planeta de tanto sofrimento e vencendo camadas tão pesadas, acorrem ao chamado dos que não descreem do poder de Deus.

A vida é árdua aqui em baixo e deserto e árido é o coração do descrente do tíbio e do cruel. A tarefa pois, dos que atendem aos chamados dos poucos que entre os homens, apelam para a divindade, é por isso mesmo excessivamente penosa.

Quantas lutas para se levar um pouco de alívio a uma alma que sofre. Com quantos empecilhos se tem de contar para conseguir fazer-se por aquele mesmo que, no seu desespero, na sua dor, apelou para as forças do Além.

Muitos filhos estranham que o socorro às vezes tarde tanto, sem se lembrar que o próprio que o pediu é quase sempre quem mais trava a ação dos que o ouviram e acudiram ao seu apelo.

Aquele que pede precisa ter a paciência necessária para esperar que o momento propício seja chegado a fim de que possa ser socorrido. Mas, ninguém quer esperar. Todos cansam tão depressa. E porque não sabem refrear os seus ímpetos, quantos são os que estragam tanto trabalho bem iniciado.

Além da impaciência há ainda a desconfiança que não permite aquele que pediu a graça dar-se inteiro às entidades que o protegem e com o seu raciocínio cheio da lógica da terra procura interpretar as diversas fases dos trabalhos, falseando a verdade que não está ao seu alcance e consequentemente impedindo, pela falta de fé que isso acarreta, a realização daquilo que é realmente os desejos dos seus Guias.

Não queremos dizer com isso que os filhos da Terra se entreguem de corpo e alma ao primeiro que se arrogue o título de "Guia". É preciso bastante discernimento, bastante devoção e amor a Deus, para não se ser vítima de embusteiros que não perdem vasa para se insinuar entre os incautos e com isso levar as almas para o caminho da perdição.

É preciso que o crente busque, antes de qualquer coisa, o coração, ou a alma – se assim o preferem – e que é a essência mesma da religião a que pertence. É preciso que o devoto levante a ponta do véu e penetre no mistério.

Umbanda, a humilde e doce entre todas, também tem o seu coração. Agasalhou, como um ninho que tem dono, reconfortante, cheio de amor para com os seus adeptos, o coração de Umbanda se dilata para que não fique sem agasalho um só dos seus filhos, para que todos fiquem a salvo das tormentas que continuamente se desencadeiam sobre os desgraçados que ainda estão na luta para resgate de suas faltas.

O coração de Umbanda é incomensurável; quem o procura encontra paz e carinho; nenhum filho deixou de ser atendido, mesmo laborando em erro, porque no corpo de Umbanda que se compõe de membros sem conta, como as estrelas no Céu, há sempre um que alerta, procura evitar a queda do que invocou o seu auxílio.

O coração de Umbanda não é invulnerável; o mais humilde e tímido “ai” de um filho aflito o atinge em cheio e ele sangra.

A dor dos homens fá-lo doer continuamente; e os espinhos que ferem aqueles que caminham em busca da perfeição cravam-se nele magoando-o e deixando marcas indeléveis.

Também as alegrias, como as dores, o atingem em cheio; as esperanças e as desilusões nele encontram guarida; a fé, a esperança e o amor são como labaredas que o incendeiam constantemente.

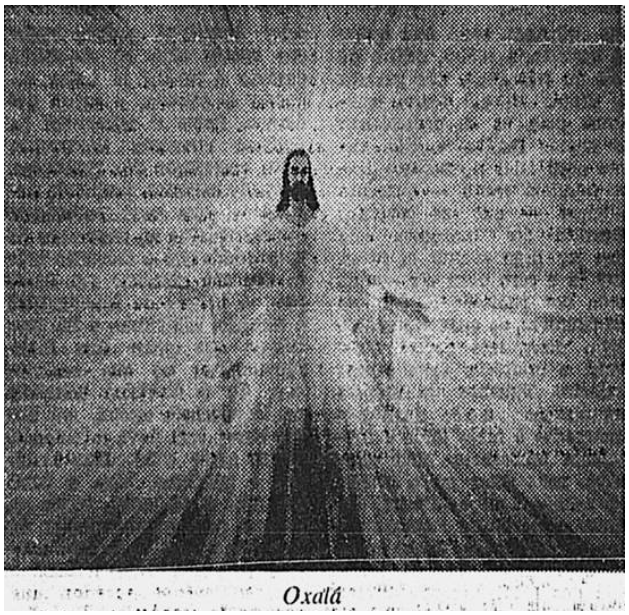
Ó de vós que andais por esse mundo, tão cheio de dores e de aflições; ó vós que passais pela vida sorrindo sem vos aperceberdes do abismo que a vossa frente vos espera para tragar-vos; ó vós que sabeis que um dia como prêmio da luta, alcançareis a meta almejada; buscai alívio para os vossos males, um amparo seguro para a vossa inconsciência, força para a realização de vossa tarefa no coração de Umbanda; não sejais tímidos; avançai resolutos e de repente, o mistério se desvendará aos vossos olhos encantados pela doce visão, e o vereis na plenitude de sua beleza e de sua glória, porque o coração de Umbanda é o doce e divino Nazareno.

(Texto de José Álvares Pessoa. Jornal “O Semanário” – 1953 – ano III – número 118 – página 15)

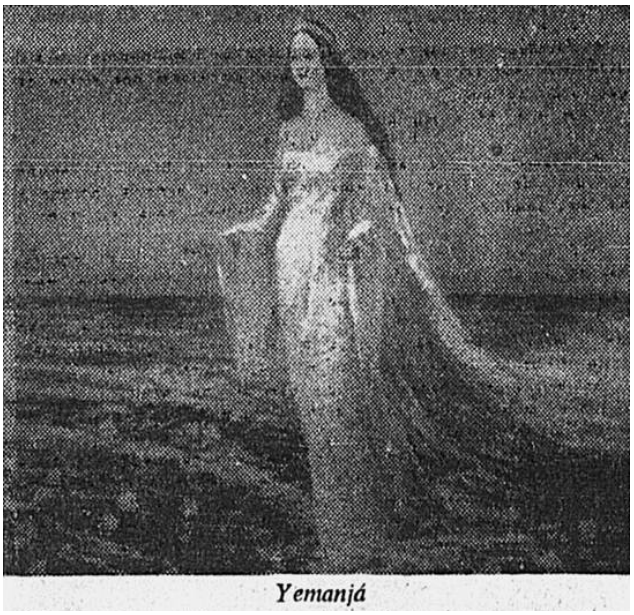
Pena hoje, só vermos a simples doutrina e “Linhas Mestras” do instituidor da Umbanda sendo praticada por raríssimos Terreiros de Umbanda.

Tenda Espírita São Jerônimo (O Capitão Pessoa está ao centro, de gravata)

Disponibilizaremos algumas reproduções de pinturas de Orixás disposta na Tenda Espírita São Jerônimo, divulgadas no periódico “O Semanário” – Ano III – número 91 - 1958:

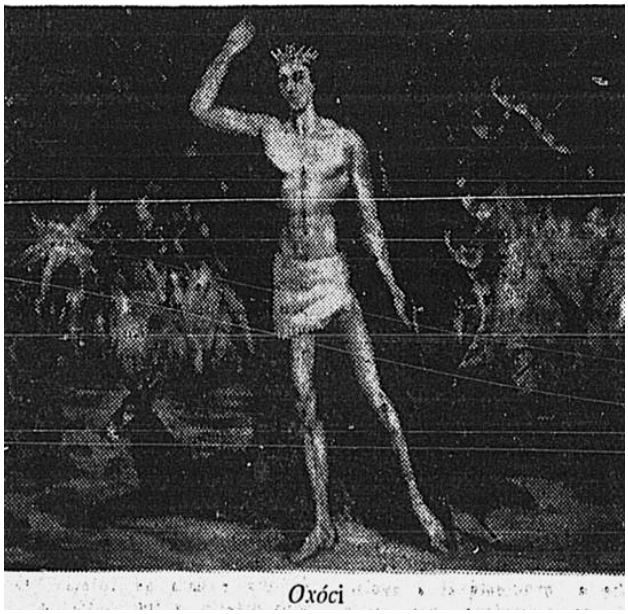


Oxalá

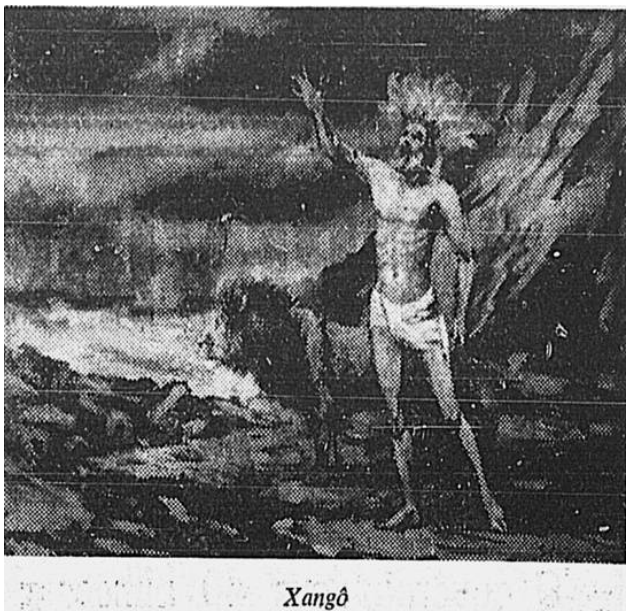


Yemanjá

Ogum



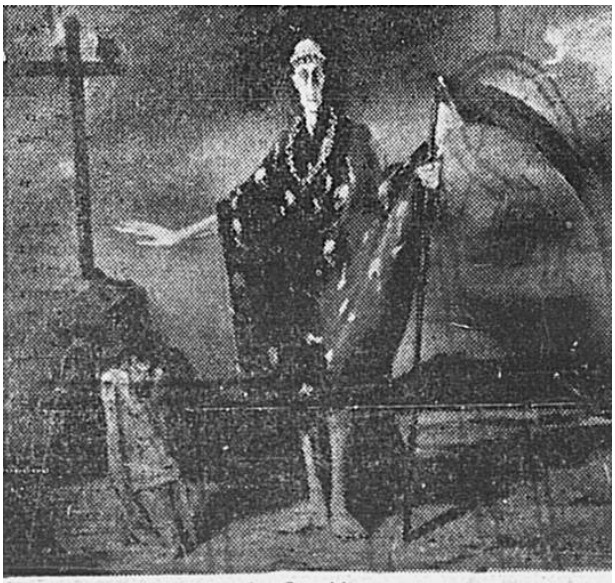
Oxóci



Xangô

Oxum

Cosme, Damião e Doum



Omulú

A tenda Espirita São Jerônimo foi fundada a 19 de janeiro de 1935 e registrada como pessoa jurídica em 25 de setembro do mesmo ano. No plano espiritual foi organizada pelo Caboclo da Lua, que a ligou a obra espiritual do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A finalidade da Tenda é a elevação do nível espiritual, moral e material dos devotos da Umbanda.

Na parte de Assistencia Social, a tenda faz distribuição de roupas, mantimentos, livros, remédios e brinquedos duas vezes por ano; nas festas de Cosme e Damião e de Natal, beneficiando a mais de mil pessoas. Espiritualmente, a tenda atende 30 mil pessoas mensalmente nas suas sessões espirituais diárias, exceto aos domingos. A sua atual diretoria é a seguinte :

Presidente — José Alvares Pessôa.
1.° Vice Presidente — Fidelis Azevedo.
2.° Vice Presidente — Octacilio Mendes de Freitas.
1.ª Secretaria — Hilda Mendes de Freitas.
2.ª Secretaria — Amazile Corimbaba.
1.° Tesoureiro — Altamir Mendes de Freitas.
2.° Tesoureiro — Haydée Jussara Rodrigues.
Diretor Social — José Correa de Oliveira.
Vice Dir. Social — Maria Gloria de Oliveira.
Consultor Juridico — Dr. Alcino Ribeiro do Amaral.
Procurador — Paulo de Vasconcellos.
Zelador — Nicola Ferrari.
Bibliotecário — Luiz Possidente.
Presidente Honorária — Julia da Costa Ribeiro Pessoa.

A Umbanda é simples e desprovida de pompas e rituais complexos. Aliás, o fundador da Umbanda, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas nos deu as “Linhas Mestras” fundamentais, regrando-a em aspectos simples, mas, ao mesmo tempo complexos, pois cada uma merece um compêndio para explicá-las a luz da razão e do bom senso.

Obs.: Todas as “Linhas Mestras” do Caboclo das Sete Encruzilhadas seguidas pela Umbanda Crística, estarão sendo explicadas no decorrer de toda a obra: “COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE”.

FANTASIAS E REALIDADES NO TEMPLO UMBANDISTA

No “Livro dos Médiuns” de Allan Kardec, há uma observação importante, que diz; *“A prática Espírita é difícil, apresentando escolhas que somente um estudo sério e completo pode prevenir. Experiências feitas com leviandade, sem conhecimento de causa, provocam péssima impressão nos principiantes ou pessoas mal preparadas, tendo o inconveniente de dar uma ideia bastante falsa do mundo dos Espíritos, favorecendo a zombaria e dando motivos a críticas quase sempre bem furadas. É por isso que os incrédulos saem dessas reuniões raramente conhecidos e pouco dispostos a reconhecerem os aspectos sérios do espiritismo”.*

Obviamente, no Pentateuco Kardeciano, os Espíritos não falavam só para o seu tempo. Observamos hoje, mais do que nunca, isso acontecer, principalmente nos Terreiros Umbandistas.

Os desvirtuamentos, as invenções, o vale tudo, as infiltrações de ideias e práticas anti-doutrinárias são uma realidade em muitas casas umbandistas. Muitos dos nossos irmãos saíram das “Linhas Mestras” traçada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, desde a instituição da Umbanda no Brasil.

Muitos umbandistas falam que temos que seguir as tradições. Mas, o que seria essa tal tradição?

“Tradição: (do latim: traditio, tradere = entregar; em grego, na acepção religiosa do termo, a expressão é paradosis παραδοσις) é a transmissão de práticas ou de valores espirituais de geração em geração, o conjunto das crenças de um povo, algo que é seguido conservadoramente e com respeito através das gerações. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Tradi%C3%A7%C3%A3o)

Vamos a um exemplo claro, seguindo como linha de raciocínio a tradição hebraica e os ensinamentos de Jesus:

DEVEMOS SEGUIR AS TRADIÇÕES HUMANAS?

Esta é uma pergunta bem subjetiva, pois não é uma questão de sim ou não. A tradição deve ser seguida se for boa e não estiver em desacordo com os ensinamentos de Jesus Cristo.

Por exemplo, num texto do Evangelho: *“E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”* (Mt 15:1-20)*.* Vemos uma acusação contra Jesus, que chegara à suprema autoridade espiritual em Jerusalém, era: Os discípulos de Jesus transgridem as tradições. Mas o que significa as tradições? Na verdade as tradições eram informações, costumes, crenças e práticas religiosas transmitidas oralmente de geração a geração. No próprio texto, fica subentendido que os fariseus davam mais valor às determinações dos rabinos e fariseus derivadas da lei mosaica e dos costumes antigos do que da própria Lei. O farisaísmo tinha como grave transgressão não observar essas prescrições, que foram mais tarde anotadas em forma escrita no Talmude rabínico como preceitos especiais.

Estes escritos dos judeus, contendo explicações e tradições referentes à Lei de Moisés. Foi escrito entre o terceiro e o sexto século da era cristã. Essas prescrições eram tão severas que, segundo o Talmude, a pena para sua transgressão podia ser até mesmo a exclusão (excomunhão). Ao lado da Escritura (Torá), os fariseus criam naquilo que os principais mestres do passado disseram para cada uma das palavras da Bíblia como explicação ou emenda; isso infelizmente alcançava ao nível do próprio mandamento de Deus. Ou até devia ser colocado acima do mandamento de Deus fixado na lei de Moisés e que tinha de ser cumprido sem exceção. A justificativa para tal prática era de “fazer uma cerca em torno da Torá”, e aos poucos, porém, essas “determinações dos antigos” se tornaram tão importantes que no tempo posterior não eram mais consideradas como complemento da Torá, mas conquistaram valor próprio, deslocando até a Bíblia.

Uma parte importante da tradição dos mais antigos tratava da lei da pureza, que consta de Lv 15. A lei somente proibia comer coisas sagradas, oferendas sacrificadas, com mãos não lavadas. Os escribas, porém, ordenavam lavar as mãos antes de qualquer refeição. Havia minuciosas e meticulosas prescrições que diziam como devia acontecer a lavagem das mãos. Todavia, os discípulos não estavam transgredindo nenhum mandamento bíblico, mas sim, não estavam cumprindo os rituais segundo a teologia farisaica. Os representantes rabínicos perguntam: Por que os teus discípulos transgridem a tradição dos antigos? Porque não lavam as mãos ao comerem pão.

Jesus responde à pergunta dos adversários com uma contra-pergunta: Por que vocês transgridem o mandamento de Deus por causa da tradição de vocês?

Não podemos ser contra todo tipo de tradição. Existem, sem dúvida, preceitos e ensinos bons, mas nunca podemos colocar as experiências e opiniões humanas em pé de igualdade ao orientado no Evangelho e nos ensinamentos crísticos.

Mas, o que cabe, é a cada um buscar usar a razão e o bom senso e a consciência para julgar se está ou não fazendo a vontade de Deus. Tradições como: usar alianças; pedir a benção para os pais; nunca corrigir pessoas mais velhas em púbico; ser educado a mesa e outros costumes antigos podem até não serem ensinamentos crísticos diretamente, mas é consequência de uma vida piedosa e, por isto não devem ser abolidas. O que não podemos é fazer com que as tradições humanas sobreponham às orientações da Espiritualidade Maior.

Se somente seguirmos às tradições humanas que nos são passadas como se fossem orientadas pela Espiritualidade Maior, sem, contudo, levarmos ao raciocínio, na razão e no bom senso, com certeza estaremos inclusos no aforismo de Albert Einstein que diz: *"A Tradição é a personalidade dos imbecis"*.

(Texto de: Tarcisio Carnete Junior, com adaptações do autor)

Existem muitas novidades que não são pertinentes com a Religião de Umbanda; podemos destacar os elementos doutrinários e ritualísticos de outras filosofias ou religiões, que realmente, ao serem inseridos no contexto umbandista criaram uma enorme confusão, pois são elementos que não tem coerência com as práticas umbandistas. Muitos cultos têm formas definidas de serem praticados em seu universo interno; devem ser respeitados, mas, não devem ser inseridos na Umbanda. Reparem que geralmente, muita doutrina/ritual/apetrechos/magias, não foram idealizados e trazidos pelos Guias Espirituais, mas sim, pelos médiuns e dirigentes novidadeiros, que rapidinho impõem-nos, sem consultar a espiritualidade. E quando vamos perguntar aos tais "Guias incorporados", sobre o porquê de tais procedimentos, titubeiam na resposta, às vezes nos dando explicações sem pé e nem cabeça, pois com certeza, o animismo vicioso do medianeiro passou a frente.

Devemos seguir os ensinamentos e as "Linhas Mestras" do nosso iniciador, o senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, bem como as orientações dos Guias Espirituais (quando realmente manifestados) e não querendo incutir magias, filosofias, ou doutrinas religiosas incoerentes pertencentes a outros cultos e filosofias em nossos Terreiros, pois tenham a certeza que serão oriundos da falta do conhecimento, da ignorância e até irresponsabilidade de dirigentes e colaboradores, alguns mal intencionados, que não possuem outro objetivo senão o poder, a projeção, o destaque pessoal e colocando seus interesses particulares acima da causa. Veja que esses indivíduos, geralmente não foram aceitos em seu antigo culto ou casa, por várias razões, e aqui se achegam à guisa de "doutores da religião", chafurdando a Umbanda de conceitos, magias e rituais estapafúrdios, pois em suas mentes tudo está em grande confusão.

Bem nos diz o Espírito de Ramatis: *"A Umbanda é como um grande edifício sem controle de condomínio, onde cada inquilino vive a seu modo e faz o seu entulho! Em consequência, o edifício mostra em sua fachada a desorganização que ainda lhe vai por dentro. As mais excêntricas cores decoram as janelas ao gosto pessoal de cada morador; ali existem roupas a secar, enfeites exóticos, folhagens agressivas, bandeiras, cortinas, lixo, caixotes, flores, vasos, gatos, cães, papagaios e gaiolas de pássaros numa desordem ostensiva. Debruçam-se nas janelas criaturas de toda cor, raça, índole, cultura, moral, condição social e situação econômica. Enquanto ainda chega gente nova trazendo novo acervo de costumes, gostos, temperamentos e preocupações, que em breve tentam impor aos demais". E: "A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero".*

Felizmente, existem muitos Terreiros Umbandistas que desenvolvem bem suas atividades. Fundamentam-se na orientação efetiva de verdadeiros mentores, com estudos sérios, atendimento fraterno, evangelização, orientação doutrinária segura, reforma íntima, critérios corretos e aplicação da ética umbandista em todos os sentidos. Mas, há muitos Terreiros se intitulando de "Umbanda" totalmente deturpados em sua origem. Essa é a realidade e temos que tomar ciência dela.

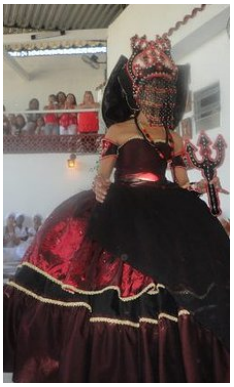
Há, por exemplo, Terreiros Umbandistas se dedicando a práticas de magias, oferendas e despachos com fins pecuniários, que fazem previsões sensacionalistas de vidências, provocando desajustes em pessoas menos esclarecidas e que fazem de seus trabalhos um espetáculo circense e são dirigidos por "missionários ou mestres iluminados" que veem demanda em tudo e que basta um despacho, uma magia ou mesmo um ponto riscado, retornando pretensas demandas, queimando carmas, ordenando à Natureza, comandando elementais, prendendo Espíritos e ai por fora, na vã esperança de uma solução mágica definitiva daqueles que os procuram.

Existem dirigentes umbandistas procurando impor hierarquias e formações religiosas, iniciações, organizações doutrinárias e ritualísticas a bel prazer, concebidas tão somente pelas suas idiossincrasias, pois, provavelmente não são calcadas na Espiritualidade Maior e não tem o aval da Cúpula Astral de Umbanda. Sabemos que podem ser orientações deturpadas pelo fato de o dirigente, em livros, jornais e redes sociais, colocar tudo como dever e práticas umbandista; essas orientações ferem os preceitos do instituidor da Umbanda, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, e só este pode dizer o que é certo ou errado para a Umbanda, como o fez em 1908. Deveriam ser honestos e dizerem que isto é doutrina pregada, seguida e aplicada em seu Terreiro e não colocada como prática umbandista abarcando a todos indistintamente. Deviam ser honestos e classificarem-se as quais modalidades pertencem.

Outros ainda se arvoram em “gurus messiânicos”, criando dependência psicológica nas pessoas que o procuram. Esses apregoam serem “mestres, magos e/ou enviados divinos”, propagando uma doutrina sem nexo, sem religiosidade, na esperança de terem seus egos massageados e exaltados pelos mais ignorantes. São fáceis de serem desmascarados: Jamais falam de Jesus, amor, perdão, reforma íntima, humildade, caridade, daí de graça o que de graça recebestes, o que a mão direita faz a esquerda não precisa saber, etc. Em seus “Terreiros” tudo é feito para iludir, com grandes encenações magísticas, demandas mil, e o pretenso poder sobre a magia, os elementos da Natureza, os Espíritos e as pessoas.

Outros ainda manipulam a psique de um “médium descontrolado”, fazendo-o “ver” através de pretensas vidências, demandas, despachos, magias negras, Espíritos trevosos, etc., onde não existem.

Muitos apregoam a submissão total dos médiuns aos Orixás, incitando indiscriminadamente a realização de oferendas e despachos, na vã esperança de terem seus problemas resolvidos. Muitos procedem a rituais disparatados no seio da Natureza, dizendo estarem “cultuando” os Sagrados Orixás, travestindo-se de roupagens multicoloridas próprias dos cultos afros, dançando e contorcendo-se dizendo estarem “manifestados” com o Orixá, num arremedo excêntrico do que viram nos cultos dos Candomblés. Esse tipo de procedimento na Umbanda, com certeza, é puro exibicionismo arquetípico anímico; pura pantomima.



Isso é fundamento do Candomblé, e lá, tem suas razões de ser. (...) *“Os seguidores dessa religião* (nota do autor: Candomblé) *cultuam os Orixás/divindades, e se consideram ligados a objetos, plantas e animais ancestrais. É uma religião criada em uma base que podemos chamar de alma da Natureza, podendo assim ser considerada uma religião anímica”* (...) – (http://www.wikidanca.net/wiki/_Candomble). (...) *“O Candomblé é considerado uma religião anímica, ou seja, que cultua a alma (anima) da Natureza”* (...). (http://www.salvador-bahia.tur.br/portugues/candomble-salvador-bahia.htm).

Como poderiam os Sagrados Orixás, considerados por nós como Espíritos Arcangélicos (Essenciais) e/ou Angélicos (Sustentadores), ou mesmo os Espíritos Superiores (Orixás Mediadores) manifestarem-se na Umbanda na mecânica da incorporação, travestidos de indumentárias multicoloridas e excêntricas, dançando, emitindo sussurros e/ou sons esquisitos, com esgares? Espíritos superiores, se, manifestados, nos auxiliariam com seus conselhos sublimes, sentimentos elevados, com linguagem digna e nobre; são simples e modestos; jamais ficariam com sussurros inaudíveis, bailando interminavelmente ao som de tambores, fazendo com que as pessoas, em suas presenças, se curvem, ajoelhados com a cabeça no chão, adorando-os, idolatrando-os. Quem assim age, com certeza não são Orixás, e nem Espíritos da Luz (Guias e Protetores Espirituais), mas simplesmente, puro animismo vicioso; provavelmente é da mente do médium que plasma um arquétipo primitivo, achando, muitas vezes, estarem manifestados com as forças da Natureza, como se isso fosse possível. O pior, que até pode acontecer, é o médium estar manifestado com algum Espírito galhofeiro, impuro, leviano ou mesmo perturbador, que se delira em se sentir cultuado e adorado. Até os Espíritos Tutelares, os Guias e Protetores Espirituais, em suas manifestações nos Terreiros, são simples e modestos; não possuem vaidade de espécie alguma.

Esses Terreiros, em termos de orientação, extrapolam e acabam criando o “achismo” (o achar é a mãe de todos os erros). Respondem sobre tudo sem o menor embasamento doutrinário, pois são cópias de cópias, com seus trabalhos encomendados em tudo e por tudo. Isso quando, por não saberem sobre o assunto, dizem ser “mistério” ainda não aberto aos homens. Esquecem-se de que o importante é a reforma íntima e os ensinamentos calcados nos ensinamentos crísticos, e no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Muitos encontram desculpas para o sofrimento alheio na lei da reencarnação como se fosse um instrumento de castigo. Levam tudo para o campo das demandas, perturbações ou obsessões, culpando alguém ou algum Espírito pelas suas mazelas. Os Dirigentes e membros dessas casas transferem, via de regra, todos os nossos males para os Espíritos, demandas ou magias negras, afirmando não serem eles os causadores de seus sofrimentos. Muitos difundem a Terra como se fosse um vale de lágrimas e não um campo abençoado para o nosso aperfeiçoamento.

A Umbanda nos aproxima de Deus; nos faz melhores; nos faz mais compassivos, sensíveis, desapegados, amorosos, humanitários e responsáveis. A Umbanda enternece aos corações; fala às almas, infunde coragem. Nos dá liberdade de fé e raciocínio.

A Umbanda não aceita todos os fatos considerados “maravilhosos”; ao invés, explica-os e demonstra muitas vezes a impossibilidade de existir, pois muitos constituem pura superstição.

J. Herculano Pires inteligentemente adverte: *“Os dirigentes de Centros precisam tomar conhecimento desses absurdos e lutar contra eles, porque essas invencionices ridículas atrasam o desenvolvimento da Doutrina e afastam dos Centros as pessoas que sabem pensar. Que os dirigentes por mais modestos que sejam, não se esqueçam da bússola que lhes permitirá navegar com segurança nas águas mais turbulentas: O Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo”.*

Se não queremos novidades é porque os “novidadeiros” somente se apóiam em suas pretensões individuais. Os dirigentes umbandistas precisam tomar conhecimento de que não se mistura uma doutrina religiosa como é a Umbanda com práticas que não se coadunam com ela. Não se trata de um repúdio, mas de uma questão de método e cultura.

O Terreiro Umbandista bem dirigido, por pessoas sensatas e estudiosas é uma concha acústica, em que ressoam as vozes e os pensamentos dos Espíritos sublimes e dos homens, o diálogo dos mundos, pois nele se encontram o mundo espiritual e o mundo terreno, nas possibilidades abertas pelos dons mediúnicos de que todos dispomos.

Os que deturpam a finalidade superior do Terreiro Umbandista, sejam dirigentes, servidores ou simpatizantes só interessados em vantagens imediatas, perdem a oportunidade de se elevarem a uma visão superior do mundo, do homem e da vida de cada um. Se cada frequentador de um Terreiro Umbandista quiser ajudá-lo na sua missão, superior de preparar os homens para um mundo melhor, a dinâmica do Templo intensificará para o bem de todos.

Vejam meus irmãos umbandistas, o conteúdo dessa mensagem e vamos agregá-la em nossos Terreiros, para bem realizarmos nossos trabalhos perante Deus. Somente com homens sérios, perseverantes, sem preconceito e dotados de firmeza e sincera vontade de chegar a um resultado, conseguiremos levar adiante a maravilhosa Doutrina Umbandista.

Só pedimos aos falsos umbandistas que se instalem nas fronteiras da Umbanda, e deixem a Umbanda para ser praticada por quem realmente é umbandista com devoção, desprendimento, entendimento, humildade, compaixão e amor.

O SIGNIFICADO DA PALAVRA UMBANDA

Temos observado ao longo dos anos de trabalho umbandista, várias opiniões divergentes sobre o significado do termo “Umbanda”. Após vários anos de estudos e pesquisas, recolhemos algumas informações, que humildemente julgamos serem importantes, e, particularmente, esperamos venham elucidar um pouco mais sobre a origem e o porquê da nossa amada religião ter adotado o nome “Umbanda”. Vamos expor 07 (sete) versões sobre o seu significado.

O nome Umbanda ficou na incerteza por muito tempo. Encontramos uma importante informação postada num site sob o título: “Revendo a história do início da Umbanda”, por Pedro Kritski e Renato Guimarães, num arquivo de áudio/cassete contendo a entrevista de Jota Alves de Oliveira com Zélio Fernandino de Moraes, na década de 1970, contendo diversos assuntos muito pertinentes à história da Umbanda, dando-nos a visão e o depoimento do Sr. Zélio Fernandino de Moraes, médium do Caboclo das Sete Encruzilhadas sobre a história da religião. Vamos a um trecho deste importante documento fonográfico:

O NOME DA RELIGIÃO

Com base no que ouvimos no áudio, teríamos que reescrever parte do que já foi escrito sobre os fatos ocorridos nos dias 15 e 16 de novembro de 1908 e adicionar um fato novo, ocorrido em 1909, relativo a mudança no nome da religião. No diálogo travado entre um dos presentes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, ocorrido na casa de Zélio no dia 16 de novembro daquele ano, no qual se indaga sobre o nome do novo culto; teríamos que reescrever o diálogo para algo do tipo:

Um dos presentes: *“Qual será o nome desse novo culto?”*

Caboclo das Sete Encruzilhadas: *“O novo culto se chamará Alabanda.”*

Como era a primeira vez que ouviam esse nome, um deles indagou: *“O que quer dizer Alabanda?”*

Caboclo das Sete Encruzilhadas: *“Alabanda quer dizer: Deus ao nosso lado.”*

Além deste fato, teríamos que acrescer um fato novo sobre o início da Umbanda: a mudança do nome da religião, de “Alabanda” para “Aumbanda”, em 1909.

Não sabemos os motivos pelos quais o Caboclo fez tal mudança e talvez nunca saibamos. Vamos continuar buscando registros dos fatos ocorridos naquela época, torcendo para que encontremos algo que explique essa mudança.

A teoria mais propalada para esta mudança, a de que a vibração do nome anterior não era boa, tendo sido escolhido um novo nome com uma melhor vibração, não pôde ser comprovada, historicamente falando, até o momento. É, até agora, só uma especulação sobre o assunto. *(ERRATA: Zélio deixa claro, entre os minutos 12h25min e 12h50min, que o termo Alabanda foi substituído por Aumbanda porque não ficava bem, não soava bem).*

Mas analisemos a forma como se deu a mudança.

Sabemos que o primeiro nome da nova religião, Alabanda, foi uma homenagem feita pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas ao Orixá Mallet, que em sua última encarnação havia sido malaio e muçulmano: "Alá" é um aportuguesamento da expressão árabe *"Al-Lah"*, cujo significado é *"O Deus"* e é dessa forma que os muçulmanos referem-se a Deus em suas preces. *(ERRATA: a expressão "Sabemos" fica meio forte aqui, é melhor ser substituída por: "Supomos, com razoável nível de certeza")*. Ao fazer a referida mudança, o Caboclo substituiu "Ala" por "AUM", que, segundo Zélio de Moraes, seria a expressão grega que teria o mesmo significado da expressão árabe.

Sobre a afirmação de Zélio de que "AUM" significaria "O Deus", em grego, não encontramos nenhum exemplo nessa língua que corrobore essa teoria. Entretanto, segunda a senhora Karen Armstrong (nota do autor: ARMSTRONG, Karen. "Uma História de Deus: Quatro Milênios de Busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo". Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.), "UM" é a palavra que os filósofos gregos usavam para se referir a Deus.

Talvez, o fato de o nome ter se firmado como Umbanda e não como Aumbanda, tenha sido uma correção posterior feita pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, para adequar o nome da religião a forma correta usada pelos filósofos gregos para se referir a Deus. Mas isso já é uma especulação nossa.

(http://registrosdeumbanda.wordpress.com)

Já vimos 2 versões sobre o termo Umbanda. A 1ª: Alabanda. A 2ª: Aumbanda.

Agora vamos a 3ª versão, defendida no 1° Congresso de Umbanda, sob o título: "O ESPIRITISMO DE UMBANDA NA EVOLUÇÃO DOS POVOS" – Fundamentos históricos e filosóficos. Tese apresentada pela Tenda Espírita Mirim, por intermédio do seu Delegado ao Congresso, Sr. Diamantino Coelho Fernandes, na sessão inaugural a 19 de Outubro de 1941. Defendia a tese que o termo Umbanda era a corruptela de "Aumbandã", que significa: "Princípio Divino – Luz Irradiante – Fonte Permanente de Vida – Evolução Constante". Se essa tese foi defendida pela Tenda Espírita Mirim, foi com aprovação do Caboclo Mirim; sabemos que o seu dirigente, o senhor Benjamim, iniciou sua caminhada na Umbanda através Zélio de Moraes; por analogia, a tese defendida por esta Tenda, com certeza foi longamente discutida anteriormente, e o senhor Zélio de Moraes, com certeza, era sabedor, e possivelmente aprovou o seu conteúdo.

A 4ª versão é defendida pelo senhor Wilson Woodrow da Matta e Silva (Mestre Yapacany), que apregoa o termo **"Aumbhandan"** (com terminação "n") como designativo primário da Umbanda, e significa, segundo suas explicações: "O Conjunto das Leis de Deus".

Vejamos a 5° versão, defendida pelo venerável irmão Ramatis, através de seu médium, o Sr. Hercílio Maez

Pergunta: E o que vós julgais da Umbanda?

Ramatis: Embora reconheçamos que o vocábulo trinário Umbanda, em sua vibração intrínseca e real, significa a própria "Lei Maior Divina" regendo sob o ritmo setenário o desenvolvimento da Filosofia.

Religião e a existência humana pela atividade da Magia em todas as latitudes do Universo, neste modesto capítulo referimo-nos à Umbanda, apenas como doutrina de espiritualismo de "Terreiro". Sabemos que a palavra Umbanda é síntese vibratória e divina, abrangendo o conjunto de leis que disciplinam o intercâmbio do Espírito e a Forma, em vez de doutrina religiosa ou fetichista.

Ela é conhecida desde os Vedas e demais escolas iniciáticas do passado, mas foi olvidada na letargia das línguas mortas e abastardada nos ritos africanos, passando a definir práticas fetichistas e atos de sortilégios. Em certos casos, chegaram a confundi-la com a própria atividade do sacerdote negro!

Sem dúvida, ela deturpou-se na sua divina musicalidade e enfraqueceu a sua intimidade sonora na elevada significação de um "mantra" cósmico! Mas devido à ancestralidade divina existente no Espírito humano, Umbanda será novamente expressa e compreendida na sua elevada significação cósmica, mercê do trabalho perseverante dos próprios umbandistas estudiosos e descondicionados do fetichismo escravizante de seita! (...).

(...) **Pergunta: Que quer dizer, em essência, o vocábulo Umbanda?**

Ramatis: Etimologicamente, o vocábulo Umbanda provém do prefixo **"Aum"** (1) e do sufixo **"Bandhâ"**, ambos do sânscrito, cuja raiz encontra-se nos famosos livros da Índia, nos Upanishads e nos Vedas, há alguns milênios.

Diz o "Dicionário de Ciências Ocultas", obra editada pela "Livraria do Pensamento", o seguinte: "Aum, palavra sagrada do esoterismo oriental e cuja emissão em meditação, inexcedível, reiterada, sem limites, facilita as obras psíquicas e apressa a maturação do sexto sentido. É o emblema da trindade na unidade. Pronuncia-se: Om. Compõe-se de três letras: A, U, M. O A unido ao U dá. Au ou O longo; e o U unido intimamente ao sinal de nasalidade (anusware) forma o som único Om. É interessante notar-se que este nome é formado das letras Alpha, Omega e My, que são a primeira, a última e a média do alfabeto grego. Na cabala, as duas letras Aleph (primeira), e Men são letras mães. É palavra sânscrita, porém sua origem deve ser anterior à da raça ariana."

A palavra **Aum** é de alta significação espiritual, consagrada pelos mestres do Oriente (2), e sua pronúncia deve ser efetuada de urna só vez, num só impulso sonoro do suave para o grave profundo. As próprias confrarias católicas iniciáticas, principalmente os frades franciscanos, só o pronunciavam com excessiva reverência e veneração, dando-lhe o máximo de entonação mística nas suas orações coletivas e coros sacros. Em invocações de alto relevo espiritual, **Aum** é o próprio símbolo sonoro significativo da Trindade do Universo representando Espírito, Energia e Matéria, Pensamento Original, Amor e Ação, ou, ainda, Pai, Filho e Espírito Santo da Liturgia Ocidental.

Vide a obra "Aum", de Krumm-Heller, edição de Kier, Buenos Aires.

Bandhã, em sua expressão mística iniciática significa o movimento incessante, força centrípeta emanada do Criador, o Ilimitado, exercendo atração na criatura para o despertamento da consciência angélica. Mais tarde também passou a significar a "Lei Maior Divina", poder emanado do Absoluto.

Em conseqüência, o prefixo **Aum** e o sufixo **Bandhã** constituíram a palavra **Aum-bandhã**, a qual pronunciada na forma de um "mantram", nos círculos e confrarias iniciáticas do Oriente, aproxima-se melhor da sonorização "**Om-bandá**", e que, em boa linhagem espiritual, passou a significar o finito no Infinito, a parte no Todo, o humano no Divino. Em certas fraternidades esotéricas, **Aum-bandhã** possuía um sentido mais dinâmico, simbolizando o principio impulsionador da Vida ou a incessante evolução do Espírito.

Porém, é um tanto difícil dar-vos uma ideia exata da significação mística dessa palavra "sanskrita", se a examinarmos sob o critério fortemente objetivo dos povos ocidentais.

Os iniciados orientais imprimem a sua vontade dinamizada pela força espiritual sobre certos vocábulos ou "mantrans", já consagrados num curso esotérico, e os transformam em detonadores psíquicos para lhes proporcionar maior amplitude na auscultação dos atributos da Divindade.

Assim, a palavra "**Aum-bandhã**" consagrou-se como uma convenção léxica e sonora, cuja pronúncia insistente termina por sensibilizar o ser, predispondo-o vibratoriamente para o mais breve conhecimento intuitivo do Espírito de Deus! Mas a sensibilização psíquica sob a força mantrânica dessa palavra, também varia de acordo com a graduação espiritual dos seus cultores. (...).

(Trechos extraídos do livro: "Missão do Espiritismo" – Editora Freitas Bastos – 1970)

Infelizmente, as versões 3, 4 e 5, não vieram com o estudo etimológico mais detalhado da palavra. Somente deram o significado geral.

Como 6ª versão, temos o termo africano defendido por alguns que seria o: "M´banda".

Evidentemente, o vocábulo **"Aum"**, talvez tenha penetrado nas florestas africanas, levada por algum contato egípcio ou hindu com os negros; mas a verdade é que o radical **"M'banda"**, de origem Banto, também não passa de um corruptela do termo **"Aumbhandham"**, de procedência sânscrita (o sânscrito é bem mais antigo que a língua Banto).

Agora, não importa se houve deturpação do vocábulo iniciático sânscrito de Umbanda, ou se foi adjudicado o prefixo **"Aum"** à corruptela **"M'banda"**, familiar do negro Banto; o certo é que as atividades, tanto do negro sacerdote africano, ou da Umbanda no Brasil, encaixam-se dentro de uma sonância vocabular à palavra Aumbhandham.

Não podemos negar o uso da palavra **"M´banda"** pelos africanos, pois somente há pouco tempo (em 1908), esse termo foi colocado na prática mediúnica de Terreiros no Brasil, como Umbanda. Também não podemos negar que o grão-sacerdote na Angola era conhecido por **"Kimbanda-Kia-Dihamba"**, como legítimo invocador dos Espíritos e **"Kimbanda-Kusaka"**, quando era apenas feiticeiro ou curandeiro.

Evidentemente, o termo **"M'banda"**, embora corruptela do binário final da palavra sagrada **"Aumbhandham"** ou "UMBANDA", já existia dominante nas práticas africanas, e, posteriormente acrescido do prefixo **"Aum"** ou **"Om"**.

Mas, seria em solo africano que surgiu tão propalado e simbólico termo? Vamos a opinião de Ramatis, sobre a problemática da linguagem em vários povos:

"A palavra escrita ou falada expressa a linguagem do homem, da tribo, do povo, da nação ou da raça. Em conseqüência, ela também define o temperamento, o idealismo, o otimismo, o pessimismo, o senso artístico, a conduta moral, a malícia, a seriedade, a cultura, a alegria, e, portanto, o progresso espiritual. Os povos civilizados e otimistas, cuja cultura filosófica é de ordem superior, quando falam ou escrevem usam vocábulos leves, fluentes, agradáveis, claros, sonoros e reveladores exatos das ideias superiores. Em certas localidades italianas, a linguagem do povo é tão sonora como a música que ali predomina sobre todos os motivos de vida. O francês parisiense, inato, fala num tom de cortesia, no qual transparece um ar travesso, malicioso e inteligente. Porém a linguagem de muitos povos asiáticos é engrolada, gritante e desagradável, afim à sua idiossincrasia, belicosidade ou especulação inescrupulosa. Os negros africanos e os selvagens falam para "dentro", como diz o vulgo; são palavras obscuras, verdadeiros rumores verbais, que exigem uma multiplicidade de gestos para serem entendidos, cujo desperdício de sons não identifica ideias nítidas, lembrando alguém que despeje um tonel de água somente para encher um copo!" (Trecho extraído do livro: "Magia de Redenção" – pelo Espírito de Ramatis – psicografado pelo médium: Hercílio Mães)

Depois desta explicação do Espírito de Ramatis, pela lógica, podemos então observar que o termo – Umbanda – não pode ter surgido em solo africano, pois está definindo algo sem muita explicação; ou seja, somente nos diz que Umbanda deriva de M'banda, que em quimbundo significa "sacerdote" ou "curandeiro" e mais nada. Não encontraremos em solo africano, pela pobreza linguística tribal, truncada, que não identifica ideias nítidas, um estudo profundo etimológico convincente do que realmente seria o termo Umbanda.

"(...) Acredita-se que o vocábulo "Umbanda" designasse, entre os africanos, sacerdote que trabalha para a cura. Na Macumba, o vocábulo "Enbanda" ou "Umbanda" também designava o chefe do Terreiro ou, simplesmente, sacerdote, nunca uma modalidade religiosa (...)". (José Henrique Motta de Oliveira - Mestre em História Comparada – UFRJ/ PPGHC)

Mais tarde, esse conjunto de práticas religiosas, certa ou erradamente tachada de Umbanda, mesclou-se no Brasil, com outras crenças religiosas, sendo ainda acrescida de costumes e temperamentos locais, surgindo o conjunto de práticas religiosas que atualmente conhecemos como Umbanda.

Com tudo isso esclarecido, chegamos à conclusão que somente o termo "Umbanda" pode ser associado ao Oriente ou a África; agora, o conjunto de práticas religiosas surgido no Brasil, e que adotou o nome "Umbanda" nada tem a ver com as práticas e os costumes Indianos ou Africanos, portanto, não surgindo deste ou daquele povo, mas sim, em solo brasileiro, obedecendo à inspiração de Nosso Senhor Jesus Cristo.

"Examina tudo e retém o que é bom", ensina o Apóstolo. *"Qual é a melhor das religiões para que eu possa segui-la? Aceite tudo o que é bom, e rejeite tudo o que é mal. Eis a melhor das religiões"*. Por isso a Umbanda aceita tudo o que é bom de todas as religiões e incorpora em seu culto, para assim poder servir melhor a todos e ser aceita não como a melhor, mas como a mais serviçal.

Fomos também pesquisar no sânscrito, possivelmente a língua mais antiga registrada, falada no mundo, e, encontramos uma surpreendente explicação etimológica.

Vamos então, a 7ª versão, o "Aumbhandham" (com terminação "M"), estudada e aceita pela Umbanda Crística, pois o seu significado nos mostra a trabalho edificante efetuado pelos Guias e Protetores Espirituais e seus médiuns:

AUMBHANDHAM

O vocábulo ternário **Um – ban – da**, em sua vibração interna e real, vibra o ritmo dos 09 (nove) Elementos da Natureza: Fogo, Terra, Ar, Água (o elemento Água se subdivide em cinco elementos aquáticos distintos: águas salgadas, águas doces precipitadas, águas doces agitadas, águas doces paradas e águas doces de nascentes), Mineral, Vegetal, Metal, Animal e Humano.

Sobre o "Humano" ser uma das forças da Natureza, vejam o que diz Allan Kardec em "O Livro dos Espíritos" – questão 87: *"Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no espaço? Os Espíritos estão por toda a parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Estão sempre ao vosso lado, observando e agindo sobre vós sem o perceberdes,* ***porque os Espíritos são uma das forças da Natureza*** *e instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados".*

Vibram igualmente as Sete Linhas de Trabalhos na Umbanda, que seriam a Humildade, a Misericórdia, o Desapego, o Perdão, a Fé, a Perseverança e o Amor, que são os sete caminhos de vivenciação e crescimento do Espírito humano, e também do desenvolvimento da Filosofia, Ciência, Religião e Arte, pela atividade do desenvolvimento interior em todos os sentidos.

Iremos fazer um estudo mais aprofundado do vocábulo "Umbanda", não na sua linha de trabalho religiosa que denominamos, na atualidade, como "Religião de Umbanda". A palavra Umbanda é síntese vibratória e divina, como poderá ser constado a seguir. Ela é conhecida desde os Vedas e demais escolas iniciáticas do passado, mas foi esquecida na letargia das línguas mortas. Ela se deturpou na sua divina musicalidade e perdeu sua intimidade espiritual elevada de um "mantran" cósmico.

Etimologicamente o vocábulo Umbanda, provém do prefixo **"Aum"** e do sufixo **"Bhandham"** (com "m" no final), ambos do sânscrito, cuja raiz encontra-se nos livros Upanishads e nos Vedas indianos, há alguns milênios. A palavra **"Aum"** é de alta significação espiritual. É o próprio símbolo sonoro significativo da Trindade do Universo, representando Espírito, Energia e Matéria; Pensamento Original, Amor e Ação; ou ainda, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A palavra **"Bhandham"** significa um movimento incessante das forças emanadas de Deus, incitando no indivíduo, a doar (Caridade) com amor aos que merecem. Em conseqüência, o prefixo **"Aum"** e o sufixo **"Bhandham"**, constituíram a palavra **"Aumbhandham"**, que pronunciada como um mantran, aproxima-se da sonorização **"Ombandam"**, que na alta espiritualidade podemos traduzir como:

"O Pai, o Filho e o Espírito Santo chamando os doadores do amor Divino para a prática da Caridade".

Mas vejam; é difícil traduzir literalmente uma palavra oriunda do sânscrito, pela dificuldade lingüística, e ter termos próprios, intraduzíveis; mas temos uma significação global.

Agora, os motivos pelo qual a expressão sânscrita **"Aumbhandham"** da terminologia iniciática oriental derivou-se, sendo ajustada à doutrina religiosa de Umbanda praticada no Brasil, só os nossos mentores maiores poderão esclarecer os motivos.

ESTUDO ETIMOLÓGICO DA PALAVRA AUMBHANDHAM

Possivelmente o termo Umbanda proveio de raízes do sânscrito (língua mais antiga do grupo lingüístico indo-europeu) que foi falado na Índia e, hoje, é língua morta (se bem que nos rituais do Hinduísmo, essa língua sagrada ainda é usada). Procuramos o auxilio do professor Euri P. Gouveia, formado em Linguística Indo-Européia, para nos auxiliar a desvendar o "mistério" da palavra Umbanda num estudo etimológico. O Sânscrito é a mãe do Latim, do Grego, do Eslavo Antigo, do Celta, do Gótico, do Báltico, do Armênio, do Albanês etc. Das línguas vivas, a que mais se aproxima do Sânscrito é o Lituano e, obviamente, essa língua sagrada da Índia sobrevive nas línguas modernas hindus: Hindi, Bengali, Nepali, Gujarati, Panjabi, Gurumukhi. Modi, Rajastani, Sharada (Sharda ou Kashmiri) etc. Influenciou o Tibetano, o Soyombo (língua religiosa e sagrada da Mongólia), o Tocário (falado na província de Xinjiang – noroeste da China) e no alfabeto sagrado do Budismo – o Siddham – também chamado pelos japoneses de Bonji. Bom; deixemos de lado as informações lingüísticas e voltemos ao estudo etimológico:

O sânscrito usa o alfabeto, ou melhor, o silabário chamado de "Devanagari" (que significa "escrita ou morada dos deuses": deva = deuses + nagari = morada, aldeia e, por metáfora, escrita). Veja como seria escrito Aumbhandham (com "m" no final) em Devanagari:

"Aum", lê-se como: "Om". Essa palavra é uma afirmação solene e de consentimento respeitoso. Aparece no começo da maioria dos rituais hindus e, como uma exclamação sagrada, pode ser pronunciado no início e no final da leitura dos Vedas ou de outras invocações, evocações, mantras e orações. **"Om"** aparece primeiro nos Upanishads como um monossílabo místico e nele reside a essência divina para uma meditação profunda, atribuindo-se-lhe uma maior eficácia espiritual não só à palavra inteira, mas também aos três sons **A + U + M**, que o constituem. A posterior, o **"Om"** passou a representar os nomes místicos da Tríade Hindu, significando a união dos três deuses:

A = Vishnu – U = Shiva – M = Brahma

"Om" é normalmente chamado de Pranava (que significa "veículo do prana" – o som que conduz a energia vital), é também chamado mais raramente de Akshara ou Ekakshara (que significa "o som primordial ou o som eterno") e, mais recentemente, é chamado de Omkara (que significa "a sílaba **"OM"** escrita em Devanagari").

Vamos atentar para o que nos diz o venerável Ramatis sobre a importância do "OM".

Pergunta: Qual é o "Mantram" de maior importância já consagrado pelo tempo, no seio de nossa humanidade?

Ramatis: Há "mantrans" universais, cujos sons e vibrações identificam a mesma ideia mater em toda a face do orbe. É o caso do vocábulo **"Aum"**, que se pronuncia mais propriamente **"Om"**, pois é um mantra poderoso em qualquer latitude geográfica! No seu ritmo iniciático é a representação universal da própria ideia de Deus, a Unidade, o Absoluto!

Na sua expressão idiomática mais elevada do mundo, ele tem por função associar, tanto quanto possível, na sua repercussão vibratória, o "máximo" sensível do Espírito do homem da essência eterna e infinita de Deus! Os monges brancos do Himalaia, criaturas condicionadas a uma vivência sublime, frugais e vegetarianos, cuja glândula pineal funciona ativamente na comunicação sadia com o mundo espiritual, quando recitam o mantra **"Aum"**, alcançam tal "clímax" vibratório, que se sentem imersos no plano edênico!

Enquanto na Ásia, a palavra Buda é um poderoso mantra de evocação esotérica e o nome de Krishna significa o mesmo na Índia, o vocábulo Cristo representa a mais alta expressão mantrâmica para o homem ocidental despertar no seu Espírito as virtudes do amor, da renúncia, bondade e pureza. Os iniciados que sabem dar curso à vibração sonora sideral do vocábulo "Cristo", também mergulham num estado de expectativa cósmica, tomados de júbilo, esperança e imunes às vicissitudes e crueldades do mundo. Os cristãos deixavam trucidarem-se nos circos romanos, entoando o cântico "Ave Cristo"; muitos deles desencarnavam completamente anestesiados e em êxtase, apenas sob o efeito sonoro vibratório ou mantrâmico dessa palavra sublime!

A palavra "Agnus Dei" nada tem de excepcional quando pronunciada entre os homens profanos; mas é um mantra de imponente beleza e misteriosa magia sobre os fiéis, quando o sacerdote a recita sob o coro de vozes acompanhantes e a consagra na elevação do cálice sagrado.

A Igreja seria um dos maiores viveiros de milagres, caso os seus crentes soubessem aproveitar as energias criadoras que despertam pela sonoridade dinamizadora de certos mantrans, evocados durante as cerimônias religiosas católicas. A convergência de sentimentos e pensamentos elevados de todos os presentes compõe a egrégora sublime alimentada pelos mantrans de energias poderosas. Sem dúvida, ao término de cada missa os estropiados abandonariam suas muletas e os enfermos dariam gritos de júbilo ante as curas miraculosas no seio da própria nave!

(Trecho extraído do livro: "Magia de Redenção" – Hercílio Maez – Pelo Espírito de Ramatiz – Editora Freitas Bastos)

Seguem abaixo as grafias possíveis, em variantes, da palavra Umbanda, em Sânscrito Védico (alfabeto "Devanagari" – padronizado pelo gramático hindu Panini, no ano aproximado de 500 antes da era cristã), contendo os significados das diversas raízes sânscritas que constituem esse idioma sagrado antiquíssimo de, aproximadamente, 4.000 anos antes de Cristo. O **"Om"**, já explicamos acima. Vejamos:

Importante: Em Sânscrito, a terminação **"N"** identifica o caso nominativo (o sujeito da oração) e a terminação **"M"** refere-se ao caso acusativo (o complemento objeto direto).

É na pequena variação, **"N"** do **"Aumbhandhan"** defendido por alguns umbandistas (Tenda Espírita Mirim e Wilson Woodron da Matta e Silva), e **"M"** do **"Aumbhandham"** defendido por nós**,** que baseamos nossa teoria.

AUMBHANDHAN

ॐ भन्धन् ॥

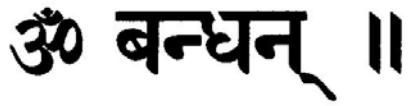
BHAN = Chamado

DHAN = Honra / Riqueza

Tradução: Honra ou riqueza do chamado Divino.

Nas transcrições seguintes, adotaremos a forma pré-védica ॐ para a grafia de **AUM / OM**.

AUMBANDHAN



BANDHAN = Ligação, União, Fixação

Tradução: União com o Divino

AUM BHANDHAAM

BHAN = CHAMADO –

DHAAM = Lugar Sagrado, Trono, Morada

Tradução: Chamado do Poder Divino / do lugar Divino / da morada Divina

AUM BHANDAA

BHANDAA = Segredo de Deus

Tradução: Segredo Divino

E, enfim, a forma aceita pela Umbanda Crística:

AUMBHANDHAM

BHAN = Chamado

DHAM = Doar com amor aos que merecem

Tradução: Chamado aos doadores do amor Divino

Eis as possibilidades de grafias e de significados da palavra Umbanda, visto que sua origem é pré-védica e, assim, não há um documento escrito que mostre os caracteres do Proto-Indo-Europeu, de onde proveio o Sânscrito Védico. (ou, quem sabe, proveio do “Vatan”, língua ancestral do continente Atlante – de acordo com alguns pesquisadores, ou de “Senzar”, língua proveniente de Vênus, conforme afirmações contidas em obras teosóficas). Há necessidade de mais pesquisas, e, principalmente de consultar (se for possível) os registros “akáshicos” (ancestrais).

O Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: **"A Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade"**.

Portanto, o termo sânscrito **"Aumbhandham"** (com "m" no final), que tem a aproximada significação:

- **O Pai – Deus ("A");**
- **O Filho – Cristo Planetário e Jesus ("U"); e,**
- **O Espírito Santo – Os Espíritos Santos de Deus, as Santas Almas Benditas, os Espíritos Tutelares (Guias e Protetores Espirituais).**

Chamando os doadores do amor Divino para a prática da Caridade (**"Bhandham"**, com "m" no final), coaduna perfeitamente com o que o Caboclo das Sete Encruzilhadas definiu.

AUMBHANDHAM

- **AUM (OM): Trindade Divina – Pai, Filho e Espírito Santo**
- **BHAN: Chamado**
- **DHAM: doar com amor a quem merece**

Teremos uma tradução aproximada de: "O Pai, o Filho e o Espírito Santo chamando os doadores do amor Divino para a prática da Caridade"

Por isso aceitamos o termo **"AUMBHANDHAM"**, para definir o que significa Umbanda, pois é a que mais se encaixa nos trabalhos mediúnicos efetuados em cada Terreiro, definido esplendidamente pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Lilia Ribeiro (1970) nos diz o seguinte:

Em fins do século passado (nota do autor: 1800), existiam, no Rio de Janeiro, várias modalidades de culto, de origem nitidamente africana. As crenças dos negros, trazidas pelos escravos sudaneses, angolenses e de procedência muçulmana, já se haviam desvirtuado, mescladas que estavam com as feitiçarias provindas de Portugal, onde, em todos os tempos, no dizer de Morales de Los Rioa, existiram rezadeiras, benzedeiras e feiticeiros.

As macumbas – mistura de catolicismo, fetichismo africano e superstições nativas – multiplicavam-se, atraindo todas as classes sociais. Surgiu, assim, a atividade remunerada dos feiticeiros; o "trabalho feito" passou a ordem do dia, dando motivo a outro, que viria destruir os seus efeitos maléficos, e aos "despachos" que visavam obter favores para uns e prejudicar a outros. Querendo aumentar os seus rendimentos, o feiticeiro exigia objetos que dificilmente seriam encontrados pelo leigo e se destinavam, segundo dizia, a presentear entidades benéficas ou aplacar a fúria dos elementos do baixo astral.

A magia dos velhos africanos – transmitida oralmente através de gerações – deturpou-se e foi colocada a serviço de interesses pessoais. Objetos os mais curiosos eram exigidos; sacrificavam-se. Com as mais diversas finalidades, aves e animais inocentes, obedecendo sempre aos objetivos primordiais: enriquecer o mago e seus companheiros ou "derrubar" – termo que esteve muito em voga – os que não se curvassem ante os seus poderes ou pretendessem fazer-lhes concorrência.

Os Mentores do Plano Astral, porém, atentos aos que se passava, assentavam as bases de um movimento destinado a combater a magia negativa que se propagava assustadoramente; formaram-se as falanges de Caboclos e Pretos-Velhos que de início se aproximavam das sessões espíritas, identificando-se sob essas formas, eram tidos como Espíritos atrasados e suas mensagens não mereciam nem mesmo uma análise. Acercaram-se, também, dos Candomblés e dos cultos então denominados "baixo espiritismo", as macumbas.

É provável que nestes, como Batuques do Rio Grande do Sul, tenham encontrado acolhida, mas com a esperança de serem envolvidos nos trabalhos de magia, como elementos novos no velho sistema de feitiçaria.

Em princípios deste século (nota do autor: 1900), num ambiente essencialmente católico, mas eivado de feitiços e superstições, eclodiu esse movimento, aproveitando muito dos cultos africanos e nativos, divulgando a mensagem do Evangelho e totalmente voltado à caridade e ao sentimento de fraternidade entre os homens: a Umbanda.

"É comum ouvir-se dizer que Umbanda foi trazida ao Brasil pelos escravos. Entretanto, o testemunho dos historiadores nos faz saber que os negros não davam aos seus cultos a denominação de Umbanda. O vocábulo era praticamente desconhecido entre os cultores das seitas africanas". (Gilberto Freire – sociólogo, antropólogo e historiador)

Isso não exclui o papel relevante que a crença dos negros desempenhou na formação da Umbanda, da qual se constituíram um dos principais alicerces, dando-lhe, como contribuição primordial, os Orixás.

Negros e índios tiveram, de certo, a missão de implantar, em nosso país, as bases sobre as quais se havia de erguer a mais brasileira de todas as religiões, já que de sua constituição participaram as três raças que formam o nosso povo.

A Umbanda, em suas práticas, aproxima-se mais da origem nativa do que da africana. Em sua estrutura, porém, prevaleceu a influência negra.

O Espiritismo deu sua contribuição, com sua doutrina esclarecedora, reforçando os conceitos de reencarnação e da comunicação com os desencarnados, já existentes nos cultos dos nativos.

A contribuição católica à Umbanda deu-se, em grande arte, através do negro, ao qual havia sido imposta a assimilação do Orixá ao Santo e, também, por influência dos seus primeiros cultores, afeiçoados à religião dominante, na época.

Umbanda é, portanto, o produto de uma evolução religiosa. Suas origens encontram-se nas filosofias orientais – fonte inicial de todos os cultos do mundo civilizado – e sua implantação, em nossa terra, deu-se com a fusão de práticas, conceitos e crenças do branco, do negro e do índio.

O emprego do termo UMBANDA pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, pela primeira vez, para definir um culto religioso, deu margem a controvérsias, muitos anos após a implantação dos primeiros templos umbandistas. Formaram-se duas correntes: uma, defendendo a origem exclusivamente africana do vocábulo; outra, reportando-se às raízes bem mais remotas – a expressão sânscrita AUM-BANDHÂ, da terminologia iniciática do Oriente.

O que se pode constatar é que o vocábulo, embora existente no idioma africano, não significava culto religioso e não era de uso corrente nos Candomblés nem nas seitas deles descendentes.

No livro que reúne as teses apresentadas ao 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, realizado em 1941, o vocábulo UMBANDA é considerado de origem sânscrita: "a raiz mais antiga de que há registro acerca de UMBANDA encontra-se nos "Upanishads", famosos livros da Índia".

W. W. da Matta e Silva, no livro "Umbanda de Todos Nós", edição de 1956, pags. 12 e 13 refere-se ao assunto:

"Verifica-se que até os anos de 1900, 1904 e 1917, os autores, em pesquisas e apurados estudos, na época em que os Candomblés conservaram-se mais puros, não encontraram o vocábulo UMBANDA. Era inexistente".

E prossegue, citando:

"Waldemar Bento, sem sua excelente obra "A Magia no Brasil" (1939) faz um estudo sobre concepções, práticas e Orixás, inclusive do sincretismo existente na época dos Candomblés e apenas faz ligeira referencias às Linhas de Umbanda.

Donald Bento ("Brancos e Negros na Bahia", 1945) estuda também Orixás, divindades, crenças, práticas, apresentando, inclusive, um mapa completo dos principais Orixás do culto agro-brasileiro, em 1937, tudo muito particularizado. Pois bem, é inexistente a palavra UMBANDA.

Roger Bastide, em "Imagens do Nordeste Místico", fez observações em inúmeros Candomblés, descrevendo ritos, costumes, divindades, concepções, etc., positivando 13 modalidades de cultos ou práticas diferentes, mas não registra uma só vez a palavra UMBANDA.

Gilberto Freyre, em "Estudos Afro-brasileiros", apresenta um apêndice com 150 termos africanos, muitos de uso corrente nos Candomblés. Ai também não se encontra a menor referencia à palavra UMBANDA".

É ainda Matta e Silva quem nos diz:

"Os cultos africanos, há vários séculos perderam, na própria África, o contato direto com sua fonte original. Os cultos das várias nações, em suas expressões gerais, jamais usaram a palavra UMBANDA.

Nina Rodrigues, que serve de apoio a quase todos os escritores do gênero, em "O Animismo Fetichista dos Negros da Bahia" (1930) não cita uma só vez a palavra UMBANDA.

João do Rio (Paulo Barreto), em sua obra "As Religiões do Rio", (1904), das páginas 1 a 64, em que trata dos Candomblés, feitiços, etc., não faz nenhuma referencia ao termo UMBANDA.

Cavalcanti Bandeira, reportando-se aos mestres do idioma africano, afirma que o vocábulo provém do kimbundo (Angola) e é citado na gramática do prof. José Quintão, como "arte de curar", derivado de Kimbanda, curandeiro: e como "arte de curar, magia", em "O Kimbundo sem Mestre", do Padre Domingos Bayão. Refere, ainda, em artigo publicado na imprensa, que no "Dicionário" de A. de Assis Junior, editado em Luanda, há pouco mais de cinqüenta anos, consta Umbanda como magismo, arte de encantar, de curar.

Encontrou, também, uma referência, com a grafia Ubanda, num livro de Frei Bernardo Maria de Cannecatin, publicado em 1859. E cita Heli de Chatelain, no livro "Folktales of Angola" (1894) dando a Umbanda o significado de "faculdade de curar por meio de medicina natural ou sobrenatural", ou ainda "os sortilégios que, segundo presume, estabelecem e determinam a ligação entre os Espíritos e o mundo físico".

Voltemos a Matta e Silva, que esclarece em sua obra "Umbanda do Brasil":

"Toda essa complexa mistura, que o leigo chama de macumba, baixo espiritismo, magia negra, envolvendo práticas fetichistas e barulhentas, tudo isso em pleno século XX, norteando uma imensa coletividade que, nos últimos anos, foi denominada como de adeptos dos cultos afro-brasileiros, era a situação existente, quando surgiu um movimento superior, feito pelos Espíritos que se apresentaram como Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças.

Práticas as mais confusas, desordenadas, baixas, envolvendo oferendas com sacrifício de animais, sangue, etc.; e foi por causa disso tudo que se fez imprescindível um novo movimento, dentro desses cultos ou de sua massa de adeptos, feito pelos Espíritos carmicamente afins a essa massa e pelos que, dentro de afinidades mais elevadas, se pautam no amor, na ajuda e na renúncia em prol da evolução de seus semelhantes, que foi lançado através da mediunidade de uns e de outros, pelos Caboclos e Pretos-Velhos, como o nome de UMBANDA. O termo UMBANDA, que eles implantaram no meio, para servir de bandeira a essa poderosa corrente, ensinaram que é um termo litúrgico, sagrado, vibrando, que significa, num sentido mais profundo, o conjunto das Leis de Deus".

E, à pag. 35 do mesmo livro, prossegue:

"O vocábulo UMBANDA, que dá margem a uma série de controvérsias, só pode ser identificado dentro das qualificadas línguas mortas. Todavia, entre os angolenses, existe o termo Kimbanda, que significa sacerdote, feiticeiro, invocador dos Espíritos, firmado no radical "M´banda", conservado através de milênios. Legado da tradição oral da raça africana, o qual é uma corruptela do original U-MBANDA, ou AUM-BAN-DHAN (...)"

"(...) então comprovamos que UMBANDA é um termo litúrgico, suscitado há cerca de 70 anos e definitivamente implantado de 50 anos para cá, pelos Espíritos que se apresentam como Caboclos e Pretos-Velhos" (...).

Observa Ramatis, em "Missão do Espiritismo":

A palavra AUM é de alta significação espiritual, consagrada pelos mestres... BANDHÂ, em sua expressão mística iniciática, significa o movimento incessante, forma centrípeta emanada do Criador... Em consequência. O prefixo AUM e o sufixo BANDHÂ constituíram a palavra AUM-BANDHÂ, a qual, pronunciada na forma de um mantram, aproxima-se melhor da sonorização de OM-BANDA..."

E prossegue Ramatis, às pags. 132/33, do livro citado:

"Os africanos praticavam a magia indistintamente, como um processo de dinamismo a ação no controle das energias do mundo oculto. Não se distinguiam a magia negra como atividade maligna ou a magia branca, no sentido benfeitor, mas apenas a magia, com os diversos processos de encantamentos e feitiçaria...

Em face dos costumes da civilização, é inexeqüível a prática de Umbanda nos moldes e ritualismos genuíno africano, onde há ritos, oferendas e obrigações bárbaras, que chocam os mais rudimentares preceitos de higiene, bom senso e compostura humana.

Acontece que, antes dessa denominação de UMBANDA, os ritos, despachos e intercâmbios mediúnicos era somente conhecidos como Candomblé e macumba, sob o controle completo do africano versado na magia grosseira".

Edson Giraud, estudioso umbandista, que colaborou, com diversas anotações no livro mencionado, observa, à pag. 131:

"Já existe um número de prosélitos, que cultua UMBANDA, sob conceituações, ritos, doutrinações, cuja diferenciação para um sentido mais elevado os distingue como pioneiros da prática fundamental da UMBANDA de amanhã".

(Reportagem "Umbanda – Início de uma Longa Jornada")

Obs.: No capítulo seguinte, estaremos explicando o porquê o emblema é representativo do "AUMBHANDHAM", símbolo da Umbanda.

O SIGNIFICADO DA PALAVRA “SARAVA”

Eis um termo que até agora estava submerso na obscuridade. Há 100 anos todos repetem – “Sarava” – e até agora ninguém havia nos dado uma explicação plausível da sua origem. De onde vem a palavra “Sarava”? A que idioma pertence? Qual o seu sentido etimológico? Em pesquisas realizadas em sites especializados, só encontramos o seguinte:

- “Sarava” quer dizer; “bem-vindo”.
- Tem o significado de “salve”. Corruptela da palavra portuguesa “salvar”, cujos escravos tinham dificuldade de pronunciar, e diziam “salavar”. Sob a influência da fonologia Banto, passou a se falar “Sarava”.
- “Sarava” também pode significar “salve” ou “viva”, por influência africana no idioma português do Brasil. Usada nesse sentido específico pelo poeta e compositor brasileiro Vinícius de Moraes.
- “Sarava”, assim como axé, shalom, ou amém, selam conversas e têm conotação positiva.
- “Sarava” também é utilizado como uma saudação possuindo o sentido de “Salve sua força”, da Força de Deus e da Natureza que estão dentro da pessoa, como no mantra indiano Namastê, que dizem significar: *“O Deus que tem dentro de mim, saúda o Deus que tem dentro de você”*.

Descartamos tal significado lírico disseminado no Ocidente, pois Namastê que dizer:

“Namastê vem do sânscrito: “Namah + te”, é um cumprimento ou saudação falada no Sul da Ásia. Namaskar é considerado uma forma ligeiramente mais formal, mas ambas as expressões expressam um grande sentimento de respeito. Utiliza-se na Índia e no Nepal por hindus, sikhs, jainistas e budistas. Nas culturas indianas e nepalesas, a palavra é dita no início de uma comunicação verbal ou escrita. Contudo, o gesto feito com as mãos dobradas é feito sem ser acompanhado de palavras quando se despede. Na ioga, Namastê é algo que se dirá ao instrutor e que, nessa situação, significa “sou o seu humilde criado”.Literalmente significa “curvo-me perante ti”; a palavra provém do sânscrito “namah”, “curvar-se”, “fazer uma saudação reverencial”, e (te), “te”. Quando dito a outra pessoa, é normalmente acompanhada de uma ligeira vénia feita com as duas mãos pressionadas juntas, as palmas tocando-se e os dedos apontando para cima, no centro do peito. O gesto também pode ser realizado em silêncio, contendo o mesmo significado”.
(http://pt.wikipedia.org/wiki/Namast%C3%AA)

- “Sarava” é uma palavra do idioma Yorubá, e quer dizer “salve”.

Pesquisamos em dicionários Yorubás, e em Kimbundo, e não encontramos nem um similar da palavra “Sarava”. Portanto quem disse isso, simplesmente “achou” ser o correto. Aliás, note, que o termo “Sarava” não faz parte dos vocábulos utilizados pelos cultos afros brasileiros; não se tem notícia de em Terreiros de Candomblé, ou mesmo nos atuais Cultos de Orixá utilizar-se o “Sarava” como forma litúrgica; somente se ouve o termo axé, mucuiu n´Zambi, kolofé ou mesmo motumbá, mas, nunca “Sarava”).

Vamos a uma explicação curiosa que a “Modalidade Umbanda Esotérica” expõe:

- **O TERMO SARAVA**

Saravá também pode significar “salve” ou “viva”, por influência africana no idioma português do Brasil. O termo Saravá também é usado nos aspectos esotéricos da Umbanda como mantra (que são palavras especiais vocalizadas de maneira específica que produzem certos fenômenos de imantação e desagregação). São sons místicos ou sagrados, ou seja, sons específicos que elevam o espírito.

Esse termo é, portanto, um mantra que pode fixar ou dissipar determinadas vibrações, não sendo, portanto aconselhável pronunciá-lo sem a devida necessidade.

Façamos do termo sagrado Saravá, que proveio do Abanhenga, um estudo arqueométrico para aí acharmos, na sua original pureza, seu significado:

SA – significando: Força, Senhor.

RA – significando: Reinar, Movimento.

VA – significando: Natureza, Energia.

Tradução do termo Sarava: Força que movimenta a Natureza.

A geometria é um pentagrama.

Assim, o termo litúrgico Sarava se pronuncia segundo a modulação própria de uma das Sete Variantes da Lei, ou seja, os Sete Mantrans Sagrados, os quais denominam as Sete Potências Originais ou Orixás Originais, que por sua vez, ao consubstanciarem suas qualidades e propriedades na Natureza (reino natural), fizeram-no através das sutis correntes elétricas ativas e magnéticas passivas, que em síntese são as Linhas de Força.

Assim, estamos observando que, segundo a Coroa do Verbo, o vocábulo místico sagrado Sarava tem como um primeiro significado: força propulsora da Natureza ou atributo externo operante das Potências Superiores ou Orixás.

Ao pronunciar-se esse termo, está-se ativando e veiculando pelas Linhas de Força quanta energética afins à movimentação desejada na evocatória, sendo pois suporte vibratório aos seus objetivos, que surgem em sua esfera mental e concretizam-se em sua esfera física.

Elevados sacerdotes Iniciados sabem que na profunda ritualística hermética da Umbanda esse termo é vocalizado de sete formas diferentes, obedecendo ao metro musical original não temperado. Ainda segundo as necessidades do médium-magista, pode ser pronunciado em tons e sub-tons, oitavas acima e abaixo, devendo essa palavra ser pronunciada voltando-se a determinados pontos cardeais afins. Você já deve ter entendido ou mesmo percebido que o termo Sarava é um mantra fixador da Luz Astral em movimento, bem como, dependendo de como é pronunciado, pode ser dissipador da Luz Astral em repouso. Coagula e dissipa correntes segundo a necessidade, podendo fixar ou dissipar vibrações tanto na esfera mental, como na astral e na física.

Após essas ligeiras observações sobre esse mantra, só nos falta dizer que ele frequentemente é utilizado sem nenhum critério, servindo muitas vezes como chacota para o profano, devido ao uso vulgarizado pelos próprios adeptos umbandistas, os quais esperamos venham a entender melhor, com o decorrer do tempo, que a palavra é remédio quando bem administrada e na dose certa, pois quando mal administrada e em doses elevadas pode tornar-se veneno. Como outros, também afirmamos que a palavra, antes de ser proferida, deve ser pensada, pesada, medida e contada, assim...

(Trecho extraído do livro: “Umbanda – A Proto Síntese Cósmica” – de Francisco Rivas Neto – Editora Pensamento)

Mas, na tal língua “Abanhenga” o estudo do termo “Sarava” carece de fontes, ou seja, nada provado. Aliás, qual é a explicação etimológica da divisão silábica “SA – RA – VA” ???

Também encontramos outra curiosa explicação do termo “Sarava”, dada pelo médium escritor Roger Feraudy. Em seu livro, ele diz que na antiguidade, o termo Umbanda, era pronunciado como “Aumpram”:

“Em priscas eras, os primeiros sacerdotes do Aumpram possuíam uma palavra sagrada de reconhecimento – Yaôava – entre os adeptos da religião primeira, e que seria uma maneira de guardar ou velar a mantra sagrado – Aumpram – que era profundamente secreto, pois só a pronunciavam em certas épocas do ano, em cerimônias especiais.

Portanto, Yaôava, era a saudação utilizada em substituição da palavra sagrada Aumpram.

- *YAÔ: simboliza o poder masculino atuante na Natureza.*
- *AVA: simboliza o poder feminino na Natureza.*

Juntando-se Yaô com Ava, teremos Yaôava como a manifestação de Deus na Natureza.

Originariamente, Yaôava era Evoé, que se pronunciava Evaué. Essa palavra era composta de quatro letras sagradas, representativas do quaternário cósmico, assim pronunciadas: YUD – HÊI – VAV – HÊI. Representa também, Deus manifestado em união eterna com a Natureza.

- *YUD (Yaô) – poder masculino.*
- *HÊI – VAV – HÉI (Ava) – poder feminino.*

De tudo isso, devido as deturpações sofridas, chegamos ao “Sarava”, que não é somente ou simplesmente um “salve irmão”, mas sim o cumprimento que significa o sentido altamente filosófico, metafísico e oculto dos fenômenos do Universo Manifestado por Deus, e é o véu que oculta o sagrado mantra cósmico maior – Aumpram”.

(Trecho extraído do livro: “Umbanda – Essa Desconhecida” – Editora Conhecimento)

Será que “Sarava” seria tão somente “salve”? “viva”? “Salve a sua força”? Dificuldade dos escravos em pronunciar a palavra salve? Selar conversas? Não seria mais fácil utilizar axé? Aliás, nunca ouvimos um Guia Espiritual na Umbanda utilizar, em momento alguém, o termo “axé”. Todos, invariavelmente dizem: “Sarava”.

O “Sarava” procede de uma veneração respeitosa, onde até mesmo os Guias e Protetores Espirituais ao fazerem-no, curvam suas cabeças com reverência. Nós e os Guias e Protetores Espirituais usamo-la para saudações respeitosas a Deus, às Corporações Orixás, a Mãe Maria Santíssima, a Mãe Senhora Aparecida, a Jesus, aos Santos, Anjos, assim como também às pessoas em geral. Com certeza, o “Sarava” é possuidor de uma simbologia mais profunda, do que somente um simples “salve”, um esfuziante “viva”, ou o pior, um erro gramatical “salavar”, erro esse que seria então reforçado até hoje até por Espíritos elevados.

Os senhores Rivas Neto e Roger Feraudy foram mais fundo na explicação do termo “Sarava”, procurando dar um significado mais esotérico. Mas, estaria ai a explicação gramatical conhecida? Como poderia ser provado o vocábulo elaborado em épocas milenares; o que seria, quando e qual “priscas eras”? Que vocábulo seria esse? Onde está o estudo acadêmico etimológico do Abanhenga? Ficamos na mesma. Gostaríamos de obter uma prova cabal etimológica da existência do termo “Sarava”, e não conjecturas.

Mais uma vez procuramos o auxilio do professor Euri P. Gouveia, formado em Linguística Indo-Européia, para ver se encontrávamos o termo “Sarava” em evidência em alguma língua ancestral, e para nossa surpresa, nos revelou o seguinte:

Foi encontrado o termo “Sarava” na raiz Sânscrito. Foram encontradas quatro formas de escritas com sonância e significados bem aproximados ao nosso “Sarava”.

No “SANSKRIT-ENGLISH DICTIONARY”, de Sir M. Monier-Williams, Oxford, London, encontramos algumas palavras em sânscrito, que se aproxima do termo “Sarava”, a saber:

शरवत् ॥ **Sharavat**	**Escudo ou proteção**

शराव ॥ **Sharáva**	**Receptor; recipiente; vaso; aquele que recebe; receptáculo; o indivíduo que recebe um Espírito (médium – aparelho)**

सहावत् ॥ **Sahavát**	**Possuir força; ser poderoso; forte; ter o poder do fogo**

सहवाः ॥ **Sahaváh**	**Agir em conjunto; reunir-se, trabalhar em grupo; contrair ou assumir um compromisso ou uma missão**

Obs.: Fica muito difícil expor na escrita, a sonoridade de uma palavra em Sânscrito. Aqui, o "sh" não é pronunciado como "x". No "sh", o "s" é proeminente, e o "h", após o "s" é levemente pronunciado em conjunto. Portanto, o "sha" seria pronunciado como se levemente tivesse um "h" no meio.

Interessante é que as quatro formas encontradas no sânscrito, todas sem exceção, possuem grande significado.

Portanto, cremos ter encontrado a raiz etimológica do termo – "Sarava" – condizendo com o que observamos dos Guias e Protetores Espirituais, quando o pronunciam.

Deste modo, teremos aproximadamente a seguinte tradução do "Sarava":

- **"Sarava" = Que o poder** (o poder que movimenta toda a Natureza; o poder das Corporações Orixás) **do qual somos receptores, trabalhe em sua proteção.**

Agora sim poderemos entender, porque os Guias e Protetores Espirituais ao pronunciarem o "Sarava", o fazem de forma solene e com reverência. Estão nos protegendo com os poderes da Mãe Terra, nas emanações das Corporações Orixás.

Anjali Mudra (da raiz Sânscrita Anj – "para adornar, comemorar") – O gesto de honrar

Este mudra (pronuncia-se mudrá) faz parte de várias religiões e de vários povos. É o gesto que representa uma reverência ou saudação. Para a isso, as duas mãos são unidas e levadas próximas ao chacra cardíaco (coração), como uma oração seguida de um sutil movimento da cabeça e ombros, delicadamente curvado.

As mãos e os dedos devem ser carinhosamente prensados em conjunto, sem forte pressão, tendo um ligeiro espaço entre as palmas das mãos. Elas unem os 18 chakras que temos em cada mão, fechando um circuito importante de energias. Se as mãos estiverem unidas, os circuitos nervosos cranianos da cabeça e da parte superior do corpo no sistema pneumogástrico ou vago estão unidos.

Os cinco dedos da mão esquerda representam os cinco sentidos do sentimento, enquanto os dedos da mão direita representam os cinco sentidos da razão (nos canhotos é o contrário). Significa então que mente e o coração devem estar em harmonia, para que o nosso pensar e agir, estejam de acordo com a verdade. Também é um reconhecimento da dualidade que existe no mundo, simbolizando a união da polaridade, esquerda e direita, bem e mal, e sugere um esforço de nossa parte para manter essas duas forças unidas em equilíbrio. Os dez dedos unidos são os símbolos da perfeição, da unidade e do equilíbrio perfeito.

É o gesto da oração; mudra da oração, do respeito, da veneração, humildade e da saudação. A simples união de suas mãos no centro do peito simboliza a luz do coração que se irradia para a pessoa que está à sua frente e também para o ser divino que você é.

Essa postura reequilibra as polaridades Ying e Yang, ou seja, as forças ativas e passivas, e ajuda a tornar as nossas ações mais harmoniosas e equilibradas. Significa recolhimento interior, a busca de Deus, fé, súplica, confiança e entrega da vida. É atitude de profunda piedade.

A simples união de suas mãos no centro do peito simboliza a luz do coração que se irradia para suas orações ou quem está à sua frente e também para o ser divino que você é. As mãos com as palmas unidas significam unidade de um cosmos aparentemente duplo, unir Espírito e matéria, ou o Eu de cada um que se encontra. A mão direita (para os destros; para os canhotos é a esquerda) representa a natureza mais elevada ou o que é divino em nós, enquanto a mão esquerda (para os destros; para os canhotos é a direita) representa a natureza inferior. Na união das duas mãos, as forças são equilibradas.

O Anjali Mudra age equilibrando e harmonizando nossas energias e nos mantendo centrados, interiorizados e protegidos mentalmente, criando uma aura de proteção em nossa volta.

O gesto verdadeiro de “Sarava” é acompanhado de leve curvar da cabeça e dos ombros e as mãos juntas como em oração (anjali mudra), na altura do coração em sinal de respeito e humildade. Este é um gesto que diminui nosso sentido do ego, exigindo alguma humildade para oferecê-lo. O gesto tem um efeito sutil no sistema da aura.

Também, quando estivermos em oração, deveremos estar nessa posição.

Portanto, quando formos saudar a Espiritualidade, Guias e Protetores Espirituais, altares, aos nossos irmãos, bem como em rezas e orações, com a posição como da figura acima, dizemos com amor: “Sarava”.

Diferentemente da palavra Namastê, que literalmente significa “curvo-me perante a ti”, o “Sarava” é um mantra que ao ser pronunciado corretamente, com humildade como acima descrito, imediatamente aciona as forças da natureza a serem doadas.

O TRIÂNGULO E A CRUZ – O SÍMBOLO DA UMBANDA

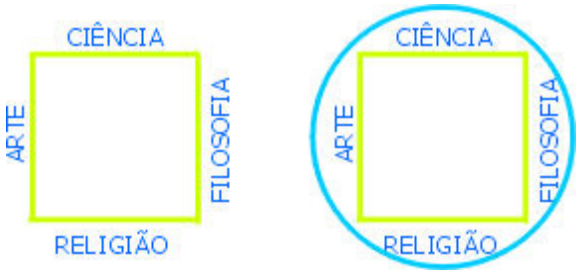
Por diversas vezes, temos visto esse símbolo como designativo da Umbanda. Mas por quê?

Alguns autores encontram explicações diversas, bem como fazem ligações isoladas dos traços que compõem o símbolo, ligando-os em sua totalidade os Orixás e como triângulo das formas os Espíritos de Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças da Umbanda.

Primeiramente vamos descrever duas explanações esfingéticas, de como a modalidade “Umbanda Esotérica”, fundamentadas nos ensinamentos de Woodron Wilson da Matta e Silva, descreve este símbolo:

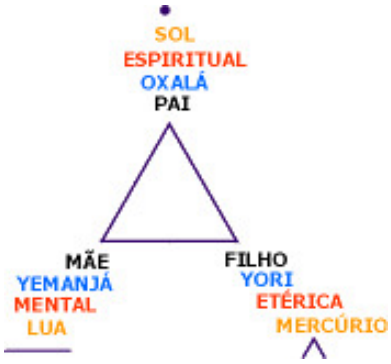
1ª EXPLANAÇÃO – UMBANDA

A Aumbandan é a Proto-Síntese Cósmica que encerra a Lei em seu círculo Uno, equilibrando de forma harmoniosa a Religião (religare), a Filosofia, a Ciência e a Arte – os quatro pilares do conhecimento humano inter-relacionados, formando um conhecimento integrado.



Cada um destes pilares está relacionado de acordo com a sua vibração com um Orixá.

Religião	Yorimá	Terra	Saturno	Norte
Ciência	Xangô	Fogo	Júpiter	Sul
Filosofia	Oxossi	Ar	Vênus	Leste
Arte	Ogum	Água	Marte	Oeste



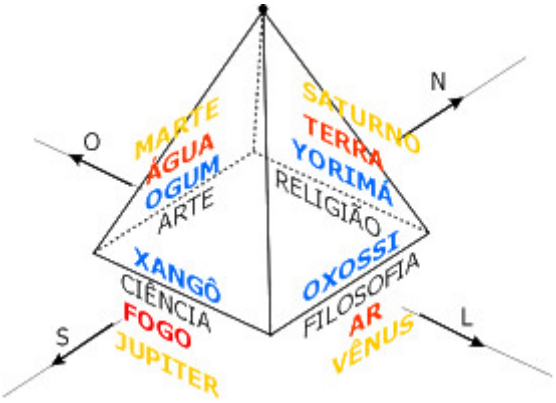
Partindo do início da criação relacionamos o ponto ao Orixá Oxalá que representa o pai.

A partir do ponto se desenvolve a reta que está relacionada ao Orixá Yemanjá representando a mãe.

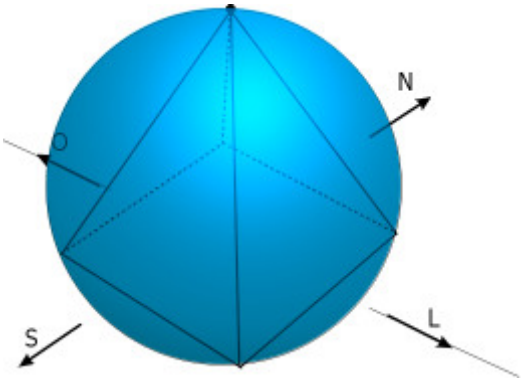
Com a união do pai e da mãe, temos a criação do filho representado pelo ângulo, relacionado com o Orixá Yori.

Em analogia ao triângulo temos 3 formas de apresentação das entidades nas diversas linhas da Umbanda que são os Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças.

A partir dos 4 pilares, reunindo o princípio da criação sobre cada pilar em direção a um só ponto, direcionando à Oxalá, temos analogamente a figura de uma pirâmide.



Como dissemos antes que a Umbanda encerra toda a Lei em um círculo, sendo o círculo associado pela numerologia ao nº. 10. É fixador e plasmador de forças sutis. Reflete energias negativas. É um escudo vibracional. Se colocarmos o círculo na base da pirâmide e com ele fizermos a sua revolução (giro sobre o seu eixo) teremos a Esfera que envolverá tudo. Esta esfera forma um escudo vibracional muito potente, pois encerra a vibração da Proto-síntese cósmica.



(http://pessoal.portoweb.com.br/aluzdoamor/umbanda.htm)

2ª EXPLANAÇÃO – ESTUDANDO O VOCÁBULO UMBANDA

No início dos processos gráficos da língua Abanheenga, foram os mesmos formados por 5 sinais geométricos básicos:

- PONTO, que é a unidade em geometria, sendo associado ao número 1.

- LINHA, para ser delimitada, necessita de 2 pontos; assim, à linha foi associado o número 2.

- ÂNGULO surgiu da mesma forma: 3 pontos não colineares, isto é, que não estão na mesma linha, relacionando-se com o número 3.

- QUADRADO também surgiu pela união de 2 ângulos ou 4 pontos, 2 a 2 não colineares, isto é, 2 linhas não coincidentes mas paralelas, relacionando-se com o número 4.

Neste instante, observamos que os 4 sinais estavam e estão intimamente ligados ao sistema numeral e à geometria, importantíssimos fatores necessários para entendermos melhor os vocábulos litúrgicos ou sagrados. Entretanto, está faltando o 5º sinal letra – o CÍRCULO.

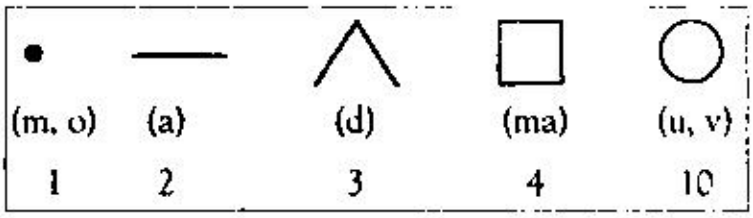
Vejamos como surgiu:

Os valores numéricos dos 4 primeiros sinais são os que se correspondem com os 4 pilares do conhecimento humano - Ciência, Religião, Filosofia e Arte; com os 4 elementos radicais da Natureza – Ar, Fogo, Água e Terra; com os 4 sinais sagrados que milhares de anos depois deram origem ao Tetragrama Sagrado de Moisés: EVE-I.

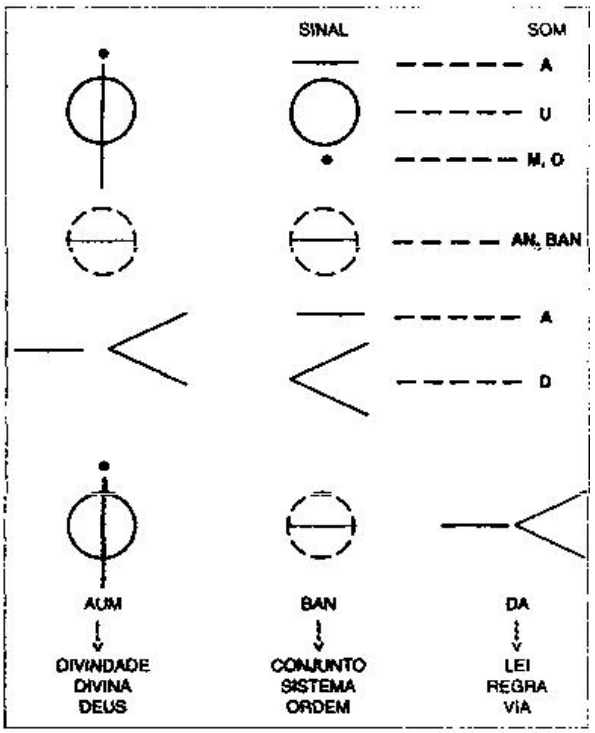
Somando-se os quatro numerais, formando uma síntese de:

1 + 2 + 3 + 4 = 10. Como resultado, obteve-se o máximo da década, o próprio número 10. Qual seria a figura geométrica que traduziria a Síntese dos 4? Outra não é senão o CÍRCULO, o qual encerra o TODO - infinitos pontos.

Bem, vejamos, de forma resumida, o que expusemos, fazendo a ligação do sinal geométrico com seu valor numérico e seu som:

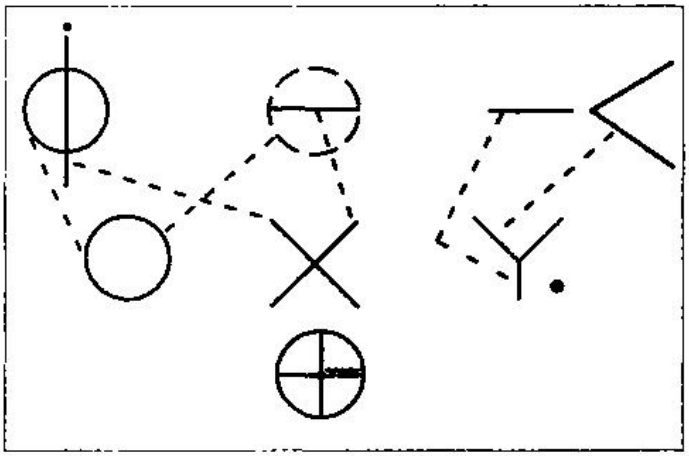


Sabendo-se que a forma, o som e o número, é a base para a formação de termos litúrgicos sagrados, antológicos, ou seja, que surgem naturalmente, temos que, UMBANDA – AUMBHANDAN = CONJUNTO DAS LEIS DE DEUS:

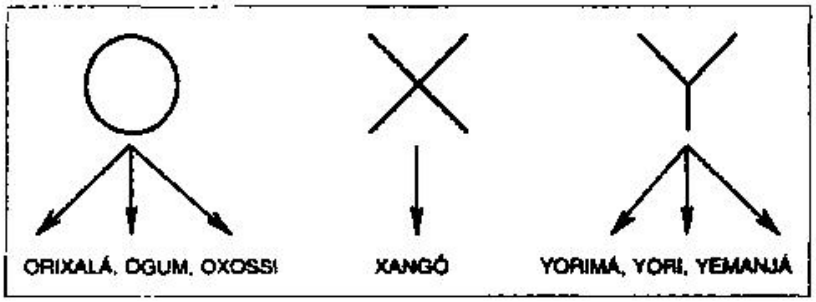


Tendo em mãos estas informações, fica fácil entender como do próprio vocábulo Aumbandan surgem os vocábulos que vão denominar as 7 Potências Sagradas ou Vibrações Originais.

Observemos como esses 3 conjuntos de sinais se entrosam em outros sinais condensados geometricamente, para então chegarmos nos 7 Termos Sagrados que denominam as 7 Vibrações Originais.

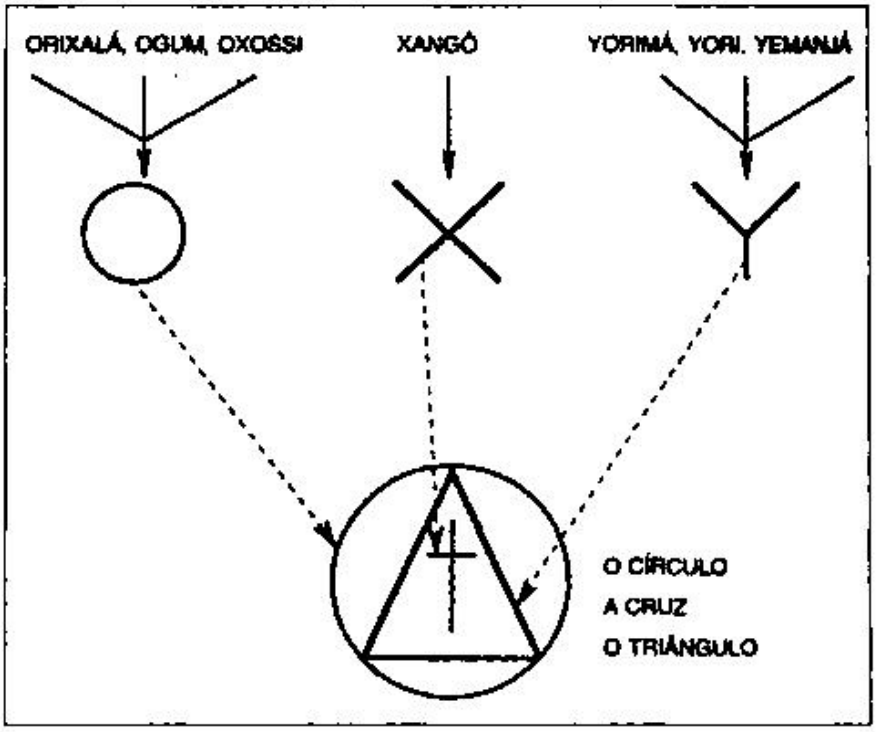


Através desses entrosamentos chegamos ao O X Y — ou Y X O (o Verbo Divino) — o qual tem totipotência para nos fornecer autologicamente os Sete Termos Sagrados, mantrâmicos, das Sete Vibrações Originais.



Necessário se faz aqui, a explicação de que na antiga civilização da Raça Vermelha, a 1ª letra era a que representava o vocábulo sagrado, era o seu princípio, o início; portanto, era a chave articuladora para o som do termo total. Por isso a demonstração do surgimento dos Sete Termos Sagrados através das letras iniciais.

Façamos agora mais uma centralização do vocábulo AUMBHANDAN.



Traduzindo temos que: Umbanda é a lei; este é o círculo ou a unidade que encerra o triângulo, que em vibrações de expansão gera a totalidade ou o setenário centralizado no princípio do círculo cruzado ou OXY = OOOxYYY.

(http://centrodeestudosumbandisticos.blogspot.com.br/2012/11/estudando-o-vocabulo-umbanda.html)

O SÍMBOLO TRIÂNGULO E CRUZ SEGUNDO A UMBANDA CRÍSTICA

Existe no plano espiritual, uma congregação denominada: "Fraternidade do Triângulo e da Cruz". Um de seus dirigentes, Ramatis, é um dos venerandos colaboradores da Umbanda.

Na dimensão espiritual, Ramatís exerce uma forte atuação junto à Fraternidade da Cruz e do Triângulo e se empenha em divulgar os ensinamentos de Jesus Cristo. Paralelamente, ensina a atuar segundo a antiga tradição espiritualista do Oriente, estabelecendo assim um intercâmbio entre as correntes espiritualistas do Ocidente e do Oriente.

Segundo relatos de vários espiritualistas, no final do século XIX, no Oriente, houve uma fusão entre duas importantes Fraternidades. Tratava-se da Fraternidade da Cruz, que divulga os ensinamentos de Jesus*, e a* Fraternidade do Triângulo, ligada à tradição espiritual oriental*.*

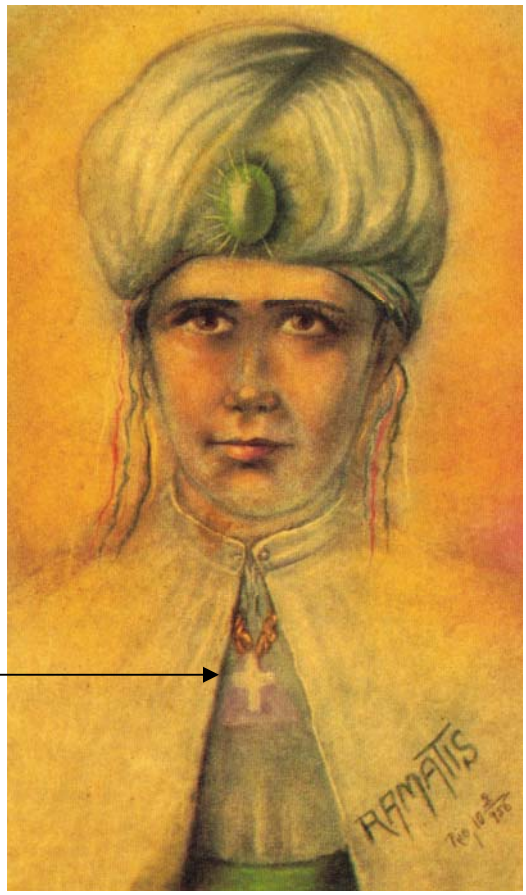
Após essa união, as duas Fraternidades – consideradas Fraternidades Brancas – consolidaram uma série de práticas e trabalhos espirituais que resultaram na formação da Fraternidade da Cruz e do Triângulo. Seus membros usam vestes brancas com cintos e emblemas de tonalidade azul clara esverdeada.

Sobre o peito, trazem suspensa uma corrente com um triângulo luminoso, no qual se encontra uma cruz, símbolo que exalta a obra de Jesus e da mística oriental.

O que os mentores informam é que todos os discípulos da Fraternidade que se encontram reencarnados na Terra são profundamente devotados às duas correntes espiritualistas.

Os discípulos dessa ordem cultuam os ensinamentos de Jesus, que foi o elo definitivo entre todos os instrutores terráqueos, assim como a sabedoria e o trabalho espiritual dos grandes Mestres do Oriente.

Esse é um dos motivos pelos quais os seguidores de Ramatís na Terra – embora profundamente devotados ao pensamento cristão – também têm profundo respeito pela espiritualidade do Oriente.



Venerável Ramatis – um dos beneméritos trabalhadores da Umbanda

Do que se compõe o símbolo: círculo – triângulo e cruz:

Círculo: Símbolo universal do infinito, do universo. Pode representar o Tudo ou o Nada, dependendo da interpretação. Também é conhecido como o "olho fechado de Deus". Ele pode conter a criação, a fertilidade e a origem da vida. Um símbolo universal de unidade, totalidade, infinito, representando também o poder Feminino. Para as religiões centradas na Terra é um símbolo que representa o Sagrado Feminino, a Mãe Terra e o Espaço Sagrado.

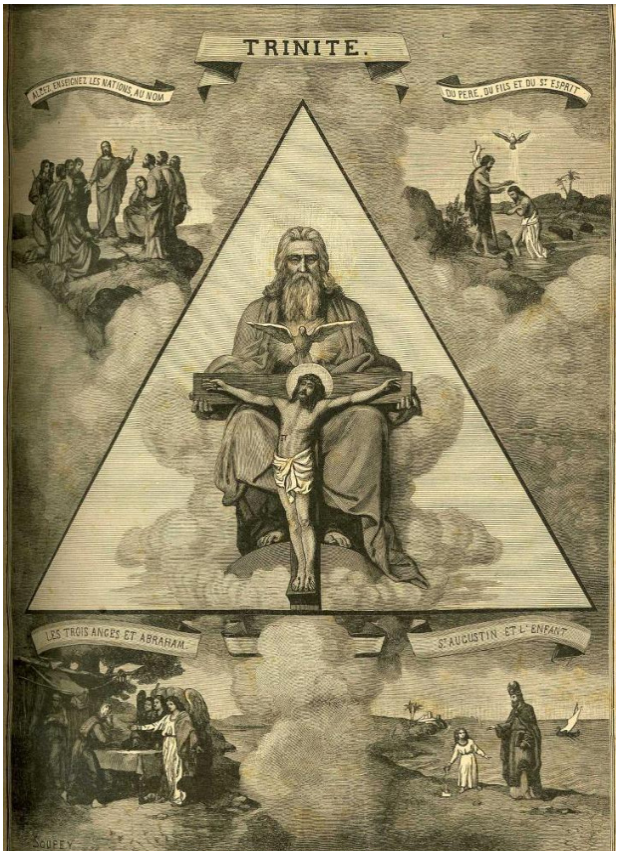
Representa o Universo, o Cosmo, a Totalidade. O círculo representa noções de totalidade, inteireza, perfeição, o Self, o infinito, eternidade, todo movimento cíclico, Deus. *"Deus é um círculo cujo centro está em todo lugar e cuja circunferência está em lugar algum"* (Hermes Trimegistus).

Triângulo: Simboliza o ternário Divino, ou princípio espiritual, dentro da totalidade. O triângulo é a primeira figura geométrica perceptível e, por isso, tem-se revestido de grande significado simbólico para diversas civilizações. O triângulo equilátero simboliza os ternários, ou tríades divinas, conceito comum às antigas civilizações e à maioria das religiões.

O triângulo equilátero é de natureza neutra, representando o perfeito equilíbrio entre os três aspectos da divindade, quando tem o seu ápice voltado para cima, simbolizando as qualidades espirituais.

Observemos na gravura antiga abaixo, a representação cristã da Santíssima Trindade. Para os cristãos, o triângulo representa as Três Pessoas da Santíssima Trindade – Pai Filho e Espírito Santo.

Entendemos essa Trindade como: **Pai:** Deus, nosso Criador. **Filho:** O Cristo Planetário e seu médium Jesus, nosso redentor. **Espírito Santo:** A presença das Santas Almas Benditas, os Espíritos Santos de Deus na Umbanda, os Espíritos Tutelares, nossos amados Guias e Protetores Espirituais.



Cruz: Formada pela intersecção de dois segmentos retos, um vertical e o outro horizontal, a cruz representa o quaternário espiritual e neutro. Aqui, o Princípio Divino e a Terra estão combinados em harmonia. A cruz representa os 04 elementos primordiais da Natureza: Terra, Ar, Fogo e Água.

É o centro do mundo e por isso o ponto de comunicação entre o Céu e a Terra; é também um eixo cósmico, compartilhando o simbolismo da árvore e a montanha cósmica, etc.

A cruz representa a Árvore da Vida e a Árvore da Nutrição. É também um símbolo do homem universal, arquetípico, capaz de harmoniosas e infinitas expansões tanto no plano vertical quanto no horizontal; a linha vertical é celestial, espiritual e intelectual, positiva, ativa e masculina enquanto a horizontal é o mundano, racional, passivo, e negativo e feminino culminando na cruz inteira que forma o andrógino primordial.

Em termos cristãos, é a salvação através do sacrifício de Jesus; redenção; expiação, renovação, perdão e fé. A cruz também representa a aceitação da morte ou sofrimento e sacrifício. Ela é mais do que uma figura de Jesus, ela se identifica com sua história humana, com a sua pessoa.

Apontando para os quatro pontos cardeais, a cruz é a base de todos os símbolos de orientação, nos diversos níveis de existência do homem.

A cruz é o mais totalizante dos símbolos. A cruz é, então, o símbolo da glória eterna, da glória conquistada pelo sacrifício e culminando em uma felicidade extática.

A cruz, representativa da nossa escalada espiritual, aonde vamos evoluindo e nos transformando, vencendo nossas imperfeições, para atingirmos nossa Espiritualidade Maior.

Sintetizando o símbolo do Triângulo e da Cruz para a Umbanda Crística:

† O homem espiritual conquistando sua evolução. A cruz representa a caridade desmedida que simboliza a maior expressão de amor.

△ A presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo, desenvolvendo sua espiritualidade (mediunidade) através de, e com os Guias e Protetores Espirituais, os Espíritos Santos de Deus, pautados nos ensinamentos crísticos, principalmente no Evangelho Redentor, portanto, sendo Um como Pai.

○ Encerrando tudo na totalidade de Deus, nosso Criador.

Juntando tudo isso, forma-se o símbolo da Umbanda:

“O Pai, o Filho e o Espírito Santo chamando os doadores do amor Divino para a prática da Caridade”.

AS FASES DA UMBANDA

Pregação do Evangelho: Em 2.000 anos não conseguiu melhorar efetivamente a humanidade e nem os cristãos.

Pregação da Umbanda: Em 100 anos não conseguiu melhorar efetivamente a Umbanda e nem os umbandistas.

FASES DA UMBANDA

Organização de bases e difusão	**Maioridade**
1908 ⟷ 2008	2008 ⟷ 2108 Início
Consagração das origens e das bases; tempo de proliferação	Trabalho a fazer
1ª fase – construção de um perfil filosófico-doutrinário	Foco na reinterpretação de postura, objetivos, doutrina e rituais

MAIORIDADE DAS IDEIAS UMBANDISTAS

FOCOS INSTITUCIONAIS 1ª FASE – 100 ANOS (1908 – 2008)	FOCOS HUMANIZADORES 2ª FASE – 100 ANOS (2008 – 2108)
Doutrina	Ser humano
Práticas	Relação e vivência
O que fazer	Como fazer
Instrução	Educação
Esclarecimento	Libertação
Intelecto	Sentimento
Divulgação	Comunicação
Por que	Para que

TRAÇOS DA MAIORIDADE NOS TEMPLOS UMBANDISTAS

INSTITUCIONALIZAÇÃO (1908 – 2008)	HUMANIZAÇÃO (2008 – 2108)
Casa	Grupo
Estrutura de tarefas	Habilidades
Relações verticais	Relações lineares
Engessamento de práticas	Experimentação
Uniformidade	Diversidade
Conceitos em construção	Assentamento dos conceitos
Normas particulares	Criatividade
Reuniões de pessoas	Convivência

A Umbanda é regida pelas Leis Divinas, passa e passará pela aferição destas Leis, que são divididas em grandes momentos, que chamamos de “fases”.

Para entendermos as fases religiosas da Umbanda, devemos em primeiro lugar compreender quais são os objetivos dessa religião perante a humanidade. O movimento Umbandista na atualidade tem como ponto básico, entre os vários caminhos abertos pelas luzes do consolador na Terra, a limpeza e o refreamento do submundo, para que o Brasil possa tornar-se o coração do mundo e a pátria do Evangelho, e o atendimento fraterno imediato, sem julgamentos.

A dissolução dos pilares da sabedoria humana, durante os séculos que já se passaram, formou e persiste até hoje, dando caminho ao atraso evolutivo da coletividade humana.

Cresceu a ignorância, a dissolução da Sabedoria Divina, o ocultamento da magia, da religião e das verdades eternas, criando no homem a dependência, a superstição, a egolatria, o nepotismo e o distanciamento da espiritualidade superior, em detrimento da supervalorização da materialidade, onde tudo na vida tornou-se racionalmente material e obscuro, pois perde-se o sentimento, o amor, a fé, a compaixão, a caridade, a crença nos poderes Divinos.

Surgiram religiões castradoras, onde a crença que é pregada é cega e desprovida do sentimento do amor e do perdão. Mesmo Jesus, com sua magnitude, nos legando como herança, o Evangelho Redentor, ainda não conseguiu impregnar todas as almas com seus ensinamentos simples e sublimes, de amor e perdão. Segundo a Espiritualidade, até hoje, somente 10% do Evangelho foram plenamente absorvidos por algumas comunidades. 90% do Sagrado Evangelho ainda encontra-se na obscuridade da ignorância das interpretações pessoais inequivocadas.

Segundo o respeitável Sr. Carlos Torres Pastorino, para se interpretar com segurança qualquer trecho do Evangelho, é mister:

1. Isenção de preconceitos;
2. Mente livre, não subordinada a dogmas;
3. Inteligência humilde, para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;
4. Raciocínio perquiridor e sagaz;
5. Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,
6. Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

Nesses tempos, perdeu-se a ligação com o Pai Eterno, e fecharam-no em quatro paredes, dissociando-o da Natureza e da ligação com todos. Elegeram alguns homens considerados “enviados de Deus”, que poderiam falar em Seu nome, sendo que o restante da humanidade foi tratada como simples cordeirinhos manipulados por um poder clerical ou pastoral. Ainda hoje, mesmo com o advento da globalização, ainda persistem os “escolhidos de Deus”, a tiranizarem àqueles que não rezam pelas suas cartilhas. Criaram-se as “pequenas igrejas, grandes negócios”.

As fases da Umbanda não devem ser somente entendidas como de uma certa duração. Elas iniciam, crescem, frutificam, se implantam e declinam em favor da próxima. Mas todas as fases se interpõem com harmonia, pois somente com o assentamento de todas em conjunto, obteremos a realização do Divino na Terra.

Nos ateremos somente na 1ª e na 2ª fase. No final da 2ª fase, aproximadamente no ano de 2108, com certeza a espiritualidade nos falará das prioridades da 3ª fase.

1ª Fase (1908 – 2008) – Poder Reinante Ogum do Divino Criador

A partir de 1856, houve a materialização da religião, onde começaram as primeiras manifestações mediúnicas de Espíritos já em grau elevado, formadores deste movimento (os que vieram abrir caminho) por todos os rincões brasileiros (mas ainda sem apresentar o nome da Umbanda), para formalizá-la em 1.908. Estava sendo preparada a implantação da Umbanda como religião em solo brasileiro.

Dentre esses vanguardeiros, merece destaque especial, o Espírito do Caboclo Curugussu**,** que preparou por vários anos o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que atuaria nas grandes massas populares, visando tornar notório o termo Umbanda e o culto apregoado por esse humilde enviado da Espiritualidade.

O jornalista Leal de Souza, ligado a Tenda Nossa Senhora da Piedade e ao Caboclo das Sete Encruzilhadas, relatou, através de sua pena, sincera e honesta, alguns fatos relativos a essa Entidade, numa entrevista publicada no Jornal de Umbanda de outubro de 1952, com o título "Umbanda – Uma Religião Típica do Brasil":

"A Linha Branca de Umbanda é realmente a religião nacional do Brasil, pois que, através dos seus ritos, os Espíritos dos ancestrais, os pais da raça, orientam e conduzem a sua descendência. O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Curugussu, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas que a organizou, isto é, que foi incumbido pelos Guias Superiores, que regem o nosso ciclo psíquico de realizar na Terra a concepção do espaço".

Nota-se, então, que ele estava bem familiarizado com a importante missão dessa Entidade Espiritual. Leal de Souza não poderia ter inventado o Caboclo Curugussú, e muito menos falseado a verdade, visto que era um fiel adepto do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Infelizmente não foi deixado claro quem teria sido o médium do Caboclo Curugussu, e nem onde ele teria se manifestado, ou mesmo se essa Entidade somente atuou espiritualmente. Fomos pesquisar com a espiritualidade sobre a veracidade do Caboclo Curugussu e nos informaram que é tudo verdade, e que nada mais falariam pois é da vontade desse Caboclo que nada fosse revelado sobre a sua contribuição para a implantação da Umbanda.

Na primeira fase, poeticamente podemos dizer: "Os clarins de Ogum tocaram". Eram chamados os trabalhadores, para abrir o caminho da implantação da Umbanda na Terra, preparando o caminho para as demais fases.

Tudo culminou com a manifestação ordenada do Sr Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 15 de novembro de 1908, o encarregado pelos Orixás Mediadores, de ditar as normas e regras da religião emergente, fundamentando o culto que ali se iniciava.

Nesta 1ª fase, seria o momento da ordenação e da direção. Seria o momento de, no mais curto espaço de tempo possível abarcar o maior numero de fiéis. Era o momento da abertura da conscientização e de uma nova maneira evolucional para todos os Espíritos.

Era o momento da chamada de todos, para as coisas do Espírito. Era o momento do rompimento das barreiras da escravidão espiritual, surgindo assim, a manifestação Divina em tudo e em todos. Era o momento de plantar a ideia de que Deus se irradia em todos e para todos, e não somente para alguns poucos "escolhidos". Essa fase se dava num momento critico no Brasil, onde seus habitantes estavam sem rumo em suas vidas religiosas, culturais e sociais, o burburinho da queda do Império e o nascimento da República; a problemática da abolição da escravatura, depois de 348 anos de escravismo. Era o momento das escolhas entre o certo e o duvidoso; da liberdade, da disciplina e do livre arbítrio.

Já explicitamos, em livro anterior, a questão da Umbanda ser uma Modalidade de Espiritismo. Jesus, no mesmo dia (1856), nos mandou O Espiritismo com permeador da mediunidade, juntamente com a Religião de Umbanda como refreadora do submundo astral, para que unidos, pudéssemos trilhar o caminho evangélico no mundo.

Hoje, observamos, que mesmo bem codificado, o Espiritismo luta fremente, pois é composto e coordenada por humanos, tão falíveis como qualquer outro na face da Terra. É a mesma luta da Umbanda.

Segundo informações da Espiritualidade, a Umbanda cresceu sem ordem, meio estonteada em sua ritualística e doutrina, pelo fato de que uma infinidade de informações deveria adentrar em seu seio, mas, se fosse codificada em seu início, muitas dessas informações e ritualísticas não se instalariam.

Se a Umbanda fosse codificada em seu inicio, teríamos sérios problemas (assim como o Espiritismo tem), pois haveria o perigo de se tornar elitista. Será que com ela codificada em seu inicio aceitaria tão humildemente a presença Espíritos e pessoas humildes e principalmente a contribuição preciosa doutrinária de varias religiões? Cremos que não.

A Religião de Umbanda, praticamente cresceu entre os simplórios, sem estudos, tendo somente a fé como ferramenta de trabalho, e, assim sendo, incorporaram conceitos, Espíritos, doutrina, etc., sem questionamento nenhum. Através das pessoas "simplórias" a espiritualidade poderia se manifestar sem qualquer tipo de repúdio.

Assim, vimos crescer essa Umbanda com uma roupagem de difícil compreensão, onde existem centenas de doutrinas, ritualísticas, liturgias, dando a impressão de que cada Terreiro faz um tipo de Umbanda. Tinha que ser assim.

Cada um com seu talento, trazendo para a Umbanda todo o seu cabedal de conhecimento, de tudo que já encontrava-se espalhado na Terra, e aqui, juntando tudo, cada um contribuiu com sua parcela, mesmo que muita coisa esteja distorcida.

Passaram-se 100 anos. Agora é o momento da Umbanda entrar na em sua 2ª fase. A fase do amadurecimento, a fase do conhecimento, a fase doutrinária, a fase de expurgar o que é supérfluo. A fase da religiosidade e da nossa humanização.

2ª Fase (2008 – 2108) – Poder Reinante Oxossi do Divino Criador

É a fase onde Oxossi nos auxilia na realização, abençoando-nos o caminho através do estudo, onde realizaremos um trabalho edificante em nossa humanização, onde após aprendermos, iremos plantar nossas realizações para futuramente colhermos os nossos frutos.

Sabemos que a humanidade está vivendo um momento dos mais graves em sua evolução, em trânsito para um novo modelo, uma nova época.

É a fase que tem como objetivo a implantação do conhecimento e da doutrina, de forma clara, simples e objetiva, deixando para traz conceitos, ritualísticas e magias que cumpriram seus papeis quando necessário, mas, que não mais são necessárias, adaptando tudo, a todos os graus conscienciais, para futuramente transformar tudo num só conhecimento uniformizado. É a fase do surgimento de novos conceitos no âmbito religioso, social e cultura.

É a fase do inicio da união entre todos e da nossa humanização, onde nos tornaremos mais complacentes, benevolentes e misericordiosos, raciocinando consciencialmente.

É a fase da estimulação em busca do saber e do aprendizado, que permitirá aos Espíritos encarnados e desencarnados desenvolver a condição de evoluir adquirindo a sabedoria. É o momento da concentração, da observação, da expansão e do raciocínio em todos os conhecimentos, a fim de obtermos a libertação. Lembre-se do que disse Jesus: *"Conhecei a verdade e ela vos libertará".*

A CÚPULA ASTRAL DA UMBANDA PEDE A REINTERPRETAÇÃO DE POSTURAS, OBJETIVOS, DOUTRINA E RITUAIS

Vamos abordar alguns aspectos da vivência religiosa umbandista, para a compreensão do que devemos prioritariamente mudar em nossas vidas religiosas.

A meta primordial é aprendermos a amarmo-nos uns aos outros, para que tudo o que for criado em nome da causa umbandista reflita a essência da Umbanda em nossas movimentações. A diversidade é uma realidade irremovível do movimento umbandista e seria sinal de utopia e inexperiência tratá-la como "joio". É imprescindível propalar a ideia do ecumenismo afetivo entre os seareiros, para que a cultura da alteridade seja disseminada e praticada no respeito incondicional a todos os segmentos".

A alteridade é um valor que deve ter prioridade a ser desenvolvida nos meios umbandistas.

Alguns valores da alteridade

"... Jesus encontrou as primeiras manifestações de traição, abandono, ofensa e negação dentro do próprio colégio apostólico. Não foram as organizações sectárias ou os adversários fora do corpo os responsáveis diretos pela tragédia do calvário, mas sim o medo de Pedro, a ilusão de Judas e a mágoa dos discípulos com o povo romano" (Pelo Espírito de Maria Modesto Cravo)

1º) Disposição para aceitar e aprender com os que são diferentes e pensam assim;

2º) Construção da fraternidade apesar das divergências, respeitando-as e procurando aprender com as diferentes opiniões.

Vivenciar o valor da alteridade não quer dizer deixar de discutir, debater, questionar. A discussão, o debate e o questionamento são saudáveis quando se respeita a maneira de ser e de pensar do outro.

As posturas não alterarias geram:

- Críticas;
- Discórdia;

- Discriminações;
- Marginalizações;
- Ambientes carregados;
- Queda vibratória;
- Afastamento de companheiros; e,
- Reflexos negativos
- em todas as atividades do Terreiro.

Na verdade, a alteridade é um valor pouco desenvolvido nos meios umbandistas, apesar de sua extrema importância para um convívio fraterno. O mesmo acontece em relação ao amor. A referência é feita ao amor pleno, aquele cuja vivência foi tão recomendada por Jesus.

Temos uma seara umbandista mergulhada em desamor (com exceções), abrindo espaços para:

- Disputas pelo poder;
- Vaidades;
- Ditaduras;
- Fofocas e críticas não construtivas;
- Ciumeiras e despeitos;
- Malquerenças;
- Hipocrisias; e,
- Melindres.

Vamos dissertá-las:

- ## Disputas pelo poder

São muito comuns nos meios religiosos, acontecendo também em muitas instituições umbandistas que deveriam, pelas próprias características da Umbanda, estar livres delas. Pessoas ambiciosas e aquelas que não conseguem sobressair-se na profissão ou na sociedade encontram nesses ambientes espaços para dominar ou aparecer; então, fazem o que podem para não perder as posições alcançadas. São situações muito satisfatórias para elas, mas não para a instituição, nem para o movimento umbandista.

- ## Vaidade

Se és dirigente umbandista, bom médium, trabalhador brilhante ou se realizas alguma atividade em que tenhas destaque, cuidado com a vaidade. Sentir vaidade de quê? Estás apenas cumprindo teu dever. Podes, sim, sentir contentamento pela oportunidade de participares com teus esforços deste mutirão evolutivo. O Terreiro de Umbanda não é apenas o local onde prestamos serviço. Ele representa o mutirão em que todos, construindo a casa alheia, estamos levantando as nossas próprias paredes.

A Umbanda é bem maior do que as nossas vaidades, os nossos quereres.

Considerando que a difusão do conhecimento umbandista e a aplicação dos seus valores na Terra são parte da programação superior para nossa humanidade, devemos entender essa tarefa como o bom funcionário entende a sua participação nas atividades da empresa, lembrando ainda que não somos apenas funcionários do Mestre Jesus, mas também partícipes dos benefícios que essa tarefa trará a nós e aos nossos descendentes.

Sendo assim, não cabem em nossas posturas a vaidade nem a irresponsabilidade, muito menos o enfoque de sermos credores das atenções do Mais Alto, por estarmos trabalhando nessa seara. Em vez disso, devemos entender que não estamos fazendo qualquer favor a Umbanda, mas a nós mesmos. Numa comparação meio estranha, poderíamos entender que somos sócios dessa cooperativa evolutiva e é nosso dever trabalhar pelo seu sucesso.

- ## Ditaduras

Não são condizentes com um movimento religioso como a Umbanda, nem com a época, que pede democracia. Os ditadores, por melhores que possam ser, sempre acabam promovendo o atraso, sejam eles indivíduos ou instituições.

- **Fofocas e críticas não construtivas**

Podem ser vistas como uma virose psíquica, maléfica e destrutiva que se transformou em atividade prazerosa ao ser humano e encontra ambiente favorável à sua proliferação em algumas instituições umbandistas.

Quando criticamos algo ou alguém de forma maldosa ou apenas irresponsável, podemos estar lançando nos ambientes nuvens de “vírus mentais ou psíquicos”, que poderão gerar graves problemas ou dificuldades a outrem.

Há pessoas dirigindo instituições, que ao sentirem-se ameaçadas em sua “soberania”, “soltam no ar” críticas e fofocas visando a quem consideram seus possíveis rivais, no intuito de anulá-los.

Denegrir a imagem de alguém ou de algo é um ato covarde e terrivelmente negativo, e isso se pode fazer com simples gestos, com expressões faciais de ironia, desprezo ou um mero levantar de sobrancelhas, demonstrando alguma dúvida com relação à pessoa ou mesmo situação, em foco. Gestos assim deixam suspeitas no ar, fragilizando a credibilidade de alguém, de uma instituição, uma atividade ou situação.

Quantos movimentos de renovação, de melhoria do ser humano, de caminhos melhores e mais luminosos já foram abortados por causa dos críticos de plantão, cuja meta é aparecer, cuidando de destruir o que não lhes renda louros ou possa ameaçar suas posições.

Cuidado, portanto, companheiro umbandista, ao tecer críticas.

Cuidado ao ouvir ou perceber críticas. Procure conhecer seus fundamentos, antes de enviar para os seus arquivos subconscientes as imagens que lhe tenham passado.

Quantas excelentes pessoas, por causa desse tipo de maledicentes, silenciosos ou falantes, são colocadas no “índex”, ou seja, passam a ser malvistas, sem que se saiba exatamente por quê.

- **Ciumeiras e despeito**

São características de pessoas pobres em alguns valores, as quais sentem necessidade de arrebanhar atenções ou impor-se, para preencher seus próprios vazios.

- **Malquerença**

É gerada devido à falta de fraternidade. Não adianta nos acomodarmos a posturas enganosas, dizendo que tudo vai muito bem no nosso movimento. Se olharmos para as religiões, principalmente para os ditos “evangélicos”, vamos encontrar muito mais fraternidade entre eles.

- **Hipocrisia**

Quantas vezes, em nome de uma caridade mal entendida, ou por mera acomodação, sorrimos para o companheiro e lhe damos tapinhas no ombro, quando intimamente estamos a lhe cobrar algo, por sabermos que a sua conduta não está de acordo com os postulados umbandistas?

Essa é a atitude costumeira, bem mais fácil do que lhe prestar o devido socorro, chamando-o às falas, conversando abertamente, ouvindo as suas dificuldades e lhe oferecendo mão amiga para ajudá-lo a sair do poço. Essa seria a caridade bem interpretada. Somos, até certo ponto, responsáveis pelos irmãos que caminham conosco.

- **Melindres**

Representam falta de humildade e a insegurança do ser em seu caminho evolutivo.

Quem está seguro de si mesmo, de suas convicções, de suas posturas, não se melindra. E quando ocorre algo passível de melindrar uma pessoa que detém os valores da humildade, em vez de fechar-se em posições melindrosas, parte à procura de esclarecer a situação em pauta, com o devido pedido de desculpas se for o caso. É, pois, fundamental atentarmos para a nossa grande responsabilidade perante a tarefa umbandista, porque ela pertence a Deus, não a nós. Por isso não nos cabe fazer a nossa vontade ou aquilo que nos agrada, mas sim o que é melhor para a instituição e para o próprio movimento.

Não é nosso intuito criticar o movimento umbandista. Ele tem caminhado de acordo com cada época e com as pessoas que o dirigem e a compõem. Mas não podemos ignorar que as situações que foram listadas, infelizmente, ocorrem com perigosa frequência em inúmeras das nossas instituições.

Isto é bom para nós, umbandistas?

É bom para o movimento umbandista?

É bom para os que chegam em busca de conhecimento ou de ajuda?

Certamente não!!!

Então, o que se pode fazer?

Estamos em fase de transição

Conforme os escritos de Kardec, o mundo de ontem era de provas e expiações, com resgates de ações negativas, além dos necessários aprendizados.

Podemos facilmente observar que hoje já estamos vivenciando o início de um período de transição, continuando os resgates de ações negativas e os aprendizados, tudo isso acrescido de um processo de eliminação de "lixos" do inconsciente e dos primeiros passos para o crescimento interior.

O mundo de amanhã deverá ser o de regeneração, dando continuidade aos aprendizados e conduzindo os seres a um crescimento interior mais pleno, a mais elevados patamares evolutivos.

Temos assim:

- **ONTEM:** Mundo de provas e expiações**,** com resgates de ações negativas e aprendizados.
- **HOJE:** Mundo em transição, com resgates de ações negativas, novos aprendizados, eliminação de "lixos" do inconsciente e os primeiros passos para o crescimento interior.
- **AMANHÃ:** Mundo de regeneração, com novos aprendizados, crescimento interior pleno e mais elevado patamares evolutivos.

Se estamos vivenciando o início de um período de transição, o que é necessário fazer? Permanecer como antes? Ou participar ativamente para que essa transição se dê mais depressa e de forma mais fácil?

Se toda transição se faz pelas vias das mudanças, o que é necessário mudar nos meios umbandistas?

Certamente as carências são muitas, mas vamos tratar apenas da necessidade de mudanças em alguns enfoques e em algumas metodologias.

É preciso dizer, entretanto, que inúmeras instituições e companheiros umbandistas que já acordaram para a necessidade de mudanças as vêm colocando em prática, como também disseminando tais idéias.

Vamos refletir?...

Buscar o autoconhecimento e promover o crescimento interior.

Autoconhecimento equivale a:

1) Identificar em si mesmo os valores morais e espirituais positivos e negativos;

2) Conhecer o próprio psiquismo, as tendências, idiossincrasias, predisposições, inclinações, reações;

3) Conhecer o próprio organismo, as funções orgânicas e sua inter-relação com os corpos sutis e as energias;

4) Conhecer os próprios potenciais físicos, energéticos, emocionais, mentais e espirituais.

A busca do autoconhecimento é algo que ocorre na intimidade do ser. Geralmente nós nos observamos com muita atenção em nosso aspecto físico: se estamos engordando, criando barriga, rugas, se a pele e o cabelo estão ou não do nosso agrado e por aí a fora. Mas o autoconhecimento é essencialmente interno.

Muitos faquires e yogues conhecem-se tão bem que conseguem alcançar invejável domínio sobre as funções do próprio corpo. Para nós outros, comuns mortais, esse autoconhecimento, com vistas ao autocomando, já é bem mais trabalhoso e lento, mas indubitavelmente estará nos currículos da medicina preventiva do futuro. Mesmo assim, se começarmos a nos observar e a estabelecer com o nosso corpo e com todos os órgãos uma relação de afetividade; a desenvolver meios para comandar algo em nosso organismo, logo, logo iremos perceber quão valioso isso pode ser para nós.

Seria muito proveitoso em todos os sentidos se os Terreiros formassem grupos de estudos sobre a mente, o pensamento, as emoções, as energias e como todo esse complexo repercute em nosso organismo, nos estados de Espírito, nas atitudes e em toda a nossa vivência.

Se você, no entanto, é daqueles que acha que a Umbanda deve cuidar exclusivamente dos aspectos moral e espiritual de seus profitentes, somente com realizações de danças, batuques, festas, homenagens, colares multicoloridos, roupagens coloridas, magias, oferendas e despachos, pule este capítulo. Mas se entende que a Umbanda é uma normativa de vida cuja meta é o equilíbrio, o bem-estar e a felicidade do ser humano, então vai certamente concordar conosco.

Crescimento interior

Crescer interiormente equivale a:

1) Desenvolver virtudes;

2) Assimilar aprendizados diversos;

3) Adquirir equilíbrio mental, psíquico e emocional;

4) Conquistar bom relacionamento consigo mesmo e com os outros;

5) Amadurecer;

6) Desenvolver maior comando consciente de si mesmo (orgânico, mental e psíquico);

7) Desenvolver contentamento;

8) Liberar-se de traumas, fobias, medos, ansiedades, frustrações...

Temos dado preferência ao termo “crescimento interior”, em vez de “reforma interior”, porque a palavra “reforma” indica uma ação, a de reformar e, depois, a estagnação. Já o crescimento implica em aquisição de valores em todos sentidos das necessidades humanas, não apenas das virtudes, mas também de tudo o mais que possa levar a pessoa a sentir-se plena, feliz, com equilíbrio e bem-estar.

É uma ação contínua. Esse crescimento pode ser natural, desenvolvendo-se no bojo do tempo e das experiências reencarnatórias. Mas também pode ser consciente, ou seja, planejado, organizado e auto comandado.

Todos conhecemos as grandes dificuldades em realizar nosso crescimento interior. Sabemos o quanto isto é necessário e prioritário, mas... como é difícil! Vamos refletir?

Não estará a causa primordial dessa dificuldade no como? Como pode isso ser realizado na prática? Que fazer, de forma objetiva e produtiva? Quais passos ou providências devem ser tomados e quais os detalhes do que se pode fazer na vivência do cotidiano?

Temos, girando em nossas cabeças, um universo de conceitos os mais belos, atropelando-nos através das páginas dos livros, das mensagens, das palestras, cursos e até mesmo pela Internet, em infindáveis exortações para a reforma interior (que preferimos denominar de crescimento interior) numa insistência avassaladora, saturando nosso subconsciente com teorias reformadoras.

Todos sabemos com exatidão o que precisamos mudar, reformar, melhorar... só não sabemos como. Não temos um esquema, um roteiro claro de procedimentos práticos para materializar, passo a passo, as intenções que nutrimos sobre essa reforma, ou esse crescimento.

Dizemos “preciso modificar determinadas posturas...”, mas acabamos ficando em alguns esforços isolados aqui e ali, em simulacros de reforma, por não encontrarmos um apoio mais significativo.

Um exemplo poderoso que podemos observar está nos “AA” (Alcoólicos Anônimos) e em outros grupos semelhantes de pessoas que se juntam na tentativa de conseguir vencer determinados vícios e/ou dificuldades e conseguem, em sua grande maioria.

As nossas imperfeições também podem ser vistas como viciações adquiridas ao longo das reencarnações; da mesma forma como ocorre em relação a outros vícios, certamente conseguiremos resultados positivos com procedimentos inspirados em modelos como aqueles em que os interessados se reúnem para a busca de ajuda mútua e nessa comunhão encontram as orientações, a força de que precisam para as mudanças desejadas. É oportuno observar que, com a incessante repetição das exortações para a reforma interior, nós acabamos decorando-as, assim como o papagaio, mas para transformá-las em vivência, para integrá-las à nossa personalidade, é preciso mais que repetições e memorização. A geometria é mais fácil de aprender do que a álgebra. Não será por causa do manuseio das figuras geométricas em contraposição às meras fórmulas algébricas?

A reforma, ou o crescimento interior, é um trabalho individual, mas pode ser estudado, discutido, organizado e roteirizado em grupo, o que é altamente produtivo. Crescer em grupo é muito mais fácil e agradável do que sozinho...

(Esse capítulo foi baseado em mensagens psicografadas pelo venerável Espírito do Dr. Bezerra de Menezes, organizado pela Srª Saara Nousiainen, com adaptações do autor, e total anuência dos Guias Espirituais)

REINTERPRETAÇÃO DE ALGUMAS METODOLOGIAS RITUALÍSTICAS E MAGÍSTICAS

UMBANDA: EVOLUÇÃO x TRADIÇÃO = ELEVAÇÃO

Um dos conceitos motrizes do universo umbandista é a evolução. Se nós, enquanto seres encarnados buscamos a evolução para libertarmo-nos desta condição e nossos próprios Guias e Mentores, ajudam-nos nesta caminhada para, eles mesmos, serem impulsionados além de seus próprios graus evolutivos, seria uma total incoerência imaginarmos que a própria religião que praticamos esteja pronta e acabada. A Tradição umbandista remonta há milhares de anos. (...) . Mas temos que ter consciência que mesmo assim ela ainda não encontrou sua forma final e perfeita. O principal motivo? Nós ainda não encontramos a nossa.

O raciocínio é simples e claro: Se a Umbanda é um dos meios encontrados para o Divino se manifestar em nós e para nós. Se nós próprios estamos em constante evolução. Como é que poderíamos querer supor que este meio não evoluiria, assim como nós próprios? Se a Umbanda por si só não evoluísse, ela simplesmente impediria que nós próprios, em determinado momento, evoluíssemos também, não é claro? É como um professor de ensino fundamental que ensina matemática ao seu aluno. Chega uma hora que ele não tem mais o que ensinar dentro do universo do ensino fundamental. A partir daí, caberá a um outro mestre ensinar a matemática mais avançada, ou a este mesmo mestre expandir o universo matemático que ele mesmo aplica ao seu aluno, ou ainda a este discípulo procurar instâncias superiores onde possa aprender níveis matemáticos mais avançados. Isso sempre, em concordância com a evolução do aluno, que poderá ou não, de acordo com seus próprios méritos, continuar estagnado recebendo as mesmas lições até aprender de fato seus significados ou avançar nos ensinamentos indo até mesmo além do que seu próprio mestre um dia imaginou.

A elevação das conquistas espirituais de nossa coletividade planetária deve ser encarada como uma das missões primordiais da própria Umbanda e, por conseguinte de todos os seus médiuns. Graças a ela, a Umbanda vem através de atitudes sincréticas, inspirações superiores e ensinamentos do Divino, evoluindo consideravelmente nos últimos anos. Graças a isso, seus médiuns também. Lógico que existem verdades espirituais sublimes e imutáveis, e a estas só nos resta uma reduzida percepção. Mas exatamente por isso, temos que estar sempre buscando nossa evolução, assim como evitarmos nos determos ad infinitum a dogmas ou tradições que limitem nossa capacidade evolutiva ou nossa oportunidade de acesso ao transcendente. Por isso, a evolução não pode jamais ser subtraída pela tradição, mas ao contrário, somar-lhe elementos que nos permitem a nossa própria elevação.

(Trecho de: HTTP://umavelacesa.blogspot.com/serch/label/umbanda)

Um dia, perguntamos ao “Pai Velho”, um Guia Espiritual Caboclo da Mata do Templo da Estrela Azul sobre as mudanças metodológicas ritualísticas e magísticas na Umbanda, e ele pacientemente nos respondeu:

“A Espiritualidade aguardou cem anos para tudo o que o que tivesse que entrar para a religiosidade da Umbanda viesse, muitas vezes de forma discreta ou mesmo agressiva. Quando a Umbanda completou 100 anos de existência, já estava completa com todo o seu arsenal magístico e ritualístico. Toda a ritualística e magia da Umbanda está certa, mas muita coisa ainda estão sendo efetuadas de modo incorreto; chegou o momento de reformar o que é necessário e colocar tudo no seu devido lugar.

A Umbanda ainda é um celeiro fértil, aonde muito vem com seus mentais atulhados de personalismos, e chegando aqui querem impor a todo custo suas doutrinas, rituais, magias, etc. Nada falamos, pelo livre-arbítrio, mas, o tempo é o melhor juiz de todas as coisas. O tempo mostra tudo. O que é verdade e o que é mentira e o que é engano. Rituais, magias, doutrinas, etc., que nada tem há ver com a doutrina umbandista, com o tempo se diluirão e serão envolvidas pela verdade.

Quando a doutrina, é só o umbandista ter humildade e discernimento, estudar e confiar no plano espiritual, que tudo se encaixa. Todo o conhecimento já esta a disposição pelo mundo. É só pesquisar, estudar, usar de razão e o bom senso, pois tenham certeza de uma coisa: A Espiritualidade Superior não coaduna e nem participa de erros, sejam eles quais forem – A Espiritualidade Superior não passa a mão na cabeça de ninguém. Mãos a obra. A Umbanda depende de vocês.

De José Álvares Pessoa transcreveremos o trecho de um artigo, publicado, por volta de 1957, no Suplemento Espiritualista de "O Seminário", e que define nitidamente a missão do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

"A tarefa que sobre os seus ombros tomou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, através de Zélio Fernandino de Moraes, seria organizar a Lei de Umbanda no Brasil, sendo considerado um verdadeiro milagre de fé, nos levando a um sentimento de profundo respeito por essa entidade que se faz pequenina e procura velar-se sob a capa de uma humildade perfeita. É a ele que se deve a purificação dos trabalhos nos Terreiros. Não veio destruir o ritual e sim dar-lhe força e método, manter sua pureza e propagá-lo com a sua organização maravilhosa. O que nós todos lhe devemos é inestimável; jamais poderemos retribuir os benefícios espalhados por ele e pelos Espíritos que ocorreram ao seu chamado. Este Espírito de luz, cuja fé é um incentivo para os novos Espíritos cheios de indecisões, fracos no cumprimento do dever, rebeldes quando não são vistos satisfeitos os seus desejos, esse Espírito de luz bem merece ser enaltecido por todos os filhos de fé, que se sentem felizes no ambiente humilde de Umbanda e que nem de leve suspeitam do seu valor. Ele não é um entre muitos; é o primeiro entre todos, porque foi comissionado para o estabelecimento da Lei, a purificação dos rituais, verdadeiro Pastor de Umbanda, cuja obra, que um dia será gigantesca, se espalhará pelos confins deste mundo, porque a fé que é o seu alicerce, a sustentará pelos séculos afora".

É importante salientar, que não consta neste primeiro momento, a proposição de uma ritualística umbandista propriamente dita, pelo menos formalmente registrada, porque não era aceito na época a especificação de termos que remetessem a uma determinada cultura marginalizada, passível de especulação, perseguição policial e drasticamente discriminada pela sociedade vigente, principalmente se tivesse referência a uma religiosidade advinda da escravidão negra ou de rituais de pajelança e curandeirismo indígena. A prática da caridade deveria ser material e espiritual, divulgando a doutrina preconizada pelo Evangelho de Jesus, prestando sem distinção de cor, credo, ideologia, a assistência aos necessitados do corpo, da mente e do Espírito.

Na 1ª fase (100 anos) a espiritualidade conseguiu o seu intento, pois trouxe para a Umbanda tudo o que seria necessário para a sua prática. Só com um detalhe – tudo o que está na Umbanda é certo, mas tem muita coisa sendo feito da maneira distorcida.

Com isso, na 2ª fase, é chegado o momento de "arrumar a casa", de erradicar conceitos, doutrinas, magias, rituais que nada tem há ver com sua doutrina; de incorporar definitivamente sua roupagem crística, enfim, de moldar seu aspecto religioso, transformando-a num celeiro de caridade, orientações precisas, reforma íntima, enternecedoras de corações, transformando o ser humano.

Nunca surgirá e nem existirá um codificador, mas sim, um reformador, que no silêncio, no trabalho incansável e no momento certo, aparecerá com toda a gama de informações, todas calcadas na razão e no bom senso, com o aval da Cúpula Astral da Umbanda, para nos presentear com tudo o que precisamos para podermos prosseguir com nossa religiosidade de maneira eficiente. Mas, com certeza, será duramente combatido, e muitos farão de tudo para desacreditá-lo. Esperemos. A verdade prevalecerá.

Temos que deixar a egolatria e o egocentrismo de lado, unirmos forças e principalmente vermos a presença de Deus vivo em cada irmão, para conseguirmos unificar e reorganizar a doutrina da Umbanda.

Todos têm uma parcela de contribuição a oferecer; basta peneirar bem, retirar os escolhos e aproveitar aquilo que esta na razão, na ciência e no bom senso, e calcado nos ensinamentos crísticos.

Para isso, o Evangelho nos deu uma preciosa lição: *"Examina tudo e retém o que é bom"*, ensina o Apóstolo. Está ai o que devemos fazer e é assim que é a Religião de Umbanda.

Vamos então, somar forças, a fim de que a Umbanda cresça como religião, sem sectarismos, disputas, verdades pessoais, mas sim unidos numa só voz, num só ensinamento, e numa só doutrina.

Cada um pode e deve contribuir com a sua vivência, mas ter também bastante humildade de aceitar modificar seus pensamentos e suas teorias, se lhe for mostrado que está enganado. Lembre-se que estamos lidando com uma religião planetária e não com uma religião individual.

Segundo informações dos Guias Espirituais, exatamente, no ano de 2012, a Espiritualidade Maior iniciará a derradeira transformação na Umbanda, dando o pontapé inicial para seleção doutrinária ritualística, separando o joio do trigo, reforçando o que é bom e expulsando o que é mal e supérfluo.

Para termos uma ideia, vamos atentar para as observações do venerável Espírito de Ramatis, quando nos alerta sobre o que temos que tomar cuidado na Umbanda:

- **Considerando-se que a Umbanda é de orientação Espiritual Superior, qual é a preocupação atual dos seus dirigentes, no Espaço?**

Ramatis: *Os mentores de Umbanda, no momento, preocupam-se em eliminar as práticas obsoletas, ridículas, dispersivas e até censuráveis, que ainda exercem os umbandistas alheios aos fundamentos e objetivo espiritual da doutrina. Sem dúvida, uns adotam excrescências inúteis e abusivas no rito e características doutrinárias de Umbanda, por ignorância, alguns por ingenuidade e outros até por vaidade ou interesse de impressionar o público! Inúmeras práticas que, de início, serviram para dar o colorido doutrinário, já podem ser abolidas em favor do progresso e da higienização dos "Terreiros"! Aliás, a Umbanda é um labor espiritual digno e proveitoso, mas também é necessário se proceder à seleção de adeptos e médiuns, afastando os que negociam com a dor alheia e mercadejam com as dificuldades do próximo!*

Raros umbandistas percebem o sentido específico religioso da Umbanda, no sentido de confraternizar as mais diversas raças sob o mesmo padrão de contato espiritual com o mundo oculto. Sem violentar os sentimentos religiosos alheios, os Pretos-Velhos são o "denominador comum" capaz de agasalhar as angústias, súplicas e desventuras dos tipos humanos mais diferentes!

São eles os trabalhadores avançados, espécie de bandeirantes desgalhando a mata virgem e abrindo clareiras para o entendimento sensato da vida espiritual, preparando os filhos e os habituando a soletrar a cartilha da humildade...

A Umbanda tem fundamento, e quando for conhecido todo o seu programa esquematizado no Espaço, os seus próprios críticos verificarão a comprovação do velho aforismo de que "Deus escreveu direito por linhas tortas!"

- **Finalmente, quais seriam as vossas recomendações finais para os nossos irmãos de Umbanda?**

Ramatis: *Considerando-se que os Espíritos malévolos só podem fascinar, escravizar ou obsediar os encarnados através da conduta moral corrupta e não depende do gênero de trabalhos mediúnicos, seja de Mesa ou de Terreiro é obvio que o homem radicalmente evangelizado é imune a quaisquer práticas de feitiços, magias ou processos obsessivos. Sob tal aspecto psicológico, então recomendamos aos cavalos, cambonos e adeptos da Umbanda que jamais olvidem os ensinamentos do Cristo Jesus, pois os mistificadores do além estão atentos para infiltrar-se ante a primeira falha dos trabalhadores do Bem.*

Precavenham-se, os umbandistas, principalmente contra as vulgarizações de "obrigações" cada vez mais freqüentes, que lhes são exigidas do Espaço por "dá cá aquela palha". Os pais de Terreiros, autênticos e amigos, não exigem compromissos ridículos e até censuráveis por parte dos filhos e por qualquer banalidade. As entidades malévolas e subversivas do Além, principalmente os antigos maiorais da Inquisição e os perseguidores cruéis religiosos da Idade Média, infiltram-se sorrateiramente entre os trabalhadores da Umbanda, tentando levar os cavalos e cambonos a uma passividade inglória e perigosa, atingindo o descontrole mediúnico e os vinculando às atividades demoníacas, através de obrigações humilhantes, ridículas e até obscenas, que tanto satisfazem os luxuriosos desencarnados, como desmoralizam o serviço do Bem.
Temos observado inúmeros cavalos imprudentes, que já se deixaram dominar por esses Espíritos de alto intelecto, mas subvertidos, os quais "baixam" nos Terreiros à guisa de Pretos Velhos e Caboclos "falsificados", operando num programa maquiavélico a fim de minar as bases sensatas do arcabouço da Umbanda. Após conquistarem melifluamente a amizade e a confiança dos "filhos", levam-nos às práticas mais absurdas e os convencem de estarem vinculados às mais altas linhagens espirituais. Sub-repticiamente, eles exaltam o orgulho, satisfazem a vaidade, proporcionam facilidades materiais e justificam as desagregações nos lares; mas, enquanto isso semeiam a discórdia, a intriga, o ridículo, o prejuízo moral, a desunião e o desmoronamento do labor mediúnico.

Repetimos: os Pais de Terreiros filiados à instituição espiritual do Cordeiro Jesus, o louvado Oxalá, que é a fonte de inspiração dos Pretos-Velhos, jamais exigirão, dos seus cavalos e cambonos, qualquer pratica insensata ou obrigação que os ponham em ridículo ou contrarie a ética tradicional da vida humana moderna. A exigência, imposição ou ameaça não provêm de entidades consagradas ao serviço de Oxalá, mas são características e reconhecíveis do Espírito despeitado, vingativo, vaidoso, ciumento e mal-intencionado.

Umbanda tem fundamento, mas é preciso que os cavalos, cambonos e adeptos vigiem rigorosamente os seus próprios atos e evitem o "amolecimento" espiritual, que sempre decorre do excesso de pedidos para lograr facilidades materiais. A Terra é escola de educação espiritual e o homem não deve abdicar do seu discernimento, pois é tão incorreto o nocivo, a si mesmo, o umbandista que recorre ao pai de Terreiro para lha alugar uma casa, como o kardecista que incomoda o guia para curar-lhe um resfriado.

Os Espíritos gozadores, maquiavélicos e interesseiros não praticam a caridade e não concedem proteção gratuita; eles apenas fazem "negócios", assim como os egoístas na Terra apoderam-se do melhor pedaço, mesmo que isto custe à vida do próximo. Os malfeitores das sombras cobram juros escorchantes quando prestam algum favor aos encarnados, pois em troca de algumas gotas de água, exigem um tonel de indenização. Por isso, há fundamentos na lenda das criaturas que vendem a alma ao demônio, cujos credores tanto cobram por serviços mesquinhos, como por deliberada perversidade. Aquele que abdica de sua vontade e do seu discernimento, no contato tão severo com o além túmulo, arrisca-se se tornar mais um escravo do cativeiro astralino.

(Trecho extraído do livro: Missão do Espiritismo – obra psicografada por Hercílio Maez – 4ª edição – Livraria Freitas Bastos – 1984)

Vamos também a opinião de um Preto-Velho, sobre um dos aspectos utilizados por muitos umbandistas:

- **Pergunta: Com conciliar as chamadas oferendas usadas para cultuar os Orixás em pleno século XXI, com a nova visão de espiritualidade que emerge neste início de século?**

Resposta: *Temos de convir, meu filho, que muita gente ainda está prisioneira de elementos materiais, fetiches, crendices inapropriadas para este momento evolutivo. As pessoas que ainda sentem necessidade de usar desses artifícios para lidar com as forças soberanas da Natureza estagiam numa fase primitiva da vida espiritual. Embora não compactuemos com suas práticas, respeitamos profundamente seu direito de usar do que sabem e como sabem em sua vivencia religiosa.*

O que não podemos é conceber que, para adorar simples forças da Natureza, como o filho deu o exemplo dos Orixás, devam estes ser presenteados com objetos quaisquer e ritos ultrapassados a fim de que, teoricamente, possam ser contentados. Como entender que a força criadora das águas, é chamada de Yemanjá, seja cultuada com objetos materiais – sabonetes, comidas e bebidas preparadas tão ao gosto dos humanos cheios de seus vícios –, e que tais coisas sejam usadas para poluir as praias e o próprio ambiente natural onde se pretende que essa Orixá domine?

A falta de respeito com a Natureza, sujando-se as praias, e a exibição de indivíduos em rituais exóticos, que mais servem para chamar a atenção para o teatro bizarro que pessoas ignorantes realizam, depõem contra ou desmentem o caráter sério e respeitoso que praticantes aspiram conquistar para sua fé ou crença. Como cultuar essa energia, se Yemanjá – que não é um ser consciencial nem tampouco em Espírito comunicante – é a própria força criadora representada pela água salgada, pelos oceanos e mares? Poluindo e sujando justamente o ambiente em que atua a Orixá? Ou então, como pretender cultuar Oxum, a Orixá associada aos rios, cachoeiras e olhos d´agua, deteriorando o mesmo ambiente que se entende ser dominado por essa Orixá?

Em verdade, ao encontrarmos certas oferendas em ruas, matas, cachoeiras e praias, o único sentimento que nos inspira é um misto de indignação e comiseração por aqueles que querem ver seus cultos respeitados, mas que não respeitam o sagrado ambiente do planeta Terra, que precisa urgentemente ser preservado, higienizado e abraçado pelo bom senso e seus habitantes.

Em pleno século XXI, temos forçosamente de reconhecer que precisamos atualizar ou rever nossa metodologia de contato com o invisível. É urgente refazer o caminho de busca da religiosidade, espiritualizando os métodos, desmitificando os ritos, desafricanizando os cultos – ou seja, despindo os cultos brasileiros de práticas primitivas que remontam a tempos antigos do continente. Dessa forma, as manifestações de adoração e louvor serão elevadas a um patamar mais saudável, a uma prática mais ecológica, no sentido mais amplo do termo, renovando as relações com essas forças poderosas que se manifestam no mundo, às quais denominamos Orixás.

- **Pergunta: O uso de ebós e despachos pode influenciar as forças na Natureza ou as energias emanadas das divindades às quais os representantes de cultos afro dão o nome de Orixás?**

Resposta: *Muitas manifestações externas de alguns cultos, muitos ricos de simbolismos frequentemente funcionam menos para despertar o energismo da Natureza e mais como elementos catalizadores da força mental e emocional de seus praticantes. A força divina existente no universo está disponível a todos os seres humanos do planeta Terra.*

Se for fundamental a utilização de ebós, despachos e oferendas nos moldes em que se ensina e pratica m alguns redutos religiosos, como entender o despertar das forças magnéticas, etéricas, mentais e universais por parte de habitantes de outros países, representantes de outras culturas que nunca conheceram métodos como os que se veem nos cultos de raiz? Como tais forças estarão disponíveis e atuarão para os irmãos do Oriente, para as culturas europeias e asiáticas se eles nem sequer conhecem o nome Orixá, tampouco os ritos como que se pretende invocar essas potências da Natureza?

Sob este aspecto. Temos que convir, meu filho, que a época em que se vive no planeta Terra exige que muita coisa se adapte à realidade. Desse modo, deparamos com o desafio de ver Yansã tendo de presidir os fenômenos da chuva ácida ou das tempestades desencadeadas pelo El Niño ou pela La Niña. Vemos Oxum obrigada a se adaptar à contaminação de seus mantos d´agua, rios e cachoeiras, ou Xangô forçado a conviver com as incursões e invasões dos humanos nos ambientes das pedreiras, destruindo-as e reduzindo-as à triste paisagem das jazidas de extração do minério de ferro. Oxossi, vê-se compelido a combater o fogo nas matas onde seus devotos acenderam velas e charutos, sem o mínimo de bom, senso, desencadeando incêndios e devastando seus domínios. Exu, naturalmente, terá de se movimentar em busca de outros lugares para trabalhar, pois nem ao menos aqueles que pretendem cultuar, evocar e manipular essa força sagrada da Natureza respeitam os redutos onde entendem que ela age. Nem mesmo um kiumba – isto é, um Espírito vândalo – consegue respirar em meio a animais mortos, restos de cerveja malcheirosos e oferendas apodrecidas nos recantos das ruas.

Se os religiosos de fato prezam aqueles seres ou potências da Natureza que intentam adorar, devem desenvolver o mínimo de bom senso ao entrar em comunhão com tais elementos. Precisam atualizar seu conhecimento e sua metodologia. Como imaginar que as forças mais sagradas que conhecemos se contentem e se alegrem com os animais mortos, o sangue coagulado e o cheiro de podridão dos feitiços e oferendas deixados nos cantos das ruas, nas matas e nos ambientes naturais?

A essas forças, esses seres espirituais ou emanações da força divina deve ser ofertado o melhor que temos em matéria de amor, fraternidade, respeito à Natureza e ao semelhante! Ofertemos nossa fé na elaboração de um culto mais rico. E, se forem necessários ritualismos, que sejam respeitosos com as forças sublimes da Natureza, com os redutos onde imperem tais forças, com limpeza e bom gosto; enfim, que estejam imbuídos de um sentimento ecológico de preservação do ambiente sagrado e comum a todos nós, o planeta Terra.

(Trecho extraído do livro: "Magos Negros", pelo Espírito de Pai João de Aruanda, psicografado pelo médium Robson Pinheiro – Editora: Casa dos Espíritos)

Vejam então, que, tanto Ramatis como Pai João, nos alertaram sobre alguns aspectos negativos utilizados por umbandistas, que agora, começarão a serem mudados, a revelia dos seus seguidores. Não há mais tempo para personalismos, primarismos e nem mediocridades. O tempo urge e tudo irá mudar.

Agora, na 2ª fase da Umbanda, teremos que entender, que em tudo e por tudo em nossa religião, seja em atendimentos fraternos, magias, oferendas, entregas, despachos, banhos ritualísticos, pontos riscados, passes, rezas, orações, etc., sempre deveremos nos questionar no que Jesus nos orientaria que fizéssemos:

O QUE JESUS FARIA?

Essa é uma pergunta muito comum na mente de alguns. Embora a grande maioria da população sequer pense em Jesus ou no Pai, a não ser nos momentos difíceis; uma parte das pessoas se pergunta o que Jesus faria em determinadas situações. Quem assim procede, na maioria das vezes, toma a decisão correta.

Pensa com propriedade e com clareza, numa solução que de outra forma passaria por nós sem que sequer percebêssemos. E os que não pensam assim, estarão encrencados? Não. Pois Jesus é uma figura que deseja apenas a nossa felicidade. Sabem que o ser humano é fraco e passível de influências malignas e emoções ruins; como a inveja, o ódio, o ciúme, etc. Por isso mesmo, Deus sempre nos dá a oportunidade de, um dia, pararmos e pensarmos no que Jesus faria.

Muito mais do que imaginar, Jesus nos dá o exemplo vivo do que ele fez. Basta ler o Evangelho para ser apresentado a alguém que não profetizava o "fogo do inferno" a torto e a direito. Mas sim, alguém de propagava o amor e o entendimento. Por isso mesmo, ao pensar no que Jesus faria, pense sempre que ele faria algo com amor; com respeito e sempre pensando no melhor para o próximo.

Afinal, não foi ele que disse: *"Vim para o pecador, não para o justo"*. Essa frase resume sua doutrina como nenhuma outra. Amor, respeito, fé. Essas são as bases da Sua doutrina. Sem isso, você é apenas como a terra seca e improdutiva. Procure fazer uma reflexão sobre sua vida e sobre as coisas que faz. Lembre-se que nós não somos perfeitos e que Jesus, através de Seus ensinamentos quer apenas que tentemos dominar o mal que teima em nos influenciar. O inimigo é poderoso e insidioso. E nós podemos, com a ajuda de Deus e dos ensinamentos de Jesus, derrotá-lo.

Sempre que um mau pensamento passar por sua mente, ou uma sensação ruim tentar se apossar de você pense sempre: O que Jesus faria?

Decisões morais e éticas

Jesus chamou as pessoas para segui-lo. Os verdadeiros discípulos andam nos passos do Senhor (Marcos 8:34). Ele nos deixou um exemplo perfeito para ser imitado (1 Pedro 2:21b-22). Ele enfrentou as mesmas tentações que nós encaramos hoje, mas nunca caiu no pecado (Hebreus 4:15).

O exemplo de Jesus se torna imprescindível na nossa luta diária com as tentações e provações. Para vencer os desafios morais e éticos, precisamos buscar a resposta certa à pergunta: O que Jesus faria na minha situação?

Como podemos saber o que Jesus faria?

Não adianta fazer o que eu imagino que Jesus teria feito, e muito menos fazer o que eu quero e depois tentar convencer a mim mesmo que ele faria o mesmo! Eu preciso saber como ele agiria se enfrentasse as mesmas opções que estão diante de mim. De três maneiras, aprendemos nas Escrituras o que Jesus faria:

- **O que Jesus fez – pelo exemplo que ele deixou.** Quando Jesus ensinou uma lição sobre humildade e serviço, ele disse aos apóstolos: *"Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também*" (João 13:15). Jesus deixou um exemplo de obediência perfeita ao seu Pai, submetendo sua própria vontade à vontade do Pai (Mateus 26:39,42). Mostrando-nos seu exemplo de obediência, ele quer a nossa submissão à vontade divina (Hebreus 5:8-9).

- **O que Jesus falou – pelas suas palavras.** Quando se trata de homens, sabemos que as palavras e os atos podem se contradizer. Alguém pode ensinar uma coisa e praticar outra. Jesus condenou tal hipocrisia dos líderes religiosos de sua época (Mateus 23:27-31). Infelizmente, o mesmo problema persiste até hoje. Mas quando Jesus fala, podemos confiar totalmente na integridade de seu caráter. As palavras dele concordam plenamente com os seus atos (Hebreus 1:12; 13:8; Tiago 1:17). Quando Jesus ensina como agir, podemos ter certeza que ele faria da mesma maneira que ensina aos outros.

- **O que ele mandou outros falarem – pelas palavras que ele transmitiu.** Antes de voltar para os páramos da luz, Jesus deixou homens encarregados da responsabilidade de continuar seu ensinamento. Hebreus 2:3-4 mostra que as palavras transmitidas por estas testemunhas fazem parte do Evangelho revelado por Jesus. Ele foi claro em mandar que eles revelassem suas instruções aos homens (Mateus 28:20; Atos 26:16,19). Todos os livros do Evangelho fazem parte da bússola que nos orienta nas nossas decisões.

Como escolher o caminho certo – três perguntas fundamentais:

As três maneiras de saber o que Jesus faria sugerem três perguntas fundamentais para acharmos o caminho certo:

- **O que Jesus fez em circunstâncias semelhantes?** Jesus já passou por experiências semelhantes às nossas, e o procedimento dele serve para nos guiar. Se você for maltratado, olhe para o exemplo de Jesus (1 Pedro 2:23).

- **O que Jesus falou sobre o assunto?** Jesus nunca se casou, mas falou da permanência do casamento (Lucas 16:18). Ele nunca pecou, mas mostrou a importância de pedir perdão (Mateus 6:12).

- **O que Jesus mandou outros falarem sobre a questão?** Os apóstolos entenderam bem a importância de se limitarem à vontade de Deus em tudo que falaram (1 Pedro 4:11). Eles escreveram para orientar os fiéis em seu proceder (1 Timóteo 3:14-15). Eles esperavam que os discípulos se lembrassem do ensinamento, mesmo depois da morte daquela geração (2 Pedro 1:12-15).

O que Jesus faria – algumas aplicações práticas

Uma vez que entendemos estes princípios, devemos aplicá-los nas nossas decisões cotidianas. O que Jesus faria num mundo de confusão religiosa. É uma aplicação importante. Mesmo entre pessoas que se preocupam em voltar ao padrão evangélico nas práticas e ensinamentos religiosos, é necessário fazer outras aplicações – especialmente na conduta pessoal – destes mesmos princípios. O que Jesus faria diante das escolhas que enfrentamos no dia-a-dia? Como ele resolveria decisões de prioridades?

Qual seria a resposta dele aos desafios morais e éticos? Vamos sugerir algumas aplicações para ilustrar o valor desta abordagem. Você, certamente, pensará em muitas outras.

O que Jesus faria...

- **Se alguém pedisse para colocar seu emprego acima do seu serviço espiritual?** Muitos umbandistas usam o trabalho como justificativa automática para não cumprir suas responsabilidades espirituais. Será que Jesus teria as mesmas prioridades? Ele nos adverte sobre o perigo de buscar só riquezas (Mateus 6:19-21; 1 Timóteo 6:9-10). E quando se trata de necessidades do dia-a-dia, e não de riquezas, ele ainda prioriza o serviço espiritual (Mateus 6:25,33)...

- **Se alguém pedisse para colocar um passeio acima do seu serviço espiritual?** Não é errado sair da rotina para descansar em algum outro lugar, talvez um lugar mais deserto. Jesus mesmo levou os apóstolos num "passeio" deste tipo (Marcos 6:31-32). Mas, durante a viagem, surgiram trabalhos espirituais que eram mais urgentes, e Jesus atendeu as pessoas que o buscavam (Marcos 6:34). Afinal, o "descanso" dele foi uma caminhada subindo a um monte, onde passou várias horas em oração (Marcos 6:46-48). Não há dúvida sobre as prioridades de Jesus. E as nossas?

- **Se alguém pedisse para colocar a família acima das coisas de Deus?** Famílias nem sempre ajudam em nosso serviço ao Senhor. Numa ocasião, a família de Jesus tentou impedir o trabalho dele (Marcos 3:20-21). Quando chegaram, Jesus não deu atenção à família, preferindo continuar seu trabalho com sua família espiritual (Marcos 3:31-35). Este exemplo não justifica a negligência de responsabilidades familiares. Os homens devem ser maridos e pais responsáveis, e as mulheres devem cumprir bem seus papéis como esposas e mães. Mas quando as atitudes carnais de uma pessoa da família força uma escolha entre Deus e a família, devemos ficar com o Senhor (Jesus disse: *"Amai a Deus sobre todas as coisas"*).

- **Se tivesse namorada?** Mesmo não achando no Evangelho nenhum exemplo de namoro ou casamento na vida de Jesus, não temos dúvida que o comportamento dele num namoro teria sido exemplar. Se ele tivesse uma namorada que quisesse passar dos limites no contato físico, o que Jesus faria? Se ela quisesse usar uma roupa sensual, o que Jesus lhe orientaria? Se ela incentivasse a participação em atividades impuras, como Jesus reagiria? Não há dúvida de que Jesus manteria sua pureza, mesmo se tivesse que terminar o namoro. Considere o que ele nos instrui em 1 Pedro 1:14-16; Gálatas 5:19; 2 Coríntios 7:1 e Mateus 5:28-30.

- **Se Jesus enfrenta-se um adultério?** Assim diz Mateus 5:32: *"Eu porém vos digo, que todo o que repudia sua mulher, a não ser por causa de infidelidade, a faz ser adúltera; e qualquer que se casar com a repudiada, comete adultério"*. Esse é um texto, que se mal interpretado, irá acarretar sérias complicações. Mas o que Jesus faria? Vamos a um texto explicativo do livro: "A Sabedoria do Evangelho", de Carlos Torres Pastorino:

"... a questão do repúdio da esposa (jamais o inverso se podia dar!) permitido por lei (Deut. 24:1), mesmo que o motivo fosse unicamente "não achar graça em seus olhos ou encontrar nela alguma coisa que fosse feia"...

Jesus continua a autorizar o repúdio da mulher (ou divórcio) e o repete em Mat. 19:9-10, mas restringe essa atitude ao único caso em que a esposa tenha tido relações sexuais com outro homem (infidelidade).

Nesse caso, o libelo de repúdio a deixaria livre, podendo unir-se ao outro.

Entretanto, se o repúdio não for por causa de infidelidade da esposa, então o marido, pondo-a para fora de casa, a empurraria para o adultério; e quem a acolhesse também cometeria adultério porque, de fato, ela não estaria divorciada, isto é, os vínculos matrimoniais não estariam dissolvidos. Assim também o entende a igreja grega ortodoxa, que afirma: a infidelidade conjugal, por parte da esposa, dissolve os vínculos matrimoniais.

Lucas não cita a exceção: reproduz apenas a regra geral, que proíbe o repúdio.

Nada se fala, entretanto, do caso de uma separação espontânea e voluntária dos dois cônjuges, quando agissem de comum acordo. A prescrição é clara e taxativa: que o homem não cometa a injustiça de repudiar a esposa, depois que viveu com ela; dando quase a entender tratar-se do caso em que ela não quer, e ele a põe pela porta afora.

A própria exceção apontada como lícita (quando ela mesma, a esposa, prefere sair de casa para unir-se a outro homem) parece confirmar que, quando o afastamento é voluntário de ambos os lados, nada existe que os impeça de reconquistar a liberdade.

- **Se os amigos incentivassem a participação das coisas erradas do mundo?** Jesus tinha bastante contato com pessoas do mundo, mas sempre como a luz que convidava as outras pessoas a saírem das trevas. O umbandista pode manter amizades com pessoas do mundo, desde que ele exerça a influência positiva, e não deixe os outros os levarem para o pecado (Mateus 5:14-16). Os discípulos do Senhor não saem do mundo, mas ficam livres do pecado do mundo (João 17:14-17). Os amigos podem estranhar, mas precisamos recusar participar das coisas erradas que fazem (1 Pedro 4:3-4).

- **Se vivesse no meio de pessoas perdidas no pecado?** Jesus, como todos nós, viveu numa sociedade cheia de pessoas perdidas. Ele se compadecia delas e ensinava-lhes a palavra de Deus, que é o meio que Deus oferece para a salvação (Marcos 6:34; cf. Romanos 1:16). Ele olhou para as pessoas que o rejeitaram e queria resgatar e proteger todas (Mateus 23:37). E nós? Se já aprendemos alguma coisa da palavra salvadora do Evangelho, não temos a obrigação de compartilhar esta mensagem com as pessoas perdidas ao nosso redor? Nós devemos imitar o exemplo de Jesus com a mesma urgência que Paulo sentiu quando disse: *"Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o Evangelho também a vós outros"* (Romanos 1:14-15).

O que Jesus faria? A resposta certa bem aplicada pode mudar o rumo de sua vida – para seguir os passos do Senhor até a vida eterna!

(Dennis Allan, acrescido e adaptado pelo autor)

Ai está. Para sabermos o que Jesus faria em nosso lugar, temos que, diariamente, ler um trecho do Evangelho, meditar sobre o que leu, fazer um compromisso de vida com você mesmo e seguir o orientado. Jamais poderemos saber o que Jesus faria se não estudarmos o seu legado. Muitos acharão difícil pelo fato de terem que modificar radicalmente seus atos, seus trejeitos, ou seja, sua vida. Por isso, invariavelmente ouvimos: *"É muito difícil seguir Jesus. Isso é coisa de fanático. Eu creio em Deus do meu jeito e isso basta".* Meus irmãos. Cuidado com os desculpismos. Bom, ai está. A decisão é sua. Jesus lhe espera.

Não nos esqueçamos do orientado pelo fundador da Umbanda, o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas:

"*...Vim para criar uma nova religião, baseada no Evangelho de Jesus e que terá como seu maior mentor o Cristo..."*.

Portanto a Umbanda é baseada no Evangelho de Jesus e tem o Cristo Planetário como o nosso Mestre Supremo.

Em tudo e por tudo buscamos as orientações evangélicas, bem como nos ensinamentos crísticos, emanados por todos os Mestres de Amor que já estiveram encarnados.